



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ESCOLA SECUNDÁRIA DR. °

FRANCISCO FERNANDES LOPES

Teresa Maria de Brito Andrade Madeira

Dissertação

**Mestrado em Educação Social
(Especialização em Educação Social)**

Trabalho efetuado sob a orientação de:

- Professor Doutor António Fragoso de Almeida**
- Professora Doutora Helena Ralha Simões**

Ano - 2013



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ESCOLA SECUNDÁRIA DR. °

FRANCISCO FERNANDES LOPES

Teresa Maria de Brito Andrade Madeira

Dissertação

**Mestrado em Educação Social
(Especialização em Educação Social)**

Trabalho efetuado sob a orientação de:

- Professor Doutor António Fragoso de Almeida**
- Professora Doutora Helena Ralha Simões**

Ano - 2013

PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCENCIA NA ESCOLA DR.º FRANCISCO FERNANDES LOPES

INDICAÇÃO DE AUTORIA DE TRABALHO

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito, Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto da listagem de referências incluída.

Teresa Maria de Brito Andrade Madeira

(Teresa Maria de Brito Andrade Madeira)

COPYRIGHT

Autorizo os direitos de copyright da presente tese de mestrado da Teresa Maria de Brito Andrade Madeira.

A Universidade de Algarve tem o direito, perpetuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar esta dissertação através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua copia e distribuição com objectivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado credito ao autor e editor.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus orientadores, o Professor Doutor António Fragoso e Professora doutora Helena Ralha Simões pela simpatia e interesse com que abraçaram este projeto e por terem estado sempre por perto quando necessário. Também devo uma palavra de agradecimento ao meu marido que me apoiou durante estes dois anos e meio e não me deixou nunca desistir e ao meu filho pelo tempo que lhe faltei.

Sem esquecer todas as pessoas que colaboraram, direta ou indiretamente no desenvolvimento deste projeto, em particular na fase de entrevista e construção do questionário.

A todos/as, o meu obrigada

RESUMO

A gravidez na adolescência é vivida de formas diferentes, dependendo da complexidade dos contextos familiares, social, cultural em que cada uma das grávidas se insere. Cabe à escola a responsabilidade de proporcionar a estas jovens todo o apoio psicológico, social, cultural para que estas mães não abandonem os estudos, ficando comprometido todo o seu percurso de vida. Na Escola Secundária de Olhão existe, um número significativo de mães-adolescente, facto que representou o ponto de partida para a investigação. O presente estudo tem como objetivos: identificar quais os apoios existentes na escola às grávidas adolescentes; Conhecer quais as medidas de prevenção da gravidez na adolescência existentes na escola; Identificar se os jovens possuem conhecimentos suficientes sobre métodos contraceptivos; Analisar em que medida a educação sexual é importante nas escolas e adequado às necessidades identificadas. Em termos metodológicos, o estudo insere-se no âmbito da investigação de uma abordagem de estudo do caso. Para a recolha de dados, utilizámos como instrumentos de avaliação a entrevista focalizada nas adolescentes, professores, enfermeiras, psicóloga e diretor da escola. No âmbito deste estudo, “ prevenção da gravidez na adolescência” em contexto escolar o fator inclusão encontra-se presente nesta escola, mas muitas das jovens ainda tem alguns receios em procurar uma técnico especializado na área ou não para tirar dúvidas ou pedir aconselhamento, por isso a maioria das jovens sentem-se inseguras e preferem abandonar os estudos, em vez de procurar ajuda.

Palavras-chave: Gravidez; Adolescência; Prevenção; Escola.

ABSTRACT

Pregnancy is lived in adolescence according to the complexity of the family, social and cultural contexts who frame each person's life. School should take the responsibility to provide to young mothers the necessary support (psychological, social and cultural), so that drop-out is prevented along as the quality of their life path. It is a fact that in the secondary school of Olhão there is a significant number of mothers-adolescents; this fact was the trigger for this research. This study has the following aims: to identify the specific support school can provide to adolescents who become pregnant; to know which measures do exist in schools to prevent pregnancy; to understand if the youngsters have enough information of contraceptive procedures; to analyse if sexual education is important in schools; and if it is adequate to the needs of the students. This is a case study in which we used semi-structured interviews to teenagers, teachers, nurses, the school psychologist and the schools director to understand the phenomena surrounding our case. Inclusion seems to be an important dimension in our case. Some teenagers still have fears in searching for specialized help in this area. Insecurity seems noticeable up to the point that teenagers prefer to abandon school instead of looking for support.

Key-words: pregnancy; adolescence; prevention; school.

Índice

AGRADECIMENTOS	I
RESUMO	II
ABSTRACT	III
LISTA DE SIGLAS	VIII
INTRODUÇÃO	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
CAPITULO I – A ADOLESCÊNCIA, A SEXUALIDADE E A GRAVIDEZ NO MEIO ESCOLAR	4
1. A adolescência	4
2. A sexualidade na adolescência e no contexto escolar	5
3. Os métodos contraceptivos e as doenças sexualmente transmissíveis	8
4. Níveis de maturidade das adolescentes	9
5. Gravidez e Maternidade na adolescência	10
6. Gravidez não planeada ou (in) desejada	13
7. Aspetos psicológicos na adolescência	16
8. Aspetos Sociais na adolescência	16
9. O papel da escola em relação à Gravidez na Adolescência	17
10. As medidas de prevenção da gravidez na adolescência aplicadas na escola	18
11. A educação sexual na escola	20
ESTUDO EMPÍRICO	23
1. OBJECTIVOS	24
2. RECOLHA DE DADOS	24
CAPITULO II - METODOLOGIA	25
1. Introdução	25
2. Investigação Qualitativa	25
2.1. Estudo do Caso	26

3.	Técnicas de Recolha de Informação	27
3.1.	Pesquisa Bibliográfica e Documental	27
3.2.	Observação.....	28
3.3.	Notas de campo.....	29
3.4.	Entrevistas e análise de conteúdo	29
3.5.	Análise de conteúdo.....	30
4.	AMOSTRA.....	31
5.	Desenho de investigação.....	31
6.	Contexto de Investigação	32
6.1.	Breve caracterização do Concelho.....	32
6.2.	Caracterização da escola	33
6.3.	Caracterização dos alunos.....	34
6.4.	Número de grávidas adolescentes na escola secundária de Olhão e no Distrito de Faro (últimos cinco anos	34
7.	Relatos e interpretações	35
CAPITULO III - RESULTADOS.....		36
1.	ANÁLISE DE RESULTADOS	36
2.	Análise das entrevistas das adolescentes	37
3.	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS AOS DOCENTES, DIRETOR, ENFERMEIROS E PSICÓLOGA	59
4.	ANÁLISE DO NÍVEL DE DESENVOLVIMENTO DO EGO	80
5.	BREVE SÍNTESE DOS RESULTADOS	88
CONCLUSÃO		91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....		96
ANEXOS		99
ANEXO I: CATEGORIZAÇÕES (ADOLESCENTES, DOCENTES, DIRETOR, ENFERMEIRAS E PSICÓLOGA).		100

ANEXO II: GRELHAS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS ÀS ADOLESCENTES, DOCENTES, DIRETOR, ENFERMEIRAS E PSICÓLOGA.....	109
ANEXO III: AUTORIZAÇÃO PARA A ELABORAÇÃO DO TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO.	246
ANEXOS IV: GUIÕES DE ENTREVISTAS À PSICÓLOGA, ADOLESCENTES, DOCENTES, DIRETOR E ENFERMEIRAS.	248
ANEXOS VI: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS ÀS ADOLESCENTES, PROFESSORAS, DIRETOR, ENFERMEIRAS E PSICÓLOGA.....	261
ANEXO VII: NADOS VIVOS POR SEXO E IDADE DA MÃE (GRUPO ETÁRIO) NOS HOSPITAIS DO SNS DO ALGARVE.....	361
ANEXO VIII: RESULTADOS DOS TESTES STC.....	367

INDICE DE QUADROS

Quadro 1- Caracterização da amostra das grávidas adolescentes	36
Quadro 2 -Grelha de Análise, Tema, Categorias, Subcategorias e Entrevistas	38
Quadro 3 - Categoria “Relacionamento Amoroso”	39
Quadro 4 - Categoria “Gravidez”	41
Quadro 5 - Categoria “Métodos Contracetivos”	43
Quadro 6 - Categoria “Acompanhamento médico”	44
Quadro 7 - Categoria “Escolaridade/Ocupação profissional dos adolescentes”	46
Quadro 8 - Categoria “Habitação”	47
Quadro 9 - Categoria “Parto”	47
Quadro 10 - Categoria “Comportamentos dos adolescentes em casa”	50
Quadro 11 - Categoria “Apoios existentes na escola às grávidas adolescentes”	52
Quadro 12 - Categoria “Educação sexual na escola”	54
Quadro 13 - Caracterização da amostra dos Docentes, Diretor, Enfermeiros e Psicóloga	58
Quadro 14 - Grelha de Análise, Tema, Categorias, Subcategorias e Entrevistados	60
Quadro 15 - Categoria “ Grávidas adolescentes”	61
Quadro 16 - Categoria “Métodos contracetivos”	68
Quadro 17 - Categoria “Apoios existentes na escola às grávidas adolescentes”	70
Quadro 18 - Categoria “Educação sexual na escola”	74
Quadro 19 - Categoria “Implementação de um projecto na escola”	79

INDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Nível de desenvolvimento do ego	84
---	----

LISTA DE SIGLAS

UNICEF – United Nations Children`s Fund

INE – Instituto Nacional de Estatística

OMS – Organização Mundial de Saúde

ATL – Atividade de Tempos Livres

SPO – Serviço de Psicologia e Orientação

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco

MOJU – Movimento Juvenil

STC - Sentence Completion Test

INTRODUÇÃO

Apresente dissertação de mestrado propõe-se estudar a problemática da gravidez na adolescência na escola secundária Dr. Francisco Fernandes Lopes, procurando conhecer a opinião de algumas jovens que frequentaram a escola e de profissionais ligados à saúde e à docência, no que diz respeito à prevenção da gravidez na adolescência, nesta escola. Pretendemos conhecer quais os apoios existentes na escola; a informação e métodos de contraceção utilizados e saber qual a promoção da Educação sexual na escola, como intuito de evitar a gravidez nesta fase da vida.

A gravidez na adolescência pode ser definida como aquela que ocorre durante os dois primeiros anos ginecológicos da mulher e/ou quando a adolescente mantém a dependência económica e social da família (Amazarray, 1998). Esta definição contém aspetos biológicos e sócio familiares, tornando-a bastante abrangente. No entanto numa questão de definição e de possibilidade de comparação com os resultados de outros estudos, serão consideradas mães adolescentes, aquelas que deram à luz antes de completar os 20 anos de idade. Esta preferência baseia-se na divisão de Baumrind (1997), na qual a adolescência estaria compreendida entre os 11 e os 21 anos. Um relatório da UNICEF (2001) coloca Portugal no 7.º lugar a nível mundial dos países desenvolvidos com maior percentagem de mães entre os 15 e os 19 anos, baseando-se em dados de 1998. O mesmo relatório estima a ocorrência desta situação no nosso país em 9%. Portugal é ainda considerado o país em que a gravidez entre jovens entre os 15 e os 17 anos representa a maior percentagem de mães adolescentes e segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), em 2010 a taxa de fecundidade na adolescência situava-se nos 14.7%. Este fenómeno, associado ao elevado número de infeções sexualmente transmissíveis na população adolescente, tem constituído uma preocupação um pouco por todo o mundo, tendo mesmo levado a uma implementação, cada vez mais alargada, de intervenções e a um aumento dos estudos de investigação. Em termos de intervenção, Portugal não tem fugido à regra, no que diz respeito a este movimento internacional, tendo legislado e promovido a educação sexual nas escolas (Lei n.º 60/2009, de 6 de Agosto, regulamentada pela Portaria n.º 196-A/2010, de 9 de Abril).

A maternidade na adolescência impõe-se assim como uma problemática atual e importante a nível nacional, sendo a prevenção uma das metas fundamentais da educação sexual.

Para além das trajetórias desenvolvimentais próprias da adolescência que serão apresentadas na fundamentação teórica desta dissertação há que apurar com rigor acerca da

satisfação das jovens escolarizadas, relativamente ao suporte social, proporcionado pela escola em paralelo com as redes de apoio externo.

Em suma, o presente estudo tem como objectivo geral conhecer quais as medidas de prevenção da gravidez na adolescência em meio escolar, verificar de que forma estas contribuíram para auxiliar as jovens e, através das já existentes, encontrar novas formas de prevenção da gravidez na adolescência.

A reflexão teórica em torno da questão maternidade na adolescência não pode nem pretende esgotar a análise de todos os trabalhos e de todas as perspetivas sobre a temática. Em termos gerais, os estudos realizados sobre esta problemática, têm encontrado duas principais causas geradoras do fenómeno. Por um lado, situam-no na falta de informação adequada sobre métodos contraceptivos, e por outro lado, salientam os factores associados, principalmente ao contexto familiar em que as jovens se inserem, isto é, as adolescentes que iniciam a vida sexual precocemente ou que engravidam durante esse período, geralmente provêm de famílias cujas mães se assemelharam a essa “biografia”.

Apesar da maternidade na adolescência ser vista como um ato irresponsável e inconsequente, causador de perdas e danos para o desenvolvimento da jovem e do seu filho, alguns benefícios pessoais e sociais podem ser percebidos pelas adolescentes como aquisições positivas da maternidade.

A amostra é constituída por jovens adolescentes – com idade igual ou inferior a 16 anos, que frequentam/frequentaram a escola secundária de Olhão, e que foram mães no período de 2007 a 2011, ou seja, será realizado um estudo do tipo estudo de caso.

Esta dissertação foi estruturada em duas partes que englobam três capítulos. A primeira parte diz respeito ao enquadramento teórico que sustenta a problemática do estudo e é constituída por um capítulo nos quais abordamos a adolescência seus aspetos psicológicos e sociais, a sua sexualidade, maternidade, os métodos contraceptivos e as doenças sexualmente transmissíveis, o papel da escola em relação à gravidez na adolescência, as medidas de prevenção aplicadas na escola, a gravidez (in) desejada ou planeada e a educação sexual na escola. Na segunda parte, constituída por um capítulo, desenvolvemos o trabalho empírico desta dissertação que inclui, os objetivos, a recolha de dados, a metodologia utilizada, a amostra, o desenho de investigação, o contexto de investigação, os relatos e interpretações e a análise de conteúdo. Na terceira e última parte constam a análise de resultados e análise das entrevistas às adolescentes e ao grupo de profissionais, a breve sínteses dos resultados e a análise de desenvolvimento do ego. Por último, consistem a conclusão, bibliografia e os anexos.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo I – A adolescência, a sexualidade e a gravidez no meio escolar**1. A adolescência**

“A Adolescência é a fase do desenvolvimento humano que marca a transição entre a infância e a idade adulta. Com isso essa fase caracteriza-se por alterações em diversos níveis - físico, mental e social - e representa para o indivíduo um processo de distanciamento de formas de comportamento e privilégios típicos da infância e de aquisição de características e competências que o capacitem a assumir os deveres e papéis sociais do adulto”. (wikipédia)

Atualmente os adolescentes são confrontados com uma sociedade confusa. Nas últimas décadas sucederam-se acontecimentos a uma velocidade alucinante, que modificaram as relações dos homens entre si e o ambiente. A invenção das novas tecnologias foi uma das principais responsáveis por esse avanço que permitiu que esse acontecesse a um ritmo rápido no desenvolvimento humano, levando à humanidade questões nunca antes pensadas (Almeida, 2003).

A família é a primeira célula social e é através desta que os jovens vão modelar todo o seu futuro, ao preservar e transmitir valores tradicionais e culturais. No entanto, esta deverá constituir o núcleo onde os jovens encontrarão segurança, amor, alegria, compreensão, confiança e o diálogo. Contudo cabe à família, orientar a estruturação da personalidade dos jovens, transmitindo sentimentos de posse, de amor, e de ser amado, de respeitar e de ser respeitado, mas essencialmente de assumir responsabilidades (Almeida, 2003). Como refere Almeida a adolescência no plano social é como um tempo de passagem em falso, um tempo que tudo é definido pela negativa, ou seja, não se é criança, mas também não se é adulto.

Todas as transformações biológicas dos jovens resultam do despertar de um centro sexual de localização desconhecida. Nestas alterações endócrinas surgem modificações estranhas e admiráveis que percorrem todo o corpo. Ao contrário da evolução psicológica do adolescente que processa-se em quatro fases: emocional, sexual, intelectual e social. Todos estes encontram-se ligados. Em geral poderá dizer-se que os processos gerais do desenvolvimento são constituídos pela interiorização das transformações físicas, o aparecimento de um novo tipo de relações, inicialmente sexuais e depois heterossexuais, o surgimento de um comportamento social mais responsável, a evolução de uma personagem em equilíbrio com os valores éticos da cultura atual e a capacidade de organizar e planear as suas tarefas futuras. Também existem outros factores hereditários, ambientais, económicos que podem afectar a evolução psicológica do adolescente (Almeida, 2003).

É nestas idades que os jovens procuram instruir-se acerca dos fenómenos sexuais, procurando nos livros, enciclopédicas e ainda de uma forma mais fácil, pesquisando na internet, levando a conversas entre si (Almeida, 2003).

Almeida refere a variada personalidade dos adolescentes, advindo de todos estes conflitos é nomeada por uma mistura de timidez, raiva e revolta por dar aos outros mais importância do que aquilo que pretendem para si, por recearem que o seu orgulho seja ferido, por exigência de atingir uma perfeição que à partida sabem que não vão conseguir. Todos estes factores são um enorme entrave aos seus impulsos, criando bastantes dificuldades nas relações, perdendo desta forma toda a simplicidade e naturalidade que deveriam possuir. Em suma é um fechar sobre si próprio. As escolas também são na maior parte portadoras de autoritarismo, com uma forte proibição sobre os estudantes. Por isso que Almeida diz que a escola é um dos locais de choque entre o adolescente e a escola comparando com o tribunal.

2. A sexualidade na adolescência e no contexto escolar

Inicialmente, é importante salientar que possuímos um corpo sexuado, preparado para responder a vários estímulos de natureza sexual, procurando o prazer, a satisfação e o bem-estar (Kirby e Brown, 1996).

A sexualidade tem uma vertente emocional e é um elemento fulcral na formação da identidade, do auto conceito, da autoestima, em geral do bem-estar físico e emocional. Ela também é uma componente importante do relacionamento com os outros, no que se refere ao domínio amoroso. No entanto, também pode estar associada a experiências negativas, como problemas de ordem emocional, surgimento de gravidezes indesejadas, abortos, doenças sexualmente transmissíveis, abusos sexuais e violência (Kirby e Brown, 1996).

Como refere Kirby e Brown trata-se de uma dimensão de identidade pessoal e do relacionamento humano que vai evoluindo dentro do nosso contexto de desenvolvimento global, expressando-se de forma diferente nas diversas etapas da vida, atravessando momentos de evolução lenta e mais brusca, sobretudo durante a adolescência. É nesta fase que a sexualidade é das características mais determinantes no processo de sociabilização. Tudo o que somos, pensamos, fantasiemos, desejamos e fazemos a nível sexual resulta num processo contínuo de aprendizagens, interações realizadas em todos os círculos da vida, tais como o contexto familiar, as relações amorosas e nos contextos sociais formais e informais. Este processo é realizado continuamente e de forma contraditória e até, muitas vezes de forma

conflituosa, e é neste contexto consoante as diferentes experiências e influências, formar-se-á a identidade sexual do indivíduo.

Todas as sociedades são dotadas de diferentes recursos e instrumentos de sociabilização. Procuram transmitir os seus valores de forma informal ou formal, fazendo com que estes sejam fundamentais nas suas regras de comportamento em relação à sexualidade. A escola funciona como factor de sociabilização determinante na vida das crianças e dos jovens, possuindo um papel importante na valorização desta temática. Esta instituição é um lugar de construção de saberes que desperta vivências a nível efetivo sexual, quer seja pelas iniciativas desenvolvidas, quer seja no dia-a-dia. Por isso, a escola não pode negar a abordagem estruturada, adequada e intencional de questões relacionadas com a sexualidade humana (Kirby e Brown, 1996).

No geral todos fazemos educação sexual e tivemos uma educação sexual, porque somos seres sexuados e objecto de um processo educativo desde que nascemos até morrer (Frade *et al*, 1999). Como refere Frade *et al* a maior parte dos docentes sentem-se inseguros ao iniciarem atividades e projetos nesta área, pelo facto de existirem poucas indicações claras e raras oportunidades de formação em educação sexual dadas pelo sistema educativo português. Ou seja, têm muita insegurança naquilo que devem fazer e dizer, nas reações dos jovens ou das famílias e também, muitas vezes, face aos seus colegas. Por isso, é necessário que seja sentida a importância da abordar o tema da sexualidade humana, para isso tem que haver uma motivação inicial, tal como a compreensão da utilidade e da necessidade desta temática. O tema da sexualidade deve ser objecto de intervenção pedagógica, estruturada, assumida, intencional e adoptada pelas escolas e todos os organismos que intervêm, numa perspectiva educativa, na comunidade jovem e adulta.

Piaget, (1976) descreveu quatro períodos de desenvolvimento cognitivo, cada uma deles representa a fase da vida de uma criança, que vai desde o nascimento estágio sensório- motor, passando pelo pré-operacional (2-7 anos) e as operações concretas (7- 12 anos), terminado nas operações concretas (12 anos até á idade adulta). Ou seja é quando cada indivíduo desenvolve a sua estrutura psicológica, tornando possível a capacidade para pensar raciocinar, estas vão sendo cada vez mais complexas e abstractas. Tais transformações são a um nível qualitativo, o que quer dizer que ao longo da vida as qualidades do pensamento sofrem variações de um para outro estágio de desenvolvimento. Este psicólogo classificou o pensamento dos adolescentes em idade escolar de operações formais, esta operação confere uma maior capacidade de abstração ou seja capacidades e raciocínios abstratos, adquirindo uma maior agilidade em conseguir raciocinar acerca da realidade das suas possibilidades. Em suma, no

decorrer da adolescência os indivíduos desenvolvem uma importante capacidade graças ao pensamento formal. Ao contrário dos pensamentos das crianças mais novas, adquirem uma maior capacidade para pensar acerca das possibilidades, através de hipóteses para prever alguns resultados, para refletir em relação aos próprios pensamentos e mesmo para ponderar sobre os pontos de vista das outras pessoas. (Sprinthall, 2003)

Mas também descobrimos que nos apaixonamos, namoramos construindo relações. É impossível separar a sexualidade dos afectos. Os amores sempre existiram nas salas de aula, quer através de uma leitura, quer através de mensagens secretas (Frade *et al*, 1999).

Como menciona Frade *et al*, (1999) em simultâneo com o prazer e a comunicação interpessoal, existe outra das dimensões da sexualidade que inclui a reprodução, os aparelhos reprodutores, a fecundação, a gravidez e por fim o parto. Embora as coisas sejam hoje um pouco diferentes, estes temas normalmente são sinónimo de reprodução, devendo ser abordados nas escolas. Mas, no entanto sabemos que a sexualidade tem percalços, tanto evitáveis, como inevitáveis. Os últimos resultam na complexidade dos afectos relacionados com a sexualidade, das expectativas, das frustrações, dos amores e desamores e da forma como estes são vivenciados desde crianças. Existem também os evitáveis, que consistem nas gravidezes indesejáveis que atingem um grande número de jovens portuguesas. Muitas das vezes essas gravidezes acabam em abortos ou em abandono dos bebés à nascença, pois as adolescentes não possuem condições económicas e psicológicas para os criarem. Também existem outros problemas evitáveis que são as doenças sexualmente transmissíveis. O desconhecimento dos sintomas, das formas de prevenção, de tratamento e dos locais de apoio dificultam uma sua prevenção. Aliado a isto está a falta de informação sobre aspectos essenciais da sexualidade, pois esta ainda continua a ser a base de problemas vividos individualmente ou a dois. Para se juntar a estes problemas também existem outros, que podem em parte ser prevenidos: os abusos sexuais. Muitas crianças diariamente são vítimas de abusos sexuais. Em geral estas vítimas têm medo em pedir ajuda, pois receiam represálias. Antes a sexualidade era vista como algo imundo, voltado para os pecados do corpo e da alma, onde se tinha que recorrer sem hesitação para dar seguimento à procriação da espécie. Hoje em dia na nossa sociedade a moral sexual ainda possui uma conotação negativa no que se refere á sexualidade e ao erotismo. Em contrapartida para acabar com este negativismo as escolas tiveram que incluir a sexualidade nas escolas através da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e no recurso ao aborto (Frade *et al*, 1999).

A OMS, (2005) refere que a sexualidade é uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura e intimidade, no qual se inclui na forma como nos sentimos, movemos,

tocamos e somos tocados, leva-nos a ser sexuais, mas também sensuais, influenciando sentimentos, pensamentos, ações e interações que levam ao domínio da nossa saúde mental e física.

Na adolescência, normalmente já estão construídas as mudanças pubertárias, dando origem a um corpo adulto em desenvolvimento. Mas essas mudanças podem ser diferentes de jovem para jovem, cada pessoa tem o seu nível de desenvolvimento. Nesta altura todas as fases de desenvolvimento entram numa fusão, originando atitudes, valores e sentimentos mais firmes, mas também o surgimento de novas questões em relação aos diferentes tipos de relações amorosas e sexuais. Mas também os jovens são mais autónomos e capazes de tomar decisões em relação às suas vidas amorosas, profissionais, académicas e familiares. No entanto, possuem relações mais sólidas e surge uma sucessiva aprendizagem erótica, que pode ter um sentido positivo, mesmo que inicialmente exista algumas dificuldades que podem levar a experiências e sentimentos difíceis de contornar. São nestas relações afectivas de amizade e amor entre rapazes e raparigas que surgem os grupos que vão evoluindo, acolhendo as relações de casais por estes constituídos. É neste momento que as atitudes e os valores face à sexualidade e ao amor interligam-se, no que se refere ao relacionamento entre as funções do sexo masculino e feminino. Por fim, também existe o fortalecimento a orientação do desejo, havendo uma consciência maior em relação às suas orientações sexuais. Contudo, quando se refere ao relacionamento com os adultos estes jovens continuam a ser conflituosos, mas nesta fase as vivências sexuais dos jovens passam a ser objecto de curiosidade e crítica por parte dos adultos que dependem. (Frade *et al*, 1999)

3. Os métodos contraceptivos e as doenças sexualmente transmissíveis

A nível social ainda existem muitos preconceitos em falar de sexualidade, muitas das vezes a vergonha o *tabu*, são expressões utilizadas como justificação para não se verbalizar em relação à sexualidade. Infelizmente, muitos pais ainda sentem um grande desconforto em falar com os filhos sobre sexualidade e as doenças sexualmente transmissíveis. Isto deve-se ao facto de as próprias famílias terem sido socializadas nos silêncios da sexualidade, o que origina aquilo que designamos por vergonha, quando têm que conversar com os jovens. No entanto, quando existe conversa esta normalmente é realizada pela mãe, possuindo desta forma um discurso bastante evasivo e moralista. No geral a sexualidade é abordada indiretamente e com carácter controlador. Em contrapartida existem aquelas famílias que

possuem uma liberdade de expressão sobre a sexualidade da adolescente, com a valorização positiva da sexualidade nesta fase da vida (Gameiro e Dantas, 1999).

Como refere Pais, (1999), muitas das vezes não se legitima a sexualidade de uma filha, mas como não se consegue impedir que seja vivida, fecha-se os olhos e tolera-se. Mas a família tem consciências que apesar de não existir diálogo, no que diz respeito à contraceção em casa, os adolescentes possuem a informação básica sobre essas questões. Essa informação é prestada através dos órgãos de informação, escolas, grupos de amigos que garantem aos jovens algum conhecimento.

4. Níveis de maturidade das adolescentes

A relação como o adolescente age e pensa nas questões relacionadas com a sexualidade depende do nível de maturidade cognitiva, do nível de desenvolvimento de valores. Todas estas teorias orientam-nos sobre como devemos abordar o tema da sexualidade e da educação sexual. As abordagens atuais sobre a temática são basicamente, derivadas à ausência de educação sexual ou em explicações demasiado racionais. Nestes casos os métodos usuais ignoram a possibilidade dos adolescentes estarem em níveis de maturidade distintos, podendo desta forma fazer interpretações, completamente diferentes das informações que são dadas (Sprinthall, 2003).

Como refere Erikson, (1976) o indivíduo não consegue tomar uma decisão complexa e informada antes do fim da adolescência. O ato sexual com outra pessoa é uma expressão emocional muito profunda e forte. Esta intimidade só é possível depois do processo da formação da identidade estar concluído. Este autor também salienta que a intimidade é como o ato de partilhar as principais experiências e compromissos emocionais num processo de igualdade e mutualidade. Nenhum dos parceiros pretende obter vantagem pessoal com o outro, mas funciona como troca de bem-estar.

Representamos o nível de desenvolvimento como uma maturidade plena que pode ser a nível formal ou de integração, quando o indivíduo é capaz de processar toda a informação e as características emocionais da sexualidade de uma maneira autónoma. É neste nível que o jovem raciocina de uma forma abstrata, conseguindo idealizar corretamente as suas emoções e as dos outros, possuindo um grande sentido de pessoa e identidade. Nesta fase a capacidade de promoção de papéis sociais é complicada e a reciprocidade é clara, existindo consequências a curto como a longo prazo. Normalmente este nível é conseguido no final da adolescência ou no início da vida adulta. Uma pessoa que já se encontre neste nível poderá

possuir uma diversidade de informação sobre sexo, pois nesta altura já se atingiu a maturidade a todos os níveis. E nesta altura torna-se capaz de tomar decisões ponderadas e empenhadas sobre a sua vida sexual (Sprinthall, 2003).

Como salienta Erikson, (1976) a pessoa que se encontra neste estágio de maturidade produz capacidade de ter intimidade verdadeira com o sexo oposto, ou seja, uma amizade mais profunda em que a base está na influência recíproca e no amor. Enquanto no nível anterior consiste no pensamento formal, o adolescente inicia o raciocínio abstrato. Nesta altura também existe um pensamento egocêntrico e a capacidade de promoção dos papéis e a afinidade ainda não é muito consistente. Normalmente os adolescentes que se encontram nesta fase são os alunos que frequentam o secundário, pois apresentam enormes fragilidades ao nível do pensamento e das atitudes. No entanto, estes podem estar a funcionar de maneira madura noutras áreas, como no desporto, na escola e no relacionamento com os adultos. Este autor também afirma que durante esta fase da formação da identidade os jovens podem evitar situações de intimidade, pois reconhecem a sua falta de experiência.

5. Gravidez e Maternidade na adolescência

Desde muito cedo que as jovens iniciam uma vida sexual ativa. A falta ou a frágil informação sobre os aspetos biológicos do sexo e da gravidez e o pouco uso de métodos anticoncepcionais fazem com que os números de grávidas adolescentes aumentem ano após ano no nosso País. Contudo, as consequências de uma maternidade fora do casamento são muito graves, quer para a mãe adolescente solteira, quer para a própria criança. A taxa de mortalidade dos bebés, filhos de mães com idades inferiores a quinze anos é bastante mais elevado do que em jovens entre os quinze e os dezanove anos, ou até mesmo entre os vinte e os trinta e quatro anos de idade. Quando estes bebés sobrevivem, principalmente para mães que têm menos de vinte anos, apresentam com muita frequência atraso mental, epilepsias, mal formações e deficiências neonatais. No entanto, estes défices aumentam com o seu crescimento. Em relação às crianças com idade pré-escolar que nasceram de mães adolescentes, apresentam menor controlo sobre si mesmas e maior adversidade, fazendo comparação com outras da mesma idade. No que se refere às mães, possuem maior probabilidade de viverem uma gravidez e um parto mais complicado, com índices mais elevados de toxemia e problemas a ela associados, prolongamento do parto, posição irregular do feto, anemia, e duração maior no trabalho de parto. A nível psicológico as consequências também são bastante cruéis, principalmente quando se refere ao número de suicídios.

Também o abandono escolar no ensino secundário é bastante comum. No entanto, aliado à falta de escolarização também se encontra a fraca probabilidade destas jovens encontrarem um emprego estável, de casar e até mesmo de serem autónomas. Para que situações destas não ocorram, é imprescindível que sejam ministradas nas escolas aulas de educação sexual (Sprinthall, 2003).

Infelizmente, em Portugal ser mãe adolescente ainda é considerado algo leviana, porque resulta de uma relação sexual que é no feminino e que só deveria acontecer após o casamento. Em vários casos as jovens detêm o papel de “coitados” que por dificuldades económicas, sociais ou de discriminação, acabam por levar a avante a gravidez mesmo sem o apoio da figura paterna. Ou seja, significa fuga às normas sociais ditas normais que condiciona a maternidade ao casamento e à vida adulta (Gameiro, 1999).

Essas normas passam na sua grande maioria pela não-aceitação social da grávida adolescente solteira que como refere Almeida felizmente tem vindo a diminuir, mas continua a ter uma influência catastrófica na adolescente e nas famílias. Os pais reagem de forma negativa, com discussões, desapontamentos, vergonha e sentimentos de culpa enraizados na harmonia conjugal, às vezes o namorado e os amigos afastam-se e rejeitam a grávida adolescente. Estas situações são mais comuns nas classes de alto nível socioeconómico, que raramente aceitam estas situações fora do casamento. Isto faz com que a jovem sofra uma série de pressões que a podem levá-la a tomar decisões trágicas, como fuga de casa, abandono da escola, aborto, suicídio, entrega do filho para adopção ou um casamento forçado, que leva muitas vezes ao divórcio. A gravidez também pode fortalecer os laços entre a adolescente e os pais, pois os enjoos, as náuseas as dificuldades de locomoção podem aproximar a jovem dos pais, devido à necessidade de apoios (Silva, 1992).

Nesta fase da adolescência existem casos em que muitas raparigas não admitem que possam engravidar, porque não conseguem imaginar-se como mulheres, mas também existem outras que pensam que não ficam grávidas na primeira relação sexual, ou se não houver ejaculação ou orgasmo. Algumas também consideram menos difícil a relação sexual do que estarem preparadas para a contraceção. Por fim, as raparigas consideram que os rapazes têm menos respeito pelas mulheres que usam meios de contraceção (Almeida, 2003).

Num colóquio realizado pela sociedade portuguesa de obstetrícia e ginecologia, foi revelado que em Portugal, cada vez mais engravidam adolescentes em idades mais baixas e que a maioria das famílias portuguesas não possui capacidades sociais, culturais, e económicas para prevenção de situações de risco (Almeida, 2003).

Como ainda refere Almeida em Portugal as taxas de gravidez em adolescentes são mais altas em zonas urbanas, especialmente nas grandes cidades, mas também no Algarve, cerca de 17% do total.

São inúmeros os aspectos que levam a adolescentes a iniciarem a sua vida sexual, como a procura da sua própria identidade, por vezes só é encontrada no seu papel de grávidas. Ou seja, é o sexo com fins não sexuais. Às vezes também é uma forma de mostrar a sua feminilidade, de competir com a mãe ou de se comparar com ela. Outras vezes é uma forma de magoar severamente o pai, levando à necessidade de transgressão e de auto punição que conduzem muita vezes ao consumo de drogas ou suicídio. E, noutros casos, parece existir a necessidade de compensação afectiva, como por exemplo raparigas que não se sentem ninguém e quando engravidam e têm os seus filhos, encontram a sua verdadeira identidade. Muitas vezes a necessidade de correr riscos de desejos e ir contra as normas estabelecida pela família, escola, sociedade são outras das razões que levam as jovens a reagir desta forma (Almeida, 2003).

A gravidez na adolescência não resulta somente da falha dos métodos contraceptivos, mas também no fracasso de sistema cultural. Neste momento o mais importante é ajudar as jovens mães e os seus filhos, mas para isso o melhor é começarmos por uma revisão sobre a melhor aplicação das atitudes sociais e formativas dirigidas á juventude (Silva, 1992).

No entanto, as alterações da maternidade provocam nos corpos das adolescentes grávidas algumas modificações bastante relevantes que têm consequências psicológicas, com maior significado nas grávidas mais jovens do que nas mais velhas, porque se vai reunir duas alterações bastante significativas, ou seja, a da adolescência e da gravidez. Que perturbam a imagem pessoal, produzindo confusão e alarmismo, e continuamente porque é um período em que a aparência física tem um maior significado (Almeida, 2003).

Os riscos obstétricos resultam de uma gravidez num organismo pouco desenvolvido e imaturo e as consequências nutricionais, imunológicas, biológicas e mecânicas que daí resultam. As complicações nas grávidas adolescentes resultam, essencialmente na toxemia gravídica e nas suas complicações, na apresentação pélvica, na incompatibilidade feto-pélvica, nas lacerações uterinas, nas hemorragias durante a expulsão do feto, na ruptura precoce das membranas, na cesariana e nas infecções puerperais. Nos recém-nascidos as complicações residem no facto dos bebés serem pequenos para a idade da gestação, na asfíxia e no traumatismo obstétrico, anomalias no sistema nervoso central, na síndrome de dificuldades respiratórias, de convulsões, entre outros. Em relação a estas complicações admitia-se que eram resultantes da baixa idade das mães e do seu estilo de vida, tais como as

doenças sexualmente transmissíveis, o consumo de álcool, de tabaco e de drogas. (Almeida, 2003)

Todavia, Almeida salienta que um dos aspectos muito importantes é a interação entre mãe - filho, a qualidade dessa relação e o papel maternal durante os primeiros tempos de vida. Dependerá da mãe a capacidade de receber e interpretar os sinais emitidos pelos seus filhos e saber dar a resposta certa, dependerá dos sentimentos e de segurança e de confiança que a criança adquirirá e que influenciarão o seu comportamento social. Geralmente, a interação é sem dúvida o ponto fulcral a partir do qual a criança vai explorar o seu mundo. Se esta for bem estruturada a criança ficará apta para explorar e dominar o meio que a rodeia, ganhando confiança, fazendo novas relações, e enfrentando e resolvendo problemas que surjam.

6. Gravidez não planeada ou (in) desejada

Infelizmente, a não utilização do método contraceptivo eficaz leva-nos a uma gravidez não planeada ou indesejada. No entanto, preferimos falar da gravidez na adolescência como algo indesejado. A gravidez pode ver-se em três formas distintas: pode ser uma gravidez planeada conjugalmente; pode acontecer acidentalmente, sem que nenhum dos casais a deseje; pode ainda ser desejada sem ter sido planeada inicialmente, ou por um processo de desejar ter um filho ou pela sua aceitação nos meios sociais que a envolvem, que consiste em ser aceite por parte da jovem futura mãe, do casal ou das famílias (Gameiro, 1999).

Como diz Gameiro é imprescindível que o processo de aceitação de uma gravidez na adolescência, seja realizada com base na jovem, dos seus projetos de vida e da sua posição social, ou em nome do bebé que vai nascer, quer por parte dos diversos círculos sociais em que a adolescente se insere. Porque quando uma gravidez não é planeada trará outro tipo de consequências para a vida da jovem mãe, perturbando os seus projetos de vida. Isto acontece quando se associa a ausência de planeamento e a não vontade de ter um filho, o que leva ao surgimento de uma gravidez indesejada. Mesmo assim, apesar de haver a possibilidade de recorrer a interrupção voluntária da gravidez em que esta é levada para a frente. Uma gravidez que não foi planeada nem desejada mas que elevada para a frente é designada na mesma por (in) desejada, ou seja, não era desejada mas tornou-se desejada. Contudo, uma gravidez que não foi planeada nem sempre é indesejado, o desejo de ter um filho pode não ser assumido em virtude dos incómodos sociais que adiam a maternidade para o casamento, e o relacionamento com uma vida estável (Gameiro, 1999).

Nesta fase é perfeitamente normal, muitas vezes, passar pela cabeça destas raparigas recorrerem ao aborto, principalmente quando esta gravidez acontece em situações inesperadas e não planeadas. Mas temos que salientar que ao recorrerem a este pode trazer sequelas para o resto das suas vidas, tanto a nível psicológico como físico. Também o filho aqui surge como um vínculo social que pretende oferecer proteção emocional às possíveis rupturas conjugais. Ou seja, algumas jovens mães pensam que um filho pode significar o prolongamento da relação amorosa com o pai da criança. Mas na realidade isso pode não acontecer, o que faz com que estas raparigas mergulhem no desespero, esquecendo que têm um bebé para criar. Nestes casos o aborto surge quando o tempo previsto legalmente ainda não foi atingindo ou quando não existe recurso económico para tal (Gameiro, 1999).

Numa outra perspetiva a gravidez, na adolescência tem surgido ligada ao lado feminino e esquecemos de falar do outro interveniente direto em todo este processo, o pai da criança. Este muitas das vezes não possui uma voz ativa em relação às decisões, no que diz respeito à relação amorosa que origina a gravidez. No que se refere à aceitação e ao casamento, geralmente terminam numa ruptura da relação ou mesmo numa negação da paternidade. No entanto, os meios inerentes à paternidade têm origem cultural e caracterizam-se numa fuga à responsabilidade de serem pais e na ruptura efetiva à mãe do bebé. Essa rejeição da paternidade pode trazer para a gravidez da mãe um peso difícil de suportar. Logo após o seguimento da paternidade está a família, que é a segunda a tomar conhecimento da gravidez; a sua aceitação depende do histórico familiar destas. Às vezes, a gravidez da adolescente serve para uma aproximação entre a relação mãe/filha, onde existem cuidados de saúde específicos devido ao estado em que a jovem se encontra. No entanto existem ainda aqueles casos em que a jovem pretende esconder da família a gravidez. Algumas antecipam-se e contam aos pais, mas com alguma hesitação, mesmo se espera da família apoio e compreensão. Mas existem outros casos em que a gravidez é escondida durante algum tempo por recearem reações negativas, nesta altura já o pai tem conhecimento da gravidez tal como as amigas e as irmãs. Os pais só sabem quando começa-se a notar os traços arredondados das barrigas que já não dão para esconder (Gameiro, 1999).

Naquelas situações em que a gravidez é aceite ou acaba por ser aceite pelos pais da adolescente, como passar do tempo os pais começam a tomar conta dos bebés, para que as jovens não deixem de se sociabilizar como acontecia antes de engravidarem. Normalmente, estas situações surgem nas adolescentes com escolarização, que possuem apoios para a

continuidade de desempenho nas suas atividades académicas e profissionais. Estas raparigas não veem nas suas vidas grandes alterações derivadas à sua maternidade (Gameiro, 1999).

No entanto também é importante salientar que tal como o pai da criança, a família e os amigos, a escola também desempenha um papel muito importante no desenrolar do processo de aceitação da gravidez na adolescência. Sem dúvida que o principal indicador que se revela da relação da jovem grávida com a escola é a de auto exclusão desta durante o período da gravidez, principalmente quando se começa a notar a barriga, por medo de estigmatização por parte das colegas, professores e funcionários. Mas o contrário também pode suceder, ou seja, as reações dos professores e dos outros profissionais podem acalmar os receios das jovens mães, quando existem relatos de apoios e incentivos à situação da rapariga (Gameiro, 1999).

No que se refere às jovens mães deveria ser facilitada a sua participação na tomada de decisões em relação ao rumo a dar à sua gravidez, tais como na continuação ou interrupção desta. Estas raparigas têm o direito à sua saúde reprodutiva, a uma escolha responsável, a assistência durante a gravidez, no parto, no pós-parto, a programas de saúde materno infantis adequadas. Isto tudo para salientar que tanto as raparigas tal como os rapazes devem ter o direito aos acessos rápidos e gratuitos aos programas de saúde, incluindo saúde sexual e reprodutiva. Também devem existir apoios para a interrupção voluntária da gravidez, pois sabe-se que existem enormes riscos associados ao aborto. Estes acessos podem contribuir para a melhoria da saúde em geral, evitando a gravidez nesta fase da vida, as doenças sexualmente transmissíveis, entre elas a mais temível, a sida, e também para as adolescentes entenderem melhor a sua sexualidade. Aliada ao conhecimento que os jovens devem ter em relação à sexualidade também deve existir o direito universal à educação básica e sobretudo ao prolongamento da sua trajetória escolar. Ou seja, às jovens mães, devido à interrupção provisória ou durável do percurso escolar, a adolescente acaba por aceitar a condição de ser mãe, colocando de parte a escolarização. Para que tal não suceda é importante que seja garantido o acesso e o direito à educação para todos, promovendo a promoção e desenvolvimento de programas de emprego entre jovens a vários níveis, criando condições indicadas às adolescentes grávidas, com a ampliação do planeamento familiar e da educação sexual, favorecendo desta forma a reintegração familiar e melhorando a auto imagem das crianças, adolescentes e famílias (Gameiro, 1999).

Em suma, é imprescindível e necessário a realização de programas e serviços acessíveis de educação sexual e de planeamento familiar, e que algumas mães adolescentes devam ter o direito à segurança social e ao apoio social, sendo estes de carácter confidencial, gratuito e extensível a todo o país.

7. Aspetos psicológicos na adolescência

Todos os efeitos psicológicos quer, de uma maturidade precoce ou tardia, influenciam bruscamente o impacto da aceitação que os adolescentes têm do mundo dos adultos e das experiências com que estes têm que lidar com as confusas definições sociais que lhe são propostas. Também as dificuldades que a maior parte dos adolescentes têm face às alterações do corpo, mostram a forte influência das normas socioculturais ligadas à atração física no autoconceito do adolescente, no entanto, os efeitos psicológicos da adolescência refletem-se tanto na aceitação das normas e expectativas da sociedade, quer no que diz respeito às respostas auto-avaliativas das modificações do corpo influenciadas por elas. (Sprinthall, 2003)

8. Aspetos Sociais na adolescência

Hoje em dia, por inúmeras razões deparamo-nos com um prolongamento da adolescência, pois a preparação para a vida adulta é cada vez mais exigente e complicada, o estudo prolonga-se na maior parte dos casos até mais tarde e a entrada no mercado de trabalho é a necessidade de obtenção de independência financeira, estas são metas mais difíceis de serem atingidas, fazendo com que haja um prolongamento da fase da adolescência para a fase adulta. Por outro lado, temos os papéis pouco definidos entre adultos e adolescentes que impedem a criação de uma identidade adulta. Ou seja, atualmente, os adultos querem ser adolescentes e os pais não querem ser pais, mas sim amigos, ou mesmo irmãos mais velhos. A idade adulta é desvalorizada e particularmente os mais velhos, como os avós, não têm um papel nesta sociedade que se encontra virada para os valores da recompensa imediata. Provocando uma hesitação sobre as suas normas e sobre os seus valores morais, assim os pais têm uma enorme dificuldade em impor a sua autoridade e impor limites nos seus filhos adolescentes. Por vezes, porque desejariam sentir-se novamente adolescentes, ou por uma questão de culpabilização (Guerreiro e Cruz, 2008).

As famílias também têm vindo a mudar radicalmente, cada vez menos se vêem famílias numerosas, derivado à habitual separação dos pais, tanto o papel dos padrastos, como das madrastas, ou até mesmo dos avós que ainda se encontram na idade ativa não conseguem dar o apoio que desejariam. Alguns pais necessitam de trabalhar até longas horas e os seus filhos são deixados em ATL's, ou mesmo sozinhos em casa (Guerreiro e Cruz, 2008).

Como refere Guerreiro, (2008) ser adolescente representa um desafio para a sociedade, mas é fundamental não esquecer que em todo o processo da adolescência e da autonomização, estes necessitam de modelos de identificação. Sem dúvida, que o adolescente precisa seguir as

suas pegadas, mas nunca sozinho e para experimentar precisa de se sentir seguro, tanto na família como na escola. Este precisa de descobrir a sua própria identidade e não cair numa identificação coletiva, produzida pelos meios de publicidade e de comunicação (Guerreiro e Cruz, 2008).

Contudo, tudo isto só será possível através de um grande apoio e valorização das famílias e das escolas, criando condições para que estes ajudem e estejam sempre presentes nesta longa e sinuosa caminhada que é a adolescência (Guerreiro e Cruz, 2008).

9. O papel da escola em relação à Gravidez na Adolescência

O papel da escola é completar a educação transmitida pela família, no entanto, a informação que os jovens recebem na escola não é suficiente para os ajudar a tomar decisões quanto ao início da atividade sexual, nem o que fazer quando uma gravidez indesejada ou não planeada acontece. Todos temos consciência dos riscos graves associados à gestação, ao parto e às capacidades maternas, porque infelizmente a jovem não se encontra preparada física e psicologicamente para ser mãe. Sem dúvida, que a maternidade significa para muitas adolescentes o abandono dos estudos, o desemprego ou um trabalho precário e mal remunerado, conflitos familiares, alterando desta forma os planos futuros e a necessidade de assumir o papel de mãe para o qual estas jovens não estão preparadas. Atualmente é indiscutível a importância dada à formação profissional dos jovens e à melhoria da qualidade de vida, por isso a escola terá o dever de ajudar a prevenir a gravidez na adolescência.

Estudos realizados, por Caruso, *et al* (1998-2001), salientam algumas medidas de prevenção que podem ser consideradas em conjunto. Como por exemplo: divulgação de informações sobre sexualidade, contraceção e doenças sexualmente transmissíveis, sem preconceito nem *tabus*; Garantir que todos os jovens tenham acesso a programas formativos de educação sexual na escola; Implementar o apoio individualizado a jovens que não se sentem à vontade para falar dos seus problemas em grupo; sensibilizar os docentes e técnicos de saúde para desenvolverem técnicas de comunicação que lhes permitam abordar com naturalidade e consideração as questões ligadas à sexualidade e em último, os filhos devem partilhar informações com os pais, sugerindo alternativas de lazer em família (Fontão, 2002).

A educação sexual em meio escolar tem um papel fundamental, pois contribui para uma vivência informada, mais autónoma e mais responsável da sexualidade, visto que a maioria dos adolescentes passam aqui grande parte do seu tempo. Também a troca de conhecimentos entre grupos de amigos, juntamente com uma orientação e uma abordagem pedagógica e

constante, acaba por prevalecer na formação do conhecimento sobre esta temática (Dias e Pereira, 2010).

Como diz Dias e Pereira, (2010) um dos maiores desafios da escola é garantir aos jovens uma vivência sexual saudável, sendo esta instituição a mais adequada para transmitir conhecimentos e permitir uma integração social ao adolescente, mas só conseguirá dar resposta com a colaboração de outros parceiros, em particular com as equipas de Saúde Escolar.

Como refere Gomes (2005), o(a) enfermeiro(a) tem um papel crucial não só como educador para a saúde, mas como promotor de estilos de vida saudáveis, nos quais se inclui a prevenção da gravidez na adolescência. No entanto, A legislação promove a educação sexual em meio escolar, mas os docentes possuem algumas inseguranças em desempenhar esta tarefa, pelo facto de se sentirem desconfortáveis para abordar este tema. Por isso, o(a) enfermeiro(a) é o(a) profissional mais habilitado para partilhar saberes e, para auxiliar o desenvolvimento do processo de promoção da saúde em meio escolar.

Futuramente, é imprescindível motivar todos os profissionais para mudarem a política de intervenção, pois este poderá ser o caminho para a diminuição da gravidez na adolescência (Fontão, 2002).

10. As medidas de prevenção da gravidez na adolescência aplicadas na escola

Os problemas dos jovens não são isolados, mas sim reflexos da existência de fatores de risco na família e na sociedade em que os adolescentes estão integrados e que os levam muitas vezes a aceitar estilos de vida de risco. Portanto, a prevenção da gravidez na adolescência é o caminho para uma maternidade responsável, devendo, no entanto, ser necessário adotar medidas de intervenção radicais, mas que sejam apoiadas no diálogo sincero, aberto e sobretudo esclarecedor sobre a prática da sexualidade e que sobretudo sejam focadas, essencialmente na promoção da saúde dos adolescentes dentro de uma ética moral de respeito entre os jovens, incentivando-os para que exista uma convivência harmoniosa entre os sexos (Valente, 2011).

Para melhor compreender as medidas de prevenção existentes nesta escola é importante mencionar no que consiste a saúde escolar. Este é um projeto de crucial importância, no âmbito dos cuidados de Saúde Primários, não só pelo seu papel na promoção de saúde, na prevenção, resolução ou encaminhamento de problemas detectados, mas também pelo seu contributo para a criação de condições ambientais e de relação na escola, favorecedoras da

saúde e bem-estar da população escolarizada e conseqüentemente do seu sucesso educativo e pessoal. Esta atividade só pode ser implementada de forma integrada e em colaboração com os múltiplos sectores que contribuem para a saúde (Costa *et al*).

Neste momento, tem estado a decorrer na escola secundária um projeto no âmbito da Saúde Escolar. Começou por ser inserido nas turmas do 10.º Ano, acompanhando-as nos anos seguintes, educando, desta forma, os alunos para a sexualidade. O projeto consiste na realização periódica de palestras neste estabelecimento escolar por uma enfermeira, que aborda os mais diversos temas relacionados com a sexualidade. Também é de referir que durante todo o ano esta à disposição de toda a comunidade escolar, o “gabinete do adolescente” orientado por especialistas (médicos, enfermeiros, psicólogos, entre outros) do Centro de Saúde de Olhão, que pretendem dar o melhor encaminhamento a estes jovens. Uma das razões apontadas para defender o “não” à educação sexual nas escolas é o receio de que ela incentive a curiosidade e a prática sexual precoce. Contudo os factos desmentem tal argumento. A investigação comprova que a formação dos jovens no domínio da sexualidade contribui para o início mais tardio dessa prática e para a redução dos comportamentos de risco (Costa *et al*).

A escola pode e deve contribuir para a educação sexual das crianças e dos jovens, não apenas de uma forma implícita, mas de uma forma explícita, ou seja, intencional. Esta poderá fazê-lo formalmente, através de um trabalho curricular, ou informalmente. Dentro do trabalho curricular existente nesta escola estão inseridas as aulas de educação sexual que são ministradas por docentes do grupo de Biologia, estas requerem uma inscrição atempada na associação de estudantes, mas de momento estas lições ainda não são obrigatórias, apesar de estarem inseridas no Programa Nacional de Saúde Escolar. Este é um programa que tem como finalidade contribuir para a criação de condições, ambientais e de relação na comunidade escolar, favorecendo a área da saúde, segurança, bem – estar da população escolar e conseqüentemente do seu sucesso educativo e pessoal. Assim são objectivos do Programa Nacional de Saúde Escolar: Promover e proteger a saúde e prevenir a doença na comunidade escolarizada; Apoiar a inclusão escolar de crianças e adolescentes com necessidades da saúde e educativas especiais; promover um ambiente escolar seguro e saudável; Reforçar os fatores de proteção relacionados com os estilos de vida saudáveis (Valente, 2011).

No entanto, torna-se indispensável uma atuação preventiva, envolvendo as escolas, e um acesso efetivo aos cuidados de saúde primários, proporcionando um aconselhamento correto e completo sobre educação sexual, bem como de modo a potenciar competências e atitudes protetoras face à sexualidade e às questões afectivas. Por outro lado seria fundamental uma

atuação com maior sucesso, em que o acesso a uma intervenção psicológica exista, de forma a intervir na experiência interna destas jovens, tornando-as mais capazes de pensar as suas emoções e comportamentos, e de reconhecerem as suas necessidades de autonomia, tornando-as mais diferenciadas a nível do *self*, ou seja, mais maduras em termos de identidade (Valente, 2011).

Os caminhos para prevenir a gravidez na adolescência existem e, logicamente, as possibilidades de uma maternidade e uma paternidade responsáveis, nessa fase da vida, também. No entanto, é preciso ter cuidado ao se falar em prevenção da gravidez na adolescência para não a evidenciar como uma patologia. Muito longe de ser um problema puramente médico e de saúde pública, ela constitui um desafio à sociedade, onde, ao lado dos inúmeros avanços tecnológicos ocorridos, toda uma cascata de mudanças nos padrões comportamentais humanos, em que tudo foi acontecendo a um ritmo muito rápido, sobretudo nas últimas quatro décadas (Gomes, 2006).

É preciso refletirmos sobre este problema, pois exige-se que seja facultado ao adolescente a construção de um projeto de vida, no qual a sexualidade seja vivenciada com responsabilidade, sem receios das doenças sexualmente transmissíveis, mas na prática da relação sexual como forma de prazer entre ambos os sexos e ligadas ao respeito e ao amor. E que nesse projeto de vida a maternidade e/ou a paternidade estejam presentes nos adolescentes, e que sejam vividas de forma responsável! (Gomes, 2006).

11. A educação sexual na escola

A existência da disciplina de educação sexual nas escolas tem contribuído para reduzir os comportamentos de risco e aumentar as medidas preventivas. Por outro lado também contribui para que estes sejam abordados em contextos familiares, favorecendo a interligação entre a escola e a família (Kirby e Brown, 1996).

A escola representa um dos agentes responsáveis pela sociabilização, tal como acontece noutras situações da vida, a sexualidade na escola não pode ser entendida como um filtro que assegura um futuro sem problemas. A sexualidade será sempre um processo individual, com dúvidas, incertezas feita de experiências e aprendizagens de vida quer sejam positivas ou negativas. A escola neste sentido pode contribuir para que esse caminho seja percorrido de forma mais positiva e gratificante (Ministério de Educação, 2000).

No entanto, dentro da comunidade escolar é importante que os principais agentes educativos, professores, psicólogos, auxiliares se unem num esforço global de forma que o

resultado final seja bastante benéfico para os jovens alunos. Mas entende-se a aplicação da educação sexual nas escolas não é tarefa fácil para os professores, pois estes têm que iniciar sozinhos programas nesta área, trazendo insegurança, pessoal, receio de serem incompreendidos pelos colegas, escola, mas essencialmente pelos familiares dos alunos, muitas das vezes aliados a falta de formação, podendo surgir alguns obstáculos que impeçam a concretização dos projetos (Ministério de Educação, 2000).

Por isso, as escolas em conjunto com os serviços de psicologia e orientação (SPO) podem desempenhar um papel crucial na implementação desta temática. Tal como sucede com os auxiliares de educação, pois estes não podem ser deixados de parte, dado ao seu relacionamento próximo com os alunos. Sem dúvida, que também o relacionamento destes com as famílias é mais frequente, particularmente nos que possuem níveis de escolaridade mais baixos. No entanto, é comum a troca de impressões, e o depositar de confiança e que peçam com mais frequência conselhos a estes profissionais (Ministério de Educação, 2000).

Ao longo da vida os jovens passam por contextos diferenciados e é normal que cada um desses contextos corresponda a vivências diferentes, conteúdos diversos e canais de comunicação próprios. Portanto, são variados os agentes que trabalham a aprendizagem da sexualidade, que vai desde a escola, passando pelas famílias e terminando na internet (Kirby e Brown, 1996).

No ensino secundário as situações ocorrem de forma diferente em relação aos outros ciclos de estudo, ou seja, os alunos entram numa fase em que as transformações se processam numa fase menos exuberante. Pode-se dizer que existe um corpo adulto em pleno desenvolvimento. Neste estágio de desenvolvimento rapazes e raparigas conseguem tomar decisões em relação às suas vidas, no que se refere aos aspectos profissionais, cívicos, familiares, académicos e sexuais. Nesta fase os relacionamentos amorosos possuem características mais duradouros, com momentos de interação íntima que constituem um espaço de formulação de normas, valores e atitudes. No entanto, nas relações afetivas, amorosas e de amizade existem grandes grupos que possuem cumplicidade nas relações existentes entre rapazes e raparigas desse mesmo clube. Também existem outros jovens que preferem relações de amizade ou outros que preferem o isolamento mesmo no campo da amizade. Por isso, constata-se uma enorme necessidade de ações de prevenção ao nível da educação sexual e reprodutiva, mas essencialmente na prevenção da gravidez na adolescência, de contágio de infeções de transmissão sexual (Ministério de Educação, 2000).

Nesta fase também a relação com os adultos sofre alterações, podendo ser conflituosas, pois estes defendem a sua privacidade, desejando que esta seja preservada por parte do adulto (Kirby e Brown, 1996).

Contudo, para além de todo o trabalho conjunto entre todos os profissionais, os professores, sem substituir os profissionais dos serviços de saúde e com uma base formativa adequada podem desempenhar um papel de intervenção entre os alunos e os serviços de saúde. Também desta forma o centro de saúde poderá assumir-se como um lugar, dentro das suas funções, contribuindo desta forma para a resolução de questões que podem surgir na escola (Ministério de Educação, 2000).

ESTUDO EMPÍRICO

1. Objectivos

Atualmente a gravidez na adolescência tem aumentado em larga escala, tanto em países desenvolvidos como em países em vias de desenvolvimento. É um dos fenómenos socioculturais mais generalizados das últimas décadas com uma série de consequências adversas para a saúde e desenvolvimento das mães adolescentes (OMS, 2005).

Assim sendo, parece-nos pertinente debruçar sobre este tema, tendo em conta o papel da educação na promoção, prevenção e no tratamento dos problemas de saúde, no âmbito da Saúde Escolar.

Para a consecução desta finalidade, definiram-se os seguintes objectivos específicos:

- Verificar quais as apoios existentes na escola às jovens adolescentes;
- Conhecer quais as medidas de prevenção da gravidez na adolescência existentes na escola;
- Identificar se os jovens possuem conhecimentos suficientes sobre métodos contraceptivos;
- Analisar em que medida a educação sexual é importante nas escolas;
- Verificar em que medida seria viável a implementação de um projeto na escola com o intuito de prevenir a gravidez nesta fase da vida.

2. Recolha de dados

A colheita dos dados decorreu na escola secundária de Olhão, por facilitar o acesso à população em estudo uma vez que constitui, respectivamente, o lugar onde as grávidas adolescentes estudam e o local de trabalho dos professores, psicóloga e diretor. Paralelamente, ao facto de trabalharmos no estabelecimento escolar em estudo facilitou bastante para a recolha da informação pretendida. A colheita de dados foi efectuada através de entrevistas semiestruturadas, com apoio de um guião e aplicação de um teste referente aos níveis de desenvolvimento do ego.

CAPITULO II - METODOLOGIA**1. Introdução**

A metodologia deve ser adequada ao tipo de investigação. Por isso, seguidamente iremos contextualizar toda a investigação.

2. Investigação Qualitativa

A investigação aqui apresentada adopta, uma estrutura exploratória, uma vez que, procura interpretar os acontecimentos a partir do ponto de vista dos atores sociais sem a preocupação de generalizações. É imprescindível não deixar de ter em consideração o tipo de estudo que se pretende realizar, logo resolvemos aplicar uma investigação qualitativa de forma a encontrar respostas à problemática em análise. Segundo alguns historiadores da época a investigação em educação teve o seu ponto de viragem em 1954 (Bogdan e Biklen, 1994).

Segundo Miranda (2008), a investigação qualitativa, trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Este tipo de investigação é indutivo e descritivo, na medida em que o observador desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados, em vez de recolher dados para comprovar modelos, teorias ou verificar hipóteses. Embora este método seja menos estruturado proporciona, todavia, um relacionamento mais extenso e flexível entre o investigador e os entrevistados. O investigador é, portanto, mais sensível ao contexto. Isto significa que, os observadores trabalham através deste método, com a subjetividade e com as possibilidades quase infinitas de exploração que a riqueza dos detalhes pode proporcionar. Este tipo de investigação contempla uma visão holística, na medida em que as situações e os indivíduos são vistos como um todo e estudados numa base histórica. Este também emprega, na sua generalidade, procedimentos interpretativos, não experimentais, com valorização dos pressupostos relativistas e a representação verbal dos dados. No entanto, têm maior validade interna, embora seja débil em termos da sua possibilidade de generalizar os resultados para toda a comunidade (Bogdan e Biklen, 1994).

Como referem Denzin e Lincoln, (1994) existem três atividades que definem a investigação qualitativa, estas passam pela teoria, análise e método. No entanto, á que ter em consideração o investigador como um indivíduo que pertence a uma classe, género, cultura, comunidade, porque todos estes factores determinam as suas perspectivas.

Em linhas gerais, a pesquisa qualitativa detecta a presença ou não de algum fenómeno, sem se importar com sua importância ou intensidade. É denominada qualitativa em oposição à pesquisa quantitativa, em função da forma como os dados serão tratados e da forma de apreensão de uma realidade, em que, no caso da pesquisa qualitativa, o mundo é conhecido por meio de experiência e senso comum, em oposição às Generalizações da pesquisa quantitativa. A pesquisa qualitativa tem-se mostrado uma alternativa bastante interessante enquanto modalidade de pesquisa numa investigação científica. É útil para firmar conceitos e objectivos a serem alcançados e apresentar sugestões sobre variáveis a serem estudadas com maior profundidade (Giovinazzo, R., 2001).

2.1. Estudo do Caso

O estudo de caso trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos factores.

Yin (1994), afirma que esta abordagem se adapta à investigação em educação, quando o investigador é confrontado com situações complexas, de tal forma que dificulta a identificação das variáveis consideradas importantes, quando o investigador procura respostas para o “como?” e o “porquê?”, quando este procura encontrar interações entre factores relevantes próprios dessa entidade, ou quando o objectivo é descrever ou analisar o fenómeno, a que se acede directamente e de uma forma profunda e integral, ou ainda quando o investigador pretende apreender a dinâmica do fenómeno, do programa ou do processo.

Assim, Yin (1994:13) define “estudo de caso” com base nas características do fenómeno em estudo e com base num conjunto de características associadas ao processo de recolha de dados e às estratégias de análise dos mesmos. No entanto, Bell (1989), define o estudo de caso como um termo guarda-chuva para uma família de métodos de pesquisa cuja principal preocupação é a interação entre factores e eventos. Assim, Fidel (1992), refere que o método de estudo de caso é um método específico de pesquisa de campo. Os Estudos de campo são consideradas investigações de fenómenos que vão sucedendo, sem a interferência do investigador. Segundo, Coutinho (2003), quase tudo pode ser um “caso”: um indivíduo, um pequeno grupo, uma personagem, uma organização, uma comunidade ou mesmo uma nação. Defendendo a mesmo pensamento encontra-se Ponte (2006), que considera o estudo do caso, como:

“É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse.” (Ponte, 2006).

3. Técnicas de Recolha de Informação

3.1. Pesquisa Bibliográfica e Documental

As pesquisas são imprescindíveis num projeto de investigação, na medida em que enriquecem toda a informação e permitem recolher e verificar dados.

A pesquisa bibliográfica desenvolve-se a partir de material já existente, tais como livros, revistas, teses, relatórios de pesquisas e artigos científicos. A vantagem deste tipo de pesquisa é permitir ao investigador encontrar mais informação do que aquela que já existe, como forma de complementaridade. O entanto, esta é bastante importante, na medida em que a pesquisa exige uma grande variedade de dados que podem encontrar-se numa grande área, ou seja, para que serve percorrer uma vasta área se conseguimos obter essa informação através de pesquisas bibliográficas apropriadas. Mas nem tudo é positivo e este tipo de pesquisa também tem as suas desvantagens. Nem sempre a informação pode estar elaborada de forma correta, podendo comprometer a qualidade da pesquisa, para isso é necessário realizar várias pesquisas de forma cuidada da mesma informação para podermos ter a certeza que esta está correta (Gil, 1991).

Todavia, para que as pesquisas sejam bem-sucedidas é necessário respeitar um conjunto de regras (Gil, 1991):

- Consultar bibliotecas especializadas e manejar os seus ficheiros;
- Recorrer a especialistas na área;
- Consultar bons livros, revistas, teses, entre outros com o intuito de indicar as obras adequadas;
- Leitura de material de forma não exaustiva e seletiva, retendo o essencial para a pesquisa;
- Realização de fichas, contendo resumos/parágrafos de capítulos;
- Ordenação das fichas por conteúdo e de seguida a sua análise;
- As Conclusões devem derivar de dados e não de influências pessoais.

No entanto, a pesquisa bibliográfica é muito semelhante à documental, ou seja a primeira tem que referir e defender a opinião de vários autores, mencionando sempre a fonte, enquanto a segunda pode ser alterada de acordo com o objectivo da pesquisa (Gil, 1991).

O desenvolvimento da pesquisa documental segue o mesmo procedimento da bibliográfica. O primeiro passo consiste na análise dos documentos em grande quantidade. De um lado estão os documentos em primeira mão, ou seja aqueles que ainda não sofreram qualquer alteração, tais como os documentos oficiais, revistas, diários, contratos, filmes, entre outros. Pelo outro estão os de segunda mão, ou seja aqueles que foram analisados, tais como os relatórios de pesquisa, tabelas estatísticas, relatórios de empresas, entre outros (Gil, 1991).

3.2. Observação

A técnica fundamental mais utilizada no processo de investigação é a observação, em qualquer uma das formas em que se verifique. Quer a observação assuma uma dimensão mais ou menos estruturada, ou mais ou menos participante, ela pretende sobretudo, observar e registar dados para futura análise (Bell, 1997). A importância da observação pode ser verificada pela descrição que dela fazem.

A observação participante é uma técnica de investigação social em que o observador partilha, na medida em que as circunstâncias o permitam, as atividades, as ocasiões, os interesses e os afectos de um grupo de pessoas ou de uma comunidade (Anguera, 1985). É, no fundo, uma técnica composta, na medida em que o observador não só observa como também tem de se socorrer de técnicas de entrevista com graus de formalidade diferentes. O objectivo fundamental que subjaz à utilização desta técnica é a captação das significações e das experiências subjetivas dos próprios intervenientes no processo de interação social. Como o observador tem de se integrar num grupo ou comunidade que, em princípio, lhe é estranho, ele sofrerá um processo de "ressocialização" (Anguera, 1985), tendo, frequentemente, de aprender novas normas e linguagens ou gírias e de representar novos papéis, o que coloca problemas particulares relativos à objectividade científica. Por outras palavras, o investigador encontra-se numa tensão permanente entre a necessidade de se adequar às características do grupo e a necessidade de manter o necessário espírito crítico e a isenção científica.

A técnica possibilita graus diversos de integração no grupo observado e de sistematização dos procedimentos de recolha de informação, de acordo com os objectivos que o investigador estabelece para a investigação, e adequa-se particularmente a fenómenos ou grupos de reduzida dimensão, pouco conhecidos e/ou pouco visíveis, como é o caso, por exemplo, de

atividades que uma sociedade define como ilícitas e às quais dificilmente se poderia aceder de outro modo. Todavia, pelas suas próprias características, a observação participante apresenta algumas vantagens, como o risco, sempre presente, do investigador escapar para a subjetividade, devido ao seu envolvimento pessoal com o objecto, e a possibilidade da sua presença perturbar o normal decurso da interação social (Burgess, R., 1995).

3.3. Notas de campo

No campo da observação e da entrevista é imprescindível que o investigador anote o que vivenciou, dando uma descrição pormenorizada, quer seja de pessoas, lugares, objetos, acontecimentos ou conversas. Todavia esta descrição deve vir sempre acompanhada de reflexões, opiniões e ideias. A esta técnica dá-se o nome de notas de campo, e consiste no relato escrito daquilo que o investigador vê, ouve, experiencia e pensa no decorrer da recolha (Bogdan e Biklen, 1994).

Apesar, dos investigadores saberem que as notas de campo são cruciais para a investigação qualitativa, muitas das vezes esquecem-se que pode ser um pilar para outros métodos de recolha de dados. Por exemplo nas entrevistas gravadas esta pode ser captada com mais complementaridade, tornando-se um suplemento para a entrevista. (Bogdan e Biklen, 1994)

3.4. Entrevistas e análise de conteúdo

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a entrevista é um processo que consiste numa conversa intencional entre duas pessoas, embora possa envolver mais sujeitos. Esta tem o objectivo de adquirir informação sobre outra pessoa. Na investigação qualitativa, a entrevista tem um formato próprio.

Em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser usadas de duas formas. Ou seja, fazendo parte da estratégia dominante para a recolha de dados ou ser usada em conjunto com a observação participativa, análise de documentos entre outras técnicas.

Em geral a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos da linguagem do sujeito, facilitando ao investigador a realização da sua opinião acerca da maneira como o sujeito vê o mundo. Na observação participante o investigador já conhece os entrevistados, tornando a entrevista numa conversa entre amigos. Como acontece na investigação aqui proposta, pois o investigador por trabalhar no local da análise já possui um certo à-vontade com os sujeitos.

(Bogdan e Biklen, 1994). No entanto, como refere Stacey (1988), o investigador tem que ter cuidado para não abusar da confiança.

As entrevistas podem ser de vários tipos, quando iniciamos um determinado tipo não é obrigatório ser fiel a este até ao fim da investigação. Por exemplo, no início do projeto podemos usar uma entrevista de carácter exploratório. Se após o trabalho de investigação houver necessidade de esclarecer alguns pontos que não tenham ficado claros, então podemos aplicar uma entrevista estruturada (Bogdan e Biklen, 1994).

No entanto, as boas entrevistas requerem muita paciência e dedicação. Para que a investigação dê os seus frutos é imprescindível que os investigadores também sejam um pouco detectives, para assim poderem reunir partes de conversas, experiência e histórias pessoais, compreendendo, desta forma a vida dos sujeitos (Stacey, 1988).

3.5. Análise de conteúdo

Como técnica de análise das entrevistas realizou-se uma análise de conteúdo, uma vez, que esta técnica permite a descrição objectiva e sistemática do conteúdo da comunicação. Para Bardin, (2008), a análise de conteúdo, exige do investigador uma dupla interpretação, *“entre os dois pólos do rigor da objectividade e da fecundidade da subjetividade”*. O autor compara este tipo de interpretação, ou seja, é aquilo que é oculto, e que nunca foi dito, do simbólico, a um agente duplo que demonstra toda a grandeza da investigação, que vai muito para além da linguagem verbal. A análise de conteúdo pode ser orientada para uma perspectiva quantitativa ou qualitativa.

Seguidamente, surge a codificação das entrevistas através da categorização. (anexo I) A constituição das categorias, segundo Ghiglione e Matalon (1993), deve respeitar três critérios: objectividade, sistematicidade e generalidade, ou seja, as categorias não devem ser entendidas por outros com ambiguidade e quando são constituídas para uma determinada subpopulação devem ser aplicadas de igual modo à população. A categorização é assim, um processo indispensável para o sucesso metodológico de uma investigação, isto porque, por um lado, as categorias uma vez bem delineadas e nitidamente formuladas darão resposta ao problema de investigação (Berelson, 1952, cit. por Ghiglione e Matalon, 1993), e por outro, o rigor submetido à constituição das categorias dará fidelidade, credibilidade e validade positivas ao instrumento (Ghiglione e Matalon, 1993).

Neste estudo fizemos uma análise a partir da criação de categorias, subcategorias e inferências elaboradas com base nos temas abordados nas entrevistas e a frequência com que

surgiam. Como se pode verificar nas grelhas de análise das entrevistas semiestruturadas. (anexo II).

Após as entrevista recorremos a um teste para avaliarmos o nível de desenvolvimento do ego, para assim sabermos em que nível de maturidade encontram-se estas jovens para compreendermos de que forma estas mães estavam preparadas psicologicamente para gerar e educar um filho, esses resultados serão divulgados posteriormente.

4. Amostra

A população alvo deste estudo foi grávidas adolescentes, professores, psicóloga e diretora frequentar/trabalhar a/na escola secundária Dr. Francisco Fernandes Lopes no concelho de Olhão e duas enfermeiras do centro de saúde de Olhão. Colaboraram neste estudo 12 participantes, com idades compreendidas entre os 16 e os 54 anos.

Do 10.º ao 12.º ano de escolaridade fazem parte 8 alunos, colaboraram no estudo somente 5 alunos. Ainda dentro da comunidade escolar participou 3 professores uma da área da biologia e as restantes de secretariado e contabilidade, 1 psicóloga do serviço de psicologia e orientação e o diretor da escola. Fora da escola tivemos a colaboração de 2 enfermeiras, uma pertencente ao gabinete do adolescente no centro de saúde de Olhão e a outra profissional é responsável pela divulgação de vários temas ligados à sexualidade, através da realização de palestras aos alunos deste estabelecimento escolar.

5. Desenho de investigação

De facto, a natureza dos fenómenos sociais é confusa e complexa, exigindo da parte do investigador uma análise dos comportamentos verbais e simbólicos na procura da racionalidade das jovens face à questão da maternidade, enquanto função social, objecto de socialização e de identidade regulamentada. A presente investigação pretendeu analisar as condições e circunstâncias da gravidez em adolescentes que frequentaram/frequentam a escola secundária Dr. Francisco Fernandes Lopes, procurando analisar as significações da maternidade para as adolescentes investigadas e se na altura em que estavam grávidas existiam medidas de prevenção. Igualmente, pretende-se compreender, as suas trajetórias de vida, de que forma se manifestam as mudanças vivenciadas nessas trajetórias, no que diz respeito à organização familiar, ao matrimónio/ união de facto, à escola e ao trabalho e como surgem em consequência da gravidez. Nesta fase atual da pesquisa, procurou-se, tomando como base elementos estatísticos clarificar e aprofundar o conhecimento do objecto. No

entanto, foram analisados os números relativos à maternidade na adolescência no hospital distrital de Faro referentes ao número de nados vivos nascidos entre os anos de 2007-2011 de mães adolescentes com idades compreendidas entre os 15-19 anos, dados estes fornecidos pela ARS, relativos à esta problemática que falaremos no contexto de investigação. Também pretende-se conhecer e entender as opiniões do diretor, dos profissionais de saúde, dos psicólogos e dos professores sobre esta temática e de que forma estes puderam intervir para que haja uma prevenção eficaz. Esta pesquisa exploratória que pretende compreender um fenómeno num grupo, inserido num espaço definido, procurará explorar a sua diversidade interna.

Antes de iniciarmos as entrevistas tivemos que pedir autorização ao diretor da escola para a elaboração do trabalho de investigação, salvaguardando a confidencialidade das entidades respetivas e das pessoas que cedem a informação sobre o tema, a qual foi concedida pelo responsável sem qualquer inconveniente (anexo III). Referimos que as entrevistas realizaram-se com a ajuda de um guião (anexo IV) e foram aplicadas a cinco adolescentes que estudam/estudaram a escola secundária e Olhão, três professores, um diretor e uma psicóloga da escola, e também a duas enfermeiras do centro de saúde de Olhão e as transcrições elaboradas após a sua realização, foram no sentido de assegurar toda a informação obtida. (anexo VI) Estas foram efectuadas num período alargado, devido ao facto de termos perdido contacto com algumas jovens e ai necessitarmos de entrevistarmos outras raparigas, também tivemos que recorrer a uma segunda entrevista para completar alguns dados que faltavam na primeira. Estas entrevistas tiveram uma duração aproximadamente de vinte/trinta minutos cada e tiveram lugar na escola secundária, no centro de saúde de Olhão e outras nas casas das entrevistadas de forma a facilitar um diálogo informal e mais próximo das vivências das jovens mães.

6. Contexto de Investigação

6.1. Breve caracterização do Concelho

O Município de Olhão, situado no Sotavento Algarvio, é um dos 16 municípios do distrito de Faro, com uma área territorial aproximada de 130km², distribuído por cinco freguesias: Fuseta, Moncarapacho, Quelfes, Olhão e Pechão. (Município de Olhão, 2012)

De acordo com o Censos de 2011, residem no concelho de Olhão aproximadamente 45 mil habitantes, o que significa que a população de Olhão cresceu 23%, entre 2001 e 2011 (cerca de 10% da população residente no Algarve). A freguesia de Olhão, apesar de ter

registado um aumento populacional, apresentou uma taxa de crescimento média anual muito baixa (0,1%), a qual se traduziu num acréscimo de apenas cerca de 260 residentes entre 1991 e 2011, o que está relacionado com o facto de praticamente toda a freguesia estar já urbanizada. A freguesia da Fuseta foi a única que perdeu população nesse período, registando uma diminuição de cerca de 1.100 residentes (cerca de -37% da população registada em 1991), passando também a ser a freguesia menos populosa do Concelho.

Da população que reside em Olhão, segundo o nível de instrução a maior fatia encontra-se em indivíduos que possuem somente o 1.º Ciclo do ensino básico (25%), seguindo-se daqueles que não têm qualquer instrução (21%), ou seja o nível de instrução neste Concelho é muito baixa (Censos, 2011).

6.2. Caracterização da escola

A Escola Secundária Dr. Francisco Fernandes Lopes tem as suas raízes na antiga Escola Industrial de Olhão que ministrava o ensino técnico nesta localidade. Situava-se no antigo Largo da Feira, junto ao Matadouro Municipal, num edifício ainda lá existente. Nesse período, o ensino técnico tinha a duração de cinco anos, em que o 1º e o 2º anos eram de carácter preparatório, sendo os outros três de formação mais específica, abrangendo áreas como a Mecanotecnia, a Electrotecnia e a Formação Feminina. Após a Revolução de 25 de Abril de 1974, com as novas reformas do sistema de ensino no nosso País, houve a necessidade de implementar um novo edifício. Este seria construído em 1977 junto à atual Praça de Agadir, na Horta do Pádua. Trata-se de um modelo pré-fabricado de origem sueca, constituído por três Blocos: Central, Norte e Sul, um Pavilhão Gimnodesportivo, duas Oficinas, assim como um Campo de Jogos. Estava criada a Escola Secundária de Olhão. A sua mudança foi efectuada, e desta aproveitou-se grande parte das mobílias. Ainda hoje existem as peças de escritório do antigo Director, em estilo holandês que ornamentam o gabinete do atual presidente, atualmente situada na avenida Dr. Francisco Sá carneiro, junto à Segurança Social e à Repartição das Finanças. Este estabelecimento de ensino conta com mais de quatro décadas de existência, nesta são ministrados mais de doze cursos, tanto em regime diurno como noturno, passando pelas ações de formação de línguas, Informática e português para estrangeiros. Também funciona nesta escola o Centro de Novas Oportunidades que dá formação todos os anos a mais de mil alunos, que pretendem concluir o terceiro ciclo e o ensino secundário. Em Setembro de 2010 iniciaram as obras de reestruturação da escola sobre a tutela do parque escolar, este tem como objeto o planeamento, gestão, desenvolvimento e

execução do programa de modernização da rede pública de escolas secundárias e outras afetas ao Ministério da Educação, estas obras prolongaram-se sensivelmente durante um ano, ficando totalmente finalizada em dezembro de 2011. Após a conclusão dos trabalhos a escola estava preparada para a junção com dois agrupamentos. Finalmente em agosto de 2012 a Escola Secundária Dr. Francisco Fernandes Lopes passa a denominar-se de Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Fernandes Lopes.

6.3. Caracterização dos alunos

De acordo com as pesquisas realizadas nesta escola constatou-se que os alunos que frequentam esta escola têm idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos que vêm transferidos das escolas básicas do 3.º ciclo do Concelho, existindo uma pequena parte que pertence a outros Concelhos vizinhos como é o caso de Faro e Tavira. A maior parte destes jovens provêm de famílias desestruturadas e com um nível socioeconómico baixo ou muito baixo, bastante numerosas e que trabalham no sector primária (pesca). No entanto, este sector tem atravessado enormes dificuldades devido ao aumento das despesas com os combustíveis, quer seja pela obrigação de cumprir as normas europeias, quer seja através da concorrência desleal com pescadores de outras origens. Isto não só acontece com os pescadores, mas também com os mariscadores que têm sido alvo de ataques ambientais que a ria tem sofrido, sentindo dificuldades em manter o seu sustento, tudo isto vai fazer com que haja uma subida da taxa de desemprego (2001 a 2012) para 17,5% neste Concelho. (*Olhanenses pagam atentados ambientais do presidente Leal, 2010*).

Através da aplicação do método de observação podemos concluir que apesar de todas estas dificuldades estes jovens estudam muitas vezes de estômago vazio para obterem uma escolaridade obrigatória e para que possam ter um futuro diferente da dos seus pais.

6.4. Número de grávidas adolescentes na escola secundária de Olhão e no Distrito de Faro (últimos cinco anos)

O número de grávidas adolescentes nesta escola tem vindo a crescer desde o ano letivo de 2007/2008 até 2011/2012, este aumento deve-se essencialmente ao mau uso dos métodos contraceptivos e pelo facto destas jovens pertencerem a famílias desestruturadas, onde há um acompanhamento familiar deficiente. A totalidade da amostra dos profissionais salienta que há muitas jovens que não possuem conhecimentos como se engravida e como podem evitá-lo,

mas que aqui também existe um pouco da parte hormonal que se encontra aos “pulos”, e naquela idade em que é difícil conter as emoções.

Já no que diz respeito aos resultados referentes ao número de nados vivos nascidos no hospital de Faro (Algarve) de mães adolescentes com idades compreendidas entre os 15- 19 anos, de 2007 a 2011 verificamos que têm vindo a decrescer gradualmente. Concluímos que tais resultados devem-se ao facto do nosso País ter entrado em recessão económica, levando muitas das jovens a redobrar os cuidados, no que diz respeito aos métodos contraceptivos. Estes dados são apresentados em anexo (anexo VII).

7. Relatos e interpretações

Este capítulo reserva-se à apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos através das entrevistas às grávidas adolescentes, docentes, psicóloga, enfermeiras e diretor e dos testes aplicados às jovens mães. As primeiras serão tratadas à luz da análise de conteúdo, enquanto os segundos foram utilizados instrumentos para avaliar o nível de desenvolvimento do ego das mães adolescentes envolvidas no estudo - o *STC* (“*Sentence Completion Test*”) de *Jane Loevinger* na sua versão reduzida de 18 itens).

CAPITULO III - RESULTADOS**1. Análise de resultados**

No quadro seguinte, apresentamos de forma sistematizada e resumida algumas das características da amostra das grávidas adolescentes estudadas

Quadro 1- Caracterização da amostra das grávidas adolescentes

	E (1)	E (2)	E (3)	E (4)	E (5)
Idade quando foram mães	20	15	20	20	15
Naturalidade	Olhão	Olhão	Olhão	Olhão	Olhão
Estado Civil	União de facto	Solteira	União de facto	União de facto	União de facto
Escolaridade	12.º Ano	9.º Ano	A concluir o 12.ºAno	9.ºano	8.ºano
Profissão	Desempregada	Desempregada	Desempregada	Desempregada	Desempregada
Idade com que se juntaram	21	16	20	20	15
Número de filhos	2	1	1	1	1
Residência anterior ao parto	Casa da Mãe	Casa da Mãe	Casa própria	Casa dos sogros	Casa da mãe
Residência posterior ao parto	Casa dos sogros	Casa dos sogros	Casa própria	Casa dos sogros	Casa da mãe

A média de idades em que estas jovens foram mães é de 18 anos, a maioria das adolescentes encontravam-se em união de facto, excepto uma que estava separada do pai do filho, a escolaridade correspondente está entre o 8.º e a 12.ª Anos. Somente um inquirido afirmou possuir o 12.º ano.

A média de idades com que se juntaram, situa-se nos 19,25 anos e existe um dos inquiridos que têm dois filhos.

Das jovens entrevistadas, todas encontram-se desempregadas, pois não conseguirem arranjar emprego devido ao facto de terem filhos pequenos:

- “...vais a algum lado vais procurar um trabalho, mas já tem um filho, é tão nova e pois as vezes acabasse por perder empregos, por causa de um filho, e eu sei que perdi um, porque a patroa não queria empregadas com filhos, porque tinha que dar... o meu filho adoecia e não podia trabalhar...” (E1)

E por estarem nesta situação, exceptuando uma jovem que vivia em casa própria a maioria das entrevistadas vêem-se obrigadas após o nascimento dos filhos a viver conjuntamente ou com os seus pais ou com os sogros, o que pode trazer alguns conflitos familiares:

- *“No início correu muito bem, só que entretanto, e depois a mãe põe-se no meio, não é que as discussões sejam nossas é por a mãe e a irmã estar no meio, isso é a parte má de morar com os sogros (pausa) mas de resto não, eu não tenho discussões com ele derivado a coisas nossas, por coisas que ele faça ou coisas que eu faça é mais pela (pausa) mãe, pelo pai e pela irmã. Nossas não!” (E1)*

Todas as adolescentes residem no concelho de Olhão, por isso frequentaram/frequentam a escola secundária de Olhão, devido à proximidade da residência conforme se pode observar no quadro anterior.

2. Análise das entrevistas das adolescentes

Após a caracterização das adolescentes entrevistadas na sequência do nosso trabalho de investigação, iniciámos o processo de análise, a partir da criação de uma grelha com o tema, as categorias e subcategorias e entrevistados encontrados para cada subcategoria.

Considerámos como único tema a prevenção da gravidez na adolescência em contexto escolar, o qual foi posteriormente subdividido em dez categorias.

Por se tornar de fácil leitura e análise, subdividiremos o conteúdo da grelha de análise em quatro quadros, cada um referente às categorias, subcategorias e frequência de ocorrências em cada uma delas.

Quadro 2 -Grelha de Análise, Tema, Categorias, Subcategorias e Entrevistas

Temas	Categorias	Subcategorias	Entrevistas
Prevenção da gravidez na adolescência	Relacionamento Amoroso	Duração do relacionamento até á gravidez	E1; E2; E3; E4; E5
		Iniciação á atividade sexual	E1; E2; E3; E4; E5
		Precauções tomada durante a relação	E1; E2; E3; E4; E5
	Gravidez	Quando as adolescentes tiveram conhecimento	E1; E2; E3; E4; E5
		Número de semanas de gestação	E1; E2; E3; E4; E5
		Sintomas, desejos, alterações de peso	E1; E2
		Sentimentos/reações por parte dos pais do bebé	E1; E2; E3; E4; E5
		Sentimentos/reações por parte Família e amigos	E1; E2; E3
		Com que idade foram pais	E1; E2; E3; E4; E5
		Foi desejada/planeada	E1; E2; E3; E4; E5
		Causas da gravidez	E1; E2; E3; E4; E5
	Métodos contraceptivos	Informação adquirida	E2; E3; E4; E5
		Diálogo das adolescentes com os pais	E1; E2
	Acompanhamento médico	Centro de saúde e hospital	E1; E2; E3; E4; E5
		Presença do pai nas consultas	E2; E3; E4; E5
		Preparação para o parto e seus resultados	E1; E2; E3; E4; E5
		Apoio psicológico	E2; E3; E5
	Escolaridade/Ocupação profissional dos adolescentes	Pai	E1; E2; E3; E4; E5
		Mãe	E1; E2; E3; E4; E5
	Habitação	Onde habitavam aquando da descoberta da gravidez	E1; E2; E4
Onde habitavam após o nascimento do bebé		E2; E3; E5	
Reações após coabitação com pais /sogros		E1	
Parto	Acontecimentos importantes antes da ida para o hospital	E1; E2; E3; E4; E5	

		Acontecimentos cruciais no hospital	E1; E2; E3; E4; E5
		Receios durante o parto	E1; E3; E4;
		Assistido pelo pai do bebé	E1; E2; E3; E4; E5
		Sentimentos/reações da (o) s adolescentes após o nascimento	E1; E2; E3; E4; E5
	Comportamentos dos adolescentes em casa	Como lidaram com presença do bebé	E1; E2; E3; E4; E5
		Presença do pai com o filho(a)	E1; E2; E3; E4; E5
	Apoios existentes na escola às grávidas adolescentes	Solicitados e que tenham conhecimento	E1; E2; E3; E4; E5
		Outros apoios que deviam existir	E1; E2; E3; E4; E5
	Educação sexual na escola	Aulas de educação Sexual	E1; E2; E3; E4; E5
		Medidas de prevenção da gravidez	E1; E2; E3; E4; E5
		Parcerias com outras entidades e seus resultados	E1; E2; E3; E4; E5
		Testemunhos de jovens mães	E1; E2; E3; E4; E5
		Conselhos de mães adolescentes	E1; E2; E3; E4; E5

Quadro 3 - Categoria “Relacionamento Amoroso”

Categorias	Subcategorias	Entrevistas
Relacionamento Amoroso	Duração do relacionamento até á gravidez	E1; E2; E3; E4; E5
	Iniciação á atividade sexual	E1; E2; E3; E4; E5
	Precauções tomada durante a relação	E1; E2; E3; E4; E5

Relativamente ao relacionamento amoroso, mais de 50% das entrevistadas, namoraram cerca de um ano até engravidarem, à exceção de duas restantes que namoraram mais de 1.ºano,respondendo:

- “*Antes de engravidar namoramos 3 anos*” (E1)
- “*... já nós namorávamos á um ano ela descobriu, e depois namoramos mais dois, ao fim de três é que engravidei*”. (E3)

Os seus olhares demonstravam alegria e entusiasmo quando relatavam como tinham conhecido os seus namorados.

Metade da amostra considera ter iniciado a atividade sexual aos 15/16 anos, salientamos uma jovem que iniciou aos 18 anos e outra que não sabe ao certo quando começou:

- “ *Hum...aos 16 espera ai, 16 não 15, 14 nem tanto*”. (E4)

O facto desta participante não saber a idade em que iniciou a atividade sexual, inferimos que esta não tenha dado muita relevância a este momento.

Metade da amostra de adolescentes, considera ter tomado precauções durante a relação sexual, utilizando somente um método contraceptivo. Apenas uma jovem diz ter usado dois métodos (preservativo e pílula do dia seguinte) e ambos falharam:

- “ *A gente tinha feito no dia antes e como aquilo rompeu esperei para o dia seguinte e comprei logo de manhã e tomei e mesmo assim ficou cá dentro*” (E3)

Ainda é de salientar que uma das jovens costumava usar dois métodos de contraceção, mas naquele dia o casal resolveu não tomar as devidas precauções, brincando com sorte:

- “ *Tomava eu, tomava a pílula e ele usava preservativo, nessa altura quando fomos acampar nem um nem outro*” (E1)

Relativamente a esta categoria podemos inferir da análise que as jovens na sua maioria, tiveram um relacionamento amoroso estável com os pais dos filhos, embora se verifiquem que uma das inquiridas passou por fases difíceis no decorrer do relacionamento o que levou à rotura. Na maioria iniciaram a sua atividade sexual com 15/16 anos, exceptuando dois casos, uma referindo não ter a certeza e outra que iniciou mais tarde. É comum a quase todas as precauções tomadas na relação sexual, ressaltando duas entrevistadas, uma que naquele dia não utilizou qualquer contraceptivo e outra que tomou dupla precaução e fracassou, trazendo-lhe um sentimento de revolta.

Quadro 4 - Categoria “Gravidez”

Categorias	Subcategorias	Entrevistas
Gravidez	Quando as adolescentes tiveram conhecimento	E1; E2; E3; E4; E5
	Número de semanas de gestação	E1; E2; E3; E4; E5
	Sintomas, desejos, alterações de peso	E1; E2
	Sentimentos/reações por parte dos pais do bebé	E1; E2; E3; E4; E5
	Sentimentos/reações por parte Família e amigos	E1; E2; E3
	Com que idade foram pais	E1; E2; E3; E4; E5
	Foi desejada/planeada	E1; E2; E3; E4; E5
	Causas da gravidez	E1; E2; E3; E4; E5

Na leitura deste quadro, podemos verificar que todos as jovens entrevistadas consideram a gravidez um acontecimento muito importante nas suas vidas e descrevem esta vivência como maravilhosa, apesar de na face inicial ter sido um pouco controversa. Quando uma adolescente descobre que está grávida, não sendo esta planeada tudo pode-se desmoronar. A maioria refere estar com uma gestação, entre as 12 e as 16 semanas, encontrando-se algumas destas entrevistadas num estado avançado da gravidez, não havendo assim a hipótese de aborto. Cerca 50% das inquiridas diz não concordar com este acto, dizendo:

- *“Sim, falamos e ele...depois fizemos a primeira ecografia e já não dava para tirar, já tinha quase quatro meses, já era uma criança feita, não era por minha vontade, era por vontade dos pais dele e ele, porque eu não tirava!”*. (E3)

- *“ És contra o aborto, sendo assim!”*

- *“ (acenando com a cabeça) sim”*. (E3)

- *“Eu... sou contra o aborto, isso para mim é matar uma criança e elas não pedem para vir ao mundo, já que o fiz tinha que assumir a responsabilidade, porque eles não pedem para vir ao mundo”*. (E4)

Apenas duas das jovens mencionaram sentir alguns sintomas durante a gravidez, uma começou a sentir mudanças no corpo, como sensibilidade nos seios, a outra foi precisamente o oposto, ou seja, o período era normal e sem alterações de peso:

• “...conforme comecei a limpar o peito comecei a sentir o peito, não consegui tocar no peito (pausa) ...” (E2)

• “Nenhum, a... não tinha nada, tinha o período na mesma, não sentia os peitos inchar, não, completamente nada, andava normal e não engordei, nem nada e vestia a roupa que vestia normalmente.” (E1)

No que se refere aos sentimentos/reações por parte dos pais da criança e da sua família e amigos, estes em geral foram positivas, apesar do choque que tiveram quando foi dada a notícia. A reação da maioria dos adolescentes foi uma mistura de alegria e de receio, constatou-se que houve um pai que não reagiu muito bem à notícia, mas que depois de refletir acabou por aceitar o filho:

• “A reação dele foi, agarrou na folha viu (pausa) e jogou-me o papel há cara, (risos) jogou a ecografia pelo ar (risos) e essa reação a mim custou-me, porque se ele tava, foi apanhado de surpresa eu mais ainda, porque não estava á espera, tava a acabar a... o 12.º, não fazia intenções parar por ali (pausa) a reação dele não foi lá muito boa nesse dia...” (E1)

• “...a...quando eu disse que ia para a frente ele ...disse mesmo, ok! se tu vais para a frente, eu vou contigo (pausa)” (E1)

Esta mãe adolescente mencionou que ficou contente, quando soube que estava grávida mas por outro lado ficou triste, porque tinha outra perspectiva em relação ao sexo da criança:

• “Fiquei muito feliz não sei, porquê, mas fiquei muito contente, fiquei em baixo foi quando descobri que era uma, uma menina (pausa), porque, as vezes, a gente conversava sobre se isso acontecesse gostávamos que fosse um menino porquê? Porque ele queria por o nome do descansado do irmão, a um filho como infelizmente foi uma menina não coiso, mas ficamos contentes na altura. Fiquei assim um bocado em baixo...” (E1);

No que diz respeito à família e amigos, apesar de estes também terem sido apanhados de surpresa, acabaram por aceitar, uma das entrevistadas não teve a aprovação da mãe o que a deixou muito deprimida, mas pouco antes do nascimento da filha, esta passou a ser o seu grande pilar:

• “Muito má! Da parte da minha mãe, do meu pai já ficou mais contente, porque sempre foi uma coisa de ele querer ser avô e mesmo ele disse á minha mãe já que tenho oportunidade de ser avô não vou desperdiçar, a minha mãe é que já foi mais diferente, tinha outros objetivos para mim, queria que eu fosse para universidade, queria que eu seguisse os estudos e... quebrei isso e ela ficou um bocadinho sentida...” (E2)

A média de idades em que os jovens casais foram pais pela primeira vez é de 19,2 a maioria dos companheiros são mais velhos que as progenitoras, excetuando um casal que possui a mesma idade.

A totalidade das entrevistadas não considera que a gravidez fosse desejada/planeada, mas com o passar do tempo tornou-se desejada:

- “ Não foi planeada, mas já que fiquei, foi desejada. “ (E1)
- “ Se tiver que vir que venha, mas... assim tar sempre a planear filhos não (risos) é memo vir por acaso”. (E4)

A maioria das jovens afirmam que as causas da gravidez foi devido à falha dos métodos contraceptivos, (rotura do preservativo e esquecimento na toma da pílula), somente uma disse não ter tomada precauções, não porque queria engravidar, mas devido ao tal pensamento mágico: “ só uma vez não vai acontecer!”

Quadro 5 - Categoria “Métodos Contraceptivos”

Categorias	Subcategorias	Entrevistas
Métodos Contraceptivos	Informação adquirida	E2; E3; E4; E5
	Diálogo das adolescentes com os pais	E1; E2

Das cinco adolescentes entrevistadas, quatro dizem possuir informação suficiente sobre métodos de contraceção, uma das jovens salienta possuir poucos conhecimentos, mas que sabia o que tomar e das doenças sexualmente transmissíveis, como podemos verificar nas seguintes transcrições:

- “ Tinha, mas não tanto como devia ter”. (E4)
- “ Sim tinha, sabia, sabia, o que tomar, sobre as doenças e isso!” (E4)

Das que possuem informações suficientes sobre contraceção, é de salientar uma das entrevistadas que apesar de ter sido menstruada muito cedo também cresceu muito rapidamente, a tudo junta-se o facto de ser muito interessada em aprender e procurar, sempre respostas para as suas dúvidas:

- “Tinha, sim, já eu, como é que eu... eu costumo dizer eu desenvolvi-me muito depressa, fui menstruada muito cedo, tinha eu nove aninhos quando fui menstruada e eu ai nesse momento acho que cresci muito depressa a... eu tentava sempre a aprender eu tudo o que era livros, todo o que era dúvidas que eu tinha, ia á internet a... eu tentava captar tudo e por vezes até havia amigas minhas que como sabiam que eu sabia alguma coisa perguntavam-me

e eu explicava, sempre tentei estar um bocadinho mais a frente do que aquilo que eu, como eu hei-de dizer, já estou a ficar a...” (E2)

No diálogo das adolescentes com os pais, apenas obtivemos respostas de duas entrevistadas, uma refere que receava falar com a mãe sobre temas relacionados com a sexualidade, pois nunca se sentiu à vontade, a outra diz que conversava com a mãe, mas determinados assuntos esta omitia:

- “ A minha mãe puxava conversa mas eu sentia-me tão envergonhada em falar com ela sobre isso que não nunca coiso até hoje em dia ela diz sempre fui tua amiga e nunca te sentiste tão ao vontade para falar comigo sobre isso que sou tua mãe, que sou tua melhor amiga a... para falares sobre tudo e mais alguma coisa (pausa) se eu hoje eu erreí muito já com a minha mãe, já a magoei muito e hoje olho para trás e dou valor a isso á minha mãe é que agente às vezes por mais medo que agente tenha das nossas mães elas são a melhor coisa que nós temos ali e é assim é a melhor pessoa para dar o nosso conselho” (E2)

- “...a minha mãe falava e coiso, mas claro que certos e determinadas coisas claro que a minha mãe não mencionava...” (E1)

Na análise desta categoria verificou-se que o pouco ou nenhum diálogo que as jovens tinham com os pais sobre educação sexual pode ter contribuído para que os conhecimentos destas sobre contraceção fossem in/suficientes.

Quadro 6 - Categoria “Acompanhamento médico”

Categorias	Subcategorias	Entrevistas
Acompanhamento Médico	Centro de saúde e hospital	E1; E2; E3; E4; E5
	Presença do pai nas consultas	E2; E3; E4; E5
	Preparação para o parto e seus resultados	E1; E2; E3; E4; E5
	Apoio psicológico	E2; E3; E5

À exceção de três adolescentes entrevistadas, uma foi seguida pelo médico de família e um médico ginecologista, e as outras por um médico no Hospital de Faro. As restantes referem que foram seguidas somente pelo médico de família no centro e saúde:

- “ Fui acompanhado por um privado e por um público ” (E2);
- “ Foi em Faro no hospital ” (E4);

• “ *Fui, fui acompanhada no centro de saúde fiz ecografias até de mais como eu na altura quando descobri que tava grávida tinha apanhado um escaldão, cai na praia com a barriga para baixo e a médica por segurança mandou fazer uma ecografia mesmo no hospital tirando aquela das 35 semanas para ver se tava tudo bem...* ” (E1);

• “ *Meu médico de família* ”. (E3);

• “ *Ali no centro de saúde? Sim de Olhão.* ” (E5);

Mais de metade das entrevistadas não foram acompanhadas regularmente pelos seus namorados nas consultas, pelo facto dos companheiros estarem a trabalhar, ou porque era no Hospital de Faro, local onde não é permitida a entrada de acompanhantes:

• “ *Não, não, não ia, algumas só* ”. (E3);

• “ *No hospital não deixam. Só vii a primeira e uma quase aos oito meses* ”. (E3);

• “ *Não, foi quase no fim quando ele tava a trabalhar nas estufas, por isso é que ele tava na luz de Tavira onde estava a viver com a mãe na Fuseta, mas como arranjou trabalho lá, foi morar com a avó para lá e andava a trabalhar...* ” (E4).

Enquanto as restantes jovens tiveram um acompanhamento assíduo do seu companheiro:

• “ *Sim, ele diz como não acompanhou no primeiro filho que desta vez tinha que acompanhar em tudo* ”. (E2);

• “ *Sim.* ” (E5).

Na subcategoria da preparação para o parto e seus resultados, unicamente duas entrevistas mencionaram terem realizado a preparação para o parto, uma referiu que na altura do parto já não se recordava de nada, a outra contou que foi útil em alguns aspectos, principalmente no parto e nos cuidados ao recém-nascido:

• “ *Os cuidados ao recém-nascido e a tomar banho e essas coisas todas e depois antes durante a gravidez...a...agora não me lembro bem como foi durante, mas em alguns aspectos.* ” (E5);

• “ *Sim ah! Sim isso principalmente e sobre o epidural e essas coisas que dão no parto.* ” (E5).

As restantes disseram que não fizeram, uma porque a lista de espera era muito extensa e quando a chamaram já estava no final da gravidez, duas disseram que não necessitavam, e uma delas até referiu que mentalmente já estava preparada:

• “ *Preparação, não, nem precisei disso!* ” (E3);

• “ *Nada, (pausa) ai já estava preparado, mentalmente* ”. (E3);

• “ *Não* ”. (E4);

• “ *Porque não quis* ”. (E4).

O apoio psicológico para a maioria destas mães não foi necessário, o afirmaram que estavam preparadas, e só houve uma entrevistada que teve apoio, (mas que foi bastante negativo para a jovem):

• “*Insistiram um bocadinho, mas queriam que eu fizesse aborto e essas coisas mais.*” (E5).

Em suma, o acompanhamento médico foi positivo, principalmente na subcategoria das consultas médicas, todas as jovens foram seguidas no decorrer da gravidez. No entanto, no que se refere ao acompanhamento dos pais nas consultas, a maioria não participou, devido a factores profissionais e burocráticos. Enquanto na preparação para o parto e apoio psicológico a maioria não considerou necessário, o que vai de encontro às respostas que aquelas que tiveram apoios e realizaram a preparação relataram.

Quadro 7 - Categoria “Escolaridade/Ocupação profissional dos adolescentes”

Categorias	Subcategorias	Entrevistas
Escolaridade/Ocupação profissional dos adolescentes	Pai	E1; E2; E3; E4; E5
	Mãe	E1; E2; E3; E4; E5

Em relação à escolaridade/ocupação profissional dos pais adolescentes, três deles encontravam-se a trabalhar, em variadas profissões: pasteleiro, carpinteiro e pescador, como podemos analisar nas seguintes transcrições:

- “*Neste momento trabalha por conta própria (pausa)* ” (E1);
- “*Não, ele já era, é pasteleiro há montes de anos, já era, desde os quinze anos que ele anda nisso, nessa profissão de pasteleiro, dá é aulas na escola hoteleira de Faro e de Vila Real de Santo António a...*” (E2);
- “*Ele não, ele trabalha no mar, tá a andar num barco*”. (E4).

Os restantes pais encontravam-se a estudar, tal como as suas companheiras na altura que engravidaram, mas somente uma jovem conseguiu concluir o ensino secundário como nos revela na entrevista.

Na análise desta categoria, verificámos também que uma grande parte das entrevistadas dão muita relevância aos estudos, referindo que o mais importante é terminar os estudos e arranjar trabalho, depois é que podem vir os filhos. Constatou-se a nível geral um

amadurecimento das jovens após o nascimento dos filhos. Como podemos verificar no gráfico de nível de desenvolvimento do ego. (gráfico n.º 1)

Quadro 8 - Categoria “Habitação”

Categorias	Subcategorias	Entrevistas
Habitação	Onde habitavam aquando da descoberta da gravidez	E1; E2; E4
	Onde habitavam após o nascimento do bebé	E2; E3; E5
	Reações após coabitação com pais /sogros	E1

Na categoria habitação pretendemos saber onde habitavam os adolescentes aquando da descoberta da gravidez e depois do nascimento do bebé, tal como as reações perante a coabitação com pais e sogros. Quatro dos casais adolescentes foram viver juntos na casa dos sogros ou pais, logo após terem conhecimento da gestação e só um único casal ficou a habitar na casa dos seus pais, como refere:

- “...nessa altura tava a morar com a minha mãe...” (E1);
- “Vivia com a minha mãe” (E1);
- “E ele vivia com os pais dele? (acenou com a cabeça)...” (E1).

Na totalidade os casais após o nascimento do bebé, já viviam em união de facto, mas somente num dos casos surgiram alguns conflitos entre mãe adolescente e sogros, como já referimos anteriormente.

Quadro 9 - Categoria “Parto”

Categorias	Subcategorias	Entrevistas
Parto	Acontecimentos importantes antes da ida para o hospital	E1; E2; E3; E4; E5
	Acontecimentos cruciais no hospital	E1; E2; E3; E4; E5
	Receios durante o parto	E1; E3; E4;
	Assistido pelo pai do bebé	E1; E2; E3; E4; E5
	Sentimentos/reações da (o) s adolescentes após o nascimento	E1; E2; E3; E4; E5

A categoria parto está dividida em cinco subcategorias, todas elas com uma determinante importância na vida destas adolescentes, principalmente aquelas em que as inquiridas têm que descrever os acontecimentos importantes na ida para o hospital e na própria unidade hospital. Estas ocorrências fizeram com que as mães revivessem o dia mais importante e magnífico das suas vidas com muito entusiasmo e emoção. Das cinco jovens entrevistadas apenas duas apresentaram sintomas de estarem em trabalho de parto antes de chegar ao hospital:

- “ Não tive nada, as águas arrebentaram, eu no dia 16 de Dezembro tive na BP até às 2h30 da manhã...” (E1);

- “... mande já, ela que se despache que vou já mandar INEM, porque ela tem que vir, porque ela já deve tar em trabalho de parto ...” (E1);

- “...foi quando o enfermeiro começou a dizer; olha a partir de agora se sentires alguma ferroadada começa a contar avisa-me ou apertas-me a mão para começar a contar de quanto em quanto tempo estás a ter as contracções (pausa) eu sentia...” (E1);

- “ O parto era para ser parto normal, as minhas águas arrebentaram por volta no dia três, às dez e sete mais ou menos fui logo de imediato para o hospital...” (E2).

As restantes três jovens tiveram partos provocados. Durante as entrevistas constatou-se que a maioria dos partos foram provocados, porque já passavam das 40 semanas de gestação, isto deve-se ao facto das mães serem muito jovens e o seu corpo não se encontrar preparado para gerar um bebé. Além disso, também é de referir que no geral, quase todos os partos foram bastante difíceis, ou seja, duas cesarianas e três normais mas com complicações, que passamos a descrever:

- “... só que eu só tive das 12 até às 6 horas tive sempre a...a sofrer e eu não conseguia não tinha força para...” (E1);

- “... já estava a sofrer o que tava, entretanto já me estava a faltar o ar, perdi as forças completamente e há medida que perdi as forças começaram-me a dar oxigénio para ver se eu..” (E1);

- “...Olhe é assim, ela não consegue, ela vai para cesariana, não quis epidural, a miúda já está a sofrer de mais... (E1);

- “... é que depois ela começou a sufocar, depois foi quando o Dr. Dias disse: olha, vai buscar os...os fórceps, vai mesmo buscar ventosas e não sei quê, foi quando ela disse que (pausa), ia tentar com as ventosas se ela não viesse com as ventosas que ia para cesariana, entretanto fiz tudo o que, as forças que tinha, ela saiu com as ventosas “ (E1);

- “...Olhe é assim, ela não consegue, ela vai para cesariana, não quis epidural, a miúda já está a sofrer de mais...” (E1);

• “... ele tinha duas voltas do cordão umbilical no pescoço, cortaram e depois é que saiu o resto e depois puseram em cima de mim, ah, e como não tinha comido desde das oito da manhã, ele por volta das 3h00, 3h30 começou os batimentos cardíacos a ir abaixo... ” (E3);

• “ Foi o...bebé também não queria nascer, elas tiveram que se pôr aqui em cima da barriga para o Ricardo nascer, foi muito doloroso para mim, ele não queria nascer e eu tava a ver que não tava a conseguir ter”. (E4);

• “ Eu perdi memo a reação, eu...deixei de ver, eu já dizia a elas que não conseguia ver nada”. (E4);

• “ Não porque quando eu estava quase a ir, elas estavam-me a só dar chapadas, tá a ver, para ver se eu acordava...” (E4);

• “ Era para ser cesariana, porque o moço estava na posição para ser cesariana.” (E5);

• “ a... sim mais ou menos, tava numa posição que era complicado os médicos passaram a noite toda a ...ver como é que ia ser, tinha febre, tavam a batalhar comigo, à noite é que ele tava com a cabeça mesmo para baixo, já se via.” (E5);

Os maiores dos receios de uma mãe durante o parto estão associados ao ser rápido, normal, pouco doloroso e que o bebé esteja de perfeita saúde, afinal é tudo o que uma mãe deseja nesse momento mágico. Nestas jovens os receios foram variadíssimos, desde ao medo das agulhas, ao pai da criança não vir a tempo de assistir ao parto, aos utensílios (fórceps e ventosas) usados para ajudar o bebé a nascer, até ao estado de saúde da criança, seguidamente podemos ver alguns testemunhos:

• “O nosso maior medo de que com as ventosas com a força que os médicos fizeram para ela sair que ela tivesse algum hematoma na cabeça, mas não, não teve nada disso, tirando ter a anca descaída derivado a esse puxão, mas tirando isso...” (E1);

• “...depois eu disse, a gente tem que esperar pelo pai (risos) não pode nascer agora, nós temos que esperar o pai, só vinha lá para as três da tarde quatro” (E3);

• “Tava que eu perguntei, assim que o meu filho nasceu perguntei logo se ele vinha com alguns problemas”. (E4);

Nem todos os pais puderam assistir ao parto, alguns porque os bebés nasceram de cesariana e os outros porque as mães não quiseram, vamos analisar o porquê:

• “ É, É, ele facilmente desmaia começa-se a enervar e se ele visse o estado em que eu estava de querer fazer força e não conseguir e de querer... (pausa) prontos, tentar que a miúda nascesse sem problemas nenhuns, ou sem ajuda nenhuma de fora, o mais certo é ele atrapalhar, atrapalhava mais do que ajudava, isso era certo! (E1);

• “ a minha mãe é que assistiu ao parto, foi a primeira vez e gostava que fosse a minha mãe a tar ao meu lado, tá a ver, já que me ajudou esse tempo todo, acho que o apoio dela ao meu lado, acho que era melhor coisa que podia tar ali, tal como ia morrendo no parto, a minha sorte foi a minha mãe ter me acordado, tá a ver, molhar-me a cara e tudo, quase que ia morrendo, quase que ia dizendo que não ia ter o meu filho”.(E4).

Após o nascimento todas as entrevistadas ficaram muito felizes e sem palavras para descrever aquele momento esplêndido, uma das jovens sentiu-se triste, porque o parto debilitou-a de tal forma que não conseguia colocar a filha ao colo:

• “ Senti muito feliz (pausa), mas ao mesmo tempo muito em baixo, porque não conseguia pegar nela ao colo, perdi as forças”. (E1)

Quadro 10 - Categoria “Comportamentos dos adolescentes em casa”

Categorias	Subcategorias	Entrevistas
Comportamentos dos adolescentes em casa	Como lidaram com presença do bebé	E1; E2; E3; E4; E5
	Presença do pai com o filho(a)	E1; E2; E3; E4; E5

Na categoria dos comportamentos dos adolescentes em casa, nas duas subcategorias: como lidaram os pais com a presença do bebé e a presença do pai com o filho(a). Na primeira, duas das mães sentiam-se menos à vontade com o recém-nascido, devido à inexperiência, pois tinham receio em agarrar, por ser muito frágil, mas com a experiência dos pais e o instinto maternal as dificuldades foram contornados:

- “ Tinha medo de o agarrar com medo, ele era muito frágil”. (E4);
- “ Porque era muito bebé e não tava habituada a agarrar numa coisa daquelas”. (E4);
- “ Sim, sim, mas como ele já tava habituado, como ele tem uma irmã mais nova que ele, praticamente, prontos foi ele, quando o pai morreu ele tinha oito anos, praticamente foi ele um irmão, tá a ver!” (E4);
- “ A... sempre com muita pressão de inicio, mas agora já tão a lidar mais ou menos com isso.” (E5);
- “ O banho tive medo de dar banho, porque ele era muito pequenino e tive medo da criança escorregar, então ele dava sempre banho ao moço, ele é que agarrava nele, mudava, vestia.” (E5).

Na segunda situação uma das raparigas estava como um peixe dentro de água, porque já tinha criado praticamente dois irmãos, as outras duas foi por instinto maternal e pela força de vontade em aprender coisas novas:

- “*É assim, não mencionaram, mas acho que assim que eu a vi aprendi tudo logo de um momento para o outro.*” (E2);

- “*É, a pessoa aprende a fazer tudo, eu ai mãe como é que vou fazer isto com ela, tenho que, as vezes ter ela ao colo, porque às vezes ela não pára de chorar, quer atenção eu tenho coisas para fazer, mas chegou a um ponto em que começo a ver que eu posso fazer tudo na mesma, eu ponho-a ao colo tenho que fazer o biberão, tenho que fazer qualquer coisa tinha medo de a deixar cair, mas não a pessoa apanha um... como é que hei-de explicar (pausa) a...*” (E2);

- “*Sim, ganha uma experiencia uma coisa, uma habilidade de ter um miúdo ao colo e conseguir fazer tudo na mesma, eu tinha sempre esse receio, mas...*” (E2);

- “*Muito bem até (pausa) já tava habituada (risos) já tinha cuidado praticamente de duas.*” (E1);

- “*Bem a gente todos os dias, agente tinha que aprender uma coisa nova, não é!*” (E3).

Nestes últimos três casos, dois dos pais não tinham nenhuma experiência, e o facto de um deles não estar a viver com a filha tornou as coisas mais difíceis, enquanto o outro pai estava a viver como os seus pais e com a progenitora, então tinha todo o apoio, caso necessário:

- “*Não. Isso não, para pegar ao colo foi um castigo, para lhe dar o primeiro biberão foi um castigo, eu disse que tava aflita para ir á casa de banho e obriguei-o praticamente a agarrar na miúda e no biberão (risos) ...*” (E1);

- “*- Algumas, ele tinha medo de dar banho, tinha muito medo de mudar a fralda por causa do umbiguinho ainda não ter caído, a ...tinha medo dessas coisinhas!*” (E3);

- “***Tiveste ajudas?*** *Sim, a minha sogra, eu morei com a minha sogra, mas durante a noite e a amamentação tudo sozinha*”. (E3).

O outro pai adolescente já tinha outro filho, portanto como era o segundo não teve qualquer dificuldade em lidar com a situação:

- “*O meu marido foi quem deu o primeiro banho e tudo no hospital, naquele dia, eu disse logo olha podes dar banho, neste estado como eu estou, não consigo esticar praticamente para traz para segurar na menina era perigoso, então ele é que deu e ajudou muito em casa, às vezes eu preciso de fazer o jantar ele é que vai adormece-la, ele é quem dá o biberão...*” (E2)

Na subcategoria referente à presença do pai com o filho(a), mais de metade dos pais não estava regularmente com os filhos, um deles derivado á vida profissional, o outro porque não vivia com a namorada e a filha e por fim, o último por estar separado da mãe do filho, raramente visitava a criança:

• “...o pouco tempo que ele tem ele tenta aproveitar com ela um bocadinho também” (E2);

• “ É muito complicado ele leva o dia todo fora de casa, sai, às vezes sai á meia-noite de casa, tá o dia todo, todo, chega só às oito, nove, oito, nove horas a casa. “ (E2);

• “ Sim, volta e meia vou lá ao trabalho, vou mostrar para ele tar um bocadinho com a menina, porque só aquele bocadinho á noite não é nada.” (E2);

• “ Depois, é que vinha aqui uma vez á noite durante meia hora uma hora, se não fosse tanto!” (E1);

• “ É por isso que optei ir para lá que assim ele a via, assistia mais, estava mais presente.” (E1);

• “ (pausa) algumas coisas, nem tudo!” (E3);

• “ Se eu for levá-lo vai vê-lo, vê, agora se tiver na minha casa não vai.” (E3).

Nas outras duas situações os pais estavam sempre presentes na educação dos seus filhos, porque coabitavam com a companheira e o filho.

Quadro 11 - Categoria “Apoios existentes na escola às grávidas adolescentes”

Categories	Subcategorias	Entrevistas
Apoios existentes na escola às grávidas adolescentes	Solicitados e que tenham conhecimento	E1; E2; E3; E4; E5
	Outros apoios que deviam existir	E1; E2; E3; E4; E5

Na análise desta categoria verificamos que quase todas as entrevistadas referiram não saber que existiam na escola apoio às grávidas adolescentes e por isso não solicitaram ajuda, à exceção de uma que afirmou saber da sua existência, mas que não houve necessidade de procurar. Uma das raparigas não respondeu claramente à questão, por isso ficamos sem saber se ela tinha informação da existência de apoios na escola, somente ficamos a saber que não queria nenhuma ajuda da escola e que se sentia revoltada com as pessoas deste estabelecimento pelo facto que passamos a mencionar:

• “ *Pior, se eu falasse, se eu falei com alguém, esse alguém disse á escola toda e toda a gente me pôs de parte, foi por isso é que saí*”. (E3);

• “ *Sim, porque eu ia continuar a escola, porque eu ia, a escola começou em setembro e eu engravidei em setembro, a escola acabava junho/julho e eu ia ter ele em junho dava tempo de eu acabar o 10.º ano, mas por causa das pessoas não, não... saí e não ia aguentar até ao fim da gravidez aquela gente estúpida!*” (E3);

• “ *Eu não, não quis, não quis!*” (E3).

Todas as jovens salientam outros apoios que deveriam existir na escola, exceptuando uma que diz que não vale a pena existir apoios, porque vai acontecer sempre, por mais informação que se tenha, o que tiver que acontecer acontece, sublinhando a sua má experiência:

• “ *(pausa) não vale a pena fazerem muita coisa porque vai continuar a acontecer sempre, sempre, se aconteceu comigo e tomar a pílula do dia seguinte e ele continuar cá dentro vai acontecer sempre, às vezes se eu pensei, bom a pílula do dia seguinte vai-me fazer efeito não vou ter, aliás esta criança era mesmo para vir, porque tive dois métodos contraceptivo e os dois falharam, era uma criança que tinha que vir ao mundo, eu aí, vieste não vale a pena fazer nada, por mais informação do que há, não vale a pena, às vezes dizem engravidaste, porque foste estúpida, não é assim!*” (E3).

Dentro dos outros apoios existentes às grávidas adolescentes, estas entrevistadas referem a existência de um gabinete próprio com psicólogos, médicos e enfermeiros, de mais prevenção, chamando a atenção das jovens que a gravidez também lhes pode acontecer e que deve-se sempre jogar pelo seguro, a realização de palestras e conferências para que este tema não seja visto ainda como um tabu e a participação dos pais nessas conferências, porque consideram que as mães não falam o suficiente sobre o assunto. Por fim, a presença de profissionais para ensinarem temas ligados à sexualidade, cuidados pré-natais e pós-natais com chamadas de atenção. Assim, partilham connosco:

• “ *Para chamar mais a atenção, porque há algumas que... pensam que só acontece aos outros, mas por vezes não, eu pensava que acontecia aos outros, e aconteceu a mim também, por vezes não a gente pensa, ah! não tomei a pílula ontem não vou engravidar ,a gente não pode pensar assim, a gente tem que se prevenir sempre, sempre, sempre...*” (E2);

• “ *Na escola...pois eu acho que sim, mais palestras mais a...oh, pá, como é que se diz...*” (E1);

• “ *Deveria ser mais, incluindo os pais, também deveria vir ver, para falarem mais com os filhos porque, por exemplo, a minha mãe falava e coiso, mas claro que certos e*

determinadas coisas, claro que a minha mãe não mencionava, então, se calhar... houvesse mais... incentivo tanto das escolas como do centro de saúde ou mais, se calhar não havia tantas (risos) ” (E1);

- *“ Sim, num gabinete próprio ”. (E3);*
- *“ Sim, também para nos ajudar, porque a gente somos novos, a gente também não sabemos tudo, não é! Médicos, enfermeiros que nos ensinassem mais essas coisas ”. (E4);*
- *“ Apoios, enfermeiros e especialista no assunto. ” (E5).*

Quadro 12 - Categoria “Educação sexual na escola”

Categorias	Subcategorias	Entrevistas
Educação sexual na escola	Aulas de educação Sexual	E1; E2; E3; E4; E5
	Medidas de prevenção da gravidez	E1; E2; E3; E4; E5
	Parcerias com outras entidades e seus resultados	E1; E2; E3; E4; E5
	Testemunhos de jovens mães	E1; E2; E3; E4; E5
	Conselhos de mães adolescentes	E1; E2; E3; E4; E5

Podemos verificar que todas as adolescentes entrevistadas consideram a existência educação sexual na escola imprescindível. Em geral todas as jovens falaram da importância da disciplina de educação sexual nas escolas, não só como condutor de informação sobre variados temas relacionados com a sexualidade, mas também como forma de aconselhamento. Excepto uma das inquiridas, que refere que as aulas não servem para nada, porque os jovens não as levam a sério, não dão qualquer valor, como refere:

- *“ Aulas não vale a pena, porque só vão lá para a macacada, é que é mesmo assim, não sei, olha uma vez por semana dêem preservativos aos moços ”. (E3);*
- *“ Não, não eu já te disse, eles vão para as aulas para a macacada ”. (E3);*
- *“ Não, não é verdade o que tou a dizer! Vão lá para brincar e gozar e mais nada e para ganhar preservativos, só isso! ” (E3).*

A totalidade das adolescentes salienta a sua crucial importância das aulas de educação sexual na escola secundária, conforme se pode ver nas transcrições seguintes:

• “ *Sim, acho que sim, para tirarem certas dúvidas que às vezes as pessoas têm, ah, eu sei tudo! A pessoa não sabe tudo, acho que era mais uma mais-valia para aqui para a escola, mesmo para as miúdas elas instruíam-se mais um bocadinho* ” (E2);

• “ *Ficava mais a... tiravam as dúvidas, porque muitas moças no meu caso tinham vergonha de ir ao pé de uma pessoa e falar sobre isso, não é! Agora se houvesse aulas específicas para isso se calhar certas e determinadas duvidas que uma moça tem, se calhar... saia* ”. (E1);

• “ *Ensinava mais sobre o sexo, sobre o... as doenças, sobre os riscos que a gente corre, evitarem uma gravidez* ”. (E4);

• “ *Ah, para a gente prevenirmo-nos e ter cuidado.* ” (E5);

• “ *Sim os cuidados a ter, como prevenir como evitar e como tratar delas mais tarde.* ” (E5).

Dentro das medidas de prevenção da gravidez, no global as adolescentes referem os métodos de contraceção e de informação como forma de prevenção da gravidez, mas consideramos ainda o factor prevenção essencial, pois se não existir anula todos os outros - a maturidade. Podemos confirmar estas informações com alguns dos seus testemunhos:

• “ *(pausa) é assim por juízo na cabeça delas (risos) agente, se elas põem na cabeça que é como elas querem, agora nós fazemos o nosso papel (pausa) explicamos, informamos, se elas depois não querem seguir essas pisadas é com elas, mas desde o momento que nós explicamos tudo acho que já fizemos o nosso papel, é o que eu digo a algumas amigas minhas aproveitem agora que estão na escola estudem, não há algumas que dizem eu quero já ser mãe, não estuda arranja um trabalho, casa, arranja um bom marido que te ajude depois aí sim é que pensas nisso, agora neste momento aproveita a escola.* ” (E2);

• “ *O aparelho... que põem no braço (suspiro), preservativo e pilula, pode ser e não é!* ” (E1);

• “ *Sim, se tiver mais informação também evita certas gravidezes indesejadas, mas, às vezes é o calor da emoção e coiso, uma pessoa...!* ” (E1);

• “ *O melhor se calhar é a prevenção?* (E1);

• “ *Não há medidas de prevenção, (pausa) não há, quando acontecesse ou é por muito descuido nosso ou é como no meu caso que eu protegi-me, mas aconteceu na mesma, porque mais avisos do que o que há, mais por muito, preservativos dão ai em monte, a pílula tem bastante acesso, o emplanon que é o que tenho no braço que não deixa engravidar se não tomares o antibiótico, há muita coisa!* ” (E3);

• “ *Eu por mim se fosse hoje tinha logo metido o emplanon, não (pausa) ”.* (E4);

• “ *Mas como ele lhe disse á bocado mais informação que hoje em dia se vê adolescentes mães*”. (E4);

• “ *Ah... que houvesse mais filmes a falar com esses temas, a falar do assunto, explicações, depois enfermeiros, ir ...*” (E5);

• “ *Vídeos, aulas de educação sexual para explicar para prevenir, que mostrasse vídeos, tipo que as vezes a gravidez pode correr mal na adolescente, porque a mãe e muito nova e a criança pode ser muito pequenina e às vezes a mãe não tem leite suficiente para a criança, essas coisas.*” (E5).

Todas as adolescentes consideram importantes as parcerias com outras entidades e seus resultados, a exceção, novamente da mesma entrevistada que refere que não serve para nada, afirmando:

• “ *Olha nada, porque as mães não vão à procura!*” (E3);

• “ *Não vão à procura*”. (E3);

• “ *Não, é que não vão à procura, eu não fui e ninguém vai*”. (E3);

• “ *Sim, porque a gente tenta se resguardar o máximo possível, agente não vai à procura de ninguém, ninguém mesmo, se agente vai á procura é de uma amiga, nunca de uma pessoa de fora que agente nem sequer tem confiança, nunca na vida! Eu sei lá se vou falar coma médica e ela vai logo enfiar no “cú” da minha mãe, não sei! Obviamente que não vou logo falar com ela*”. (E3).

Exceptuando uma das raparigas, todas concordariam testemunhar para ajudar outras raparigas que tivessem a passar pela situação de serem mães, como podemos constatar de seguida:

• “ *Claro que sim!*”. (E1);

• “ *Não, faria, não é crime nenhuma quilo que fiz.*” (E2);

• “ *É porque as pessoas começam a pensar olham para nós e vêem que afinal de contas (pausa) a vida não é um mar de rosas como a gente pinta e por vezes temos que tomar um pouquinho mais de precaução.*” (E2);

• “ *Sim*”. (E4);

• “ *Sim, sim.*” (E5).

A totalidade da nossa amostra das adolescentes, referem não ter qualquer problema em aconselharas jovens que tivessem a passar pela mesma situação, mencionando como conselhos a privação da liberdade quando são mães, os problemas físicos e psicológicos que uma gravidez precoce pode acarretar, aquisição de muita informação e a utilização de

métodos contraceptivos (*emplanon*, pílula e preservativo), Podemos ilustrar estes dados com alguns dos seus testemunhos:

• “ *Se tivesses na altura de tirar, tiravas, por mim, agora se não tomasses cuidado com o que fazia, se decidisse seguir mesmo com a gravidez para a frente. Levar cuidados com ela e como bebé, ir às consultas, ser vigiada, ter que, uma... se uma gravidez para uma mulher já com certa idade é um perigo, numa adolescente ainda mais, porque derivada á estrutura, também depende da estrutura do corpo, daquilo que come, muito! Se bebe, se fuma... (pausa) esse tipo de cuidados que se for preciso que tivesse não tinha, mas que têm que ser a dobrar, não, não sei mais!*” (E1);

• “ *Que tens que cortar com certas saídas! Certas...*” (E1);

• “ *Eu já tinha 20 e no entanto quando tive, eu não saia muito, mas saia, tinha as minhas saídas, eu deixei de sair á noite, eu deixei de ir a jantares e saídas com gente, porque os sítios onde ia não podia levá-la e fica muito privada de uma vida, porque nessa altura é quando uma pessoa brinca, diverte-se mais...*” (E1);

• “ *E com o bebé é mais difícil, embora se tiver apoios, não muda totalmente, mas muda, porque teres um filho é sempre aquela, vais a algum lado vais procurar um trabalho, mas já tem um filho, é tão nova e pois as vezes acabasse por perder empregos, por causa de um filho, e eu sei que perdi um, porque a patroa não queria empregadas com filhos, porque tinha que dar... o meu filho adoecia e não podia trabalhar, prontos ter de arranjar outra pessoa e é muito complicado nessas idades, assim!*” (E1);

• “ *...por é assim elas estão na... escola engravidam acabam-se os estudos e que futuro elas podem dar aos filhos? (pausa) nenhum, não têm o estudo completo não podem fazer nada como eu queria fazer secretariado como tenho o estudo incompleto, ninguém vai-me dar trabalho por está incompleto e eu gostava de seguir mais para a frente!*” (E2);

• “ *E hoje ela olha para mim e tudo e eu farto-me de dizer a ela para ela aproveitar mais a vida e é o que ela tem feito, porque é assim ter um filho é bonito é, mas dá trabalho e priva muita coisa (pausa) as saídas á noite.*” (E2);

• “ *...é o que costume dizer às minhas amigas se tiverem que ser mães 25, 26, 27 ai sim, já aproveitaram a vossa vida, já aproveitaram o vosso namoro aproveitam o vosso casamento desfrutem de vocês os dois depois ai sim têm uma criança porque uma criança mete-se muito entre um casal e a pessoa praticamente deixa de desfrutar um do outro e é só a criança que a gente vê desfrutamos dela mais nada, deixa de haver aqueles namoricos que nós tínhamos, fins-de-semana fora num hotel com o namorado acaba isso tudo*” (E2);

• “ *Que conselho é que eu daria, não sei, porque (pausa) é uma coisa que agente, opa! acontece a gente sabe, eu por exemplo pensei, eu sei que me preveni, eu sei que fiz tudo para não ficar grávida mesmo assim aconteceu-me, pois tenho que levar para a frente, agente não há conselhos possíveis que agente possa dar. Podes dar uma força e dar o teu testemunho, por exemplo*”. (E3);

• “ *Ir ao centro de saúde, se informar sobre isso, usar a pílula ou mesmo a camisinha*” (E4);

• “ *As vezes a mãe quer curtir mais a vida, quer ir o baile, e essas coisas todas e não pode ir. Sair á noite... fica presa!*” (E5);

• “ *Ah... eu dizia como o mal já estava feito para avançar, não ia correr o risco de abortar depois um dia queria ter filhos não podia, às vezes, os abortos correm mal é uma pessoa depois quer ter e não pode, já que tava feito, era avançar e depois viesse o que viesse tinha que aguentar.* “ (E5);

• “ *A ter cuidado porque às vezes os partos nem sempre a gravidez corre como uma pessoa gosta ou pensa, às vezes pode ocorrer abortos a meio, pode acontecer várias coisas e uma pessoa pode não estar preparada para isso.*” (E5).

No quadro que se segue, mostramos de forma organizada e resumida algumas das características da amostra dos Docentes, diretor, enfermeiros e psicóloga:

Quadro 13 - Caracterização da amostra dos Docentes, Diretor, Enfermeiros e Psicóloga

	E (6)	E (7)	E (8)	E (9)	E (10)	E (11)	E (12)
Género	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino
Idade	55	50	34	54	47	51	50
Naturalidade	Olhão	Faro	Olhão	Olhão	Olhão	Olhão	Fuzeta
Local de residência	Olhão	Faro	Olhão	Olhão	Olhão	Olhão	Fuzeta
Escolaridade	Licenciatura	Licenciatura	Licenciatura	Licenciatura	Licenciatura	Mestrado	Licenciatura
Profissão	Professora	Professora	Professora	Diretor	Enfermeira	Enfermeira	Psicóloga
Tempo de serviço	23	33	8	7	22	30	27
Tempo que leciona na escola/ trabalha com adolescentes	19	29	6	28	20	15	27

A média de idades dos grupos de profissionais inquiridos é de 48,7 anos, todos naturais de Olhão com a escolaridade correspondente à licenciatura e um Mestrado em sua maioria mulheres.

A média de tempo de serviço, situa-se nos 21,4 anos (de salientar um inquirido que possui 33 anos de serviço depois dos 30 anos (E7)) e seis dos inquiridos trabalham com adolescentes há mais de 10 anos, exceptuando uma que só leciona a 6 anos:

Dos grupos entrevistados, a sua maioria reside no concelho de Olhão, à exceção de uma que vive em Faro. Todos os inquiridos referem gostar de trabalhar neste concelho que, apesar de problemático, é enriquecedor. Embora as profissões sejam bastante diversificadas, todos os entrevistados mostram paixão por aquilo que fazem.

3. Análise das entrevistas aos Docentes, diretor, enfermeiros e psicóloga

Como já foi referido anteriormente na caracterização das adolescentes será realizada a descrição, mas desta vez com o grupo de profissionais entrevistados, iniciando a investigação através do processo de análise, criando também uma grelha, com o Tema, as Categorias, Subcategorias e entrevistados. No fim iremos realizar uma pequena síntese dos resultados, comparando os aspectos mais importantes destes dois grupos de trabalho. Também é de salientar que este quadro sofre algumas alterações, enquanto o anterior foi subdividido em 10 categorias, este será somente em 5 e o conteúdo da grelha de análise continuará a ser composto por quatro.

Quadro 14 - Grelha de Análise, Tema, Categorias, Subcategorias e Entrevistados

Temas	Categorias	Subcategorias	Entrevistas
Prevenção da gravidez na adolescência	Grávidas adolescentes	Número de casos e contatos com estas	E10;E11;E12; E9
		Contatos dos professores	E6; E7; E8
		Média de idades	E11; E6; E7;E8; E12
		Procedimentos efetuados pelo órgão de gestão/Docentes/ Psicóloga/UCC e	E6; E7; E9; E10; E11; E12
		Como é realizado o encaminhamento	E6; E7; E11; E12
		Como tem conhecimento o órgão de gestão/Docentes	E6; E7; E8; E9
		Quais as verdadeiras razões da gestação	E6; E7; E8; E9; E10; E11; E12
		Existem outras entidades a trabalhar no SPO	E12
		Diálogo com os docentes	E6; E7; E8
	Métodos contraceptivos	Informação suficiente dos adolescentes	E6; E7; E8; E9; E10; E11; E12
	Apoios existentes na escola às grávidas adolescentes	Tipo de Apoios que presta (Psicólogos, Saúde e educação)	E6; E7; E8; E9; E10; E11; E12;
		São suficientes os apoios/sessões	E6; E7; E8; E9; E10; E11; E12;
		Quantas vezes são realizadas as sessões	E10
		Outros apoios que deviam existir	E6; E7; E8; E9; E10; E11; E12
	Educação sexual na escola	Aulas de educação Sexual, como e com quem?	E6; E7; E8; E9; E10; E11; E12
		Medidas de prevenção da gravidez	E6; E7; E8; E11
		Parcerias com outras entidades e seus resultados	E6; E7; E8; E11; E12
		Tipos de ações/iniciativas existentes na escola	E9
		Abordar a prevenção da gravidez, tendo em conta as suas consequências	E12
	Implementação de um projeto na escola	Considera viável	E6; E7; E8; E9; E10; E11; E12
Que tipo e com que associações/profissionais		E6; E7; E8; E9; E12	

Quadro 15 - Categoria “ Grávidas adolescentes”

Categoria	Subcategorias	Entrevistas
Grávidas adolescentes	Número de casos na escola e contatos com estas	E9; E10;E11;E12
	Contatos dos professores	E6; E7; E8
	Média de idades	E11; E6; E7;E8; E12
	Procedimentos efetuados pelo órgão de gestão/Docentes/ Psicóloga/UCC e GAA	E6; E7; E9; E10; E11; E12
	Aconselhamento e forma como são realizados os encaminhamentos	E6; E7; E11; E12
	Como teve conhecimento o órgão de gestão/Docentes	E6; E7; E8; E9
	Quais as verdadeiras razões da gestação	E6; E7; E8; E9; E10; E11; E12
	Existem outras entidades a trabalhar no SPO	E12
	Diálogo com os docentes	E6; E7; E8
	Reações de ambas perante o diálogo	E6; E7; E8

Relativamente ao número de casos de grávidas adolescentes na escola e contatos com estas, menos de metade dos entrevistados responderam, mas estas foram bastante diversificadas, como podemos constatar de seguida:

- “ *Espera ai, quanto mais um por ano, eventualmente!*” (E9);
- “ *Mas há muitos casos aqui na escola, sinceramente há muitos casos aqui na escola*” (E10);
- “ *(pausa) da secundária muito poucos, eu acho que não há mais, não posso dizer uma média, pra ai... uns quatro ou cinco, mais do que quatro ou cinco dos que passaram por cá* “. (E11);
- “ *De há cinco anos para cá! ...a... Oito, nove! Oito, nove.*” (E12);
- “ *Sim, ou melhor, tem havido muitas jovens grávidas adolescentes, porque o contactar é diferente, não é a... uma função minha, do serviço de psicologia e orientação, eu acompanhar, ou fazer prevenção, não é! Da gravidez, não é! Mas no entanto esses casos chegam ao gabinete.*” (E12).

Em relação ao contato dos docentes com as jovens, duas destas são de resposta curta e uma mais vasta, todos revelaram terem tido esse contato somente em ambiente de sala de aula, respondendo:

- “*Sim*”. (E6);
- “*Sim o ano passado*” (E7);
- “*O contato que tive com as jovens adolescentes foram duas, uma foi, já estava quase a ter a bebé, o ano letivo começou em setembro, em setembro já tinha oito meses de gestação, portanto ela veio às aulas inicialmente, mas tava praticamente a ter o bebé e nunca mais voltou à escola, que eu soube!*” (E8);
- “*...o outro caso de gravidez na adolescência foi na mesma turma, mas já no 3.º ano do curso e que a aluna começa a ficar com a barriga um pouco maior a... não sabendo então se era de engordar ou se era mesmo da gravidez que ela era assim um pouco forte...*” (E8).

No entanto, é de referir que no grupo das docentes, apenas uma teve um discurso bastante coerente e fluente, isto deveu-se ao facto de existir uma relação de empatia entre o entrevistador e o entrevistado.

A média de idades das grávidas adolescentes nesta escola, variam entre os 15 e aos 19 anos, como referem os cinco inquiridos que responderam:

- “*16 ...15 a 18*”. (E6);
- “*Era uma menina com 19 anos a...vivia com o namorado e teve que deixar...*” (E7);
- “*15, 16, 17 dos 15 aos 17 anos.*” (E8);
- “*Dezasseis, dezassete anos.*” (E12);
- “*Dezasseis, dezassetes, dezasseis, dezassetes*” (E11).

Dos sete entrevistados, seis referem quais os procedimentos efectuados nas quatro áreas de intervenção, as actuações efectuadas na escola processam-se normalmente através do professor que quando tem conhecimento do (s) caso (s), comunica ao diretor (a) de turma, que por sua vez comunica ao órgão de gestão, accionando de imediato o SPO, este atua com o centro de saúde (enfermeiras do gabinete de apoio ao adolescente) e com outras entidades caso o considere pertinente, conforme se pode ver nas transcrições seguintes:

- “*Essas alunas foram encaminhadas para a psicóloga da escola.*” (E6);
- “*...portanto, normalmente activa-se com a psicóloga e o centro de saúde para depois proceder ao acompanhamento das consultas e daquilo que esta regulamentado para este tipo de situações, de modo para que as alunas sejam acompanhadas até a gravidez e após gravidez, que já tem acontecido!*” (E9);

• “... este é um gabinete de apoio ao adolescente, não é, aqui pode aparecer uma adolescente grávida, mas o âmbito não é esse, o âmbito é pronto, a...acolhimento a... recepção do adolescente, orientação, não é, esse é no âmbito, esse é o nosso maior, é o geral, pontualmente nessas adolescentes pode aparecer uma que esteja grávida, por acaso não apanhamos muito, mas pronto. “ (E11);

• “ É feito depois de confirmado a gravidez e...é feito um aconselhamento do ensino e são seguidas as gravidezes de alto risco no hospital de Faro, são encaminhadas imediatamente para o hospital de Faro, seja qual for o caso, não e, ou querem seguir ou querem interromper vai tudo para o hospital” (E11);

• “ ... tento sempre saber se há um parceiro, não é! Se há um parceiro por detrás, portanto, se é um companheiro, ou namorado, uma relação estável, ou não se foi fruto de uma relação pontual, a... se, portanto houve utilização de métodos contraceptivos que falharam e portanto, tento saber sempre, o que é que aconteceu, não é! Aquela gravidez aconteceu por algum motivo, não é! Ou o mau uso de contraceptivos ou o não uso, pronto e depois se é fruto de uma relação estável ou não, e depois tento contextualizar aquela jovem no meio familiar, portanto se é um meio, portanto socioeconómico ou cultural desfavorecido, se a jovem habitualmente conversa com os pais, sobre essa problemática, com os amigos, se o próprio namorado ou companheiro, ou parceiro já sabe, e ...portanto e pronto, tento abordar essa questão e depois encaminho, não é! Pergunto à jovem o que quer fazer, não é! A... se está a pensar continuar com a gravidez ou não e depois encaminho para o centro de saúde, para o gabinete de apoio ao adolescente que funciona muito bem e com o qual eu articulo muito, já tenho articulado muitas vezes.” (E12).

Na subcategoria de aconselhamento e a forma como é realizado o encaminhamento às jovens mães, no que se refere às três docentes, duas revelaram que as alunas já estavam a ser encaminhadas fora da escola por médicos e familiares não necessitando de serem seguidas na escola, a outra professora referiu que não valia a pena, isto talvez pelo facto de sentir-se desconfortável, pouco à vontade com a situação. No gabinete de apoio aos adolescentes o encaminhamento, normalmente é efetuado através dos jovens que procuram o serviço. Estes, na sua maioria, procuram o gabinete encaminhados pela psicóloga da escola, ou seja, existe um trabalho conjunto entre estas entidades. Esta salienta que o encaminhamento é efetuado através dos jovens que procuram o serviço, mas esta procura só sucede quando não existe suporte familiar. Conforme se pode constatar nas transcrições seguintes:

• “A pessoa uma vez que ela já estava a ser encaminhada, porque quando ela chegou cá já tinha 4 meses de gravidez, portanto ela já estava, já tinha uma gravidez toda ela

devidamente acompanhada e pouco precisou que nós disséssemos, ela até como se via em princípio não precisava de acompanhamento nenhum mesmo no segundo caso não, nada de acompanhamentos.” (E6);

• *“ Não, não foi necessário, ela estava bastante, aliás era uma pessoa que para a idade muito adulta não é assim uma miúda de que não soubesse aquilo que queria, não, ela sabia o que queria, estava orientada nesse sentido, até porque o apoio familiar, acho que neste caso foi muito ativo.” (E7);*

• *“ A... essa rapariga na altura, não era diretora de turma, mas penso, ela não estava traumatizada a cem por cento, sentiu-se um pouco menos á vontade para falar sobre o assunto a... mais ela não foi, não foi acompanhada, eu também acabei por não aconselhar, porque pensei que... não valesse a pena! “ (E8);*

• *“ Há algumas que vêm por vontade própria há outras que vêm encaminhadas pela psicóloga da escola que muitas vezes nos pede apoio ” (E11);*

• *“ A ...há uma coisa, uma situação e outra, portanto aquele rapaz que me procurou, surpreendeu-me imenso, portanto veio tipo bateu à porta, perguntou se podia entrar, fechou a porta com muita velocidade e sentou-se e começou a falar comigo, pediu-me sigilo e eu disse que tinha todo o sigilo e portanto por iniciativa própria. A... geralmente quando a... há compreensão por parte da família, não é! E não é um meio familiar muito baixo, não me procuram, portanto é, é ...aceite pela família, há uma tranquilidade, há apoio, quando não há apoio, quando não há esse apoio é que as jovens me procuram.” (E12).*

Dos sete inquiridos, somente os docentes e o órgão de gestão revelam como tiveram conhecimento destes casos, os educadores souberam devido ao estado avançado de gravidez das adolescentes, ou através das suas colegas. Também é de salientar que nas entrevistas realizadas às adolescentes e em estudos efetuados que os jovens têm muita dificuldade em dialogar com os adultos, porque pensam que estes não sabem guardar segredo, tendo receio de serem denunciados. Por sua vez, o diretor menciona que geralmente não é por norma ser somente o diretor (a) de turma a comunicar ao órgão de gestão os casos, mas também a professora da disciplina e a psicóloga. Estes referem que:

• *“ O primeiro caso não soube, só pelas colegas, o segundo caso que aconteceu o ano passado foi a aluna que disse que estava grávida e já se via.” (E6);*

• *“ **Que soube depois de ver a barriga?** Sim, a que entrou na sala tinha oito meses a... na altura ia dar aquela turma saúde infantil e por acaso é uma disciplina que tem no programa a própria gravidez, parto e recém-nascido e a... essa foi um caso, o outro caso de gravidez na adolescência foi na mesma turma, mas já no 3.º ano do curso e que a aluna começa a ficar*

com a barriga um pouco maior a... não sabendo então se era de engravidar ou se era mesmo da gravidez que ela era assim um pouco forte, até que soube que ficou grávida, porque foi fazer o aborto!” (E8);

• *“ E nessa altura ela não chegou a comunicar nada? Não comentou, não era diretora de turma, não sabia de nada, só fiquei a saber que ela tava grávida, porque as colegas disseram que ela estava a faltar porque estava de baixa médica por ter ido fazer um aborto. Foi dois casos que tive de gravidez na adolescência, uma já no termo, a outra no início, mas depois abortou. “ (E8);*

• *“ Normalmente através ou da professora da disciplina ou pela psicóloga... professora da disciplina, diretora de turma ou pela psicóloga.” (E9).*

Todos os entrevistados referem quais as reais razões destas jovens engravidarem. A técnica do SPO salienta que tem a ver com o pensamento mágico, ou seja, pensarem que nada lhes pode acontecer e a outra tem a ver com o desconhecimento de certos pormenores relacionados com a contraceção. Já as enfermeiras dizem que os motivos da gravidez são variados, tendo a ver com valores culturais, sociais, e também devido ao facto de pertencerem a famílias numerosas em que é normal engravidar muito precocemente; ou simplesmente para saírem do tipo de vida que levam para se sentirem adultas e capazes de criar uma família. Também mencionava a pouca importância que dão à tomada pílula, ou seja, o facto de haver um esquecimento na toma ou não tomarem á hora certa ou mesmo conjuntamente com um antibiótico, pensam que não vai acarretar qualquer problema. Muitas das vezes são coisas básicas a que deveriam ter atenção e, devido à falta de maturidade não acontecem. No entanto, também existem aquelas raparigas que obtêm toda a informação, mas como querem ficar com aquele parceiro engravidam propositadamente para o conseguirem, embora no fim as coisas não corram como desejado e tudo se desmorone. Por fim, o diretor e os professores frisam que as razões de existirem estes casos nesta escola, não se deve somente ao estrato social, mas também ao comportamento imaturo das jovens para lidarem com estas situações:

• *“ Pois era o que eu dizia, não é! Muitas vezes elas têm informação, não é! Agora há sempre o pensamento mágico de que aquilo acontece aos outros, não é! E Pois o desconhecimento de certos pormenores, não é! Por exemplo, a...ou falham a pílula e depois se calhar não sabem como retomar, por exemplo, ou então interferência de, de outros medicamentos, por exemplo, o antibiótico corta o efeito, ou o estado de saúde, por exemplo, uma diarreia pode cortar o efeito da pílula, ou então a... simplesmente não tomam a pílula, a... o namorado não gosta, por exemplo, usar preservativo ou então numa primeira vez*

acham que na primeira vez não vai acontecer, mas é também é um bocado o pensamento mágico de achar que isso só acontece aos outros, não é!” (E12);

• *“ a... para além de ser a situação da inexperiência e da vergonha e de não se conhecerem suficientemente um ao outro também tem a ver com situações culturais há situações em que elas engravidam cedo porque é cultura, faz parte da cultura delas, não é, é habito”. (E10);*

• *“ Vem de famílias, não é, e há culturas onde isso é normal, por exemplo, na etnia cigana é muito normal elas serem mães cedo, faz parte elas são ensinadas a serem mães cedo, portanto aquilo para elas é normal, questões sociais, muitas vezes são famílias numerosas famílias disfuncionais em que elas na gravidez é uma forma de saírem daquela vida e entrarem noutra, a... o sentirem-se adultas acharem que já são muito adultas então eu vou provar que sou adulto, não é, a... e também a... pensarem que só acontece aos outros, não é, a... penso que essencialmente, tem a ver com a revolta em relação aos pais também”. (E10);*

• *“ Mas se calhar muitas vezes a razão é mesmo essa é elas e eles o casal, não é, elas ficam grávidas mas a responsabilidade é dos dois, a... é de não utilizarem o preservativo ou de não terem ou acharem que o facto de não tomarem a pílula á hora certa não é importante ou se acharem que se deixarem de tomar um comprimido não há problema nenhum ou não tomam precauções até ao fim da embalagem, não é! Portanto é aquela irresponsabilidade que eu acho que é próprio da idade, eles não conseguem medir as consequências é a maturidade, não é!” (E10);*

• *“ Há muitas que depois de informadas querem ficar mesmo com aqueles rapazes e querem, querem, querem, engravidam, essencialmente por isso acham piada terem um bebé e pensam que aquele namorado vai ser o companheiro ideal para a vida inteira e muitas vezes as coisas não são bem assim, não é regra mas temos casos desses temos casos da falha do método, até tomaram a pílula mas houve uma festa de fim-de-semana e de álcool ao fim de semana e ai acabou tudo, pronto esquecimento da pílula, portanto basicamente a falha do método contraceptivo habitual por vários motivos inclusive porque no auge da festa nem se lembram que há uma pílula para tomar, não é.” (E11).*

No seguimento da questão colocada à psicóloga da escola, referente a outras entidades a trabalhar com o SPO, esta profissional salientou não existir outras entidades a trabalhar com o serviço; só em casos sinalizados pela Comissão Protetora de Crianças e Jovens em risco que são imediatamente articulados pelo centro de saúde. Assim revela-nos o seguinte:

•“ *A comissão de jovens, portanto só se não há uma família por detrás, não é! Pronto, quando não há uma família por detrás, não é! Mas isso aí, essa jovem já está sinalizada pela escola, sinalizada aliás, porque a comissão, a CPCJ entra muito em contato com a escola, através do diretor de turma e do serviço de psicologia e orientação e pede trimestralmente informação à escola sobre comportamento, assiduidade e aproveitamento, não é! Portanto, nós aí já sabemos que aquela jovem é uma jovem já sinalizada, tem processo agora, portanto se é uma jovem que tem processo na comissão de proteção, claro que nós comunicamos/articulamos coma CPCJ que de imediato articulará com o centro de saúde, portanto o centro de saúde tem uma estrutura que funciona muito bem, muito, muito bem!”* (E12)

Para finalizarmos este conjunto de subcategorias iremos falar do diálogo das docentes com as adolescentes e das ambas as reações. Na primeira, as jovens pouco falaram com as suas professoras e/ou diretora (e)s de turma, uma conversou, porque estava interessada em prosseguir os seus estudos, mas que depois não veio a concretizar-se e outras pelo facto de terem sido abordadas pelas professoras. Enquanto na segunda, a reação das jovens foi de à vontade perante a abordagem das docentes. Afinal os casos estavam à vista de todos. Em relação às professoras somente uma ficou surpreendida talvez por ser a primeira vez que lidou com uma situação destas e também por possuir pouca experiência como mãe e professora. Assim partilharam as docentes:

•“ *Falamos, disse os problemas todos que ela iria enfrentar, disse que não havia problema que estava tudo controlado. O que não se veio verificar depois, não é!”* (E6);

•“ *Sim ela veio falar comigo como diretora de curso, na época diretora de turma, porque inicialmente ela tinha uma pessoa que iria ficar com o bebé, a partir da data, um mês a partir da data do nascimento, a... depois essa pessoa deixou de ser prestável nesse sentido e foi por causa disso que ela deixou de frequentar a escola.* “ (E7);

•“ *O primeiro caso a ... acabei por estar pouco tempo com ela, porque ela tava na aula eu estava a dizer qual era o programa da disciplina e disse então antecipaste-te e até brinquei um pouco (risos) tu antecipaste-te eu ia explicar o que era a gravidez e tu antecipaste-te com o bebé, ela riu-se, mas a partir daí só veio às aulas...”* (E8);

•“ *Essa que estava grávida sim, essa que tava no fim da gravidez sim, o outro caso ela nunca comentou, por eu ser professora dela, ela nunca comentou o facto de tar grávida a... após o aborto quando regressou a... eu nunca puxei o assunto diretamente com ela, no entanto estava a lecionar o módulo de saúde infantil, vamos sempre buscar a gravidez; o parto e o acompanhamento pré-natal etc, e senti da parte dela em que cada vez que tocava no*

assunto bebé, recém-nascido, parto, isso não lhe era indiferente, e ela dizia e soube que abortou por razões económicas.” (E8);

• *“ Sim, sim falava a vontade, quando ia á médica também falava connosco o que a médica dizia, a pediatra não! A médica que a acompanhou na gravidez, falava com as colegas, falava na aula, dizia o que tinha comprado para o bebé, tudo!” (E6);*

• *“ Ah, Já nada me surpreende, já nada surpreende hoje em dia elas engravidam com muita facilidade.” (E7);*

• *“ Ela sentiu-se à vontade nessa conversa que teve? Sentiu-se. “ (E7);*

• *“ Em falar, não teve qualquer problema? Não, não teve não. “ (E7);*

• *“ O primeiro caso foi a primeira vez que tive uma aluna grávida na... no nível secundário mesmo no nível básico onde leciono a... hum fiquei surpreendida, porque pronto foi a primeira vez que vi ser tão nova, entretanto (risos) a partir dai a...o primeiro contato a reação foi (pausa) penso que normalmente, mas por dentro ser a primeira vez.” (E8).*

Quadro 16 - Categoria “Métodos contraceptivos”

Categoria	Subcategorias	Entrevistas
Métodos contraceptivos	Informação suficiente dos adolescentes	E6; E7; E8; E9; E10; E11; E12

Na leitura deste quadro, podemos verificar que todos os entrevistados mencionam que as jovens possuem informação suficiente sobre métodos de contraceção, que no entanto se torna excessiva. Deveria haver mais educação sexual para que os jovens soubessem a forma adequada de utilizar os métodos de prevenção, ou seja, existe muita informação, nas escolas, nos centros de saúde, nas ações de formação realizadas nas escolas, na internet, na televisão. O problema é que as adolescentes não retêm a informação e isto deve-se á falta de maturidade. É a tal situação as adolescentes pensam que sabem tudo, mas na realidade não sabem quase nada, excesso de informação provoca desorganização desta. Revelamos alguns testemunhos:

• *“ Ela tomava a pílula neste caso, no primeiro caso não sei, porque ela estava grávida, no outro caso ela tomava a pílula e acabou por me dizer, posteriormente ao ter abortado, pronto que tinha sido uma falha, um antibiótico que tinha tomado, uma falha qualquer que deu para engravidar logo. Falhando isso o método contraceptivo de barreira e a maior parte das miúdas toma a pílula e fica descansada e...é necessário sempre de realçar*

o facto das doenças e da gravidez porque...pode falhar a pílula, não é cem por cento eficaz é isso mesmo.” (E8);

•“ *Não creio! Puderam dizer que sim, mas, a... não crê que têm toda a informação.” (E9);*

“(pausa) não a não ou seja, as que engravidam certamente que não possuem porque se elas engravidam ou também porque a informação que têm ou não é adequada ou foi insuficiente a... se no geral considero a... eu penso que sim porque de facto hoje em dia há montes de sítios onde elas podem procurar informação, há muita gente disponível para falar com elas, há projetos, diretamente, direcionados para essa temática para adolescentes, portanto, penso que hoje em dia não há razão para eles não terem essa informação, se ela é utilizada no caso da gravidez na adolescência pois certamente que não, pois se elas engravidam é porque não utilizam a informação que têm”. (E10);

•“ *Pois o problema de procurar (pausa) ou acharem que essas coisas nunca acontecem com eles a... acharem que são coisas pouco prováveis de acontecer depois é portanto faz parte mesmo da idade deles do momento em si, a não utilização da informação e dos métodos que têm ao seu dispor”. (E10);*

•“ *É assim, é-lhes fornecida informação, não vamos, claro, elas têm por vários, por televisão, pela internet, pelos professores é, agora como é que elas processam a informação é isso é que é, porque elas até sabem quando as questionamos, mas às vezes portanto naquilo há um esquecimento do que lhes foi transmitido, portanto informação não podemos dizer que elas não têm, porque elas têm informação acessível, mas depois elas não retêm.” (E11);*

•“ *Eu diria que informação sexual há muita, agora educação sexual não haverá tanta, porque é muita, é, é... uma poluição, vamos lá, é um excesso de informação, agora eles partilharem a... qual será o mais adequado para ele, por exemplo, o mais adequado para elas ou então para eles jovens, portanto eles recebem muita, excesso de informação, agora o uso efetivo desses contraceptivos, ou o mais adequado, eu penso que isso não é feito, isso faz parte de educação sexual. Não é! “ (E12).*

Quadro 17 - Categoria “Apoios existentes na escola às grávidas adolescentes”

Categoria	Subcategorias	Entrevistas
Apoios existentes na escola às grávidas adolescentes	Tipo de Apoios que presta (Psicólogos, Saúde e educação)	E6; E7; E8; E9; E10; E11; E12;
	São suficientes os apoios/sessões	E6; E7; E8; E9; E10; E11; E12;
	Quantas vezes são realizadas as sessões	E10
	Outros apoios que deviam existir	E6; E7; E8; E9; E10; E11; E12

Na análise desta categoria todos os inquiridos mencionam os tipos de apoios existentes, se são suficientes e outros que deveriam existir na escola, para evitar a gravidez na adolescência. Cada um deles oferece o apoio adequado às suas funções. A psicóloga primeiramente tenta saber ao pormenor todo o historial da jovem e depois tem a tarefa de encaminhar para o centro de saúde de Olhão. No caso das enfermeiras, uma realiza apoio individual às jovens, só após as sessões em contexto sala de aula e quando abordada. Esta também encaminha as jovens para o gabinete de apoio ao adolescente ou para o médico de família. O mesmo sucede com a outra enfermeira e toda a sua equipa de trabalho: aconselham e encaminham as adolescentes, caso necessário, para o médico de família, psicólogo, técnico de ação social e nutricionista. Na opinião das docentes os apoios psicológicos na escola, no geral não subsistem, encontrando-se patente o apoio de familiares e de amigos, porque ainda existe o preconceito de falar sobre o assunto, ainda mais quando este é com um adulto e muitas das vezes desconhecido. Quando falam ou é com uma amiga, ou com a professora com quem têm mais afinidade, ou mesmo comum funcionário da escola. Assim testemunham connosco:

• “ Poucos, ela praticamente não recorreu, nem á psicóloga nem a ninguém, porque ela dizia que tinha o acompanhamento da mãe do namorado e da mãe do namorado, não precisava que ninguém a acompanhasse!” (E6);

• “ A... eu sei que o gabinete de apoio, o SPO está atento e não sei de metade dos casos, portanto soube destes dois casos, porque envolveu-as diretamente na minha turma, mas tenho conhecimento que mesmo após a..., ter conhecimento aqui na escola que após o aborto têm acompanhamento...” (E8);

• “ *Portanto temos o serviço de psicologia, que a partir do momento que são identificados os casos, portanto faz todo o acompanhamento e, simultaneamente o reencaminhamento para o centro de saúde e as equipas de apoio.*” (E9);

• “ *É assim, eu não contato individualmente com essas alunas, contatava quando estava no gabinete do adolescente, neste momento já não contato, contato com essas alunas em contexto turma, não é a... pontualmente, talvez há algumas que vêm falar comigo individualmente no fim das sessões, pedir opiniões e pedir ajuda a que tipo de orientação a... muitas vezes oriento-os para o gabinete do adolescente ou para o médico de família elas é que têm que decidir se preferem ser vistas pelo médico de família ou se preferem ser vistas num sítio anónimo em que ninguém as conhece que é o gabinete do adolescente a... e outro tipo de apoio que eu presto orientação aqui a nível da escola através das sessões de educação sexual, são feitas a... nas turmas onde há solicitações, através da professora Vanda e trabalho com eles a nível do 2.º e 3.º ciclos portanto até eles virem para o secundário, trabalho desde o 5.º ao 9.º ano, fazendo duas sessões de educação sexual por ano*”. (E10);

• “ *A... bem cada caso é um caso para começar, não é, e há outro apoio a que nós damos aqui em termos de gabinete em termos de enfermagem em termos médicos em termos de orientação também se for preciso recorremos aos técnicos, temos o nosso centro de saúde estamos a falar em termos de psicologia em termos de assistente social a nível da nutrição, portanto temos um leque de técnicos que nos podem ajudar que quando é necessário nós pedimos e ajudamos, não é.*” (E11);

• “ *Pronto é isto tudo que eu já disse, aquele primeiro atendimento é muito importante, ai vê-se logo se a jovem esta segura, se é madura, a... se tem por detrás apoio familiar ou não, se o pai da criança está envolvida ou não naquela relação, se é uma relação e depois orienta-se para o centro de saúde, é logo é uma entidade muito importante de encaminhamento.*” (E12);

Quando perguntamos se os apoios são suficientes, o SPO refere nunca serem suficientes, porque sempre vai haver casos de gravidez na adolescência. Os jovens iniciam cada vez mais cedo a sua atividade sexual e muitos pais ainda não se encontram preparados para aceitar essa rápida mudança, tendendo a fugir do assunto. Isso obriga os jovens a procurar informação, muitas das vezes pelas vias menos corretas, onde esta é banalizado e excessiva, o que os adolescentes não retenham o essencial. No entanto, as enfermeiras têm opiniões muito

distintas: a primeira não considera suficientes as sessões dadas na escola que realizam-se duas vezes por ano e só com alunos do 10.º ano, quando deveriam ser com todos os anos de escolaridade e realizadas mensalmente, e em conjunto com professores, centro de saúde, psicóloga, associações do Concelho. Já a segunda enfermeira afirma que os apoios são suficientes, tal como o diretor; que salienta estar de acordo com as possibilidades que a escola possui, mas pensamos, que tal aproveitarmos aquilo que já temos e juntarmos outras entidades para assim conseguirmos dar resposta a este flagelo social. O diretor também salienta que os apoios podem não ser suficientes, mas estão dentro da disponibilidade da psicóloga. No grupo dos docentes, estes consideram que deveria haver mais apoios, mas se os alunos não tiverem receptivos, nunca serão suficientes.

• *“ Os apoios, os apoios na escola, há poucos apoios, os apoios que poderá haver são portanto aquelas sessões de esclarecimento que são feitos todos os anos, nomeadamente aos alunos do 10.º ano em que vem uma enfermeira ali do centro de saúde e que os sensibiliza para os perigos que podem acontecer!” (E6);*

• *“ Para aquilo que está... nas mãos da escola sim, qualquer das maneiras todos os apoios...as ações de sensibilização a... que não abarcam a todas as turmas, porque não há capacidade para isso, no centro de saúde através da enfermeira Lam a... que vem á escola todos os anos fazer sempre sessões, inserida no Gabinete de apoio ao aluno.” (E9);*

• *“ Não pelos vistos não são pois continuam a haver casos de gravidez na adolescência é porque não são”. (E10);*

• *“ São duas vezes por ano nas turmas que se candidatam, normalmente quem organiza isso é a professora Vanda, nos últimos dois anos tenho trabalhado mais com cursos profissionais, a nível, por exemplo do ensino regular não tenho trabalhado, porque é o que a escola solícita é aquilo que eu faço”. (E10);*

• *“ Sim já achamos que sim que são suficientes” (E11).*

Para concluirmos, o tema dos apoios que deviam existir, gostaríamos de salientar que quase todas as profissionais referiram a existência de um gabinete individualizado na escola constituído por enfermeiros, médicos, psicólogos, educadores sociais, entre outros. O maior problema dos jovens pode ser o medo e a vergonha de procurar esse serviço. Também apostam na existência de parcerias deste estabelecimento de ensino com associações do Concelho e na existência de palestras e conferências abordando o tema da sexualidade. No

entanto, as enfermeiras também apoiaram bastante a presença de grupos de jovens que testemunhassem situações já vivenciadas, isso permitia um melhor envolvimento e motivação por parte dos adolescentes. Por fim, apesar de o diretor considerar adequados os apoios existentes na escola, pensamos que mais poderia ser feito neste sentido, para motivar não só os alunos, mas toda a comunidade escolar. Os seguintes excertos ilustram as nossas interpretações:

• “ *Se houvesse uma equipa médica ou de enfermagem prestar serviço á escola talvez, eventualmente pudesse ajudar mais esses alunos, todos no geral.* ” (E6);

• “ *Acho que antigamente faziam várias conferências, palestras e que a... eram muito elucidativas de... de todos os assuntos inerentes á sexualidade destas jovens, rapazes e raparigas a... e que deixaram de existir, muitas eram fomentadas pela escola, outras eram fomentadas pela associação de alunos da escola que hoje em dia está parada, não se vê nada disso e isso acho que isso era uma mais-valia para os jovens uma vez que elucidava um maior número de alunos e que poderia abrir uma perspetiva para eles colocarem questões às pessoas que cá viessem que deveriam ser enfermeiros, médicos ligados à área, acho que era uma mais-valia para os jovens que são pouco elucidados mesmo com muita publicidade a cerca do assunto, mas são pouco elucidados para a... gravidade às vezes de uma gravidez indesejada a... e de todos e das doenças sexuais, todas essas a... coisas que eles realmente desconhecem.* ” (E7);

• “ *Estas são as adequadas, basta que para o efeito, muitas vezes, nós tenhamos, mas para que o efeito os alunos procurem também, a... esse apoio!* ” (E9);

• “ *Existência de um gabinete que existe aqui na escola, não é, mas eventualmente existindo um técnico de saúde nesse gabinete, quinzenalmente por exemplo, uma enfermeira ou um médico a...talvez a...fosse eficaz para elas e eles irem individualmente pedirem apoio ou tirar alguma dúvida essa estratégia seria uma eventualmente a... (pausa) talvez haver também a...uma parceria da escola com instituições que trabalham com jovens aqui em todo o concelho, não sei a MOJU a Casa da Juventude, a associação de planeamento familiar, o instituto da juventude, talvez por aí* ”. (E10);

• “ *...E também acho que era muito importante haver um gabinete de apoio individualizado, porque há muitas jovens que têm vergonha de se expor, não é! Numa dinâmica de grupo, por exemplo, que é bastante útil e nesse caso adequa-se bastante a estas*

jovens, mas há muitas jovens que são inibidas, retraídas e então devia haver hipótese de um gabinete de apoio individualizado, não é! A caixinha das dúvidas também é importante, não é! Em que, por exemplo nessa dinamização, nessas sessões é importante descrever dúvidas anonimamente e depois uma sessão de resposta, portanto vão estar lá todas as jovens que vão ter resposta, porque a resposta as perguntas estão lá são anónimas, mas ela vai obter resposta, mas o apoio, o tal apoio de gabinete, apoio individualizado é muito, muito bom.” (E12).

Quadro 18 - Categoria “Educação sexual na escola”

Categoria	Subcategorias	Entrevistas
Educação sexual na escola	Aulas de educação Sexual, como e com quem?	E6; E7; E8; E9; E10; E11; E12
	Medidas de prevenção da gravidez	E6; E7; E8; E11
	Parcerias com outras entidades e seus resultados	E6; E7; E8; E11; E12
	Tipos de ações/iniciativas existentes na escola	E9
	Abordar a prevenção da gravidez, tendo em conta as suas consequências	E12

A educação sexual na escola ainda possui um carácter intocável, apesar de ser obrigatório no plano nacional de saúde escolar. Mas é de extrema relevância começar a abordar estes temas ligados à sexualidade logo de tenra idade, para que desde muito cedo os jovens não sintam medo e vergonha de falar, como hoje em dia podemos constatarem muitos dos jovens. A maioria dos entrevistados concorda, plenamente, com as aulas de educação sexual na escola e todos expressam as suas opiniões que acabam por ser bastante homogêneas, mas complementam-se entre si.

As enfermeiras referem que as aulas de educação sexual, apesar de ainda não se ter obtido grandes resultados não quer dizer que deixem de existir, e os próprios jovens dizem que devem continuar, porque também é uma forma de adquirirem informação e tirarem dúvidas que necessitam e que não têm em casa. Numa primeira fase, estas aulas não deveriam restringir-se só à escola, mas também alargar-se a toda a comunidade escolar: primeiramente às famílias, aos pais, para que estes se sintam preparados e à vontade para falar deste tipo de assuntos com os filhos; e numa segunda fase aos funcionários da escola, pois muitas das vezes os jovens sentem-se mais à vontade para falar com um professor ou um auxiliar do que com os próprios pais. Desta forma toda a comunidade estaria preparada e formada para ajudar os

adolescentes, mas para isso seria muito importante que essas pessoas tivessem um certo perfil e uma certa empatia com estes jovens. A psicóloga diz que estas aulas, primeiramente, deveriam ser ministradas por uma pessoa perita na área e que tivesse uma certa sensibilidade para lidar com estas situações; e que fossem abordados temas relacionados com a contraceção, a forma de usar, o porquê da sua utilização, os mais adequados, as consequências que uma gravidez na adolescência pode acarretar para a vida de uma jovem, as doenças sexualmente transmissíveis e os problemas psicológicos e físicos que podem surgir nesta fase da vida. O diretor salienta que o grande problema da educação sexual na escola é o facto de os alunos não levarem a disciplina a sério, devido a ser um tema já muito debatido nos meios de comunicação social, eles levariam mais a sério se a matéria fosse dada por professores da área. Para concluir, a totalidade das professoras concordam com as aulas de educação sexual na escola, apesar de acharem que não resulta, porque estes não levam o tema a sério, devido à falta de maturidade. Contudo, penso que se estas aulas fossem realizadas como refere uma das professoras entre os próprios alunos, haveria mais motivação e não tanta desconfiança. Conforme se pode ver nas transcrições seguintes:

- “ *Acho que a... seria uma mais-valia para os miúdos, não garantia que não houvesse gravidezes indesejadas nem nestas idades, mas seria com mais consciência, penso eu!* ” (E7);

- “ *...acho que uma educação sexual a... aqui na escola que seria uma coisa muito importante na vida destas jovens a... porque eu acho que vivem muito na rua a... numa forma mais liberta.* ” (E7);

- “ *Sim, oficialmente, mas esta estratégia de ser entre os próprios colegas, falarem uns para os outros com informação trabalhada e cientificamente carreta, vista pelos professores, mas cada vez mais não ser aula de educação sexual que o professor chega lá e fala no preservativo, fala dos DST's , fala na gravidez, mas a... entre eles, entre os próprios jovens, aqueles que têm consciência que se deve fazer, falarem com os outros mais novos ou da mesma idade que têm um feedback em casos completamente diferente.* ” (E8);

- “ *É assim, se elas fossem feitas a... ou se fossem interiorizadas pelas alunas sim, porque na disciplina de biologia e ciências naturais do 8.º e 9.º anos já falam sobre contraceptivos e problemas de risco, uma série de coisas, mas os alunos provavelmente não darão a devida atenção e a educação sexual em termos das escolas pouco é feita a não ser nas disciplinas de biologia, nas matérias inseridas e que se adequam.* ” (E9);

- “ *Eu acho que sim, por isso continuo a investir nisso, por isso contínuo as aulas que neste momento fazem parte, são obrigatórias, não é, a partir do 1.º ciclo a... e também fazem parte do plano de saúde escolar é também um tema obrigatório no programa de saúde*

escolar e...eu continuo a achar que embora até aqui não se tenha obtido grandes resultados, considero a achar que é uma mais-valia". (E10);

• *“ Seriam essas ações a nível das escolas talvez uma maior abertura das famílias para falar destas questões, não é, esses gabinetes de apoio com informação não só para os próprios adolescentes com técnicos preparados para darem formação aos adolescentes, também para os pais haver ações de sensibilização de formação para os próprios pais como é que eles podem falar destas coisas como é que podem responder às perguntas que eles fazem que se calhar não fazem na adolescência mas fazem com o tempo e que os pais muitas vezes não sabem responder dizem que essas coisas não são para falar e eles depois desabitua-se de falar dessas coisas e acabar por... se eles não falam logo em pequeninos depois em adolescentes não falam e muitas das vezes falam em pequeninos e chegam á adolescência e os pais não querem falar, isso é normal, a...mas pode haver mais informação também para os pais para os próprios docentes para os tais funcionários nas escolas também porque eles muitas das vezes podem ter mais confiança com um funcionário da escola do que têm como próprio pai ou com a própria mãe, não é, ou com os próprios família e esses funcionários não podem ser obrigatoriamente um docente eles podem ter mais confiança com um auxiliar, uma assistente operacional, um assistente técnico, um professor, portanto haver um grupo de funcionários na escola preparados e eles saibam com quem devem, pessoas que de facto têm empatia com eles que gostem de falar com eles que gostem de trabalhar com eles e não serem as pessoas obrigadas, porque se fazem isto ou se tem esta função seriam obrigadas a ter aquela formação depois não sentem á vontade e não têm empatia para falar com os jovens, portanto deveriam ser pessoas que de facto tenham perfil e depois a formação para poderem...” (E10);*

• *“ (pausa) eu penso que nas escolas já é abordado esse tema, não é, não deve existir aulas de educação sexual, porque só de educação sexual é falado nas escolas em várias disciplinas, não são, agora uma aula só uma disciplina só de educação sexual ...” (E11);*

• *“ Há, não, não, não, é...dar a hipótese de não só informar, por exemplo os métodos contraceptivos são a... mas dizer, eles devem ser usados a... de forma consciente a... por exemplo, porquê? Porque devem ser usados, porquê que há métodos que se adequam, mais adequados a certas pessoas do que a outros? E depois, e porquê? Porque devem ser usados para evitar e prevenir uma gravidez e porquê? Porquê que a gravidez na adolescência pode ser tão negativa, não é! Explicar depois aquela parte emocional que a jovem e o jovem sentem, as características, sabem aquela crise de identidade porque estão a passar,*

identificam-se com aquela problemática, também por isso! Saber porquê e depois estamos a esquecer também de prevenir as doenças sexualmente transmissíveis, não é!” (E12);

•“ *Agora bem estruturadas, mais do mesmo não, portanto com um programa aliciante a... um programa que passa-se pela parte psicológica, não é! E... pronto não ser mais informação, não ser uma transmissão exaustiva (pausa) de informação, mas sim educação sexual.” (E12).*

Os grupos de professores e enfermeiros que foram questionados sobre as medidas de prevenção da gravidez, referiram que estas baseiam-se essencialmente no esclarecimento e na motivação para o uso correto dos métodos contraceptivos. Para que não surjam falhas e apareçam gravidezes indesejadas ou doenças sexualmente transmissíveis. Outras das medidas de prevenção mais adequadas seria a existência de um gabinete de apoio, composto por uma equipa médica, assistente social e psicóloga, porque apesar da presença de tantas formas de prevenção, as gravidezes na adolescência continuam a acontecer. A existência de um gabinete em que os pais também pudessem participar de uma forma aberta e espontânea, seria um contributo importante para a diminuição do fenómeno da gravidez adolescente. Como podem constatar nestes testemunhos:

•“ *Se houvesse uma equipa médica ou de enfermagem aprestar serviço á escola talvez, eventualmente pudesse ajudar mais esses alunos, todos no geral.” (E6);*

•“ *Ui (risos) Estarem bem esclarecidas e esclarecidas e motivadas, não é, motivadas, o uso correto dos métodos anticoncepcionais, nomeadamente o preservativo quando batemos sempre com o preservativo além da pílula, não é, para prevenção de outras doenças, a motivação essencialmente.” (E11).*

Neste momento em que falamos em prevenção, é essencial termos parcerias com outras entidades e vermos quais os seus resultados. Como refere uma das entrevistadas, existe um decreto-lei que define a constituição do serviço de psicologia e orientação que, por razões económicas, não existe, caso este que não só se verifica nesta escola, mas em quase todas no nosso país. As parcerias seriam muito importantes, porque afinal todos trabalham no mesmo sentido, professores, enfermeiros, médicos, psicólogos, e associações, todos pretendem em conjunto um intercâmbio de informações para assim puderem ajudar a orientar estes jovens para uma vida futura desprovida de problemas. Estes referem:

•“ *Claro que considero, considero muito positivo que essas parcerias existissem porque melhor que nós, eles têm uma preparação mais vincada para esses fins e poderiam orientar os nossos jovens para uma melhor sexualidade.” (E7);*

•“ *Sim, sim são necessárias!” (E9);*

• “*Sim há a MOJU essas associações pr`a ai que ajudam, que procuram ajudar até tenho aqui uma coisa de grávidas para mães adolescentes que surgiu agora num bairro novo*”. (E11);

• “*Pois, sem dúvida! Sim, sem dúvida! Aliás nós em tudo o que se prende com o... ser humano e neste caso a adolescência, não é! A... ninguém deve trabalhar numa ilha, isolado deve ser uma equipa multidisciplinar, aliás o serviço de psicologia no decreto-lei n.º 190/91, a equipa é constituída por psicólogo, técnico de serviço social e médico, se possível! A equipa resume-se por apenas uma pessoa, psicólogo.*” (E12);

• “*A equipa do SPO está constituído no papel, não é! A... (risos) está lá no decreto, mas na prática não existe e faz muita falta em especial neste concelho de Olhão, que é muito problemático.*” (E12).

Para concluirmos a interpretação desta categoria vamos falar dos tipos de ações/iniciativas existentes na escola referidas pelo seu diretor e também abordar a prevenção da gravidez, tendo em conta as suas consequências citadas pela responsável do SPO. O diretor diz que o tipo de associações que deveriam intervir neste projeto seria portanto, o gabinete de apoio ao aluno em conjunto com a psicóloga, centro de saúde e algumas associações. Todas estas em conjunto com os relatos das jovens mães sensibilizariam os alunos para esta temática e outras. A outra inquirida pretende abordar a prevenção da gravidez na adolescência, tendo em conta as suas consequências, pelo facto de todo um projeto de vida ser comprometido, ou seja, a jovem abandona a escola fica sem habilitações, tornando-se difícil retornar á escola, devido á atenção que tem que dar ao filho. O outro dos problemas é a dificuldade em encontrar emprego, ou porque não têm habilitações, ou porque não têm onde deixar o filho. Sem falar que a jovem passa de adolescente a adulta à força e tudo isto influencia a parte psicológica destas raparigas e dos seus filhos. Como salientam:

• “*Sim, este tipo de intervenção não seria só, portanto, seria o gabinete de apoio ao aluno, o gabinete de psicologia, o centro de saúde a...*” (E9);

• “*Também já fazem algum trabalho, mas pronto...a...tem que haver algum enquadramento e depois desse enquadramento ou de alertar os alunos depois ... com os relatos das situações ocorrido ai assim, a... penso que a sensibilização poderia atingir mais intervenientes por parte dos alunos.*” (E9);

• “*...abordar a prevenção na gravidez na adolescência (pausa) também atendendo às consequências, portanto o que acontece geralmente, abandono escolar, não é! Nós para aquela miúda não ter abandonado a escola o que nós passamos, portanto medidas educativas e justificações de faltas e, e... pronto foi muito complicado, porque geralmente é...*” (E12);

• “ *A jovem acaba por ficar em casa, não é! Portanto todo o projeto de vida é comprometido, não é! Abandono escolar e muitas vezes a jovem que se encontrava em idade de lidar com os amigos, fazer amigos, cada vez fica mais ostracizado, não é! Passa para o papel de adolescente à força para o papel de mulher, mãe quando ela não consegue desempenhar*” (E12).

Quadro 19 - Categoria “Implementação de um projeto na escola”

Categoria	Subcategorias	Entrevistas
Implementação de um projeto na escola	Considera viável	E6; E7; E8; E9; E10; E11; E12
	Que tipo e com que associações/profissionais	E6; E7; E8; E9; E12

Dos sete entrevistados todos consideram viável a implementação de um projeto na escola, porque estamos numa escola onde existem muitos casos das grávidas adolescentes e nesta fase os jovens encontrarem-se no auge da sexualidade. Por isso pensamos que seria bastante positivo, mas para que este projeto desse frutos. Era importante que fosse desenvolvido com outras instituições que trabalham com adolescentes. Alguns inquiridos também consideram imprescindível implementar um projeto tendo como base o testemunho de jovens, pois aquando das entrevistas realizadas às adolescentes, a maioria aceitaria contar a sua história de vida com o intuito de ajudar outras raparigas. Como podemos constatar de seguida:

• “ *Sim, com certeza.*” (E6);

• “ *Eu acho que sim, eu acho que sim, porque se a escola todos os anos tem casos de gravidez na adolescência sabendo que Olhão é um concelho que é um concelho que tem mais casos destes, eu acho que era, era muito bom haver um projeto destes a nível aqui da escola*”. (E10);

• “ *Eu acho que havia espaço para esse projeto, havia espaço, acho que se justifica pelo elevado número que tem acontecido e porque aqui a... os nossos jovens encontram-se a... na fase da sexualidade ativa, não é! E portanto acho que fazia todo o sentido.*” (E12).

Para finalizar iremos mencionar os tipos de associações e profissionais que deveriam implementar o projeto na escola, e como referem os diversos grupos de inquiridos seriam: o gabinete de apoio ao aluno em conjunto coma associação de pais, psicóloga, professores, centro de saúde e algumas associações como a MOJU. Todas estas em conjunto com os relatos das jovens mães sensibilizariam os alunos para esta temática e outras. Há mesmo quem refira que:

• “ A... acho que o mais natural e normal seriam os centros de saúde da região a... centro hospitalar e a associação de pais, porque os pais a... têm uma grande responsabilidade na educação dos filhos. “ (E7);

• “ Sim, este tipo de intervenção não seria só, portanto, seria o gabinete de apoio ao aluno, o gabinete de psicologia, o centro de saúde a... ” (E9);

• “ Bom, vamos ser realistas, acho que se aqui na escola já está implementado o gabinete de apoio ao adolescente, podia-se articular, fazer um projeto com o gabinete de apoio ao aluno e depois procurar fora, portanto no exterior, na comunidade envolvente, estruturas, por exemplo, o centro de saúde fundamental, a MOJU¹ também, por exemplo e... (pausa) eu penso que (pausa) se calhar estes não me recordo assim mais... ” (E12).

Todos estes profissionais trabalham para que estas jovens consigam conciliar a escola como facto e serem mães, mas nem sempre é possível, porque muitas delas não possuem um bom suporte familiar. Em termos de apoios na escola às grávidas adolescentes estes têm sido prestados, mas infelizmente muitas destas jovens não procuram e assim torna-se impossível para estes profissionais ajudarem. No entanto, concluímos que deve-se ao facto das adolescentes não se sentirem confortáveis para falar de assuntos do foro íntimo com adultos e desconhecidos. Em relação à informação sobre métodos de contraceção, o grupo dos profissionais considera excessiva e banal, fazendo com que as jovens a vulgarizem. Por isso, estes consideram imprescindível a existência de um gabinete individualizado com técnicos especializados na área da saúde, de apoio social e psicológico, tal como a implementação de um projeto na escola conjuntamente com toda a comunidade escolar, associações, centro de saúde, entre outros. A implementação deste projeto seria sem dúvida, o ponto de partida para diminuir a gravidez na adolescência.

4. Análise do nível de desenvolvimento do ego

Garantindo o anonimato dos participantes procedemos ao tratamento dos dados recolhidos através dos 5 testes, os quais foram numerados de forma a facilitar a organização dos dados.

¹ Movimento Juvenil que está localizado na cidade de Olhão junto ao bairro denominado “panteras cor-de-rosa”, é composto por um presidente, duas psicólogas e dois voluntários e a sua função é informar e auxiliar todos os jovens em risco do Concelho de Olhão, incluindo grávidas adolescentes. Em 2012 iniciou um vasto projeto que se denomina “tratar a sexualidade por tu” este consiste em divulgar várias temáticas ligadas à sexualidade, junto das escolas do Concelho.

É nossa intenção apresentar os resultados da aplicação do instrumento de colheita de dados de uma forma organizada e que possibilite a resposta ao problema de investigação, pelo que iniciamos este subcapítulo com o instrumento utilizado para avaliar o nível de desenvolvimento do ego das cinco jovens mães envolvidas no estudo – o SCT (“Sentence Completion Test”) de Jane Loevinger, na sua versão reduzida de 18 itens). O instrumento permite-nos fazer algumas constatações interessantes, fornecendo-nos por um lado, uma panorâmica geral da maturidade do seu desenvolvimento pessoal e, por outro, dando novamente a palavra a estas jovens, agora através da aplicação de uma prova projetiva, sobre o que pensam e sentem acerca de temáticas que têm muito a ver, direta ou indiretamente, com a sua situação de serem mães adolescentes.

Para uma melhor percepção sobre a leitura deste gráfico é importante saber o que são os estádios de desenvolvimento do ego, a sua caracterização e constituição.

O desenvolvimento do ego é designado como uma dimensão fundamental das diferenças individuais que acontecem entre as pessoas da mesma faixa etária. Se um dos indivíduos encontrar-se num estádio inferior na idade adulta ou no final da adolescência poderá no entanto indicar regressão às etapas seguintes ou paragem, não quer dizer que exista um afastamento da normalidade. Poder-se-á entender que apesar das diferenças entre indivíduos existe uma disposição de estádios básica e que estes possuem características igualmente possíveis que não são atributos rígidos e obrigatórios, levando cada um dos indivíduos a progredir de um nível para outro, de acordo com os seus interesses e particularidades pessoais e sociais em que estão envolvidos (Simões, C. e Simões, H., 1999).

A caracterização dos estádios de desenvolvimento do ego em que cada indivíduo se encontra é sem dúvida um dado interessante na compreensão da evolução psicológica do ser humano, proporcionando parâmetros para apreciarmos a complexidade de cada indivíduo. Possibilitando organizá-lo em relação aos que o rodeiam, tanto em termos de adaptação daquilo que num determinado momento é capaz em função de uma sistema de integração e organização da experiência que possui. No entanto, não existe correspondência precisa entre a idade e o nível do ego, o facto de uma pessoa pertencer a uma certa idade cronológica não permite antever se estará num determinado estádio do ego. Contudo, no que diz respeito ao desenvolvimento normal, as primeiras etapas do desenvolvimento do ego pertencem exclusivamente às crianças pequenas, uma vez que o funcionamento mental dos adultos insere-se nos estádios simbiótico e pré-social apresentando, psicopatologias graves. Numa outra perspectiva torna-se impossível uma criança estar nos últimos estádios, o que raramente

sucedem na maioria dos indivíduos e quando acontece nunca no início da idade adulta. (Simões, C. e Simões, H., 1999).

Com o intuito de clarificar a criação de Loewinger passamos a citar as características mais relevantes aos oito estádios que esta autora descreveu, com os dois níveis de transição entre estágios que é importante referir, devido a frequência de indivíduos que por aí se encontram: Consciente/ conformista (13/4) está situado entre a transição do estágio consciente e o autónomo e que caracteriza a população adulta normal. Passamos a citar:

Estádio pré-social (I-0) – É o estágio onde estão os recém-nascidos que ainda não têm consciência das suas necessidades físicas, começando a perceber que está relacionado com a mãe.

Estádio simbólico (I-1) – É constituída pelo indivíduo e pela mãe, aqui este começa a distinguir-se do mundo exterior.

Estádio impulsivo (I – 2) – Começa a ter a consciência do mundo exterior. O indivíduo apresenta preocupações com as sensações do corpo e pela impulsividade, em que as noções que tem do mundo, são egocêntricas e concretas.

Estádio Auto protetor (Δ) – Apresenta um inexperiente no autocontrolo e na capacidade de controlar os impulsos. Existência da antecipação das recompensas e a aceitação das regras, mas estas só serão aceites se houver vantagem no seu cumprimento. As relações com os outros são impulsivas. Na idade adulta este é o nível mais baixo em que um indivíduo consegue adaptar-se na nossa sociedade.

Estádio conformista (I – 3) – Existe a compreensão de si próprio como alguém que está inserido num grupo. O indivíduo é simpático e bem aceite pelos outros, conformando-se com as regras. Neste estágio predomina a importância com a aparência, a reputação, a aceitabilidade e o estatuto. Também existe a capacidade do indivíduo aceitar os pontos de vista dos outros mesmo sendo diferente do seus, mas com mais frequência nos grupos em que a pessoa se identifica. Ainda existe o desejo de ser aceite, amado e desejado.

Estádio consciente - conformista (I – 3/4) – O indivíduo ainda é conformista, reconhece as diferenças de cada um, e aceita não concordar com determinados padrões conformistas, permitindo criar padrões individuais.

Estádio consciente (I – 4) – Compreensão dos padrões de comportamento e do carácter que caracterizam a pessoa. As relações com os outros são difíceis, profundas e com muito significado. Este preocupa-se com a sua auto realização, com o cumprimento dos deveres e das metas que impôs a si próprio. Aqui existe a consciência de que o indivíduo e os outros possuem sentimentos diferentes, sendo a interação social uma troca de emoções, significando aspectos duradouros.

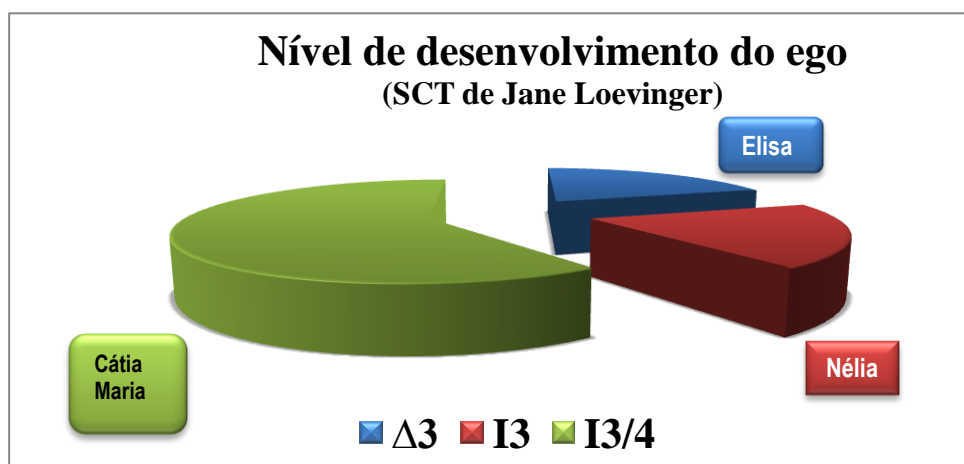
Nível individualista (I – 4/5) – Este nível aprofunda as obtenções do estágio consciente. Inclui as preocupações com a independência emocional, o sentimento de respeito pelos outros, a reciprocidade nas relações interpessoais, o reconhecer que todas as pessoas são diferentes, e o interesse pelo desenvolvimento.

Estádio autónomo (I – 5) – As preocupações estão relacionados com a realização pessoal, o respeito próprio a tolerância a pontos de vista diferentes dos seus. Nas relações interpessoais sente necessidade de se sentir separado dos outros, embora reconheça a necessidade interdependência que existe entre as pessoas. Destaca-se a tolerância pelas escolhas dos outros, mesmo que as suas sejam opostas e a procura de realização de acordo com as suas potencialidades.

Estádio integrado (I – 6) – Aos aspectos já mencionados no estágio anterior junta-se o sentimento de integração, tolerância, e intimidade. É possível a conciliação de conflitos ou a aceitação de evitá-los. Nas relações interpessoais dá-se especial valor a individualidade, tem consciência da sua própria identidade.

Depois de uma breve explicação dos estádios de desenvolvimento do ego, sua caracterização e constituição, iremos fazer a interpretação dos resultados. Os dados assim obtidos permitem, em primeiro lugar, situar o estágio ou nível de transição entre estádios no que concerne ao desenvolvimento do ego que pode ser atribuído a cada uma delas, conforme podemos ver no gráfico seguinte.

Gráfico 1 - Nível de desenvolvimento do ego



A leitura do gráfico anterior permite realçar a existência de uma certa homogeneidade entre o nível de desenvolvimento do ego das cinco mães adolescentes, verificando-se além disso que quatro delas estão no nível de transição consciente/conformista (I 3/4) (a Lara, a Maria e a Cátia) - que é considerado em muitos estudos como aquele que caracterizaria a maior parte das pessoas de sociedades como a nossa, na idade adulta – consequentemente, muito próximas do que seria de esperar dado a sua idade. A Nélia encontra-se no estágio conformista (I3), o que dada a sua idade (19 anos) não pode ainda ser considerado, por si só, como um dado indicativo de imaturidade. Todavia, a Elisa que está ainda no nível de transição para esse estágio ($\Delta 3$), não obstante seja a mais jovem já se desvia claramente do que seria de esperar neste grupo etário, uma vez que o estágio conformista (I3) caracteriza a organização da personalidade de muitas crianças quase desde o início da escolaridade obrigatória.

Para além da determinação do estágio de desenvolvimento do ego em que cada uma das jovens se inclui é possível delinear um outro plano de análise complementar, que também permite esclarecer alguns tópicos abordados nas entrevistas, se tomarmos agora como referência as próprias temáticas que estão subjacentes aos itens cujos inícios de frase se pediu que fossem completados para a realização do SCT. (anexo VIII)

Esta abordagem dos dados recolhidos para determinar o nível de desenvolvimento do ego, dá-nos um outro olhar não só sobre os temas abordados, apreciando a forma como as jovens evidenciam certos temas dominantes e as suas preocupações que com eles estão relacionadas, mas fornece-nos, de igual modo, o grau de maturidade com que estas problemáticas são encaradas, uma vez que é também possível classificar isoladamente cada

completamento de frase segundo o nível de desenvolvimento do ego que ele isoladamente traduz.

Ao empreender este procedimento, um dos primeiros aspetos que pode ser salientado diz respeito à própria referência que é feita pelas jovens em termos da sua identidade pessoal (que se encontra expressa nos seus completamentos da frase “*eu sou...*”). Relativamente a este tópico, é de salientar que é a Elisa, cujo nível de desenvolvimento ego é o mais baixo de todos, quem fornece, juntamente com a Cátia, a autodefinição de nível mais elevado (típica já do estágio consciente: I4), dando as outras três jovens respostas congruentes com o nível de desenvolvimento que globalmente evidenciaram no conjunto das suas respostas.

Todavia, a frase referente à autoestima (“*o que mais aprecio em mim...*”) tem da parte da Elisa a única resposta de nível inferior ao estágio conformista (situando-se no estágio auto protetor: Δ), em contraste com as respostas das outras quatro, que são todas elas respostas características pelo menos do estágio conformista (I3) de onde é ainda possível destacar a Maria cuja resposta se situa já no estágio consciente (I4).

O principal problema com que consideram que têm que se defrontar (“*o meu principal problema é ...*”) é equacionado de modo quase homogéneo por três das jovens (a Lara e a Nélia referindo alguma decepção por ter acreditado ou confiado demais nas pessoas e a Maria lamentando “*ser sincera e honesta demais*”); quanto à Elisa, esta refere apenas de modo vago “*os inimigos*” (resposta esta que pode ser situada na transição entre o estágio autoprotetor e o estágio conformista: Δ3). A Cátia opta por não completar esta frase, o que segundo as normas de correção da prova corresponde à atribuição do estágio conformista (I3).

É também de realçar que todas elas têm uma ideia muito pouco positiva sobre a representação masculina relativamente à mulher, não mencionando uma única ideia que não traduza desvalorização, o que fazem em geral dando respostas de um nível pouco elaborado. Apenas a Lara produz um completamento de frase um pouco mais complexo (I3/4), embora também para exprimir que a maior parte dos homens pensa que as mulheres “*são criadas deles*”. A Nélia e a Maria identificam como representação masculina das mulheres, respetivamente, que estas são “*burras*” (I3) ou que “*não sabem enfrentar os problemas sozinhas*” (Δ3). A Elisa e a Cátia, por sua vez, vão mais longe, atribuindo aos homens a ideia de que as mulheres são “*lixo*” (Δ), acrescentando a última que a mulher é para os homens um “*lixo (para usar e deitar) fora*”.

A temática da necessidade de apoio está muito presente nas suas elaborações das respostas em vários itens, seja qual for o grau de complexidade dos seus completamentos de frase. Assim, por exemplo, na frase incompleta “*quando as pessoas estão desamparadas...*”,

a que apenas a Cátia opta novamente por não responder, todas elas evocam a necessidade de apoio assumindo pessoalmente a necessidade de serem elas a ajudar, com exceção da Maria que apenas refere que as pessoas desamparadas “*têm que tentar encontrar apoio nalgum lado*”, sem assumir propriamente que isso a envolverá de algum modo a ela. Também as frases incompletas “*se a minha mãe...*” e “*sempre que estava com a mãe...*” encaram a figura materna, na sua generalidade, assumindo a própria dependência em relação à mãe que é encarada como fonte de apoio e segurança ou pelo menos como alguém que fornece alguma coisa de essencial ao sujeito. Apenas uma das respostas é de nível mais complexo (I4), a que foi produzida pela Lara, que considera que foi importante a mãe “*não (lhe dar tudo para agora poder dar) valor às coisas importantes da vida*”.

A evocação dos seus próprios filhos nos completamentos de frases surge no discurso da Lara, da Maria e da Elisa, como fonte daquilo “*que (as) mete em trabalhos...*”, sendo também referida pela Maria quando diz que quer dar uma boa educação ao seu bebé, a propósito do item relativo ao completamento da frase “*a educação é...*”. Neste contexto, acresce ainda a referência à maternidade, presente em quase todas os completamentos ligados com a frase “*as mulheres têm sorte porque...*”, havendo apenas uma, a da Elisa, que é mais vaga “*as mulheres têm sorte porque têm alguém que gosta delas*”, embora talvez implicitamente se possa estar também aqui a referir-se aos filhos. É igualmente de realçar, por um lado, que todas estas as respostas das cinco jovens a este item são, sem exceção, classificáveis ao nível do estágio conformista (I3) e que também aqui a Cátia aproveita para exprimir a sua decepção sobre o ser mulher, do seu ponto de vista uma condição com aspetos negativos se excetuarmos a maternidade, dizendo que “*as mulheres só têm sorte porque sentem um filho dentro do ventre porque não têm sorte em mais nada*”.

O controlo dos impulsos face a situações frustrantes, não revela grande imaturidade nas jovens envolvidas no estudo, como se pode ver nas suas respostas que completam as frases: “*quando estou nervosa...*”, “*quando me evitam...*”, “*quando não consigo o que quero*”. Na verdade, todas as referências aos seus modos pessoais de reagir quando estão nervosas estão elaboradas quer em congruência com o nível de desenvolvimento global demonstrado (Maria e Cátia) quer até acima dele (Lara, Elisa e Nélia). Ser evitada pelos outros, ocasiona talvez maior incomodidade, situando-se as respostas em geral no estágio conformista (I3), com exceção da formulada pela Nélia, que é de nível superior (I3/4) ao estágio em que se encontra (I3) e da que é fornecida pela Elisa, congruente com o nível de transição que a caracteriza (Δ3). Por outro lado, a persistência que demonstram quando não conseguem o que querem é

sem exceção em todas elas algo sempre presente, situando-se todos os seus complementos de frases no nível consciente/conformista (I3/4).

A frase *“a educação...”* desencadeia respostas ao nível de desenvolvimento do ego em que se situam, com exceção da Maria que a elabora um pouco abaixo (I3) e da resposta da Elisa que se distancia no sentido positivo (I3) do seu próprio nível de desenvolvimento do ego ($\Delta 3$). O tema ligado com a socialização infantil expresso na frase infantil *“quando a criança não participa nas atividades do grupo...”* desencadeia complementos pouco originais e elaborados, como é típico dos que podem ser classificados no estágio conformista(I3), embora as respostas da Lara e da Maria se situem no nível consciente/conformista (I3/4).

A temática da gravidez é elaborada ao nível da referência banal e socialmente aceitável por quase todas as jovens, situando-se por isso as suas elaborações do complemento da frase *“uma mulher grávida...”* no estágio conformista (I3). Mais uma vez a Cátia distancia-se desta tendência com uma formulação mais complexa, referindo que *“uma mulher grávida não deve ser posta de parte nem julgada por ninguém”*, típica do estágio consciente (I4), o que poderá eventualmente evocar o modo como se sentiu nessa situação.

Por último, é interessante constatar que a representação da generalidade das jovens sobre o que representa *“criar uma família...”* se traduzem curiosamente em formulações com bastante maturidade, dando a Nélia e a Elisa respostas típicas do estágio conformista (I3) (estádio que caracteriza a primeira (I3) e acima do nível de transição em que se situa a última ($\Delta 3$); também os complementos da frase produzidos pela Lara e pela Maria são congruentes com o nível de transição que tipifica a globalidade das suas respostas (I3/4) e a Cátia, elabora mesmo a sua resposta acima do nível de transição (I3/4) a que pode ser ligada dizendo-nos que, para si, criar uma família *“sempre foi um sonho que se realizou cedo de mais”* (I4).

Concluimos que o maior número de inquiridas encontra-se no nível de transição consciente/conformista que vai de acordo com as suas idades, em relação as outras duas mães adolescentes: temos a Nélia que se encontra no estágio conformista que só não é considerado um dado de maturidade devido á sua idade, por fim, a Elisa que está no nível de transição para o estágio ($\Delta 3$) visto ser a mais nova das adolescentes. No geral e de acordo com maior parte das respostas dadas pelas jovens, estas traduzem-se em declarações com bastante maturidade. Denotou-se que a maternidade nestas adolescentes permitiu um amadurecimento rápido, isto deve-se ao facto destas jovens passarem do papel de meninas para o papel de adultas e mães á força.

Estas jovens mães precisaram de redobrar as responsabilidades, passando a ter mais consciência dos seus erros e defeitos. Aqui a necessidade de mudança, para tornarem-se um

ser humano melhor foi imprescindível, porque agora existe uma criança para estas adolescentes educarem.

5. Breve síntese dos resultados

Para uma melhor percepção dos resultados, resolvemos realizar uma pequena síntese, relativamente aos testemunhos das grávidas adolescentes e dos grupos de profissionais entrevistados, comparativamente às categorias em comum: Métodos de contraceção; Educação sexual na escola e Apoios existentes na escola às grávidas adolescentes.

No que diz respeito à primeira categoria as jovens adolescentes na sua maioria afirmaram possuírem conhecimentos suficientes sobre métodos de contraceção, enquanto os relatos de alguns grupos de profissionais entrevistados reforçam que isto deve-se ao facto de essa informação estar patente em variadíssimos locais: nas escolas, nos centros de saúde, na internet e na televisão, o problema é que as adolescentes não retêm a informação e isto deve-se á sua imaturidade. Por isso, destacam que deveria haver mais educação sexual para que os jovens soubessem a forma adequada de utilizar os métodos de contraceção. Aqui também permanece aquela situação em que os adolescentes pensam que sabem tudo, mas que na realidade não é isso que acontece, originando assim, uma gravidez indesejada.

Maioritariamente as jovens dizem não ter conhecimento dos apoios existentes na escola às mães adolescentes, por isso não solicitaram ajuda. A única rapariga que referiu saber, afirmou não necessitar, porque possuía um bom suporte familiar e psicológico. A razão que as jovens alegam vão de encontro com a opinião das docentes que afirmam que os apoios psicológicos na escola no geral não existem, o único apoio é dos familiares e amigos, porque ainda permanece aquele preconceito de falar sobre o assunto, quando este é com um adulto e às vezes desconhecido, quando pretendem desabafar ou é com uma amiga próxima, ou professora/funcionária da escola que têm mais empatia.

Dentro dos outros apoios existentes às grávidas adolescentes, tanto as jovens mães como os restantes profissionais referem a existência de um gabinete individualizado com psicólogos, médicos e enfermeiros, no entanto, estes também salientam a realização de palestras e conferências sobre o tema para que este não seja visto ainda como um *tabu*. Por fim, a presença de profissionais peritos na área para ensinarem temas ligados á sexualidade.

Na análise da última categoria, educação sexual, no geral todos os inquiridos mencionaram a extrema importância das aulas de educação sexual na escola. Na primeira subcategoria tanto as adolescentes como as enfermeiras partilham a mesma opinião,

afirmando que as aulas de educação sexual funcionam como veículo de transmissão de informação sobre os diversos temas relacionados com a sexualidade, mas também como forma de tirarem dúvidas.

Na segunda, a maior parte dos entrevistados mencionaram medidas de prevenção da gravidez na adolescência, enquanto as jovens referem o uso do método contraceptivo e a informação como forma de prevenção, os restantes inquiridos apostam no esclarecimento e na motivação para o uso correto destes métodos e, exclusivamente da sua importância para que não surjam lacunas e ocorram doenças sexualmente transmissíveis e gravidezes precoces. Em suma, os jovens não só necessitam de saber que têm que usar contraceção, mas o mais importante é saber usá-la corretamente.

Na terceira subcategoria, tantos as jovens adolescentes como os restantes inquiridos consideram importantes as parcerias com outras entidades e seus resultados, mas as primeiras só salientam que *“Sim, sim, acho que é importante.” (E5)* ou *“Era uma boa ideia, mesmo” (E2)*, mas não mencionam com quem deveriam ser concretizadas. O contrário dos segundos que referem a existência de um trabalho conjunto da escola com associações, técnicos de saúde, psicólogos e educadores sociais.

Finalmente, esta última subcategoria, apesar de ser diferente tanto no quadro das adolescentes como dos profissionais, futuramente uma pode servir de resposta a outra, ou seja, quando pergunto ao entrevistado: *Que tipo de ações/iniciativas existem na escola? este menciona: “as ações que são feitas pelo Gabinete de apoio ao aluno com a enfermeira do centro de saúde, neste momento só existem estes! Só, só!” (E9)*

Neste caso questionamos:

“Porque não implementarmos um projeto na escola, tendo como foco principal o relato de experiências de vida de jovens que frequentaram/frequentam a escola com o intuito de evitar a gravidez nesta fase da vida?”

Resposta do entrevistado:

“É difícil de implementar, seria interessante, mas é difícil de implementar, precisamente, porque as que (pausa) já passaram por essa fase podem não querer ir fazer esses... testemunhos!” (E9)

No entanto, quando colocamos a pergunta às mães adolescentes se aceitariam testemunhar os seus casos para ajudar outras jovens, a maioria respondeu:

“Claro que sim!” (E1):

“Não, faria, não é crime nenhum aquilo que fiz.” (E2)

Para concluir esta breve síntese gostaríamos de apelar ao bom senso de toda a comunidade escolar, pois se não houver empenho e vontade de todos os intervenientes, será impossível a implementação de este e de outros projetos, contribuindo desta forma para que este flagelo social continue a crescer.

Conclusão

A realização da presente dissertação permitiu uma reflexão sobre um dilema na vida destas adolescentes, colocando a escola consciente para poder orientar os inúmeros perigos no que diz respeito á maternidade na adolescência. No que se refere à iniciação sexual precoce, à prevenção da gravidez na adolescência e o combate ao abandono escolar.

Hoje em dia temos conhecimento que os jovens iniciam a atividade sexual mais precocemente do que nas gerações anteriores e que estas relações acontecem, geralmente com amigos ou namorados. No entanto, algumas jovens dão relevância à aprendizagem obtida junto da família, sobretudo das mães. Contudo, é reconhecido que tanto as aprendizagens dadas pela família, como pela escola deveriam ter um papel mais importante no que se refere à educação sexual, já que é basicamente, no intercâmbio de informação com o grupo de amigos, que esta acaba por prevalecer na formação do conhecimento sobre esta temática (Costa, R., 2005).

Como podemos verificar nesta investigação em que quase todas as entrevistadas iniciaram a sua atividade sexual precocemente, variando entre os 15 e os 18 anos, mas a maioria situa-se nos 15/16 anos. O facto de iniciarem a atividade sexual muito cedo pode acarretar doenças sexualmente transmissíveis ou uma gravidez indesejada. Como salienta Nodin, (2001) quando surge uma gravidez, o grupo de maior risco são das adolescentes mais novas, as mais desfavorecidas socialmente, as que iniciam mais precocemente a sua atividade sexual, as que praticam uma atividade sexual esporádica e fora de um contexto de uma relação estável (Nodin, N., 2001).

Nesta fase da vida em que as adolescentes levam uma vida despreocupada, sem responsabilidades, numa altura em que as hormonas estão ao rubro em que basta somente uma saída à noite ou uma dormida fora de casa, onde geralmente os jovens estão mais, fora da supervisão dos adultos, acabando por excederem no consumo de álcool, o que leva ao esquecimento dos métodos contraceptivos ou á quebra do seu efeito. Como refere Cordeiro (1987) a maioria dos jovens continuam a não utilizar métodos contraceptivos nas primeiras relações sexuais e em muitas relações ocasionais. Esta situação, podemos comprovar com o testemunho de uma das adolescentes:

“ Tomava eu, tomava a pílula e ele usava preservativo, nessa altura quando fomos acampar nem um nem outro”. (E2)

Muitas adolescentes acreditam que o risco de engravidarem não é muito grande, mesmo que isso aconteça às suas amigas (Menezes, I., 1990). E ainda segundo esta autora que cita um

estudo de Sorensen (1979), que 50% das adolescentes sexualmente ativas acreditavam se não desejassem nunca engravidariam, mesmo não usando métodos contraceptivos. Aqui está bastante presente o tal pensamento mágico, que as profissionais da área da saúde referiram, estas jovens acreditam que nunca vão engravidar pelo facto de não se prevenirem durante o ato sexual.

Segundo Corpas, A. (1998), os factores que mais contribuem para a gravidez na adolescência são a utilização inadequada dos métodos contraceptivos, por falta de informação e de educação sexual, tal como as barreiras e dificuldades para aceder a esses métodos e aos centros de onde existe planeamento familiar, também os factores pessoais, interpessoais, psicológicos, sociológicos, como a pouca satisfação e baixo rendimento escolar, as relações familiares difíceis, a insegurança, a pressão por parte do companheiro, entre outros.

No que concerne aos factores que contribuem para a gravidez na adolescência, o que a nossa investigação concluiu foi que apesar de as adolescentes referirem que possuem informação suficiente sobre métodos de contraceção, não implica que estas jovens tenham retido e decodificado toda a informação. Tal facto veio a constatar-se através das gravidezes que sucederam ou pelo esquecimento da toma da pílula ou por a relação ter sido sem precaução uma única vez ou mesmo, porque o preservativo rompeu e não tomaram precauções adicionais.

Também como sugere Vilar D., (2000), a falta de informação sobre a sexualidade, ou a dificuldade em decodificar essa mesma informação, também é uma das causas apontadas para o grande número de grávidas adolescentes no nosso país.

Essa falta ou dificuldade em decodificar o excesso de informação, muitas das vezes sucede, porque os jovens têm vergonha em procurar um adulto especializado na área ou não para aconselhar, tirar dúvidas sobre sexualidade, porque têm receio de encontrar alguém conhecido ou que o seu anonimato não se mantenha. Temos a resposta de uma das jovens entrevistadas que comprova a veracidade desta afirmação:

- *“Sim, porque a gente tenta se resguardar o máximo possível, agente não vai à procura de ninguém, ninguém mesmo, se agente vai á procura é de uma amiga, nunca de uma pessoa de fora que agente nem sequer tem confiança, nunca na vida! Eu sei lá se vou falar coma médica e ela vai logo enfiar no cú da minha mãe, não sei! Obviamente que não vou logo falar com ela.”* (E3)

Para evitar receios e revolta por parte dos adolescentes Allen, G., e Miguel, N., (2000) refere que é crucial que todos os intervenientes do processo educativo abordem os jovens sem

os julgar ou criar algum juízo de valores sobre eles. Por isso, o sigilo é extremamente importante para qualquer pessoa, mas principalmente para os adolecentes.

Habitualmente os jovens evitam os centros de saúde por vergonha e receio de falta de confidencialidade e outros com medo de encontrarem alguém conhecido. Ainda existem aqueles que não procuram conselhos sobre sexualidade e contraceção por pensarem que só os deprivados praticam o sexo (Grande, N., 1999).

Como diz Marques, (2000), também a relação com os adultos sofrem alterações e um conflito pode ser mais ou menos constrangedor, no entanto os adolescentes defendem a sua privacidade a todo o custo, mantendo-a afastada dos abelhudos ou da crítica daqueles que ainda dependem.

Infelizmente em Portugal continuam a nascer muitas crianças filhos de adolescentes, por isso, é imprescindível que os profissionais de saúde tomem consciência da gravidade desta situação e que se tomem medidas no sentido de garantir uma educação sexual e que a sexualidade seja vivida de uma forma saudável, porque a gravidez não se evita proibindo as relações sexuais, mas favorecendo a informação e a utilização de métodos contraceptivos adequados (Sampaio, D., 2006).

No entanto, não deve ser somente os profissionais de saúde a ter consciência deste problema, mas também a escola é responsável para garantir a criação de medidas de prevenção da gravidez na adolescência para assim, evitar o abandono escolar e a falta de projetos de vida. Como diz Rodrigues, R. (2010), os factores de risco de uma gravidez na adolescência, são: o abandono escolar, o baixo nível de escolaridade da adolescente, companheiro e família, a ausência de planos futuros, e a repetição de modelo familiar.

Para combater este flagelo social concluímos que é da responsabilidade de todos os intervenientes (professores, alunos, psicólogos, enfermeiros, associações, entre outros) encontrar soluções para prevenir a gravidez na adolescência. Por isso, recomendamos a existência de aulas de educação sexual nas escolas com peritos na área e que tenham sensibilidade para falar deste tema com os jovens; criação de um gabinete individualizado na escola com profissionais da área da saúde, educação social e psicologia para auxiliar estes jovens nos temas relacionados com a sexualidade; implementação de um projeto em conjunto com o centro de saúde, associações, gabinete do aluno, associação de pais, professores, favorecendo a informação e a utilização correta dos métodos contraceptivos; realização de palestras e debates mensais sobre sexualidade e distribuição gratuita de métodos contraceptivos, para que desta forma todas estas medidas contribuam para a diminuição do

número de casos de gravidezes na adolescência nesta escola e futuramente quem sabe poderá alargar-se a outras escolas.

Quanto às limitações do estudo, talvez a principal se prenda com a população em estudo: as adolescentes. Por um lado, as adolescentes apesar de serem autónomos quanto à participação do estudo, algumas mães foram irresponsáveis quando foram contactadas telefonicamente para marcação de uma nova entrevista, estas ignoraram o telefonema ou simplesmente não compareceram nos dias e horas estipulados, o que fez com que tivéssemos de procurar outras adolescentes para entrevistar. No entanto, temos que ter em conta a componente de exposição da intimidade que é grande, a maioria das adolescentes não se quer expor perante a presença de estranhos, por isso, resolvemos seleccionar adolescentes com quem tínhamos um relacionamento mais próximo. De forma a termos uma maior proximidade com as jovens. As entrevistas foram realizadas na casa das próprias e com o auxílio de um gravador e numa hora escolhida pelas jovens de modo a garantir maior privacidade, sendo utilizada codificação na ficha de análise de conteúdo, com referência aos grupos entrevistados: adolescentes e profissionais. As entrevistas ao grupo de profissionais, no que se refere aos professores, psicóloga e diretor foram marcadas pessoalmente e realizadas na escola. Enquanto a entrevista a uma das enfermeiras foi marcada por correio electrónico, este foi facultado pela professora responsável do grupo de biologia. Já a outra enfermeira, a marcação foi realizada via telefónica pela psicóloga da escola que tinha uma ligação próxima com esta e a entrevista foi realizada numa das salas do gabinete de apoio ao adolescente, situado no Centro de saúde de Olhão. Em relação aos testes, estes foram aplicados pelo investigador, logo após as entrevistas às jovens e após o preenchimento do mesmo foram colocado de imediato dentro de um envelope, sendo posteriormente aberto pelo investigador para análise. Para finalizar, gostaria de referir as dificuldades sentidas pelo pesquisador na realização desta dissertação que deveu-se, essencialmente ao facto de este ser trabalhadora-estudante e mãe de uma criança de quatro anos que no decorrer deste trabalho apresentou alguns problemas de desenvolvimento, necessitando de ajuda terapêutica e de toda a atenção por parte da mãe. Para dificultar mais a situação o pai também é trabalhador-estudante e está ausente de casa durante toda a semana e em período pós-laboral, não podendo desta forma, dar atenção ao filho. Por isso, houve a necessidade de prolongar a entrega da dissertação de mestrado.

Para concluir, dados os benefícios da aplicação do projeto anteriormente mencionado, e a ligação que este tem ao meio académico, faz todo o sentido desenvolver parcerias, primeiro com o Centro de saúde de Olhão, mas também com a associação MOJU que tem realizado

projetos relacionados com a sexualidade nas escolas do concelho, sem esquecer de toda a comunidade escolar, pois fazem parte integrante desta os maiores interessados, os alunos que dariam um contributo crucial na organização de palestras, debates com testemunhos reais de casos de mães adolescentes, mas de uma forma espontânea e sem preconceitos, permitindo a estas jovens e a toda a comunidade a criação de mentes abertas e sem *tabus*.

Referências Bibliográficas

- A Enciclopédia livre. Acedido a 03/04/2013. Em: <http://pt.wikipedia.org>
- Saint-Maurice, A. (Org.). *O inquérito – Teoria e prática*. (pp.69-114). Oeiras.
- Allen, G. e Miguel, N. (2000). *Educação sexual só para jovens*. Lisboa, Texto Editora.
- Almeida, J. M. R (2003), *Adolescência e Maternidade*. 2.ª Edição Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Amazarray, et al (1998). A experiência de assumir a gestação na adolescência: um estudo fenomenológico, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11 (3), 431- 440.
- Anguera, M. (1985). *Metodologia de la Observacion en las Ciencias Humanas*. Madrid: Cátedra.
- Bardin, L. (1991). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bell, J. (1989). *Doing your research project: a guide for the first-time researchers in education and social science*. 2. reimp. Milton Keynes, England: Open University Press, pp. 145.
- Bogdan, R. e Biklen S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Burgess, R. (1995). *In the field: An introduction field research*. London: Routledge.
- Cordeiro, J. C. (1987). *A saúde mental e a vida*. 2.ª Edição. Lisboa. Edições Salamanca.
- Corpas, A. (1998). *Enciclopédia da sexualidade*. Lisboa. Oceano Liarte.
- Costa et al, *Saúde escolar*. Acedido em 2 de Abril de 2013. Em: http://saudeemolhao.projectos.esffl.pt/index_ficheiros/Page834.htm
- Costa, R. (2005). *Educação sexual em Portugal ainda não satisfaz*. Edição n.º 145. Acedido a 25 de Abril de 2013. Em: <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=145&doc=10845&mid=2>
- Denzim, N e Lincoln, Y. (2003). *Introduction: The discipline and practice of qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Dias, A. e Pereira, I. (2010). *Prevenção da gravidez na Adolescência: Educação sexual em contexto escolar*. Acedido a 23 de Abril de 2013. Em: http://www.forumenfermagem.org/index.php?option=com_content&view=article&id=3572:prevencao-da-gravidez-na-adolescencia-educacao-sexual-em-contexto-escolar&catid=217:setembro-a-outubro-2010
- Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST*. (2004 – 2012). Acedido a 4 de Abril de 2013. Em: <http://www.suapesquisa.com>
- Erikson, E.H. (1976). *Identidade Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fidel, R. (1992). *The case study method: a case study*, In: GLAZIER, Jack D. & POWELL, Ronald R. *Qualitative research in information management*. Englewood, CO: Libraries Unlimited, 238p. P.37-50.
- Fontão, M. (2002). *A Escola e a gravidez na adolescência*. Acedido em 22 de Abril de 2013. Em: http://www.cf-francisco-holanda.rcts.pt/public/elo9/elo9_11.htm
- Frade et al, (1999). *Educação sexual na escola guia para professores, formadores e Educadores*. Texto editora.
- Gameiro, José e Dantas, A. (1999). *Conclusão (Traços cruzados e riscos de vida)*, in Pais, José Machado (coord.), *Traços e Riscos de Vida*, S. L. Âmbar, pp. 305-330, (Colecção Trajectórias).
- Ghiglione, R. e Matalon, B. (1993). *O inquérito: Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora (Obra original publicada em 1978).
- Gil, A. (1991). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 3.ª Ed. São Paulo: Editora Atlas S.A.

- Giovinazzo, R. A. (2001). *Focus Group em Pesquisa Qualitativa – Fundamentos e Reflexões*. Acedido a 2 de Abril de 2013. Em: http://www.fecap.br/adm_online/art24/renata2.htm
- Gomes, J. e Sousa, S. (2005). *Gravidez na Adolescência*. *Nursing*. Nº 196.
- Gomes, S. (2006). *Maternidade e paternidade responsáveis na adolescência*, volume 3, nº 3, Artigo original.
- Grande, N. (1999). *Apontamentos obtidos nas aulas de ética*. Porto. VII Curso de Mestrado em Ciências de Enfermagem, ICBAS.
- Guerreiro, D. & Cruz, D. (2008). *Psi adolescentes Weblog sobre adolescência e saúde mental* Criado por: Contactospsiadolescentes@gmail.com
- Instituto Nacional de Estatística (2001), *Densidade populacional por Concelho*. Acedido a 3 de abril de 2013. Em: <http://www.ine.pt>.
- Instituto Nacional de Estatística. Anuário Estatístico de Portugal – 2010. Ano de edição: 2011. Texto integral da publicação acessível em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=133813349&PUBLICACOESmodo=2
- Kirby, D. e Brown. N. (1996). *Condom availability programs in US schools*. *Family Planning Perspectives*, Vol.28 (5): 196-202).
- Manuel, H.I.B., (2007). *Conhecimentos, atitudes e práticas sobre planeamento familiar de mulheres timorenses residentes em Portugal*. Dissertação de Mestrado em Comunicação em Saúde, Universidade Aberta, Lisboa.
- Marques, A. (2000). *Curso de adolescência e sexualidade*. Sub-região de saúde de Bragança, Janeiro.
- Meneses, I., (1990). *O desenvolvimento psicossocial*. In: Campos, B. P. *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens*. 2. Lisboa. Universidade aberta.
- Ministério da Educação, Comissão da coordenação da promoção e educação para a saúde, Ministério da saúde, Direção geral da saúde, associação para o planeamento da família, centro de apoio nacional e rede nacional de escolas promotoras da Saúde, Educação sexual em meio escolar - linhas orientadoras, 2000.
- Miranda, B. (2008). *Paradigmas de Investigação Educacional*. Acedido a 3 de Abril 2013. Em: <http://adrodomus.blogspot.pt/2008/06/paradigmas-da-investigao-educacional.html>
- Município de Olhão. (2012). *Descrição física e geográfica de Olhão*. Acedido em 19 de Abril de 2013. Em: <http://www.cm-olhao.pt/conhecer-olhao/geografia-do-concelho#descricao-fisica-e-geografica-do-concelho>
- Nodin, N. (2006). *Adolescentes, o sexo e os outros*. Sexualidade e o Planeamento Familiar. Lisboa.
- Olhanenses pagam atentados ambientais do presidente Leal*, 29 de Janeiro de 2010, publicado por admin. Acedido a 04 de abril de 2013. Em: <http://blocoolhao.blogspot.pt/search/label/CMO%20multada%20pela%20CCDR%20-%20entulho>
- Organização Mundial de Saúde. (2005). *Relatório Mundial de Saúde*. Genebra: OMS. Resolução da Assembleia da República nº 27/2007. Diário Da República 1ª série. Nº 118 (2007/06/21), p.3918.
- Ponte, J. (1994). *O estudo de caso na investigação em educação matemática*. Acedido a 3 abril de 2013. Em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/94->
- Portaria 687 MS/GM, de 30 de março de 2006. *Aprova a Política de Promoção de Saúde*.
- Rodrigues, R. (2010). *Gravidez na Adolescência*. Acedido a 1 de Abril de 2013. Em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/nas/v19n3/v19n3a21.pdf>
- Sampaio, D. (2000). *O direito dos jovens à contraceção*. Planeamento Familiar. (Setembro/Janeiro). Lisboa.

- Silva, H., *et al* (2012), *Sexualidade e risco de gravidez na adolescência: desafios de uma nova realidade pediátrica*, Acta Pediátrica Portuguesa, Sociedade Portuguesa de Pediatria
- Simões, C. M. e Simões, H. S. (1999). *Contextos de desenvolvimento e teorias psicológicas*. Porto: Porto Editora.
- Sprinthall, A. e Collins, W. (2003), *Psicologia do adolescente – Uma abordagem desenvolvimentista*, 3.ª edição, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Stacey, J. (1988). “*Can there be a feminist ethnography?*” *Women’s studies International Forum*, 11, 21-27.
- UNICEF (2001). *A language table of teenage births in rich nations*. Innocenty Report card n.º 3, Florença: UNICEF Innocenty Research Centre.
- Vilar, D. (2000). *As posições recentes de Daniel Sampaio sobre a educação sexual nas escolas*. Lisboa. A. P. F.
- Valente, J. (2011). *Psicologiapsi, A Adolescência, A Gravidez e a Maternidade na Adolescência*. Departamento de Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, Artigo científico (<http://psicologiapsi.wordpress.com/a-adolescencia/>).
- Yin, R. (1994). *Case Study research: Design and methods*. (2ndEd.) Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

ANEXOS

**ANEXO I: Categorizações (Adolescentes, Docentes,
Diretor, Enfermeiras e Psicóloga).**

Categorização (Adolescentes)

1. Relacionamento Amoroso

- 1.1. Duração do relacionamento até á gravidez
- 1.2. Iniciação á atividade sexual
- 1.3. Precauções tomada durante a relação

2. Gravidez

- 2.1. Quando as adolescentes tiveram conhecimento
- 2.2. Número de semanas de gestação
- 2.3. Sintomas, desejos, alterações de peso
- 2.4. Sentimentos/reações por parte dos pais do bebé
- 2.5. Sentimentos/reações por parte Família e amigos
2. 6. Com que idade foram pais
- 2.7. Foi desejada/planeada
- 2.8. Causas da gravidez

3. Métodos contraceptivos

- 3.1. Informação adquirida
- 3.2. Diálogo das adolescentes com os pais

4. Acompanhamento médico

- 4.1. Centro de saúde e hospital
- 4.2. Presença do pai nas consultas
- 4.3. Preparação para o parto e seus resultados
- 4.4. Apoio psicológico

5. Escolaridade/Ocupação profissional dos adolescentes

- 5.1. Pai
- 5.2. Mãe

6. Habitação

- 6.1. Onde habitavam aquando da descoberta da gravidez
- 6.2. Onde habitavam após o nascimento do bebé
- 6.3. Reações após coabitação com pais /sogros

7. Parto

- 7.1. Acontecimentos importantes antes da ida para o hospital
- 7.2. Acontecimentos cruciais no hospital
- 7.3. Receios durante o parto
- 7.4. Assistido pelo pai do bebé
- 7.5. Sentimentos/reações da (o)s adolescentes após o nascimento

8. Comportamentos dos adolescentes em casa

- 8.1. Como lidaram com presença do bebé
- 8.2. Presença do pai com o filho(a)

9. Apoios existentes na escola às grávidas adolescentes

- 9.1. Solicitados e que tenham conhecimento
- 9.2. Outros apoios que deviam existir

10. Educação sexual na escola

- 10.1. Aulas de educação Sexual
- 10.2. Medidas de prevenção da gravidez
- 10.3. Parcerias com outras entidades e seus resultados
- 10.4. Testemunhos de jovens mães
- 10.5. Conselhos de mães adolescentes

Categorização (Docentes)

1. Profissionalização

- 1.1. Tempo de serviço
- 1.2. Tempo que leciona na escola

2. Grávidas adolescentes

- 2.1. Contatos dos professores
- 2.2. Média de idades
- 2.3. Procedimentos e orientação prestadas
- 2.4. Conhecimento dos docentes sobre a situação
- 2.5. Diálogo dos docentes
- 2.6. Reações de ambos perante o diálogo
- 2.7. Aconselhamentos e encaminhamento dos docentes
- 2.8. Razões da existência destas na escola

3. Métodos contraceptivos

- 3.1. Informação suficiente das adolescentes

4. Apoios existentes na escola às grávidas adolescentes

- 4.1. Psicológicos, saúde e educação
- 4.2. São suficientes
- 4.3. Outros apoios que deviam existir

5. Educação Sexual

- 5.1. Aulas de educação Sexual
- 5.2. Medidas de prevenção da gravidez
- 5.3. Parcerias com outras entidades e seus resultados

6. Implementação de um projeto na escola

- 6.1. Consideram viável
- 6.2. Que tipos e com que associações

Categorização (Diretor)

1. Profissionalização

- 1.1. Tempo de serviço como Diretor
- 1.2. Tempo que leciona na escola

2. Grávidas adolescentes

- 2.1. Número de casos
- 2.2. Procedimentos efetuados pelo órgão de gestão
- 2.3. Como tem conhecimento o órgão de gestão
- 2.4. Reações do diretor
- 2.5. Razões da existência destas na escola

3. Métodos contraceptivos

- 3.1. Informação suficiente das adolescentes

4. Apoios existentes na escola às grávidas adolescentes

- 4.1. Tipos (psicológicos, saúde e educação)
- 4.2. São suficientes
- 4.3. Outros apoios que deviam existir

5. Educação Sexual

- 5.1. Aulas de educação Sexual
- 5.2. Tipos de ações/ iniciativas existentes na escola
- 5.2. Parcerias com outras entidades

6. Implementação de um projeto na escola

- 6.1. Considera viável
- 6.2. Que tipos e com que associações/Profissionais

Categorização (Enfermeiras)

1. Profissionalização

- 1.1. Tempo em que exerce a profissão de enfermeira
- 1.2. Tempo em que trabalha no projeto com as escolas do Concelho/ as grávidas adolescentes no centro de saúde

2. Grávidas adolescentes

- 2.1. Número de casos na escola
- 2.2. Média de idades
- 2.3. Como é realizado o encaminhamento
- 2.4. Procedimentos efetuados na unidade de cuidados á comunidade/ no gabinete de apoio ao adolescente
- 2.5. Quais as verdadeiras razões da gestação
- 2.6. Razões da existência destas na escola

3. Métodos contraceptivos

- 3.1. Informação suficiente das adolescentes

4. Apoios existentes na escola/ no gabinete de apoio ao adolescente às grávidas adolescentes

- 4.1. Psicológicos, saúde e educação
4. 2.Quantas vezes são realizadas essas sessões
4. 3. São suficientes essas sessões/apoios
- 4.4. Outros apoios que deviam existir

5. Educação Sexual

- 5.1. Aulas de educação Sexual
- 5.2. Parcerias com outras entidades
- 5.3.Medidas de prevenção da gravidez

6. Implementação de um projeto na escola

6.1. Consideram viável

6.2. Parcerias com outras entidades

Categorização (Psicóloga)

1. Profissionalização

- 1.1. Tempo de serviço como psicóloga nesta escola
- 1.2. Tempo que exerce a profissão

2. Grávidas adolescentes

- 2.1 Número de casos e contatos com estas
- 2.2 Média de idades
- 2.3 Como é realizado o encaminhamento
- 2.4 Procedimentos efetuados nestes casos
- 2.5 Existem outras entidades a trabalhar com o SPO
- 2.6 Quais as verdadeiras razões da gestação
- 2.7 Razões da existência destas na escola

3. Métodos contraceptivos

- 3.1 Informação suficiente das adolescentes

4. Apoios existentes na escola às grávidas adolescentes

- 4.1. Tipo de apoio que presta
- 4.2. São suficientes
- 4.3. Outros apoios que deviam existir

5. Educação Sexual

- 5.1. Aulas de educação Sexual, Como e com quem?
- 5.2. Parcerias com outras entidades
- 5.3. Abordar a prevenção da gravidez tendo em conta as suas consequências

6. Implementação de um projeto na escola

- 6.1. Considera viável
- 6.2. Que tipos e com que associações/Profissionais

**ANEXO II: Grelhas de análise das entrevistas às
Adolescentes, Docentes, Diretor, Enfermeiras e Psicóloga.**

Categoria	Subcategorias	Excertos das entrevistas	Inferências /Significados
1. Relacionamento Amoroso	1.1. Duração do relacionamento até á gravidez	<p>“...até que decidi ir, a partir dai, nós começamos a namorar, fez um ano agora em junho a...” (E2)</p> <p>“- Meses” (E2)</p> <p>“- Tanto que nós só fizemos um ano agora, mesmo em Junho.” (E2)</p> <p>“Ok, conheci o meu namorado em... 2005/2006 foi quando entrei para o... 10.º ano, mas na secundária, comecei a andar com ele...” (E1)</p> <p>” Ao fim de 3 anos de namoro, isso memo” (E1);</p> <p>“Antes de engravidar namoramos 3 anos” (E1);</p> <p>“... já nós namorávamos á um ano ela descobriu, e depois namoramos mais dois, ao fim de três é que engravidei”.(E3)</p>	<p>Já se conheciam á algum tempo, mas só começaram a envolver-se depois de irem a uma festa, após várias insistências da parte dele resolveram começaram a namorar e em Junho 2012 fizeram um ano (E2)</p> <p>Não era um namorado ocasional, existia amor e cumplicidade entre ambos. (E1)</p> <p>Inicialmente começaram a namorar às escondidas devido ao conservadorismo da mãe, como refere a jovem, depois</p>

		<p>“- Um ano e piques nem tanto”.(E4)</p> <p>“- (pausa) um ano agora, já deve fazer um ano e tal.” (E5)</p>	<p>passado um ano é que a mãe desta descobriu. Passados mais dois anos e três meses de namoro descobre que está grávida. (E3)</p> <p>Os adolescentes conheceram-se na praia de Faro, depois como este era amigo do irmão da Maria começaram a ter mais contato através de mensagens, até que um dia combinaram encontrarem-se na casa da avó dele e a partir dai começaram a namorar. Fizeram três anos de estarem a viver juntos em Abril de 2012,mas namoraram um ano e tal. (E4)</p>
	1.2. Iniciação á atividade sexual	<p>“- 15” (E2)</p> <p>“- (pausa) 15”.(E3)</p>	<p>Teve a sua primeira experiencia sexual com 15 anos. (E2)</p> <p>Teve a sua primeira</p>

		<p>“- Hum...aos 16 espera ai, 16 não 15,14 nem tanto”.(E4)</p> <p>”- 16...16!” (E1)</p> <p>“- Aos 18, p`rai.” (E5)</p>	<p>experiência sexual com 15 anos e engravidou. (E3)</p> <p>A Maria não sabia ao certo com que idade iniciou a sua atividade sexual, ou seja, não deu importância ao acontecimento. (E4)</p>
	1.3. Precauções tomada durante a relação	<p>“- Sim, sempre o preservativo.” (E2)</p> <p>“Tomava eu, tomava a pílula e ele usava preservativo, nessa altura quando fomos acampar nem um nem outro” (E1)</p> <p>“- Tava o preservativo.” (E5)</p> <p>“- Preservativo” (E3)</p> <p>“- Não porque rompeu.” (E3)</p> <p>“- Sim e tomei a pílula do dia seguinte e ele tá aqui” (E3)</p> <p>“- A gente tinha feito no dia antes e como aquilo rompeu esperei para o dia</p>	<p>Ambos não usaram métodos contraceptivos, por isso a Lara engravidou. (E1)</p>

		<p>seguinte e comprei logo de manhã e tomei e mesmo assim ficou cá dentro” (E3)</p> <p>“- Eu não usava nada, tava a tomar a pílula.” (E4)</p> <p>“- Era segura, mas (risos) aconteceu” (E4)</p> <p>“- Engravidei.” (E4)</p>	
2. Gravidez	2.1 Quando as adolescentes tiveram Conhecimento	<p>“... depois em novembro pelas cálculos dos médicos vim a descobrir que estava grávida...” (E2)</p> <p>“...não me passava pela cabeça nem eu queria naquele momento ter, foi quando depois nós no dia a seguir fui fazer o teste fomos nós as duas á farmácia comprar, fomos jantar os quatro ao restaurante e fizemos o teste no restaurante, foi quando nós vimos que era positivo...” (E2)</p> <p>“Sim, foi quando tava em 2009, foi quando descobri (pausa) que engravidei” (E1);</p> <p>“Tinha na volta de 4 meses, comecei a sentir-me esquisita, fui ao centro de</p>	<p>Em novembro a Nélia descobriu que estava grávida que ocasionalmente, foi no dia dos seus anos quando no restaurante onde ia jantar, através da realização de um teste de gravidez. (E2)</p> <p>Surpreendida por estar grávida, pelo facto de não ter qualquer sintoma e por pensar que foi só uma vez que não se precavei,</p>

		<p>saúde fui falar com a minha enfermeira, médica, entretanto a enfermeira marcou consulta para a médica, eu fui fazer o teste deu positivo...” (E1);</p> <p>”... a enfermeira lhe disse que não era nada disso que podia ser um problema mas que para ela não era, era só uma simples gravidez que na altura caiu feito bomba, bummm, mas que foi só na altura que foi bum...”(E1);</p> <p>“- Sim em Setembro, descobri em Setembro e ia fazer 17 em Novembro”.(E3)</p> <p>“- Sim em Setembro, descobri em Setembro...” (E4)</p> <p>“... não sabia, tive a fazer testes sempre deram, sempre deram negativos, negativos, fui ao CAD pôr o aparelho para ver se eu, só que não acusou, logo no início não acusou...” (E5)</p> <p>“- Não acusou no início? Teve que ser mais para o meio.” (E5)</p> <p>“- E quando descobriste estavas com quantos meses? Três.” (E5)</p>	<p>por isso, acharia que não iria engravidar. (E1)</p> <p>Descobriu que estava grávida em setembro quando estava quase a fazer 17 anos de vida no mês de novembro. (E3)</p> <p>Descobriu que estava grávida em Setembro de 2011. (E4)</p>
--	--	--	---

	<p>2.2. Número de semanas de gestação</p>	<p>“...já tinha (pausa) dois meses, mais ou menos, foi quando eu descobri em dezembro fiz anos no, 25 de dezembro, a...” (E2)</p> <p>“...e foi quando eu decidi ir ao médico e ele disse que eu já estava com dois meses já de gravidez” (E2)</p> <p>“- Já estava...Já tinha 16 semanas (risos) ... “ (E1)</p> <p>“...como já tava desconfiada que era mais do que aquele tempo normal das treze semanas a médica mandou-me fazer a ecografia ...” (E1);</p> <p>“ Então quando engravidei descobri que tava grávida, e já era, tava de 16 semanas e seis dias quando fui fazer a ecografia...” (E1);</p> <p>“16 Semanas e seis dias”.(E1);</p> <p>“... eu descobri já tinha quase 4 meses, já tinha uma gravidez muito avançada”.(E3)</p> <p>“... já tinha quase quatro meses, já era uma criança feita, não era por minha vontade, era por vontade dos pais dele e ele, porque eu não tirava!”(E3)</p>	<p>A Nélia tinha 2 meses quando descobriu que estava grávida. (E2)</p> <p>Depois da ida ao médico é que teve a certeza da sua gravidez. (E2)</p> <p>A Lara desconhecia que estava com uma gravidez tão avançada, pois os sintomas não existiam e o período menstrual manteve-se, tal como o seu aspecto físico. (E1)</p> <p>A Cátia tinha 4 meses de gestação quando descobriu que estava grávida, ou seja, já se encontrava num estado avançado da gravidez. Apesar</p>
--	---	---	--

		<p>“... e ia fazer 17 em Novembro”.(E4)</p> <p>“- E quando descobriste estavas com quantos meses? Três.” (E5)</p>	<p>do namorado e dos seus pais concordarem com o aborto já nada havia a fazer.(E3)</p> <p>Ela ia fazer 17 semanas de gestação em novembro de 2011. (E4)</p>
	2.3. Sintomas, desejos, alterações de peso	<p>“...ao limpar o meu corpo comecei a sentir as diferenças todas (pausa) ...” (E2)</p> <p>“- A... por causa do corpo e tava, foi-me lavar muito rapidamente porque tinha pessoas em casa á minha espera...” (E2)</p> <p>“...conforme comecei a limpar o peito comecei a sentir o peito, não consegui tocar no peito (pausa) ... “ (E2)</p> <p>“Nenhum, a... não tinha nada, tinha o período na mesma, não sentia os peitos inchar, não, completamente nada, andava normal e não engordei, nem nada e vestia a roupa que vestia normalmente.” (E1)</p> <p>” ...quando fui ao médico foi porque ...porque fui, fui tava no estágio e</p>	<p>Esta começou a sentir as mudanças no seu corpo quando saiu do banho e limpou os seios, estes estavam mais sensíveis.</p> <p>Aqui o instinto feminino falou mais alto, no fundo a jovem já estava desconfiada que estava grávida quando conversava com uma amiga. (E2)</p> <p>Só foi ao médico porque</p>

		senti-me almariada, entretanto fui para a casa de banho vomitei...” (E1);	sentiu-se mal. Caso contrário a gestação avançava sem o conhecimento da própria mãe. (E1)
	2.4. Sentimentos/reações por parte dos pais do bebé	<p>“...e eu dei-lhe a notícia, de inicio ficou um bocadinho em choque, mas depois disse logo que é mais um filho é bem-vindo, onde comem três comem quatro”.(E2)</p> <p>“- Reagiu bem, depois (pausa) ” (E2)</p> <p>“Fiquei muito feliz não sei, porquê, mas fiquei muito contente, fiquei em baixo foi quando descobri que era uma, uma menina (pausa), porque, as vezes, a gente conversava sobre se isso acontecesse gostávamos que fosse um menino porquê? Porque ele queria por o nome do descansado do irmão, a um filho como infelizmente foi uma menina não coiso, mas ficamos contentes na altura. Fiquei assim um bocado em baixo...” (E1);</p> <p>“...nessa altura tive chatices com ele” (E1);</p>	<p>O pai de inicio ficou em choque, mas depois reagiu bem e até salientou que apesar de ser mais um era bem-vindo e onde come um comia três. (E2)</p> <p>Falsas perspectivas em relação ao sexo da criança.</p> <p>Idealizaram em conjunto que iriam ter um filho do sexo masculino que depois não se concretizou. (E1)</p> <p>Quando o jovem pai descobriu que ia ter um filho. (E1)</p>

		<p>”- A reação dele foi, agarrou na folha viu (pausa) e jogou-me o papel há cara, (risos) jogou a ecografia pelo ar (risos) e essa reação a mim custou-me, porque se ele tava, foi apanhado de surpresa eu mais ainda, porque não estava á espera, tava a acabar a... o 12.º, não fazia intenções parar por ali (pausa) a reação dele não foi lá muito boa nesse dia...” (E1)</p> <p>“...disse que ia para a frente...” (E1);</p> <p>“...a...quando eu disse que ia para a frente ele ...disse mesmo, ok! se tu vais para a frente, eu vou contigo (pausa) ” (E1)</p> <p>“- (pausa) não deu tempo para sentir nada (risos), nem sei!” (E3)</p> <p>“- A minha mãe vai-me matar, foi logo a primeira coisa que pensei, o que vou fazer agora!” (E3)</p> <p>“- Cai-lhe tudo, ele nem respondeu sequer (pausa) só passadas umas horas é que ele me ligou (pausa) depois foi falar comigo lá em casa, porque nós já não namorávamos”.(E3)</p> <p>“- (pausa) A... senti-me contente e ao mesmo tempo assustada, porque era</p>	<p>O pai do bebé não reagiu bem á noticia, devido á forma como esta foi revelada e também pelo facto de não ter sido a sua namorada a contar. Mas depois de reflectir decidiu aceitar, já que não havia alternativa, devido ao estado avançado da gravidez. (E1)</p> <p>A jovem receava a reação da mãe, pois esta não concordava com o namoro, devido á tenra idade desta, quanto mais com uma gravidez. (E3)</p> <p>O adolescente ficou surpreso com a notícia, primeiro teve reflectir para ai poder ter uma conversa séria com a jovem mãe. (E3)</p>
--	--	--	--

		<p>muito nova... fiquei mesmo assustada, não sabia como é que ia ser e era uma criança a ter outra criança a bem dizer!” (E4)</p> <p>“ - Disse, ficou contente, não é! Ele também dizia sempre que era um menino e quando descobriu que era um menino foi a maior alegria dele”(E4)</p> <p>“- A... fiquei naquela, não estava à espera, ele dizia-me que tava e eu não pode ser, não pode ser, pensava que era má disposição, e isso!” (E5)</p> <p>“- Ficaste feliz? Sim.” (E5)</p> <p>“- Ficou admirado, é normal!” (E5)</p> <p>“- Não disse nada...” (E5)</p>	<p>A Maria tinha plena consciência da sua situação, o facto de ser muito nova e os problemas que esta gravidez podia acarretar para si e para o seu filho. (E4)</p> <p>O pai da criança quando soube da gravidez pela própria namorada ficou feliz, mas estava habituado a sair com os amigos e teve que perder esse hábito, mas ela salienta que ele nunca a deixou. Também refere na felicidade do pai quando descobriu que o bebé era do sexo masculino. (E4)</p> <p>Devido á falta de experiência e pensar que só acontecem aos outros, a Maria não acreditava ou não queria acreditar que estava grávida. Ela salienta que</p>
--	--	--	---

			o pai ficou admirado e sem palavras. (E5)
	2.5. Sentimentos/reações por parte Família e amigos	<p>“- Muito má! Da parte da minha mãe, do meu pai já ficou mais contente, porque sempre foi uma coisa de ele querer ser avô e mesmo ele disse á minha mãe já que tenho oportunidade de ser avô não vou desperdiçar, a minha mãe é que já foi mais diferente, tinha outros objetivos para mim, queria que eu fosse para universidade, queria que eu seguisse os estudos e... quebrei isso e ela ficou um bocadinho sentida,” (E2)</p> <p>“...embora a minha mãe não tivesse uma reação lá muito interessante!” (E1)</p> <p>“...a pessoa com quem tinha mais medo da reação era da minha mãe...” (E1);</p> <p>“...porque sou sincera se na altura a minha mãe tivesse virado as costas sou sincera não sei se teria continuado! (E1);</p> <p>“Tirado a minha mãe tive muito apoio da escola, independentemente de estar a acabar a escola tive muito, ainda hoje a...me ligam a perguntar para saber como ela está...” (E1)</p>	<p>A reação da parte do pai foi boa, pois era uma coisa que queria muito, já da parte da mãe não, porque esta planeou outro futuro para a filha antes de esta ser mãe. (E2)</p> <p>A adolescente tinha um relacionamento muito próximo com a mãe, esta fez o papel de pai e mãe, por isso o receio de esta não a apoiar naquele momento difícil da sua vida. (E1)</p> <p>A Lara teve e tem apoio por parte da sua mãe e da escola que frequentava. (E1)</p> <p>A primeira pessoa com quem</p>

		“- Ela (amiga) ficou contente e foi ela que ligou para o pai do bebé” (E3)	falou foi a sua amiga Lara, esta ficou contente e ligou para o pai do bebé a contar a notícia (E3)
	2.6. Com que idade foram pais	<p>“- E que idade ele tinha na altura? 20 e 4.” (E2)</p> <p>“- E tu? 20, 20 (pausa) sim. 20 Sim, faço 22 agora, fiz 21.” (E2)</p> <p>“- Eu tinha vinte, vinte fazer os 21, porque eu fiz os 21 em Novembro a 9 e ela a 17, nasceu de dezembro um mês depois, praticamente nasceu.” (E1)</p> <p>“- A.... Ele tinha 24, ele fez 27 agora...” (E1)</p> <p>“- Com 20...20.” (E1)</p> <p>“- A mesma idade que eu, nós temos três dias de diferença.” (E3)</p> <p>“- 16 Anos? Sim” (E3)</p>	<p>A jovem foi mãe com 20 anos e ele com 24. (E2)</p> <p>Apesar de adolescentes não foram pais muito cedo. (E1)</p> <p>Este casal foi pai com 16 anos. (E3)</p> <p>A jovem foi mãe aos 16, mas</p>

		<p>“- Engravidei aos 15, tive aos 16”.(E4)</p> <p>“- E o pai? A ...aos 17”.(E4)</p> <p>“- Quando engravidaste, já disseste que foi com 15, não foi? Foi”.(E4)</p> <p>“- Foi aos 20 tivemos ele aos 21” (E5)</p>	<p>engravidou aos 15, enquanto o namorado foi pai aos 17anos. (E4)</p> <p>A Maria foi mãe aos 21 anos. (E5)</p>
	2.7. Foi desejada /planeada	<p>“- No início (pausa) eu receava um bocado até pensei em abortar, porque... ainda era muito nova, mas depois decidi ir em frente com a gravidez, quando eu a vi na primeira ecografia o meu marido aconselhou a não abortar só se a menina tiver graves problemas assim sim, não quero ter uma criança que sofra, nem eu quero sofrer nem ele, mas assim que o médico do privado viu disse-nos logo que estava tudo bem com a menina, tinha mandado os dados para o porto eles disseram que estava tudo bem, nós ficamos descansados e decidimos arriscar para a frente.” (E2)</p> <p>“...não foi porque eu quis...” (E3)</p> <p>“- Não, nada”.(E3)</p> <p>“- Não”.(E4)</p>	<p>De inicio a adolescente receou um bocado a gravidez e até pensou em abortar, mas o companheiro incentivou-a a não o fazer, a não ser que houvesse algum problema de saúde mais grave. Após o resultado dos exames ambos ficaram aliviados, porque estava tudo bem com a bebé, decidindo assim arriscar. (E2)</p> <p>Esta gravidez não foi desejada, aconteceu, foi um azar. (E3)</p>

		<p>“- Se tiver que vir que venha, mas... assim tar sempre a planear filhos não (risos) é memo vir por acaso”.(E4)</p> <p>“- Não foi planeada, mas já que fiquei, foi desejada. “ (E1)</p> <p>“- Não, aconteceu!” (E5)</p>	<p>A gravidez não foi planeada, mas a adolescente não concorda com a ideia de planear filhos, mas sim que venham ao acaso. (E4)</p> <p>A gravidez não foi planeada, mas com o avançar esta tornou-se desejada. (E1)</p> <p>Foi um acaso, não houve planeamento. (E5)</p>
	2.8. Causas da gravidez	<p>“...e eu era tava a tomar a pílula, mas tomei antibiótico, infelizmente o antibiótico cortou de uma tal maneira o efeito da pílula que eu pensava que já tinha acabado e continuava com o antibiótico e então engravidei...” (E2)</p> <p>“- A gente tinha feito no dia antes e como aquilo rompeu esperei para o dia seguinte e comprei logo de manhã e tomei e mesmo assim ficou cá dentro”.(E3)</p> <p>“- Eu não usava nada, tava a tomar a pílula”. (E4)</p> <p>“- Era segura, mas (risos) aconteceu”.(E4)</p>	<p>A gravidez aconteceu, porque a mãe tomou a pílula em simultâneo com o antibiótico sem tomar precauções adicionais. (E2)</p> <p>Esta gravidez aconteceu porque os dois métodos contraceptivos usados falharam, primeiro o preservativo que rompeu depois a pílula do dia seguinte</p>

		<p>“- Mas esqueceste de tomar? Sim”.(E4)</p> <p>“- Dois dias, foi quando fui ter com ele e depois foi no dia a seguir que também me esqueci”.(E4)</p> <p>“- E tavas na primeira semana da toma? Sim”.(E4)</p> <p>“- Tomava eu, tomava a pílula e ele usava preservativo, nessa altura quando fomos acampar nem um nem outro.” (E1)</p> <p>“- Sim, o que não sabia é que o preservativo rompesse. “ (E5)</p>	<p>que foi tomada de acordo com as recomendações do farmacêutico. (E3)</p> <p>Esta gravidez surgiu, porque a jovem não tomava a pílula regularmente, quando não a tomava ou era por desleixo ou por esquecimento, sendo logo na primeira semana da toma que esta teve relações com o namorado, tornando-a mais suscetível a engravidar.(E4)</p> <p>Por azar ou má colocação o preservativo rompeu. (E5)</p>
3. Métodos contraceptivos	3.1. Informação adquirida	“- Tinha, sim, já eu, como é que eu... eu costumo dizer eu desenvolvi-me muito depressa, fui menstruada muito cedo, tinha eu nove aninhos quando fui menstruada e eu ai nesse momento acho que cresci muito depressa a... eu tentava sempre a aprender eu tudo o que era livros, todo o que era dúvidas que eu tinha, ia á internet a... eu tentava captar tudo e por vezes até	A jovem diz já possuir conhecimentos suficientes sobre métodos de contraceção, porque apesar de ser menstruada muito cedo

		<p>havia amigas minhas que como sabiam que eu sabia alguma coisa perguntavam-me e eu explicava, sempre tentei estar um bocadinho mais a frente do que aquilo que eu, como eu hei-de dizer, já estou a ficar a...” (E2)</p> <p>“- Tinha, mas não tanto como devia ter”.(E4)</p> <p>“- Não tenho memo onde me informar disso”.(E4)</p> <p>“- Sim tinha, sabia, sabia, o que tomar, sobre as doenças e isso!” (E4)</p> <p>“- O implano” (E5)</p> <p>“- Tinha, claro, então nós dávamos na escola!” (E3)</p> <p>“- Sim, só que aconteceu, não foi porque eu quis, não foi porque não me preveni, simplesmente rompeu, eu tomei a pílula do dia seguinte e ele continuou cá dentro...” (E3)</p>	<p>acha que também cresceu muito rápido, também apontou o facto de ser muito interessada em aprender e procurar respostas para as suas dúvidas. (E2)</p> <p>A jovem diz não possuir conhecimentos suficientes sobre métodos de contraceção, porque não sabe onde adquirir essa informação, depois quando refiro vários locais esta diz que não tem tempo, no fim salientou que tinha e sabia o que tomar e das doenças. (E4)</p> <p>A Mafalada somente salienta a palavra <i>emplanon</i> quando questiono acerca da informação que adquiriu sobre contraceção. (E5)</p>
--	--	--	--

			<p>A jovem diz possuir conhecimentos suficientes no que diz respeito a contraceção e menciona a escola como promotora dessa informação. Menciona também que não foi a falta de informação, nem de prevenção, mas sim a falha de dois métodos de contraceção. (E3)</p>
	<p>3.2. Diálogo das adolescentes com os pais</p>	<p>“- A minha mãe puxava conversa mas eu sentia-me tão envergonhada em falar com ela sobre isso que não nunca coiso até hoje em dia ela diz sempre fui tua amiga e nunca te sentiste tão ao vontade para falar comigo sobre isso que sou tua mãe, que sou tua melhor amiga a... para falares sobre tudo e mais alguma coisa (pausa) se eu hoje eu erreí muito já com a minha mãe, já a magoei muito e hoje olho para trás e dou valor a isso á minha mãe é que agente às vezes por mais medo que agente tenha das nossas mães elas são a melhor coisa que nós temos ali e é assim é a melhor pessoa para dar o nosso conselho” (E2)</p> <p>“- Agora sei, espero bem que ela quando tiver alguma dúvida venha falar</p>	<p>Receava em falar com a mãe sobre temas relacionados com a sexualidade, apesar da mãe tentar abordá-los, esta nunca se sentiu á vontade para tal, mas agora que já é mãe pensa de forma diferente e sente-se arrependida por não o ter feito. (E2)</p> <p>Futuramente, ela tem medo que</p>

		<p>comigo não faça como eu sempre no meu cantinho, no meu cantinho e não falo com ninguém, não pedia opinião á minha mãe, nada, nada, nada” (E2)</p> <p>“...a minha mãe falava e coiso, mas claro que certos e determinadas coisas claro que a minha mãe não mencionava...” (E1)</p>	<p>a filha seja como ela, ou seja quando esta tiver alguma dúvida não solicite a sua ajuda. (E2)</p>
4. Acompanhamento médico	4.1. Centro de saúde e hospital	<p>“-Fui acompanhado por um privado e por um público” (E2)</p> <p>“- Centro de saúde? Sim” (E2)</p> <p>“- Sim, comecei a ir às consultas, fiz ecografias para ver se estava tudo bem...” (E1)</p> <p>“- Fui, fui acompanhada no centro de saúde fiz ecografias até de mais como eu na altura quando descobri que tava grávida tinha apanhado um escaldão, cai na praia com a barriga para baixo e a médica por segurança mandou fazer uma ecografia mesmo no hospital tirado aquela das 35 semanas para ver se tava tudo bem...” (E1);</p> <p>“Sim, tudinho!” (E1);</p>	<p>Tive acompanhamento médico de dois lados: Centro de saúde e um médico na especialidade de ginecologia. (E2)</p> <p>A jovem teve acompanhamento médico durante toda a gravidez (E1)</p> <p>Inicialmente pensaram em tirar, mas após a realização de uma</p>

		<p>“- Foste seguida por algum médico? Logo. Nós pensamos em tirar”.(E3)</p> <p>“- Foste ao médico ali no centro de saúde? Meu médico de família”.(E3)</p> <p>“- Foste ao médico de família? Sim, falamos e ele...depois fizemos a primeira ecografia e já não dava para tirar...” (E3)</p> <p>“- Em Faro, mas não me lembro do nome da médica (risos) ”.(E4)</p> <p>“- Foi em Faro no hospital” (E4)</p> <p>“- A... sim o médico Dr. Bruno.” (E5)</p> <p>“- Ali no centro de saúde? Sim de Olhão.” (E5)</p>	<p>ecografia constataram que já tinham passadas as semanas legais para abortar e decidiram avançar. A gravidez foi seguida pelo médico de família no centro de saúde. (E3)</p> <p>Foi seguida por uma médica no hospital de faro, mas não sabe o nome desta. (E4)</p> <p>Foi seguida no centro de saúde de Olhão. (E5)</p>
	4.2 Presença do pai nas consultas	<p>“- Sim, ele diz como não acompanhou no primeiro filho que desta vez tinha que acompanhar em tudo”. (E2)</p> <p>“-Mais ao menos”. (E3)</p>	<p>O pai acompanhou a mãe nas consultas ao médico, como não o fez na primeira vez que foi pai que agora queria acompanhar a 100 %. (E2)</p>

		<p>“- Não, não, não ia, algumas só”.(E3)</p> <p>“- Ias sozinha fazer as ecografias? Sim. Também em Faro não deixavam ele ver a ecografia”.(E3)</p> <p>“No hospital não deixam. Só viu a primeira e uma quase aos oito meses”.(E3)</p> <p>“- Não”.(E4)</p> <p>“- Não, foi quase no fim quando ele tava a trabalhar nas estufas, por isso é que ele tava na luz de Tavira onde estava a viver com a mãe na Fuseta, mas como arranjou trabalho lá, foi morar com a avó para lá e andava a trabalhar...” (E4)</p> <p>“- Sim.” (E5)</p> <p>“- Sim, mesmo aquelas em Faro e tudo.” (E5)</p>	<p>O pai não acompanhou regularmente a mãe nas consultas ao médico, apesar de algumas serem no hospital, devido a esta ser muito nova, e não permitirem a entrada de acompanhantes. (E3)</p> <p>O pai não acompanhou, porque estava a trabalhar na luz de Tavira e o trabalho não permitia saídas. (E4)</p> <p>O pai do bebé acompanhou sempre a mãe nas consultas. (E5)</p>
--	--	--	--

	<p>4.3. Preparação para o parto e seus resultados</p>	<p>“- Fiz” (E2)</p> <p>“-Ajudou bastante, só que na altura... Na altura uma pessoa esquecesse! A pessoa já nem consegue fazer nada (risos) ” (E2)</p> <p>“- Não, quando me avisaram já estava no final da gravidez, e eu então... é porque fizeram mal as contas e eles puseram lá mal, quando eu me inscrevi tinha 23 semanas e ela pois lá 13 ou seja 10 semanas depois, quando coiso já tava praticamente a ter a Lara, por isso, não...” (E1);</p> <p>“- Preparação, não, nem precisei disso!” (E3)</p> <p>“- Nada, (pausa) aí já estava preparado, mentalmente”.(E3)</p> <p>“- Não”.(E4)</p> <p>“- Porque não quis”.(E4)</p> <p>“- Tive no centro de saúde.” (E5)</p> <p>“- Sim, sim em alguns aspectos ajudou-me.” (E5)</p>	<p>Realizou a preparação para o parto, mas na altura esqueceu-se, não conseguindo fazer nada. (E2)</p> <p>Não teve preparação para o parto, devido a um erro administrativo. (E1)</p> <p>Não fez preparação para o parto, porque não necessitou, já considerava-se preparada mentalmente (E3)</p> <p>Não realizou porque não quis. (E4)</p>
--	---	---	---

		<p>“- Os cuidados ao recém-nascido e a tomar banho e essas coisas todas e depois antes durante a gravidez...a...agora não me lembro bem como foi durante, mas em alguns aspectos.” (E5)</p> <p>“- Sim ah! Sim isso principalmente e sobre o epidural e essas coisas que dão no parto.” (E5)</p>	<p>Fez a preparação e salienta que esta ajudou bastante no antes, durante e depois da gravidez. (E5)</p>
	4.4. Apoio psicológico	<p>“- Não. Tirando o facto das pessoas me disserem para levar epidural para não ver vídeos, não ver imagens de na net, eu própria ia á net e ia ver partos diferentes, parto normal, parto com fórceps, parto provocado, cesariana e toda a gente dizia isso só tá a meter-te medo, porque tu vais para lá vais apanhar isso e vais apanhar muito medo...” (E1);</p> <p>“- Não, eu não quis”.(E3)</p> <p>“- No curso não.” (E5)</p> <p>“- Insistiram um bocadinho, mas queriam que eu fizesse aborto e essas coisas mais.” (E5)</p>	<p>Não teve qualquer preparação psicológica, pelo facto de não necessitar, mas ela própria tentava informar-se acerca dos diferentes tipos de parto. (E1)</p> <p>Não teve apoio psicológico, porque não quis isso não quer dizer que não necessitasse. (E3)</p> <p>No apoio psicológico aconselharam a jovem a abortar</p>

			devido ao problema de saúde que possui e ao facto de terem carências económicas. (E5)
5.Escolaridade/Ocupação profissional dos adolescentes	5.1. Pai	<p>“- Não, ele já era, é pasteleiro há montes de anos, já era, desde os quinze anos que ele anda nisso, nessa profissão de pasteleiro, dá é aulas na escola hoteleira de Faro e de Vila Real de Santo António a...” (E2)</p> <p>“Neste momento trabalha por conta própria (pausa)” (E1);</p> <p>“...nós não eramos da mesma escola...” (E3)</p> <p>“- Ele não, ele trabalha no mar, tá a andar num barco”.(E4)</p> <p>“- E ele também? Sim estava em mecânica... “ (E5)</p>	<p>O pai tem a profissão de pasteleiro e já trabalha nesta atividade desde os quinze anos. (E2)</p> <p>O pai é carpinteiro, trabalha em casa por conta própria. (E1)</p> <p>Sabemos que o pai é estudante, mas em outra escola. (E3)</p> <p>O pai é pescador. (E4)</p> <p>Eram ambos estudantes. (E5)</p>
	5.2. Mãe	<p>“- Tu estavas na escola na altura? Sim” (E2)</p> <p>“- Qual era o curso? Secretariado, tive que deixar porque engravidei”.(E2)</p> <p>“-Sim, no último ano de escolaridade mesmo, só me faltava dois/três exames para fazer, mais ou menos”. (E2)</p>	<p>A mãe estava a estudar na secundária de Olhão a terminar o 12.º ano. (E2)</p>

		<p>“- Atualmente frequenta/ frequentou esta escola? Frequentei.” (E1);</p> <p>“- Há...2009 ... há 3 anos, vá” (E1).</p> <p>“- Três anos atrás” (E1).</p> <p>“- 12º” (E1).</p> <p>“- Sim, mas não sabia ainda, só descobri já no 10.º, no 10.º ano, mas já estava”.(E3)</p> <p>“- Em línguas e humanidades, Então ficaste com o 9.º ano! Fiquei” (E3)</p> <p>“- Ainda hoje tou a andar na escola”.(E4)</p> <p>“- Tou a acabar o 9.º”.(E4)</p> <p>“- Completo é o 8.º”.(E4)</p> <p>“- Tava a fazer o 10.º.” (E5)</p>	<p>A adolescente no momento da entrevista já tinha concluído o 12.º acerca de 3 anos de escolaridade e estava desempregada. (E1)</p> <p>A Cátia estava a frequentar o 10.º ano, ou seja, tinha o 9.ºano de escolaridade. (E3)</p> <p>A adolescente continua a frequentar a escola, está a terminar o 9.º ano. (E4)</p> <p>A jovem estava na secundária a frequentar o 10.º ano de</p>
--	--	---	---

		<p>“- Eu tava na secundária a acabar o 10.º” (E5)</p> <p>“- A... como eu não acabei o 10.º, tenho só o 9.º.” (E5)</p>	escolaridade. (E5)
6. Habitação	6.1. Onde habitavam aquando da descoberta da gravidez	<p>“- Sim a gente juntou-se em dezembro...” (E2)</p> <p>“-...nessa altura tava a morar com a minha mãe...” (E1)</p> <p>“- Estávamos a namorar engravidei e a partir dai é que agente se juntou.” (E2)</p> <p>“- Aquilo vá, são três casas, tudo junto, mas os meus sogros têm a casa deles e eu tenho a minha.” (E2)</p> <p>“- É a parte sim.” (E2)</p> <p>“- Vivia com a minha mãe” (E1);</p> <p>“-E ele vivia com os pais dele? (acanou com a cabeça)...” (E1);</p>	<p>Após ter passado um mês da descoberta da gravidez o casal começou a viver junto numa das casas dos sogros. (E2)</p> <p>Antes e durante a gravidez, ambos viviam com os seus pais. (E1)</p> <p>Começaram a viver juntos três meses antes do Ricardo nascer,</p>

		<p>“- Não, antes, p`rai dois ou três meses antes do nosso filho nascer”.(E4)</p> <p>“- Foi nessa altura que ele veio viver contigo para aqui? Sim”.(E4)</p> <p>“- Vivem juntos? Sim, sim.” (E4)</p> <p>“- Com outras pessoas? Com os meus pais”. (E4)</p> <p>“- Os teus pais e a tua cunhada, neste caso? Sim e os meus irmãos”.(E4)</p>	<p>juntamente com os pais, irmãos e cunhada da Maria. (E4)</p>
	<p>6.2. Onde habitavam após o nascimento do bebé</p>	<p>“...nós só fomos viver juntos quando a Lara fez 10 meses.” (E1);</p> <p>“- A Lara fez 17, os 10 meses a 17 de Outubro e a 23 eu fui viver para lá, seis dias depois praticamente.” (E1);</p> <p>“- Vocês viviam juntos na altura? Sim” (E3)</p> <p>“- Com a tua sogra na casa dos teus sogros? Sim.” (E3)</p> <p>“... eu morei com a minha sogra...”(E3)</p>	<p>Passados 10 meses de nascimento da filha, estes foram viver juntos na casa dos pais do jovem. (E1)</p> <p>Depois do nascimento do bebé foram viver com os sogros da Cátia. (E3)</p>

		<p>“- Sim, estávamos juntos aqui.” (E5)</p> <p>“- Com os pais dele e dela (cunhada que estava presente na altura da entrevista).” (E5)</p>	<p>A Maria foi viver para a casa dos sogros depois do nascimento do seu filho. (E5)</p>
	6.3. reações após coabitação com pais /sogros	<p>“- No início correu muito bem, só que entretanto, e depois a mãe põe-se no meio, não é que as discussões sejam nossas é por a mãe e a irmã estar no meio, isso é a parte má de morar com os sogros (pausa) mas de resto não, eu não tenho discussões com ele derivado a coisas nossas, por coisas que ele faça ou coisas que eu faça é mais pela (pausa) mãe, pelo pai e pela irmã. Nossas não!” (E1)</p>	<p>O relacionamento entre sogra, cunhada e nora não era das melhores, o que levava a discussões entre o casal. (E1)</p>
7. Parto	7.1. Acontecimentos importantes antes da ida para o hospital	<p>“- O parto era para ser parto normal, as minhas águas arrebentaram por volta no dia três, às dez e sete mais ou menos fui logo de imediato para o hospital...” (E2)</p> <p>“- Não tive nada, as águas arrebentaram, eu no dia 16 de Dezembro tive na BP até às 2h30 da manhã...”</p> <p>“-...deitei-me no chão às 5h30 da manhã comecei a ...com aquela aflição de</p>	<p>Antes de ir para o hospital as águas arrebentaram por volta das 3 da manhã. (E2)</p> <p>Depois de vomitar, começaram a doer-lhe os rins, mas uma dor ligeira, mas continuava a vomitar e a sua mãe ligou para o hospital para uma amiga sua,</p>

		<p>querer ir á casa de banho, mas eu não fazia nada era água!”(E1)</p> <p>“...era doze quando fui abrir, á medida que abri o coiso veio o cheiro do (pausa) sumo e dei em vomitar fui para a casa de banho e vomitei até pelo nariz, eu vomitei.” (E1);</p> <p>“- Tava bem não me doía nada (pausa) e eu vomitei e depois deitei-me no chão e a minha mãe diz: tás bem? Não, só me dói aqui os rins, não me dói nada só me dói os rins, a minha mãe só te dói os rins, quando é que foste á casa de banho? Espera ai que já venho, foi quando fui a casa de banho e vomitei quando a minha mãe reparou que até pelo nariz vomitava e então ligou para o hospital.” (E1)</p> <p>”... mande já, ela que se despache que vou já mandar INEM, porque ela tem que vir, porque ela já deve tar em trabalho de parto ...” (E1);</p> <p>“...foi quando o enfermeiro começou a dizer; olha a partir de agora se sentires alguma ferroada começa a contar avisas-me ou apertas-me a mão para começar a contar de quanto em quanto tempo estás a ter as contracções (pausa) eu sentia...” (E1);</p> <p>“- Olha, ele foi provocado, já passava do tempo (pausa) ...”(E3)</p>	<p>esta falou com o médico e mandou uma ambulância de imediato pois já estava em trabalho de parto a algumas horas, o que podia ser prejudicial para mãe e filha. (E1)</p> <p>Quando saiu de casa foi pelas próprias pernas porque sentia-se bem e foi orientada pelos técnicos na ambulância, pois já estava a ter contracções muito juntas. (E1)</p> <p>Como a gravidez já passava das 40 semanas, esta teve que</p>
--	--	--	--

		<p>“- Sim. Pronto, fui com uma professora minha foi ela eu me levou lá”. (E4)</p> <p>“- Sim, foi mesmo nessa manhã...” (E4)</p> <p>“- Foi parto provocado.” (E5)</p>	<p>ser provocado. (E3)</p> <p>Maria deslocou-se para o hospital acompanhada de uma professora, porque o parto tinha que ser provocado (E4)</p>
	7.2. Acontecimentos cruciais no hospital	<p>“...levei a noite toda a dilatar (pausa) por volta das nove e um quarto mais ou menos foi quando o médico, acho, que entrou dentro da minha sala foi-me verificar novamente e foi quando ele me disse que não iria ser parto normal e sim cesariana (pausa) levaram-me para a sala para fazer cesariana disseram-me logo que não podia ficar nervosa senão punham-me a dormir e eu disse logo que não que queria tar acordada quando a menina saísse mesmo quando eles fizesse mesmo o parto a...foi quando eles me disseram, que iriam fazer uma pequena porçãozinha na barriga eu senti essa pressão foi quando eu ouvi o choro da menina...” (E2)</p> <p>“...cheguei lá ao 12:05 e 12:14 assim é que foi...” (E1);</p>	<p>No hospital a jovem levou a noite toda á espera para fazer a dilatação, mas como não conseguia resolveram fazer cesariana e após uma pequena pressão na barriga a menina nasceu. (E2)</p> <p>Quando a adolescente chegou ao hospital não tinha qualquer dor apesar de as contrações estarem muito próximas, mas</p>

		<p>“...eu cheguei ao hospital fui para o CTG tavam de estalo, seguidas, seguidas e eu não sentia nada...”(E1)</p> <p>“...Porquê, tas a ter contrações menina, de segundo a segundo e eu sinto-me bem, tava bem...”(E1)</p> <p>“...ligaram-me o soro, mas quando ligaram-me o soro e uma cena que eles põem, ai sim comecei a senti-las de estalo...” (E1)</p> <p>“...a...a uma amiga minha que me foi assistir é que me disse a... tas, é assim tas a ter contracções seguidas (pausa) agora respira fundo não vale a pena entrares em paranóia agora...” (E1)</p> <p>“... só que eu só tive das 12 até às 6 horas tive sempre a...a sofrer e eu não conseguia não tinha força para...”</p> <p>“... eu disse mas eu não tenho força e depois eles dizerem, se daqui a cinco minutos esse bebé não tiver cá fora vais para cesariana e ai pensei duas vezes, já estava a sofrer o que tava, entretanto já me estava a faltar o ar, perdi as forças completamente e há medida que perdi as forças começaram-me a dar oxigénio para ver se eu..” (E1)</p> <p>“...Olhe é assim, ela não consegue, ela vai para cesariana, não quis epidural, a miúda já está a sofrer de mais...”(E1)</p> <p>“... Dr. Cravo diz: olha é assim, como ela não vem, ou sim ou sopas! Já está, vai jogar-me as mãos e vai-me matar, jogou-me as mãos e á medida</p>	<p>após a colocação do soro as dores começaram a ser muito próximas. Durante um período de seis horas, esta começou a ter dificuldades em respirar e a perder forças, então os médicos decidiram utilizar as ventosas para ajudar no nascimento do bebé, foi nessa altura que a Lara nasceu. (E1)</p> <p>A jovem encontrou no hospital para internamento, pois já estava com 43 semanas de gestação, apesar de sentir-se bem. Ao mostrar a carta do médico a jovem foi levada para o CTG e tiveram que colocar a soro o que foi um pouco</p>
--	--	---	--

		<p>que jogou-me as mãos começo, é que depois ela começou a sufocar, depois foi quando o Dr. Dias disse: olha, vai buscar os...os fórceps, vai mesmo buscar ventosas e não sei quê, foi quando ela disse que (pausa), ia tentar com as ventosas se ela não viesse com as ventosas que ia para cesariana, entretanto fiz tudo o que, as forças que tinha, ela saiu com as ventosas “ (E1);</p> <p>“... eu fui para o hospital de malas e bagagem (risos) e elas perguntavam-me o que eu estava ali a fazer, porque eu estava super bem tinha uma barriga enorme mas estava super bem”.(E3)</p> <p>“- Quase 43 e então elas disseram, então e não sei o quem, depois eu mostrei a carta e elas mandaram-me fazer CTG, logo por azar apanhei uma estagiária, ela picou-me na mão picou-me, picou-me o braço todo e não consegui encontrar uma veia (pausa) nada, nada, nada, veio uma toda bruta logo á primeira, pronto, mas olha deitou sangue e tudo, mas foi logo á primeira, depois comecei a pensar se isto começa assim como é que será o parto, foi logo a primeira coisa que pensei...” (E3)</p> <p>“...eu durante a gravidez, eu fui andar muito para a praia e andava muito ia muito ás compras, subir escadas, descer escadas e olha para mim serviu muito, quando cheguei lá já tinha quatro dedos de dilatação, mandaram-me</p>	<p>complicado, pois as enfermeiras eram pouco experientes, ai esta começou a ficar um pouco preocupada. Ela salienta que durante a gravidez andava muito e que foi isso que a ajudou porque tinha 4 dedos de dilatação. Foi para o quarto eram 11 da manhã deram-lhe o toque e só há uma da tarde é que foi para o bloco de partos com 6 dedos de dilatação.</p> <p>Ela com seis dedos de dilatação não tinha dores nenhuma e ficou assim até ás 16h30 quando começaram as dores fortes, as técnicas perguntaram se esta queria levar epidural, porque o parto só seria no dia seguinte, a adolescente</p>
--	--	---	--

		<p>para os quartos e depois ela foi-me fazer o toque, fez-me o toque e depois eu cheguei lá eram onze horas, há uma da tarde fui logo para a sala de partos, já com quase seis dedos de dilatação, fui á uma...” (E3)</p> <p>“- Não, não tinha nada, nada eu não sentia nada, com seis dedos de dilatação e não tinha dores nenhuma, nenhuma, nenhuma, nenhuma...” (E3)</p> <p>“...a medica vinha deixa-me lá ver como tava, tinha os seis dedos de dilatação na mesma, por volta das 16h30m eu comecei a ter umas dores horríveis, horríveis, horríveis e depois elas disseram olha queres levar epidural é agora, porque o parto só deve ser amanhã e eu pensei agora ponha-me já a epidural é que eu não ia aguentar aquelas dores até ao dia a seguir, puseram-me a epidural era por volta de umas oito, eu fiquei quase a dormir estava ali quase em coma, depois agente esperamos um bocadinho, elas vieram era para ai umas nove horas elas rebentaram-me as águas...” (E3)</p> <p>“... elas rebentaram-me as águas e era ai umas 9h30m a médica disse assim vamos lá ver eu já tinha o cabelo dele todo de fora (risos) depois ela disse é só fazeres força, meia hora o meu filho estava cá fora”.(E3)</p> <p>“- Levei, (epidural) mas na altura do parto já não tinha efeito nenhum, senti</p>	<p>concordou. Eram 21h00 da noite quando a enfermeira arreventou-lhe as águas, passado meia hora a médica apareceu para vê-la quando esta deparou-se com a cabeça do bebé a sair, passado mais meia hora a criança já tinha nascido. Mas houve um senão, quando ela gritou de alívio constatou que este tinha o cordão á volta do pescoço, mas logo foi solucionado sem qualquer problema e finalmente saiu.</p> <p>Antes da Cátia sentir as dores do parto como esta não tinha comido desde das oito da manhã os batimentos cardíacos do bebé começaram a diminuir, mas com um nutriente injetado</p>
--	--	--	--

		<p>tudo mal a criança saiu eu preguei logo um grito A CRIANÇA JÁ SAIU! (risos)...” (E3)</p> <p>“... ele tinha duas voltas do cordão umbilical no pescoço, cortaram e depois é que saiu o resto e depois puseram em cima de mim, ah, e como não tinha comido desde das oito da manhã, ele por volta das 3h00, 3h30 começou os batimentos cardíacos a ir abaixo, sim depois ele foi chamar logo e elas disseram que não sabiam o que se passava e eu só disse que era o meu filho que tem fome, era o que eu pensava, porque eu desde de manhã que não como, depois elas deram-me pelo soro um nutriente para ele, e depois a partir dai é que comecei a sentir dores, porque ele ai já tinha força para nascer, depois pronto!” (E3)</p> <p>“... foi, tiveram-me que arrebentar as águas, meteram-me a soro, senti contrações, levaram-me para a sala de partos, desde as 9h00...”(E4)</p> <p>“- Afim de quantas horas começaste a ter contrações? p´rai uma hora, nem uma hora”.(E4)</p> <p>“- Depois tive na sala de partos desde os 9h00 e tal da manhã até as 22h00 e tal da noite, só às 20h00 da noite é que deram a epidural e só fui ter o meu</p>	<p>no soro, começaram as dores e deu-se o procedimento já referido anteriormente. (E3)</p> <p>A jovem quando chegou ao hospital colocaram-lhe o soro, passado uma hora começou a ter contrações, depois levaram para a sala de partos e estive desde as 9h00 até às 22h00 quando nasceu o Ricardo, só levou epidural duas horas antes de dar á luz. Antes de levar a epidural as dores eram muito intensas e a jovem após a anestesia até perdeu as forças, derivado á força que fez, ficando quase inconsciente, mas como auxilio das ventosas a criança finalmente nasceu. O bebé foi colocado em cima</p>
--	--	--	--

		<p>filho às 22h00 e tal da noite”.(E4)</p> <p>“- Com dores, tava com muitas dores, eu pensava que era chegar lá abrir as pernas (risos) ”.(E4)</p> <p>“- Foi o...bebé também não queria nascer, elas tiveram que se pôr aqui em cima da barriga para o Ricardo nascer, foi muito doloroso para mim, ele não queria nascer e eu tava a ver que não tava a conseguir ter”.(E4)</p> <p>“- Pois elas viram que só com as ventosas, não foi? Sim. Foi mesmo o último dos casos”.(E4)</p> <p>“- Foi por volta da meia-noite que ele nasceu? Não, foi quase às 22h30 da noite, às 22h21”.(E4)</p> <p>“- Mas o que é que aconteceu quando desmaiaste, foi naquele espaço de tempo que tavas com dores, á espera que... Não foi na altura que o tava a ter”.(E4)</p> <p>“- Sim, sim, foi muita força que eu quase não aguentava”.(E4)</p>	<p>da mãe e esta foi para o recobro. (E4)</p>
--	--	---	---

		<p>“- Eu perdi memo a reação, eu...deixei de ver, eu já dizia a elas que não conseguia ver nada”.(E4)</p> <p>“- Eu só tava a pedir água a elas (risos) elas disseram-me que não podiam dar água, mas molharam-me os lábios, não é!”(E4)</p> <p>“- Não porque quando eu estava quase a ir, elas estavam-me a só dar chapadas, tá a ver, para ver se eu acordava, lá fui ao lugar, depois fiz um bocadinho de força saiu a cabeça e não senti mais nada”.(E4)</p> <p>“- Depois a cozer não senti nada”.(E4)</p> <p>“- Foi, passei as noites todas cheia de dores, porque puseram-me o soro, a noite toda sempre ali e nessa mesma noite puseram-me na sala de partos” (E5)</p> <p>“- Com o soro, depois deram-me a epidural, ele não nascia.” (E5)</p> <p>“- Não, não senti, mas ou menos, não senti ali, depois quando começou a puxar o cordão, aí é que foi pior” (E5)</p>	<p>A jovem Maria também teve um parto difícil, para além de ser provocado o bebé não encontrava-se na posição correta para nascer, o que provocou algum sofrimento na mãe e no seu filho, por isso tiveram que recorrer a uma</p>
--	--	---	---

		<p>“- Não, não foi par... normal.” (E5)</p> <p>“- Era para ser cesariana, porque o moço estava na posição para ser cesariana.” (E5)</p> <p>“- a... sim mais ou menos, tava numa posição que era complicado os médicos passaram a noite toda a ...ver como é que ia ser, tinha febre, tavam a batalhar comigo, à noite é que ele tava com a cabeça mesmo para baixo, já se via.” (E5)</p> <p>“- De manhã quando eu ia na maca é que viram que a cabeça dele tava quase a sair, então foi por ventosas, eu não conseguia, teve que ser cesariana.” (E5)</p>	<p>cesariana de emergência. (E5)</p> <p>Durante as entrevistas constatou-se que a maior parte dos partos tiveram que ser provocados porque já passavam das 40 semanas de gestação, isto deve-se ao facto das mães serem muito jovens e o seu corpo não se encontrar preparado para gerar um bebé. Além disso, também é de referir que quase todos os partos foram bastante difíceis, ou seja, duas cesarianas e três normais mas com complicações, também</p>
--	--	---	---

			derivado ao factor idade.
	7.3. Receios durante o parto	<p>“O nosso maior medo de que com as ventosas com a força que os médicos fizeram para ela sair que ela tivesse algum hematoma na cabeça, mas não, não teve nada disso, tirando ter a anca descaída derivado a esse puxão, mas tirando isso...” (E1);</p> <p>“... depois eu disse que o pai queria assistir e depois eu disse, a gente tem que esperar pelo pai (risos) não pode nascer agora, nós temos que esperar o pai, só vinha lá para as três da tarde quatro”.(E3)</p> <p>“...veio uma toda bruta logo á primeira, pronto, mas olha deitou sangue e tudo, mas foi logo á primeira, depois comecei a pensar se isto começa assim como é que será o parto, foi logo a primeira coisa que pensei...” (E3)</p> <p>“- Tava que eu perguntei, assim que o meu filho nasceu perguntei logo se ele vinha com alguns problemas”.(E4)</p>	<p>Que existia muitos receios por parte dos pais que o bebé nascesse com algum hematoma derivado a aplicação da ventosa e do esforço dos médicos para a criança nascer. (E1)</p> <p>A mãe estava com receio do pai não chegar a tempo para assistir ao nascimento do filho. Inicialmente, esta também ficou com um pouco de medo porque ao colocar o soro foi picada várias vezes pelas estagiárias sem conseguirem resultados até ao momento que veio outra enfermeira experiente que teve um comportamento bastante</p>

			<p>agressivo, fazendo com que esta ficasse receosa por ela e pelo seu filho. (E3)</p> <p>A maior preocupação da mãe quando este nasceu era saber se este tinha algum problema de saúde, devido ao facto de serem pais muito jovens. (E4)</p>
	7.4. Assistido pelo pai do bebé	<p>“- Não, não pode cesariana não pode e no estado em que ele estava se fosse parto normal acho que ele não assistia também” (E2)</p> <p>“ - Tava lá fora, porque perguntaram-lhe se ele sofria de sistema nervoso, ou qualquer coisa assim parecida (pausa) a... entretanto eu disse que não, e eu disse que não queria o pai lá dentro, senão vai lá dentro, queria uma pessoa que me apoia-se e não desmaia-se logo a seguir, ele queria entrar e depois vinha uma auxiliar, olha o pai quer entrar e eu ia e dizia NÃO, não quero e a moça disse se quiseres eu saio para o pai entrar, eu disse não quero, eu quero o pai lá fora, deixa-o estar lá fora, é lá fora que ele tá, tava a minha mãe e... ele queria entrar á força, no entanto levei o tempo a dizer que não, porque não aguentava, depois disse não entras primeira, porque</p>	<p>O pai não assistiu porque não foi parto normal e em Portugal nos hospitais públicos ainda não é permitido que o pai assista ao parto por cesariana. (E2)</p> <p>O pai não assistiu ao nascimento da filha por imposição da jovem mãe por esta alegar que este além de não ter força psicológica, ser</p>

		<p>já... disseste a mim a gravidez toda que não querias, agora é assim se eu preciso de uma pessoa que me possa agarrar, tu, eu calho a apertar tu vês como eu tou nervosa, tu cais para o lado e eu não preciso que cai-as para o lado, porque assim ele não sabe se vai socorrer a mim ou a ti, por isso eu prefiro que ela fique.” (E1);</p> <p>“- É, É, ele facilmente desmaia começa-se a enervar e se ele visse o estado em que eu estava de querer fazer força e não conseguir e de querer... (pausa) prontos, tentar que a miúda nascesse sem problemas nenhuns, ousem ajuda nenhuma de fora, o mais certo é ele atrapalhar, atrapalhava mais do que ajudava, isso era certo! (E1);</p> <p>“- (interrompe) assistiu”.(E3)</p> <p>“- Ah, ele ajudou por acaso ele ajudou, ele pôs a mão por detrás do meu pescoço para me ajudar a ir para a frente, para fazer força e estava sempre a dizer força, tá quase, tá quase, aí o nosso bebé, aí sim ele ajudou-me!” (E3)</p> <p>- Foi a minha mãe”.(E4)</p> <p>“- Como eu disse mãe é sempre mãe e gostava que naquele momento</p>	<p>uma pessoa bastante vulnerável e também, porque sempresalientou que não iria assistir, então a grávida decidiu que fosse uma amiga a assistir, pois esta daria uma melhor ajuda. (E1)</p> <p>O pai e uma pessoa muito nervosa e que desmaia facilmente e o facto de assistir aquela situação complicada não iria ajudar, mas sim atrapalhar. (E1)</p> <p>O pai assistiu e colaborou com as profissionais e com a adolescente e foi bastante positivo não só para os jovens adolescentes, mas também para</p>
--	--	--	---

		<p>estivesse a minha mãe” (E4)</p> <p>“- Quem o pai do meu filho? Queria mas ele também concordou, tá a ver, mãe é mãe, mãe é sempre mãe”.(E4)</p> <p>“- Sim. Pronto para a próxima quem sabe (risos) ”.(E4)</p> <p>“- a minha mãe é que assistiu ao parto, foi a primeira vez e gostava que fosse a minha mãe a tar ao meu lado, tá a ver, já que me ajudou esse tempo todo, acho que o apoio dela ao meu lado, acho que era melhor coisa que podia tar ali, tal como ia morrendo no parto, a minha sorte foi a minha mãe ter me acordado, tá a ver, molhar-me a cara e tudo, quase que ia morrendo, quase que ia dizendo que não ia ter o meu filho”.(E4)</p> <p>“Ah, ele não foi assistir, explica...? Mas posso explicar á mesma, no dia a seguir ele foi.” (E5)</p> <p>“- No dia a seguir quando a... foram-me visitar é que as enfermeiras disseram que já tinha nascido.” (E5)</p> <p>“- Sabia, mas não sabia que eu já tinha tido o moço...” (E5)</p>	<p>o bebé. (E3)</p> <p>O pai não assistiu ao parto por opção dos dois, porque a adolescente queria a sua mãe presente para ajudá-la.</p> <p>Esta até salientou que para a próxima assistia, mas naquele momento necessitava da sua mãe, pois esta esteve sempre a apoiá-la desde o início da gravidez e salienta se não fosse ela não sabia o que poderia ter acontecido. (E4)</p> <p>O pai não assistiu porque não sabia que o bebé tinha nascido, ou seja, soube que a mãe foi para o hospital para induzir o parto, mas nunca pensou que</p>
--	--	--	---

			este nascesse tão depressa. (E5)
	7.5. Sentimentos/ reações da (o)s adolescentes após o nascimento	<p>“...eu fiquei logo toda empolgada e a enfermeira foi logo me mostrar, está aqui a sua menina! Ai eu fiquei logo toda contente!” (E2)</p> <p>“- Comecei a chorar (risos) é magnifico, é... é...não há descrição mesmo para sentir quando mesmo agente os vê, é levam aquele tempo todo dentro de nós a desenvolver, nós só sentimos os movimentos deles, só os vemos através de... de... ecografias é sempre aquela coisa, como ela vai ser como ela será? Vi fiquei toda contente” (E2)</p> <p>“- Filha, tens umas unhas muito grandes, arranhou-me! (Risos) achei-a a...a...chamei-lhe primeiro, porque era ruiva (pausa) quando nasceu a gente viu que era ruiva, muito gordinha tinha a cara do pai, para variar, (pausa) correu tudo bem.” (E1);</p> <p>“- Ui! Hum, hum...” (E1);</p> <p>“- Senti muito feliz (pausa), mas ao mesmo tempo muito em baixo, porque não conseguia pegar nela ao colo, perdi as forças”.(E1);</p> <p>“- Não sei, a primeira coisa que pensei foi aonde é que tavas enfiado (risos),</p>	<p>A mãe ficou muito feliz quando nasceu a filha e até chorou de emoção, mas não consegue escrever os sentimentos do momento. (E2)</p> <p>A mãe ao ver a filha reagiu com muita felicidade e tristeza, por não conseguir agarrar na sua filha derivado ao estado débil que se encontrava, também comentou em tom de brincadeira que esta tinha as unhas muito grandes que era gordinha, ruiva e parecida com o pai. (E1)</p> <p>Foi uma emoção que ela não</p>

		<p>porque ele era tão grande e eu pensei bom aonde este moço estava enfiado (risos), opa não sei foi uma coisa a gente, ninguém sabe explicar, só quem é mãe, ninguém sabe explicar o que é!” (E3)</p> <p>“- Eu não sei se chorava, não sei se ria (risos) sei lá, sabendo que aquilo é mesmo nosso é uma alegria muito grande!” (E4)</p> <p>“- (pausa) ficou admirado não estava á espera, que ninguém me avisou, ninguém me disse nada, admirado não sabia de nada! (E5)</p> <p>“... no dia a seguir de manhã é que lhe disseram, ficou admirado, ficou contente, era um moço, era o que ele queria, queria ter um moço para meter o nome do irmão.” (E5)</p> <p>“- Foi uma alegria, senti que era o que eu queria, que era mais ou menos como tinha imaginado dele.” (E5)</p>	<p>sabe descrever. A primeira coisa que pensou foi como uma criança tão grande podia caber na barriga. (E3)</p> <p>Foi uma emoção tão grande que ela não sabia se ria de alegria ou se chorava de alívio, esta descreve que foi uma enorme alegria. (E4)</p> <p>A Alegria manifestou-se em todas as jovens, mas também o alívio de o parto ter terminado e em bem para mães e filho(s).</p>
8. Comportamentos dos adolescentes em casa	8.1. Como lidaram com presença do bebé	“- É assim, não mencionaram, mas acho que assim que eu a vi aprendi tudo logo de um momento para o outro.” (E2)	Cuidar de um filho é um conhecimento que nasce com as mães. (E2)

		<p>“- É, a pessoa aprende a fazer tudo, eu ai mãe como é que vou fazer isto com ela, tenho que, as vezes ter ela ao colo, porque às vezes ela não pára de chorar, quer atenção eu tenho coisas para fazer, mas chegou a um ponto em que começo a ver que eu posso fazer tudo na mesma, eu ponho-a ao colo tenho que fazer o biberão, tenho que fazer qualquer coisa tinha medo de a deixar cair, mas não a pessoa apanha um... como é que hei-de explicar (pausa) a... “ (E2)</p> <p>“- Sim, ganha uma experiencia uma coisa, uma habilidade de ter um miúdo ao colo e conseguir fazer tudo na mesma, eu tinha sempre esse receio, mas...” (E2)</p> <p>“- O meu marido foi quem deu o primeiro banho e tudo no hospital, naquele dia, eu disse logo olha podes dar banho, neste estado como eu estou, não consigo esticar praticamente para traz para segurar na menina era perigoso, então ele é que deu e ajudou muito em casa, ás vezes eu preciso de fazer o jantar ele é que vai adormece-la, ele é quem dá o biberão...” (E2)</p> <p>“- Muito bem até (pausa) já tava habituada (risos) já tinha cuidado praticamente de duas.” (E1);</p>	<p>Como mães aprendemos a fazer as coisas a sermos desenrascadas, e assim adquirimos experiência em lidar com bebé. (E2)</p> <p>O pai também reagiu bem visto já ter tido experiência com outro filho e sempre que podia ajudava a tratar da filha. (E2)</p> <p>A mãe reagiu bem á presença da filha pois já tinha experiencia em cuidar de crianças, pois foi esta que tratou das suas irmãs mais novas, o mesmo não aconteceu</p>
--	--	---	---

		<p>“- Para mim não, mas para a minha irmã mais nova sim.” (E1);</p> <p>“- Para ele nem tanto, ele...” (E1);</p> <p>“- Não. Isso não, para pegar ao colo foi um castigo, para lhe dar o primeiro biberão foi um castigo, eu disse que tava aflita para ir á casa de banho e obriguei-o praticamente a agarrar na miúda e no biberão (risos) a única pessoa que não aceitou muito bem na altura foi a minha irmã mais nova, porque tava habituada, eu é que andava para todo o lado com ela, quando ela nasceu é tudo para a Lara e já não gostas de mim pois é, mas prontos (risos) e a Lara é que é tua filha e já não gostas de mim e... mas nunca fez mal a ela, nunca coiso, muito pelo contrário, nunca deixava ninguém lá chegar ao pé, a sobrinha era só dela.” (E1);</p> <p>“- Já, sim senhor, antes ele não ficava com ela sozinha, agora já fica, já anda com ela para todo o lado, uma maravilha, espectáculo!” (E1);</p> <p>“- Já está mentalizado!” (risos) ” (E1);</p> <p>“...é que é assim se fosse um rapaz, ele educava-se melhor, ele sente-se muito constrangido quando tem que por exemplo de mudar a frauda, ela</p>	<p>com a sua irmã mais nova que sentiu ciúmes, porque deixou de ser o centro das atenções da casa. O pai o pouco tempo que estava com a filha sentiu medo e receio em segurar a filha e em dar de comer. (E1)</p> <p>O pai só depois de ir viver com a filha é que começou a ter um relacionamento mais próximo com esta e já realizava todas as tarefas diárias com a filha sem qualquer problema, mas pelo facto da Lara ser uma rapariga este sente algum preconceito em levar a filha a fazer as necessidades fisiológicas e a higienizá-la. Os sogros são pessoas simples do meio rural com mentalidades retrógradas e</p>
--	--	---	---

		<p>neste momento tem tirado a fraudada, durante o dia anda de cuecas, tem os penicos que agente diz para ela ir, ela chama a gente para ir, ele por exemplo sente-se constrangido de levá-la a fazer xixi e limpamos com uma toalhita, ele sente-se constrangido de o fazer.” (E1);</p> <p>“- Porque é uma menina, uma menina se fosse um rapaz se calhar não sentia tanto (risos).” (E1);</p> <p>“- Mas esse preconceito já não existe tanto?” Mas ele tem.” (E1);</p> <p>“- Deve ser de família! É capaz, são muito campónios (risos).” (E1);</p> <p>“- Bem a gente todos os dias, agente tinha que aprender uma coisa nova, não é!” (E3)</p> <p>“- Sim ajudou, claro! (risos) ” (E3)</p> <p>“- Sim, a minha sogra...” (E3)</p> <p>“-...mas durante a noite e a amamentação tudo sozinha. “ (E3)</p>	<p>machistas que em grande parte passaram para o seu filho. (E1)</p> <p>Reagiram bem, pois aquilo que não sabiam tentavam aprender. (E3)</p> <p>O pai apesar de alguns receios ajudou e a sua mãe também, mas na parte da amamentação durante o período da noite esta fazia sem qualquer apoio. (E3)</p> <p>Ela sentiu medo de pegar na criança pelo facto de ser muito</p>
--	--	--	---

		<p>“- Algumas, ele tinha medo de dar banho, tinha muito medo de mudar a frauda por causa do umbiguinho ainda não ter caído, a ...tinha medo dessas coisinhas! “ (E3)</p> <p>“- Tinha medo de o agarrar com medo, ele era muito frágil”.(E4)</p> <p>“- Porque era muito bebé e não tava habituada a agarrar numa coisa daquelas”.(E4)</p> <p>“- Tanto o que eu fazia, fazia ele”.(E4)</p> <p>“- Não ele parecia que já não era a primeira vez (risos) ”.(E4)</p> <p>“- Sim, sim, mas como ele já tava habituado, como ele tem uma irmã mais nova que ele, praticamente, prontos foi ele, quando o pai morreu ele tinha oito anos, praticamente foi ele um irmão, tá a ver!” (E4)</p> <p>“- A... sempre com muita pressão de inicio, mas agora já tão a lidar mais ou menos com isso.” (E5)</p> <p>“- Lidou bem, agente dividiu as tarefas, de noite ficava eu, ele descansava</p>	<p>pequena e frágil e também pela falta de experiência. O pai ajudava, mas estava mais á vontade porque já tinha cuidado de um irmão mais novo. (E4)</p> <p>A jovem sentiu muito medo no</p>
--	--	--	--

		<p>durante a noite, a gente dividia, assim ficou mais fácil.” (E5)</p> <p>“- Ele ajudava nas tarefas diárias com o bebé? Sim.” (E5)</p> <p>“- Sim, sim e dar biberão, faz a papa e essas coisas todas, às vezes trocamos, uma vez é ele uma vez sou eu.” (E5)</p> <p>“- O banho tive medo de dar banho porque ele era muito pequenino e tive medo da criança escorregar, então ele dava sempre banho ao moço, ele é que agarrava nele, mudava, vestia.” (E5)</p>	<p>início, derivado á inexperiência, mas agora já se sente mais á vontade, os jovens também optaram por dividir as tarefas para nenhum ficar sobrecarregado. (E5)</p>
	8.2. Presença do pai com o filho(a)	<p>“...o pouco tempo que ele tem ele tenta aproveitar com ela um bocadinho também” (E2)</p> <p>“- É muito complicado ele leva o dia todo fora de casa, sai, às vezes sai á meia-noite de casa, tá o dia todo, todo, chega só às oito, nove, oito, nove horas a casa. “ (E2)</p> <p>“- Sim, volta e meia vou lá ao trabalho, vou mostrar para ele tar um bocadinho com a menina, porque só aquele bocadinho á noite não é nada.”</p>	<p>A pouca presença do pai deve-se ao facto deste possuir uma profissão muito exigente em que trabalha muitas horas por dia, incluindo noites, mas a mãe vai compensando e leva a filha ao emprego deste para matar saudades. (E2)</p>

		<p>(E2)</p> <p>“- Depois, é que vinha aqui uma vez á noite durante meia hora uma hora, se não fosse tanto!” (E1);</p> <p>“- É por isso que optei ir para lá que assim ele a via, assistia mais, estava mais presente.” (E1);</p> <p>“- (pausa) algumas coisas, nem tudo!” (E3)</p> <p>“- Se eu for levá-lo vai vê-lo, vê, agora se tiver na minha casa não vai.” (E3)</p> <p>- (acenou com a cabeça). (E4)</p> <p>“- Sim.” (E5)</p> <p>“- hum...hum...” (E5)</p>	<p>A pouca presença do pai da criança devido ao facto de este não viver com a filha e a mãe, levou a adolescente a mudar-se para a casa dos sogros. (E1)</p> <p>O pai da criança participou em algumas coisas referentes á educação do filho, mas a jovem queixa-se que se esta não levar o filho para o pai ver, este não vai vê-lo. (E3)</p> <p>A adolescente respondeu a esta questão com um acenar de cabeça, pois não queria falar muito sobre o assunto, o mesmo sucedeu com a sua cunhada Maria. (E4)</p>
--	--	--	--

<p>9. Apoios existentes na escola às grávidas adolescentes</p>	<p>9.1 Solicitados e que tenham conhecimento</p>	<p>“- Não” (E2)</p> <p>“- Mas sabia que havia o serviço de psicologia e sabia que... Sim” (E2)</p> <p>“- Solicitou esse apoio na escola? Não.” (E1);</p> <p>“- Porque já estava no final do ano.” (E1)</p> <p>“- Não, hum... hum, já nem vinha sequer para a escola, só estava a acabar... o estágio. Era no final do ano mesmo, já não valia a pena!” (E1);</p> <p>“- Pior, se eu falasse, se eu falei com alguém, esse alguém disse á escola toda e toda a gente me pôs de parte, foi por isso é que sai”.(E3)</p> <p>“- Sim, porque eu ia continuar a escola, porque eu ia, a escola começou em setembro e eu engravidei em setembro, a escola acabava junho/julho e eu ia ter ele em junho dava tempo de eu acabar o 10.º ano, mas por causa das pessoas não, não... saí e não ia aguentar até ao fim da gravidez aquela gente estúpida!” (E3)</p> <p>“- Mas foram alunos? Alunos”.(E3)</p>	<p>Sabia que existia, mas não solicitou apoio na escola, porque não achou necessário. (E2)</p> <p>A aluna sabia dos apoios existentes na escola mas não os solicitou pelo facto de encontrar-se no final do ano letivo. (E1)</p> <p>Não solicitou apoio na escola porque quando contou que estava grávida a notícia foi espalhada pela escola e colocaram a jovem adolescente á margem. Esta queixa-se se não fossem as más-línguas (alunos e a alguns professores) esta tinha continuado os</p>
--	--	---	--

		<p>“- Professores, não? Alguns, alguns”.(E3)</p> <p>“- Eu não, não quis, não quis!” (E3)</p> <p>“- SOZINHA!” (E3)</p> <p>“- Na altura que engravidaste havia algum apoio na escola? Não”.(E4)</p> <p>“- Psicólogos, professores? Não”.(E4)</p> <p>“- Nunca solicitaste ajuda na escola quando soubeste que estavas grávida? Não”. (E4)</p> <p>“- No curso não.” (E5)</p> <p>“- Então viste que não havia apoios? Sim.” (E5)</p>	<p>estudos mesmo grávida, porque a criança só ia nascer em Julho, mas daquela forma ela não aguentaria. Também menciona que ficou sozinha e desamparada. (E3)</p> <p>A Maria diz que não havia qualquer apoio na escola e também não os solicitou. (E4)</p> <p>A maioria das adolescentes sabia dos apoios, mas não os solicitaram ou por vergonha ou porque tinham um bom suporte familiar.</p>
	9.2 Outros apoios que deviam existir	“- Para chamar mais a atenção, porque há algumas que... pensam que só acontece aos outros, mas por vezes não, eu pensava que acontecia aos	Devia haver mais prevenção, chamando a atenção das jovens

		<p>outros, e aconteceu a mim também, por vezes não a gente pensa, ah! não tomei a pílula ontem não vou engravidar, a gente não pode pensar assim, a gente tem que se prevenir sempre, sempre, sempre...” (E2)</p> <p>“...tanto que eu acho que aqui na escola o que poderia haver mais é chamar mais a atenção é fazê-las ver que mais vale elas aproveitarem mais este momento em que podem estudar...” (E2)</p> <p>“- A...pois apoios, no centro de saúde devia haver mais” (E1);</p> <p>“- Na escola...pois eu acho que sim, mais palestras mais a...oh, pá, como é que se diz...” (E1);</p> <p>“- Conferencias!” (E1);</p> <p>“- Isso, para falarem mais sobre o assunto, embora a gravidez na adolescência seja uma coisa que acontece já muito, ainda é um assunto que ainda leva muitos tabus, muita gente não, não fala sobre isso. (E1);</p> <p>“- Têm medo de falar! É isso.” (E1);</p>	<p>que a gravidez também pode acontecer a elas e que deve-se sempre jogar pelo seguro. Estas também deveriam pensar em aproveitar o momento que são juventude para se instruírem. (E2)</p> <p>A Lara mencionou que devia haver mais apoios por parte do centro de saúde e que deviam realizar na escola mais palestras para que este tema não seja visto ainda como um tabu. (E1)</p> <p>Ela salienta a participação dos pais nas conferências da escola,</p>
--	--	---	---

		<p>“- Deveria ser mais, incluindo os pais, também deveria vir ver, para falarem mais com os filhos porque, por exemplo, a minha mãe falava e coiso, mas claro que certos e determinadas coisas, claro que a minha mãe não mencionava, então, se calhar... houvesse mais... incentivo tanto das escolas como do centro de saúde ou mais, se calhar não havia tantas (risos)” (E1)</p> <p>“- (pausa) não vale a pena fazerem muita coisa porque vai continuar a acontecer sempre, sempre, se aconteceu comigo e tomar a pílula do dia seguinte e ele continuar cá dentro vai acontecer sempre, às vezes se eu pensei, bom a pílula do dia seguinte vai-me fazer efeito não vou ter, aliás esta criança era mesmo para vir, porque tive dois métodos contraceptivo e os dois falharam, era uma criança que tinha que vir ao mundo, eu ai, vieste não vale a pena fazer nada, por mais informação do que há, não vale a pena, às vezes dizem engravidaste, porque foste estúpida, não é assim!” (E3)</p> <p>“- Achas que devia haver uma técnica de saúde que tivesse lá presente ou uma assistente social? Sim, num gabinete próprio”. (E3)</p> <p>“- Ensinarão a gente a ... saber mais coisas sobre isso, entrarmos mais no assunto, sei lá, se calhar se eu tivesse mais, como é que hei-de dizer, mais</p>	<p>porque acha que eles não falam o suficiente sobre o assunto. (E1)</p> <p>Esta diz que não vale a pena haver mais apoios, porque vai acontecer sempre por mais informação que se tenha o que tiver que acontecer acontece. (E3)</p> <p>Ela também fala na existência de um gabinete de apoio a estas situações. (E3)</p> <p>Esta diz que deveria haver profissionais a ensinarem temas ligados á sexualidade,</p>
--	--	--	---

		<p>alertas sobre isso, se calhar hoje em dia podíamos ter, prontos! ajudar o nosso filho, podíamos saber mais das coisas”.(E4)</p> <p>“- Sim, também para nos ajudar, porque a gente somos novos, a gente também não sabemos tudo, não é! Médicos, enfermeiros que nos ensinassem mais essas coisas”.(E4)</p> <p>“- Apoios, enfermeiros e especialista no assunto.” (E5)</p> <p>“- Ah, tenho uma má experiencia com psicólogos, mais tipo médicos, enfermeiros.” (E5)</p> <p>“- Sim, sim, às vezes os psicólogos são piores do que as pessoas de fora.” (E5)</p> <p>“- Sim, acho que não, depois... convencem uma pessoa a abortar e depois por detrás dizem que não dizem, que não fizeram isso.” (E5)</p>	<p>cuidados pré-natais e pós-natais com chamadas de atenção. Também salienta que devia haver médicos, enfermeiros a prestar informações, porque estas são muito jovens e inexperientes. (E4)</p> <p>Esta jovem teve uma má experiencia com profissionais ligados à psicologia, pois por razões de cariz socioeconómicas e patológicas estes aconselharam-na a abortar. (E5)</p> <p>Quase todas as jovens tiveram respostas muito diversificadas que vão de encontro com o que os profissionais de saúde e psicologia mencionaram nas</p>
--	--	---	--

			suas entrevistas.
10. Educação sexual na escola	10.1. Aulas de educação Sexual	<p>“- Sim, acho que sim, para tirarem certas dúvidas que às vezes as pessoas têm, ah, eu sei tudo! A pessoa não sabe tudo, acho que era mais uma mais-valia para aqui para a escola, mesmo para as miúdas elas instruíam-se mais um bocadinho” (E2)</p> <p>“- Ficava mais a... tiravam as dúvidas, porque muitas moças no meu caso tinham vergonha de ir ao pé de uma pessoa e falar sobre isso, não é! Agora se houvesse aulas específicas para isso se calhar certas e determinadas duvidas que uma moça tem, se calhar... saia”. (E1)</p> <p>“- Aulas não vale a pena, porque só vão lá para a macacada, é que é mesmo assim, não sei, olha uma vez por semana dêem preservativos aos moços”.(E3)</p> <p>“- Não, não eu já te disse, eles vão para as aulas para a macacada”.(E3)</p> <p>“- Não, não é verdade o que tou a dizer! Vão lá para brincar e gozar e mais nada e para ganhar preservativos, só isso!” (E3)</p> <p>“- Tu tinhas aulas de educação social? Sim”.(E4)</p>	<p>A jovem mãe concorda coma educação sexual, pois seria uma forma de tirarem dúvidas e aprenderem mais sobre a sexualidade. (E2)</p> <p>As aulas de educação sexual seriam importantes porque tirariam muitas dúvidas às jovens. (E1)</p> <p>A jovem mãe não concorda com a educação sexual, porque os jovens só vão lá para a brincadeira e para receber preservativos. (E3)</p> <p>A jovem primeiro salientou que tinha aulas de educação sexual, mas penso que confundiu comas aulas de</p>

		<p>“- Mas não era uma disciplina que havia na escola? Não porque a gente é os CEFS e para nós não há isso”.(E4)</p> <p>“- Ensinava mais sobre o sexo, sobre o... as doenças, sobre os riscos que a gente corre, evitem uma gravidez”.(E4)</p> <p>“- Ah, para a gente prevenirmo-nos e ter cuidado.” (E5)</p> <p>“- Sobre esses assuntos.” (E5)</p> <p>“- Sim os cuidados a ter, como prevenir como evitar e como tratar delas mais tarde.” (E5)</p>	<p>ciências, porque no seguimento da conversa ela disse que não, porque os alunos dos cursos de educação e formação não tinham direito.</p> <p>Ela concorda com as aulas de educação sexual para aprender mais sobre sexo, doenças infecto-contagiosas e como evitar uma gravidez. (E4)</p> <p>Em geral todas as jovens falam da importância da disciplina de educação sexual nas escolas, não só como condutor de informação sobre variados temas relacionados com a sexualidade, mas também como forma de aconselhamento, excepto uma das entrevistadas que refere que as aulas não servem para</p>
--	--	---	---

			<p>nada, porque ele(a) s não levam estas a sério, não dando qualquer importância, pois acham que sabem tudo ou pelo simples facto de serem imaturos.</p>
	<p>10.2. Medidas de prevenção da gravidez</p>	<p>“- (pausa) é assim por juízo na cabeça delas (risos) agente, se elas põem na cabeça que é como elas querem, agora nós fazemos o nosso papel (pausa) explicamos, informamos, se elas depois não querem seguir essas pisadas é com elas, mas desde o momento que nós explicamos tudo acho que já fizemos o nosso papel, é o que eu digo a algumas amigas minhas aproveitem agora que estão na escola estudem, não há algumas que dizem eu quero já ser mãe, não estuda arranja um trabalho, casa, arranja um bom marido que te ajude depois aí sim é que pensas nisso, agora neste momento aproveita a escola.” (E2)</p> <p>“- O aparelho... que põem no braço (suspiro), preservativo e pílula, pode ser e não é!” (E1);</p> <p>“- Sim, se tiver mais informação também evita certas gravidezes indesejadas, mas, às vezes é o calor da emoção e coiso, uma pessoa...!”</p>	<p>Ela acha que medidas de prevenção adequadas não existem, as adolescentes são que têm que ter maturidade suficiente para agarrar toda a informação que lhes é transmitida, neste caso através de conselhos de amigas mais experientes. O mais importante é estudar depois o resto vem por acréscimo. (E2)</p> <p>Ela aponta como principais</p>

		<p>(E1);</p> <p>“- O melhor se calhar é a prevenção? (E1);</p> <p>“- É”. (E1);</p> <p>“- Antes para não acontecer? Pois... convém (risos).” (E1);</p> <p>“- Não há medidas de prevenção, (pausa) não há, quando acontecesse ou é por muito descuido nosso ou é como no meu caso que eu protegi-me, mas aconteceu na mesma, porque mais avisos do que o que há, mais por muito, preservativos dão ai em monte, a pílula tem bastante acesso, o <i>emplanon</i> que é o que tenho no braço que não deixa engravidar se não tomares o antibiótico, há muita coisa!” (E3)</p> <p>“- Eu por mim se fosse hoje tinha logo metido o <i>emplanon</i>, não (pausa)”.(E4)</p> <p>“- Mas como ele lhe disse á bocado mais informação que hoje em dia se vê adolescentes mães”.(E4)</p>	<p>medidas, os métodos contraceptivos seguidos da informação. (E1)</p> <p>Não existem medidas de prevenção adequadas, ou seja, ou acontece porque não se previnem ou porque se preveniram a mais. Apesar dos avisos que existem, dos métodos contraceptivos que são fornecidos aos jovens pode acontecer basta tomar um antibiótico. (E3)</p> <p>A jovem aconselhou o <i>emplanon</i>, pois é aquele que estava a usar, também falou em mais informação e aulas de</p>
--	--	---	--

		<p>“- E na escola o que achas que devia haver na escola? Aulas sobre isso”.(E4)</p> <p>“- Ah... que houvesse mais filmes a falar com esses temas, a falar do assunto, explicações, depois enfermeiros, ir ...” (E5)</p> <p>“- Vídeos, aulas de educação sexual para explicar para prevenir, que mostrasse vídeos, tipo que as vezes a gravidez pode correr mal na adolescente, porque a mãe é muito nova e a criança pode ser muito pequenina e às vezes a mãe não tem leite suficiente para a criança, essas coisas.” (E5)</p>	<p>educação sexual. (E4)</p> <p>Globalmente as adolescentes referem os métodos de contraceção e de informação como forma de prevenção da gravidez, mas considero ainda factor de prevenção muito importante que se não existir anula todos os outros a maturidade.</p>
	10.3. Parcerias com outras entidades e seus resultados	<p>“- Era uma boa ideia, mesmo” (E2)</p> <p>“- (pausa) é assim por juízo na cabeça delas (risos) agente, se elas põem na cabeça que é como elas querem, agora nós fazemos o nosso papel (pausa) explicamos, informamos, se elas depois não querem seguir essas pisadas é com elas, mas desde o momento que nós explicamos tudo acho que já fizemos o nosso papel, é o que eu digo a algumas amigas minhas</p>	

		<p>aproveitem agora que estão na escola estudem, não há algumas que dizem eu quero já ser mãe, não estuda arranja um trabalho, casa, arranja um bom marido que te ajude depois aí sim é que pensas nisso, agora neste momento aproveita a escola.” (E2)</p> <p>“- Muito.” (E1)</p> <p>“- Olha nada, porque as mães não vão à procura!” (E3)</p> <p>“- Não vão à procura”. (E3)</p> <p>“- Não, é que não vão à procura, eu não fui e ninguém vai”.(E3)</p> <p>“- Sim, porque a gente tenta se resguardar o máximo possível, agente não vai à procura de ninguém, ninguém mesmo, se agente vai á procura é de uma amiga, nunca de uma pessoa de fora que agente nem sequer tem confiança, nunca na vida! Eu sei lá se vou falar coma médica e ela vai logo enfiar no “cú” da minha mãe, não sei! Obviamente que não vou logo falar com ela”.(E3)</p> <p>“- Sim, sim, informações sobre isso”.(E4)</p>	<p>Não vale a pena porque as mães não procuram, porque as jovens têm que se resguardar não vão confiar num desconhecido para desabafar, porque este pode trair a sua confiança. (E3)</p> <p>Só salienta que devia haver mais informação sobre isso, mas penso que não entendeu a pergunta. (E4)</p> <p>Quase todas as entrevistadas consideraram importante as</p>
--	--	---	--

		“- Sim, sim, acho que é importante.” (E5)	parcerias com outras entidades.
	10.4. Testemunhos de jovens mães	<p>“- Não, faria, não é crime nenhuma quilo que fiz.” (E2)</p> <p>“- É porque as pessoas começam a pensar olham para nós e veem que afinal de contas (pausa) a vida não é um mar de rosas como a gente pinta e por vezes temos que tomar um pouquinho mais de precaução. “ (E2)</p> <p>“- Claro que sim!”. (E1)</p> <p>“- (interrompe) não. “ (E3)</p> <p>“- De ajudar outras raparigas aceitarias testemunhar? Não, não (resposta rápida) ” (E3)</p> <p>“- Não, porque quando mostras aquilo por que passaste olham-te de outra maneira e eu não queria isso, nem pensar!” (E3)</p> <p>“- Sim”.(E4)</p>	<p>Não aceitaria testemunhar de maneira alguma, porque ao contar a sua história seria olhada de forma negativa. (E3)</p> <p>A Maria aceitaria testemunhar para outras jovens mães como intuito de ajudar. (E4)</p>

		“- Sim, sim.” (E5)	Exceptuando uma das raparigas, todas concordaria testemunhar para ajudar outras raparigas que tivessem a passar pela situação de serem mães adolescentes.
10.5. Conselhos de mães adolescentes	“- (pausa) para ela ter muita calma (pausa) porque eu nessa altura, na altura que nós temos que andar menos enervadas, era a altura que eu andava mais enervada (pausa) tive uma gravidez muito stressada muito sempre a pensar na relação com a minha mãe que tínhamos acabado por não falar mais uma com a outra isso é assim, o conselho que eu dava era uma pessoa ter bastante calma e... se a mãe não aceitar, se bem á primeira vez persistisse bem não fizesse como eu fugir eu fugia mesmo, eu já evitava passar pela minha mãe com medo da reação dela, com medo daquilo que ela me pudesse dizer, por isso o que eu dizia á pessoa se os teus pais não aceitaram bem á primeira vez (pausa) vai á segunda, vai à terceira, vai até eles aceitarem”. (E2)	“- Acho que as miúdas hoje em dia não têm muita consciência (pausa) da realidade. Hum, eu vejo por uma que eu conheço ela anda aqui na escola, ela a... eu olho para ela e via ela como uma irmã mais nova, os moços	Que as jovens ao engravidarem dificilmente conseguem recuperar os estudos e sem o ensino secundário completo torna-se mais difícil arranjar trabalho para sustentar os filhos. (E2) Ter um filho priva a mãe de muitas coisas, principalmente de viver a adolescência. (E2) Esta aconselha que sejam mães na altura certa, ou seja, primeiro aproveitar a vida

		<p>sempre de roda dela, de roda dela e houve um dia em que ela chegou-se ao pé de mim e disse-me que naquela noite iria perder a virgindade e eu disse-lhe não sejas parva és novinha, não é a pessoa certa tu vais-te arrepender porque perder a virgindade não é chegares ali fazer e toma tá, perder a virgindade é... é uma coisa muito pessoal, é uma coisa muito íntima tua e se tiveres que fazer isso tu fazes com uma pessoa que achas que é certa, uma pessoa que estejas a namorar e não uma pessoa que conheças numa noite e vais e mesmo hoje ela chega ao pé de mim agradece-me por eu ter chamado a atenção por causa disso que ela não foi fazer a asneira dela, que ela pensava que queira fazer”. (E2)</p> <p>“...por é assim elas estão na... escola engravidam acabam-se os estudos e que futuro elas podem dar aos filhos? (pausa) nenhum, não têm o estudo completo não podem fazer nada como eu queria fazer secretariado como tenho o estudo incompleto, ninguém vai-me dar trabalho por está incompleto e eu gostava de seguir mais para a frente!” (E2)</p> <p>“- E hoje ela olha para mim e tudo e eu farto-me de dizer a ela para ela aproveitar mais a vida e é o que ela tem feito, porque é assim ter um filho é bonito é, mas dá trabalho e priva muita coisa (pausa) as saídas á noite. “ (E2)</p>	<p>como adolescentes, depois com o namorado e o marido, porque quando surgem os filhos não há tempo para nada, as atenções voltam-se totalmente para a criança. (E2)</p>
--	--	---	--

		<p>“...é o que costume dizer às minhas amigas se tiverem que ser mães 25, 26, 27 ai sim, já aproveitaram a vossa vida, já aproveitaram o vosso namorado aproveitam o vosso casamento desfrutem de vocês os dois depois ai sim têm uma criança porque uma criança mete-se muito entre um casal e a pessoa praticamente deixa de desfrutar um do outro e é só a criança que a gente vê desfrutamos dela mais nada, deixa de haver aqueles namoricos que nós tínhamos, fins-de-semana fora num hotel com o namorado acaba isso tudo” (E2)</p> <p>“- Se tivesses na altura de tirar, tiravas, por mim, agora se não tomasses cuidado com o que fazia, se decidisse seguir mesmo com a gravidez para a frente. Levar cuidados com ela e como bebé, ir às consultas, ser vigiada, ter que, uma... se uma gravidez para uma mulher já com certa idade é um perigo, numa adolescente ainda mais, porque derivada á estrutura, também depende da estrutura do corpo, daquilo que come, muito! Se bebe, se fuma... (pausa) esse tipo de cuidados que se for preciso que tivesse não tinha, mas que têm que ser a dobrar, não, não sei mais!” (E1)</p> <p>“- Muito, porque estares com 16, 17 anos podes ter idade para ires para as discotecas, mas para teres uma criança a teu cargo é muito, como é que hei-</p>	<p>A Lara aconselharia a abortar caso tivesse no tempo estipulado legalmente, mas caso contrário que fossem vigiadas regularmente, porque ser mãe adolescente trás os seus problemas não só físicos como psicológicos. Para terem cuidado com a alimentação e com as drogas. Também fala da perda da liberdade que esta fica privada de muita coisa, sem falar da responsabilidade acrescida. (E1)</p>
--	--	---	--

		<p>de dizer... a... “ (E1)</p> <p>“- Que tens que cortar com certas saídas! Certas...” (E1)</p> <p>“- Eu já tinha 20 e no entanto quando tive, eu não saia muito, mas saia, tinha as minhas saídas, eu deixei de sair á noite, eu deixei de ir a jantares e saídas com gente, porque os sítios onde ia não podia levá-la e fica muito privada de uma vida, porque nessa altura é quando uma pessoa brinca, diverte-se mais...” (E1)</p> <p>“- E com o bebé é mais difícil, embora se tiver apoios, não muda totalmente, mas muda, porque teres um filho é sempre aquela, vais a algum lado vais procurar um trabalho, mas já tem um filho, é tão nova e pois as vezes acabasse por perder empregos, por causa de um filho, e eu sei que perdi um, porque a patroa não queria empregadas com filhos, porque tinha que dar... o meu filho adoecia e não podia trabalhar, prontos ter de arranjar outra pessoa e é muito complicado nessas idades, assim!” (E1)</p> <p>“- Que conselho é que eu daria, não sei, porque (pausa) é uma coisa que agente, opa! acontece a gente sabe, eu por exemplo pensei, eu sei que me preveni, eu sei que fiz tudo para não ficar grávida mesmo assim aconteceu-me, pois tenho que levar para a frente, agente não há conselhos possíveis</p>	<p>Não há conselhos possíveis quando acontece é porque tem que acontecer, porque apesar da prevenção não resultou, por isso não há conselhos que se possa dar. (E3)</p>
--	--	--	---

		<p>que a gente possa dar. Podes dar uma força e dar o teu testemunho, por exemplo”.(E3)</p> <p>“- Ir ao centro de saúde, se informar sobre isso, usar a pílula ou mesmo a camisinha” (E4).</p> <p>“- As vezes a mãe quer curtir mais a vida, quer ir o baile, e essas coisas todas e não pode ir. Sair á noite... fica presa!” (E5)</p> <p>“- Ah... eu dizia como o mal já estava feito para avançar, não ia correr o risco de abortar depois um dia queria ter filhos não podia, às vezes, os abortos correm mal é uma pessoa depois quer ter e não pode, já que tava feito, era avançar e depois viesse o que viesse tinha que aguentar. “ (E5)</p> <p>“- A ter cuidado porque às vezes os partos nem sempre a gravidez corre como uma pessoa gosta ou pensa, ás vezes pode ocorrer abortos a meio, pode acontecer várias coisas e uma pessoa pode não estar preparada para isso.” (E5)</p>	<p>A ida aos centros de saúde, mais informação e a utilização de métodos contraceptivos (pílula e Preservativo). (E4)</p> <p>As jovens mencionam como conselhos a privação da liberdade quando são mães, os problemas físicos e psicológicos que uma gravidez precoce pode acarretar, aquisição de muita informação e a utilização de métodos contraceptivos (<i>emplanon</i>, pílula e preservativo).</p>
--	--	--	--

Categoria	Subcategorias	Excertos das entrevistas	Inferências /Significados
1. Profissionalização dos docentes	1.1. Tempo de serviço	<p>“- 23 Anos”. (E6)</p> <p>“- Tenho 33 anos.” (E7)</p> <p>“- Hum... portanto são cerca de oito, nove anos de serviço, desde 2002.” (E8)</p>	O tempo de serviço das docentes varia entre os nove e os 33 anos.
	1.2. Tempo que leciona na escola	<p>“- 19 Anos” (E6)</p> <p>“- 29.” (E7)</p> <p>“- Ah, uns seis anos de seguida, fiz o estágio pedagógico em 2002/2003, sendo cá aluna também, de biologia também.” (E8)</p>	Duas das professoras já pertencem aos quatro de escola, possuindo dos vinte aos trinta anos de leção a outra realizou o estágio e ficou colocada cinco anos consecutivos. Apesar de pertencer ao grupo de biologia demonstra um maior interesse no tempo por isso ter um discurso mais extenso.
2. Grávidas adolescentes	2.1. Contatos dos professores	<p>“- Sim”. (E6)</p> <p>“- Sim o ano passado” (E7)</p> <p>“- Já.” (E8)</p>	Todas tiveram contato com grávidas adolescentes, apesar de algumas terem um

		<p>“- O contato que tive com as jovens adolescentes foram duas, uma foi, já estava quase a ter a bebé, o ano letivo começou em setembro, em setembro já tinha oito meses de gestação, portanto ela veio às aulas inicialmente, mas tava praticamente a ter o bebé e nunca mais voltou á escola, que eu soube!” (E8)</p> <p>”...o outro caso de gravidez na adolescência foi na mesma turma, mas já no 3.º ano do curso e que a aluna começa a ficar com a barriga um pouco maior a... não sabendo então se era de engordar ou se era mesmo da gravidez que ela era assim um pouco forte...” (E8)</p>	relacionamento mais próximo com estas.
	2.2. Idades	<p>“- 16 ...15 a 18”. (E6)</p> <p>“- Era uma menina com 19 anos a...vivia com o namorado e teve que deixar...” (E7)</p> <p>“- Teve que deixar a escola. “ (E7)</p> <p>“- 15, 16, 17 dos 15 aos 17 anos.” (E8)</p>	Não existe uma idade específica nesta escola para jovens engravidarem, variando entre os 15 e aos 19 anos.

	2.3. Procedimentos e orientação prestadas	<p>“- Essas alunas foram encaminhadas para a psicóloga da escola.” (E6)</p> <p>“- A...eu já apanhei a aluna já...nos finais de gravidez, portanto já tomei, apanhei na portanto, não sei que procedimentos tiveram, quando tomaram conhecimento da gravidez dela a... não sei se foi por acaso ou se foi mesmo porque quiseram a gravidez a... sei que teve apoio familiar, embora não possa ter ficado, a...ficar como bebé a tempo inteiro para que ela pudesse continuar os estudos, a...mas sei que foi apoiado.” (E7)</p>	As alunas são encaminhadas para o SPO através dos diretores de turma, o que pode suceder é uma professora tomar conhecimento e comunicar á diretora, mas tem que ser sempre através destas.
	2.4. Conhecimento dos docentes sobre a situação	<p>“- O primeiro caso não soube só pelas colegas, o segundo caso que aconteceu o ano passado foi a aluna que disse que estava grávida e já se via.” (E6)</p> <p>“- E o conhecimento do caso teve só quando mais se notava mais a barriga da menina? Exatamente.” (E7)</p> <p>“- Porque antes quando não se notava não foi referido nada? Há não sei, porque na altura não tinha a miúda como minha aluna eu já apanhei a</p>	<p>Porque já se encontravam num estado avançado de gravidez ou senão for o caso, através das colegas.</p> <p>Como é referido nas entrevistas das adolescentes e em estudos efetuados os</p>

		<p>meio da gravidez, ela engravidou nos finais do 10.º ano, eu apanhei-a no 11.º, portanto já nos finais, o acompanhamento que foi feito inicialmente ai eu não sei!” (E7)</p> <p>“- Que soube depois de ver a barriga? Sim, a que entrou na sala tinha oito meses a... na altura ia dar aquela turma saúde infantil e por acaso é uma disciplina que tem no programa a própria gravidez, parto e recém-nascido e a... essa foi um caso, o outro caso de gravidez na adolescência foi na mesma turma, mas já no 3.º ano do curso e que a aluna começa a ficar com a barriga um pouco maior a... não sabendo então se era de engordar ou se era mesmo da gravidez que ela era assim um pouco forte, até que soube que ficou grávida, porque foi fazer o aborto!” (E8)</p> <p>“- E nessa altura ela não chegou a comunicar nada? Não comentou, não era diretora de turma, não sabia de nada, só fiquei a saber que ela tava grávida, porque as colegas disseram que ela estava a faltar porque estava de baixa médica por ter ido</p>	<p>jovens têm muita dificuldade em dialogar com os adultos, porque pensam que estes não sabem guardar segredo, ficando com receio de serem denunciados.</p>
--	--	---	---

		fazer um aborto. Foi dois casos que tive de gravidez na adolescência, uma já no termo, a outra no início, mas depois abortou. “ (E8)	
	2.5. Diálogo dos docentes	<p>“- Falamos, disse os problemas todos que ela iria enfrentar, disse que não havia problema que estava tudo controlado. O que não se veio verificar depois, não é!” (E6)</p> <p>“- Sim ela veio falar comigo como diretora de curso, na época diretora de turma, porque inicialmente ela tinha uma pessoa que iria ficar com o bebé, a partir da data, um mês a partir da data do nascimento, a... depois essa pessoa deixou de ser prestável nesse sentido e foi por causa disso que ela deixou de frequentar a escola. “ (E7)</p> <p>“- O primeiro caso a ... acabei por estar pouco tempo com ela, porque ela tava na aula eu estava a dizer qual era o programa da disciplina e disse então antecipaste-te e até brinquei um pouco (risos) tu antecipaste-te eu ia explicar o que era a gravidez e tu antecipaste-te com o bebé, ela riu-se, mas a</p>	As adolescentes falaram com as suas docentes ou diretoras de turma, porque tinham interesse em continuar a estudar, outras pelo facto de terem sido abordadas por estas, mas não houve um diálogo conciso e de cumplicidade. Ou seja, falaram porque foram “obrigadas” a falar.

		<p>partir daí só veio às aulas...” (E8)</p> <p>“- Essa que estava grávida sim, essa que tava no fim da gravidez sim, o outro caso ela nunca comentou, por eu ser professora dela, ela nunca comentou o facto de tar grávida a... após o aborto quando regressou a... eu nunca puxei o assunto diretamente com ela, no entanto estava a lecionar o módulo de saúde infantil, vamos sempre buscar a gravidez; o parto e o acompanhamento pré-natal etc e senti da parte dela em que cada vez que tocava no assunto bebé, recém-nascido, parto, isso não lhe era indiferente, e ela dizia e soube que abortou por razões económicas.” (E8)</p>	
	2.6. Reações de ambas perante o diálogo	<p>“- Sim, sim falava a vontade, quando ia á médica também falava connosco o que a médica dizia, a pediatra não! A médica que a acompanhou na gravidez, falava com as colegas, falava na aula, dizia o que tinha comprado para o bebé, tudo!” (E6)</p> <p>“- Ah, Já nada me surpreende, já nada surpreende hoje em dia elas engravidam com muita facilidade.”</p>	As reações das jovens foi de á vontade perante a abordagem das docentes, afinal os casos estavam á vista de todos, só uma das professoras é que ficou surpreendida talvez por ser a primeira vez que apanhou

		<p>(E7)</p> <p>“- Ela sentiu-se à vontade nessa conversa que teve? Sentiu-se. “ (E7)</p> <p>“- Em falar, não teve qualquer problema? Não, não teve não. “ (E7)</p> <p>“- O primeiro caso foi a primeira vez que tive uma aluna grávida na... no nível secundário mesmo no nível básico onde leciono a... hum fiquei surpreendida, porque pronto foi a primeira vez que vi ser tão nova, entretanto (risos) a partir dai a...o primeiro contato a reação foi (pausa) penso que normalmente, mas por dentro ser a primeira vez.” (E8)</p>	<p>uma situação destas e também por possuir pouca experiência como mãe e professora.</p>
	2.7. Aconselhamentos e encaminhamento dos docentes	<p>“- A pessoa uma vez que ela já estava a ser encaminhada, porque quando ela chegou cá já tinha 4 meses de gravidez, portanto ela já estava, já tinha uma gravidez toda ela devidamente acompanhada e pouco precisou que nós disséssemos, ela até como se via em princípio não precisava de acompanhamento nenhum mesmo no segundo caso</p>	<p>As profissionais revelaram que as alunas já estavam a ser encaminhadas fora da escola por médicos e familiares não necessitando de serem seguidas na escola, Outra docente referiu que não valia a</p>

		<p>não, nada de acompanhamentos.” (E6)</p> <p>“- Não, não foi necessário, ela estava bastante, aliás era uma pessoa que para a idade muito adulta não é assim uma miúda de que não soubesse aquilo que queria, não, ela sabia o que queria, estava orientada nesse sentido, até porque o apoio familiar, acho que neste caso foi muito ativo.” (E7)</p> <p>“- A... essa rapariga na altura, não era diretora de turma, mas penso, ela não estava traumatizada a cem por cento, sentiu-se um pouco menos á vontade para falar sobre o assunto a... mais ela não foi, não foi acompanhada, eu também acabei por não aconselhar, porque pensei que... não valesse a pena! “(E8)</p>	<p>pena, isto talvez deve-se ao facto de esta sentir-se desconfortável com a situação.</p>
	2.8. Razões da existência destas na escola	<p>“- Descuido, porque pensam que não lhes acontece a elas, talvez!” (E6)</p> <p>“- Ah, eu acho que por muita informação que haja nunca é o suficiente (pausa) porque elas cometem os mesmos erros que se cometiam como não tivéssemos informação, a por exemplo uma das alunas que eu tive ficou grávida porque esqueceram</p>	<p>As verdadeiras razões da existência de gravidez na adolescência deve-se ao facto destas jovens não possuírem maturidade suficiente para lidar com estas situações.</p>

		<p>de lhe dizer que a toma de antibiótico corta o efeito da pílula e ela ficou grávida, portanto há ainda informação que não é o suficiente ou que não chega onde devia chegar a estes miúdos...” (E7)</p> <p>“- Tão muito entregues... A si próprias, embora aja muita informação há outros pormenores que lhes escapa e daí aparecerem as gravidezes indesejadas.” (E7)</p> <p>“- Eu na altura comecei a perguntar às próprias miúdas o que é que se passava e elas diziam ah, pois elas querem engravidar para ficar com os namorados, eles depois abandono-as, então elas querem ficar para reterem os namorados, coisa que soubesse que não acontece a... muitas delas e cada vez mais percebo isso tão mais a tentar isso, porque e digo para elas irem á consulta do adolescente as mães e os pais sabem que elas tem contraceptivos e até preferem que elas tomem método contraceptivo do que chegar a casa grávidas a... mas continuam a ter relações protegidas com preservativo, só algumas tomam a pílula e algumas às vezes algum</p>	
--	--	---	--

		problema intestinal que tenham e corta o efeito.” (E8)	
3. Métodos contraceptivos	3.1. Informação suficiente das adolescentes	<p>“- Ela dizia que sim, e que só aconteceu porque o filho também, mais uma vez era filho de um antibiótico.” (E6)</p> <p>“- É essa sempre a desculpa que tinha tomado antibiótico e que tinha engravidado.” (E6)</p> <p>“- Sim, elas estão informadas, elas, ela estava informada aquele caso sim, há casos que não, já tive outros casos que não. “ (E7)</p> <p>“- Ela tomava a pílula neste caso, no primeiro caso não sei, porque ela estava grávida, no outro caso ela tomava a pílula e acabou por me dizer, posteriormente ao ter abortado, pronto que tinha sido uma falha, um antibiótico que tinha tomado, uma falha qualquer que deu para engravidar logo. Falhando isso o método contraceptivo de barreira e a maior parte das miúdas toma a pílula e fica descansada e...é necessário sempre de realçar o facto das doenças e da gravidez porque...pode</p>	As adolescentes dizem possuir informação suficiente, mas acabaram por engravidar pela mesma razão toma de antibiótico sem proteção adicional, isto só alega aquilo que já foi referido anteriormente imaturidade.

		falhar a pílula, não é cem por cento eficaz é isso mesmo.” (E8)	
4. Apoios existentes na escola às grávidas adolescentes	4.1. Psicológicos, saúde e educação	<p>“- Poucos, ela praticamente não recorreu, nem á psicóloga nem a ninguém, porque ela dizia que tinha o acompanhamento da mãe do namorado e da mãe do namorado, não precisava que ninguém a acompanhasse!” (E6)</p> <p>“- Mas ia muito ao centro de saúde, regularmente dizia-me amanhã venho um bocadinho mais tarde tenho que ao centro de saúde.” (E6)</p> <p>“- Que eu saiba nenhum.” (E7)</p> <p>“- Não encaminhou, não houve encaminhamento ali para o... Que eu saiba não.” (E7)</p> <p>“- Para o serviço de psicologia? Não.” (E7)</p> <p>“- Nesse caso não? Neste caso não!” (E7)</p> <p>“- Pronto neste caso não, mas geralmente quem presta o apoio é a professora Salvadora? É a professora Salvadora sim, sim.” (E7)</p> <p>“- A... eu sei que o gabinete de apoio, o SPO está atento e não sei de metade dos casos, portanto soube destes dois casos, porque envolveu-as</p>	Os apoios psicológicos na escola no geral não existiu, houve foi apoio de familiar e de amigos, porque ainda existe o preconceito de falar sobre o assunto ainda mais quando este é com adultos e muitas das vezes desconhecidos, quando falam ou é com um professor que têm mais afinidade ou comum funcionário.

		<p>diretamente na minha turma, mas tenho conhecimento que mesmo após a..., ter conhecimento aqui na escola que após o aborto têm acompanhamento...” (E8)</p> <p>“- Estas alunas, a primeira não, acabou por abandonar a escola, nunca mais teve contato com o meio escolar, esta segunda que estava no 3.º ano e concluiu o 12.º ano, portanto quando abortou já no terceiro, a... penso, não tenho a certeza se teve acompanhamento pelo serviço de psicologia e orientação, mas penso que não. Uma vez que a família também tava a apoiar e tudo, mas penso que daí o apoio foi mais de casa do que propriamente da escola, não procurava pela aluna e porque não era um caso que... revelava necessidade de... intervenção, porque a miúda precisou e foi-se mentalizando não achei que fosse necessário.” (E8)</p> <p>“- Geralmente que presta esses apoios, é o gabinete de psicologia e orientação? Sim, sim são encaminhadas. “ (E8)</p> <p>“- Não há mais nenhuma orientação aqui?</p>	
--	--	--	--

		<p>Poderá haver, mas geralmente essas raparigas têm tendência a falar melhor com um professor com quem elas se dêem melhor ou que tenham mais afinidade ou então com os professores de biologia. Da saúde, porque são temas que depois são trabalhados na aula a... por enquanto não tive ainda um exemplo que tivesse de intervir e que fosse eu a dar o apoio e a encaminhá-la, mas cada vez mais tenho consciência que poderá surgir a qualquer hora.” (E8)</p>	
	4.2. São suficientes	<p>“- Os apoios, os apoios na escola, há poucos apoios, os apoios que poderá haver são portanto aquelas sessões de esclarecimento que são feitos todos os anos, nomeadamente aos alunos do 10.º ano em que vem uma enfermeira ali do centro de saúde e que os sensibiliza para os perigos que podem acontecer!” (E6)</p> <p>“- Sim, são mais esses apoios que existem!” (E6)</p> <p>“- Sim.” (E7)</p> <p>“- Mas suficientes, suficientes puderam não ser, mas que dentro da disponibilidade da professora</p>	<p>Os apoios podem não ser suficientes mais dentro da disponibilidade da psicóloga sim. Mas os docentes consideram que deveria haver mais apoios, mas se os alunos não tiverem perceptivos aos apoios estes nunca serão suficientes.</p>

		<p>salvadora, pois eu penso que ela fará o melhor para que isso aconteça.” (E7)</p> <p>“- O evitar a gravidez na adolescência no sentido em que ainda hoje estou a dar educação sexual, reprodução e essa matéria toda e as miúdas têm noção pensam que elas próprias que sabem tudo, mas elas não sabem nada e para elas o período fértil é uma coisa esquisita, sabem que é nos dias que podem engravidar, sabem se tomarem a pílula não engravidam, mas não sabem pensam elas que sabem e não querem ver no sentido o que pode impedir que falhe a pílula, não estão atentas, não se interessam, são alunas que não se interessam, fui hoje buscar a questão do aborto, deu a notícia ontem de 80 mil abortos, GAES 2007, no referendo e ai notei que elas tomaram mais atenção, foram os números que chocam muitas vezes e que se tem que passar a fazer é tratar estes temas com números, terapia de choque, não vale a pena ir com conversas mansas, tem que ser com, com o fato de mostrar imagens de doenças sexualmente transmissíveis,</p>	
--	--	--	--

		a... falar em termos de há os prós e os contras, enfim é verdade quem tem sabe a... elas veem tudo muito cor-de-rosa, é ter um Nenuco para brincar, mas não é um Nenuco para brincar.” (E8)	
	4.3. Outros apoios que deviam existir	<p>“- Se houvesse uma equipa médica ou de enfermagem a prestar serviço á escola talvez, eventualmente pudesse ajudar mais esses alunos, todos no geral.” (E6)</p> <p>“- Eu acho que...” (E7)</p> <p>“- Para evitar a gravidez? Acho que antigamente faziam várias conferências, palestras e que a... eram muito elucidativas de... de todos os assuntos inerentes á sexualidade destas jovens, rapazes e raparigas a... e que deixaram de existir, muitas eram fomentadas pela escola, outras eram fomentadas pela associação de alunos da escola que hoje em dia está parada, não se vê nada disso e isso acho que isso era uma mais-valia para os jovens uma vez que elucidava um maior número de alunos e que poderia abrir uma perspetiva para eles colocarem questões às pessoas que cá viessem que</p>	As docentes referem que deviam haver mais palestras, conferências e a possibilidade dos profissionais de saúde, enfermeiros, médicos virem ao encontro destes jovens, porque se for ao contrário não resulta, não é pelo facto de não saberem, porque os professores e a psicóloga transmitem essa informação, mas o maior problema é o medo e a vergonha de procurar. Através de publicidade e excesso de informação não resultam porque acabam por não reter

		<p>deveriam ser enfermeiros, médicos ligados à área, acho que era uma mais-valia para os jovens que são pouco elucidados mesmo com muita publicidade a cerca do assunto, mas são pouco elucidados para a... gravidade às vezes de uma gravidez indesejada a... e de todos e das doenças sexuais, todas essas a... coisas que eles realmente desconhecem.” (E7)</p> <p>“- É assim, em relação á nossa escola nós até temos parceria com o centro de saúde e os alunos sabem, elas têm conhecimento, a maior parte delas que há planeamento familiar no centro de saúde, que há as consultas do adolescente, que podem ir lá que é grátis, que podem levantar preservativos grátis, a... mas em conversa no outro dia, agora estou a lembrar a... elas são muito mulherzinhas e pensam ser capazes de já serem senhoras do seu nariz por terem uma atividade sexual ativa, no entanto quando se fala em ginecologia, consulta ao ginecologista para iniciarem a vida sexual não querem.” (E8)</p>	quase nada.
--	--	---	-------------

5. Educação Sexual	5.1. Aulas de educação Sexual	<p>“- Sim e não depende, se eles achariam bem ou não, se levariam essas aulas para a brincadeira!” (E6)</p> <p>“- Eles levam tudo na brincadeira, estes jovens desta idade, querem é brincar, mais nada!” (E6)</p> <p>“- Acho que a... seria uma mais-valia para os miúdos, não garantia que não houvesse gravidezes indesejadas nem nestas idades, mas seria com mais consciência, penso eu!” (E7)</p> <p>“...acho que uma educação sexual a... aqui na escola que seria uma coisa muito importante na vida destas jovens a... porque eu acho que vivem muito na rua a... numa forma mais liberta. “ (E7)</p> <p>“- Sim, oficialmente, mas esta estratégia de ser entre os próprios colegas, falarem uns para os outros com informação trabalhada e cientificamente carreta, vista pelos professores, mas cada vez mais não ser aula de educação sexual que o professor chega lá e fala no preservativo, fala dos DST`s , fala na gravidez, mas a... entre eles, entre os próprios jovens, aqueles que têm consciência que se deve fazer, falarem com os outros mais novos ou da</p>	<p>Todas as professoras concordam com as aulas de educação sexual na escola, apesar de acharem que não resulta, porque estes não levam o tema a sério, devido à falta de maturidade. Contudo, penso que se estas aulas fossem como refere a professora Susana em que essas aulas fossem realizadas entre os próprios alunos. Assim, haveria mais motivação e não tanta desconfiança.</p>
--------------------	-------------------------------	---	--

		mesma idade que têm um feedback em casos completamente diferente.” (E8)	
	5.2. Medidas de prevenção da gravidez	<p>“- Se houvesse uma equipa médica ou de enfermagem prestar serviço á escola talvez, eventualmente pudesse ajudar mais esses alunos, todos no geral.” (E6)</p> <p>“- Planeamento familiar em princípio, não é! Se elas tivessem o cuidado de ir á médica de família que a acompanha-se pois isso seria uma mais-valia para evitar, e o esclarecimento, elas como sabem tudo por vezes, têm a mania que sabem tudo, mas não sabem!” (E6)</p> <p>“- Hoje em dia os miúdos iniciam uma atividade sexual demasiado cedo, acho que deviam ter outros interesses e não a vida sexual tão precoce, eu acho que é precoce hoje em dia a... e dai que elas enveredam por gravidezes muitas das vezes e a maior parte das vezes que não é planeada e podiam estar mais viradas para a melhor trabalharem o seu futuro que é isso que devia ser feito!” (E7)</p>	As medidas de prevenção mais adequadas para prevenir a gravidez na adolescência seria a existência de um gabinete de apoio com equipa médica, assistente social e psicóloga, porque apesar da existência de tantas formas de prevenção as gravidezes na adolescência continuam a acontecer, porque estes jovens encontram-se no auge da sua sexualidade a na idade da irreverência e das irresponsabilidades, e tudo isto faz parte desta fase da vida, por isso, se houvesse o tal gabinete e que os pais também pudessem intervir de uma

		<p>“- A... eu penso que nos dias de hoje a... a prevenção é cada vez maior, no sentido em que há muito mais apoios, portanto as consultas de planeamento familiar, os contraceptivos grátis, as consultas do adolescente a... e nas escolas cada vez mais falam sobre esses temas, coisa que há 15 anos na altura não se falava, nem em casa, nem na escola só lá no 2.º ano quando demos a matéria mesmo da sexualidade, da reprodução etc. e que aprendíamos um pouco mais que era a gravidez e o que é isto de 2 semanas de gestação, que não é só uma coisinha quando tá lá é um ser um ano já desenvolvido e o aborto não pode ser visto como contraceptivo, porque já há vida e ainda hoje na aula mostrei imagens do desenvolvimento embrionário o que é que o embrião em ás 12 semanas, o prazo máximo para o aborto em Portugal, atualmente e é um ser humano, tem os lábios todos formados (pausa) há situações que possivelmente o aborto é a melhor solução, anomalias, doenças graves, etc, violação, por ai a fora a... mas engravidar, por engravidar</p>	<p>forma mais aberta e espontânea, tudo em conjunto, penso que não acabaria com gravidezes, mas pelo menos diminuiria.</p>
--	--	--	--

		como forma de prevenir depois fazer o aborto porque agora vamos deitar fora aquilo que devíamos assumir a responsabilidade a... elas ficaram chocadas!” (E8)	
	5.3. Parcerias com outras entidades e seus resultados	<p>“- Claro que sim!” (E6)</p> <p>“- Com o centro de saúde que já temos em parte apesar da pessoa que faz regularmente esse serviço, tenha as escolas do concelho de Olhão, mas ela tenta sempre estar atenta porque é sempre...tem sempre o espaço dela para vir à escola quando quer.” (E6)</p> <p>“- Claro que considero, considero muito positivo que essas parcerias existissem porque melhor que nós, eles têm uma preparação mais vincada para esses fins e poderiam orientar os nossos jovens para uma melhor sexualidade.” (E7)</p> <p>“- Sim até que existe, existe e a própria enfermeira responsável pela saúde escolar do nosso concelho a... tem feito todos os anos, há num... ações de</p>	As parcerias com outras entidades é muito importante, porque consiste numa troca de informações entre vários profissionais que são uma maior ajuda para os alunos.

		<p>formação, palestras, conversas com os alunos e aqui na escola temos tentado fazer, mais o grupo da biologia a...realizar grupos pares, normalmente são as alunas do 12.º ano que mesmo na biologia trabalham os métodos contraceptivos e contraceção e planeamento familiar e áreas de DST's que vão eles próprios falar com os mais novos, para não é, lá vem ela com aquela conversa! Serem entre pares, entre jovens, ouviram de uns para os outros, olha espera ai não são só os adultos chatos que dizem estas coisas, só elas que tem a nossa idade que também falam nisto, eh pá, há qualquer coisa de importante que têm que ficar nas cabeças.” (P3)</p> <p>“- Exactamente entre pares, às vezes nesses assuntos mais entre eles, ouvir melhor os alunos ou colegas do que os pais ou professores, já há alguns anos temos estado a partilhar informação entre professores.” (E8)</p>	
--	--	---	--

6. Implementação de um projeto na escola	6.1. Consideram viável	<p>“- Sim, com certeza.” (E6)</p> <p>“- Projetos, nesse cariz, penso que não sejam, podem ser viáveis, mas não sei se irá dar frutos, ou pelo menos os frutos pretendidos, porque a vivencia fora da escola não pode ser controlada por nós e dai não sei se será viável um projeto dessa dimensão.” (E7)</p> <p>“- A... eu acho de alguns anos a esta parte temos feito, a escola em si tem feito alguma coisa nesse sentido o exemplo é a partilha de informação tanto educação sexual mas entre os próprios pares a... penso.” (E8)</p>	Alguns professores afirmaram que a implementação de um projeto na escola como intuito de diminuir a gravidez na adolescência poderia não ser viável, mas na minha opinião considero bastante possível desde que aja empenho, dedicação e muita motivação de toda a comunidade escolar.
	6.2. Que tipos e com que associações	<p>“- Sempre com alguém ligado a saúde, nomeadamente o centro de saúde de Olhão, um acompanhamento mais efetivo e não haver só uma pessoa a esclarecer todas as escolas do Concelho.” (E6)</p> <p>“- Um ou dois, um medico e uma enfermeira sempre para os aconselhar. “ (E6)</p> <p>“- Também com a ajuda dos professores e dos</p>	Todas as entidades mencionados pelos professores em conjunto seriam as adequadas para que esse projeto tivesse pernas para andar, mas isso também depende de toda uma comunidade para que o projeto

		<p>psicólogos todos eles em conjunto, a comunidade escolar em si, tudo isso iria contribuir para tentar minimizar esses e todos os perigos, não é só o ter a criança é mais tarde, o alimentá-la, o vesti-lo tudo mais são sempre coisas muito dispendiosas e que muitos deles não têm. Uma menina o ano passado teve que abandonar a escola porque não tinha condições para continuar a estudar e ao mesmo tempo...” (E6)</p> <p>“- A... acho que o mais natural e normal seriam os centros de saúde da região a... centro hospitalar e a associação de pais, porque os pais a... têm uma grande responsabilidade na educação dos filhos. “ (E7)</p> <p>“- Um projeto mais amplo a nível escolar aqui na escola, um projeto que incluía associações a... incluía o centro de saúde, as alunas inseridas nesse projeto porque é para... Podia ser qualquer coisa, mas estou-me a lembrar que frequentemente veem cá enfermeiras falar sobre o assunto, frequentemente veem cá no âmbito do apoio á sida,</p>	<p>se concretizasse da melhor forma possível.</p>
--	--	---	---

		<p>veem cá falar das DST e sobre as relações sexuais não protegidas a... são feitas coisas e... continua na minha por muito que se insista que as entidades adultas virem falar com os jovens eles entra num ouvido e sai pelo outro.” (E8)</p> <p>“- E se fosse um projeto que eles fossem a base, os protagonistas, tipo eles próprios?”</p> <p>“- Tipo eles próprios irem falar sobre o assunto?</p> <p>Talvez, mas eles podem falar sobre o assunto e agora vou pedir em saúde infantil que elas façam um panfleto como método contraceptivo e divulgar o panfleto, elas vão fazer o panfleto quase nem olham aquilo que vai escrever, porque querem pôr lá as estatísticas, as implicações e consequências e como se previne etc, mas elas no mesmo dia que tiverem a fazer o panfleto, vão ter relações não protegidas e não vão pensar que vão engravidar, isto acontece! É real! Isso não, tenho a resposta ainda mas acho que um tema que tem que ser pensado e que... continua a ser apostado em termos de prevenção.” (E8)</p>	
--	--	---	--

Categoria	Subcategorias	Excertos das entrevistas	Inferências /Significados
1. Profissionalização	1.1. Tempo de serviço como diretor	“- A...a...sete anos.” (E9)	O professor Idalécio já se encontra no terceiro mandato como diretor desta escola.
	1.2. Tempo que leciona na escola	“- Aproximadamente 28 anos.” (E9)	Antes de ser diretor, o docente lecionava as disciplinas de Matemática e Física e Química, mas devido ao cargo teve que deixar.
2. Grávidas adolescentes	2.1. Número de casos	“- Espera ai, quanto mais um por ano, eventualmente!” (E9)	Na minha opinião o docente não respondeu claramente a esta questão por puro desconhecimento acerca, porque neste estabelecimento de ensino não são realizadas estatística pormenorizada destas situações.
	2.2 Procedimentos efetuados pelo órgão de gestão	“- Alguns dos casos que tive conhecimento não estava na qualidade de Diretor, a... dos que ...	Como refere nesta questão o caso que teve conhecimento

		foram na qualidade de Diretor, portanto, normalmente activa-se com a psicóloga e o centro de saúde para depois proceder ao acompanhamento das consultas e daquilo que esta regulamentado para este tipo de situações, de modo para que as alunas sejam acompanhadas até a gravidez e após gravidez, que já tem acontecido! “ (E9)	não foi como diretor, mas sim como professor, mas como se processa normalmente é o professor quando tem conhecimento do caso comunica ao diretor(a) de turma e este por sua vez ao órgão de gestão que comunica ao SPO, este ativa o centro de saúde ou outras entidades caso o serviço de psicologia considere pertinente.
	2.3 Como teve conhecimento o órgão de gestão	“- Normalmente através ou da professora da disciplina ou pela psicóloga... professora da disciplina, Diretora de turma ou pela psicóloga.” (E9)	Geralmente não é por norma ser somente o diretor(a) de turma a comunicar ao órgão de gestão os casos, mas também a professora da disciplina e a psicóloga.
	2.4 Reações do diretor	“- Já não foi surpresa, atendendo á vida que muitos alunos levam, portanto não é surpresa!” (E9)	Estas situações já não são novidade para este, devido ao estilo de vida que os jovens

			levam, muita liberdade e pouco controle da parte dos pais, derivado aos problemas económicos e sociais existentes neste Concelho.
	2.5 Razões da existência destas na escola	“- (pausa) Os factores e ... puderam se dizer que é pelo estrato social, tanto de serem de famílias menos organizadas, mas não significam que sejam, talvez mais pelo comportamento na adolescência.” (E9)	O diretor frisa que as razões de existirem estes casos nesta escola não se devem somente ao estrato social, mas também ao comportamento imaturo dos jovens.
3. Métodos contraceptivos	3.1 Informação suficiente das adolescentes	“- Não creio! Puderam dizer que sim, mas, a... não crê que têm toda a informação.” (E9)	È a tal situação os adolescentes pensam que sabem tudo, mas na realidade não sabem quase nada, excesso de informação provoca desorganização desta.
4. Apoios existentes na escola às grávidas adolescentes	4.1. Tipos (psicológicos, saúde e educação)	“- Portanto temos o serviço de psicologia, que a partir do momento que são identificados os casos, portanto faz todo o acompanhamento e, simultaneamente o reencaminhamento para o	Os tipos de apoios consistem no serviço de psicologia que acompanha os casos e encaminha para o centro de

		centro de saúde e as equipas de apoio.” (E9)	saúde e outras equipas de apoio, conforme necessário.
	4.2. São suficientes	“- Para aquilo que está... nas mãos da escola sim, qualquer das maneiras todos os apoios...as ações de sensibilização a... que não abarcam a todas as turmas, porque não há capacidade para isso, no centro de saúde através da enfermeira Lam a... que vem á escola todos os anos fazer sempre sessões, inserida no Gabinete de apoio ao aluno.” (E9)	Para o diretor os apoios existentes são suficientes de acordo com as possibilidades que a escola possui, mas penso que através daquilo que já temos podemos aproveitar e juntar outras entidades para assim conseguirmos dar resposta a este flagelo social.
	4.3. Outros apoios que deviam existir	“- Estas são as adequadas, basta que para o efeito, muitas vezes, nós tenhamos, mas para que o efeito os alunos procurem também, a... esse apoio!” “- Fora da escola não, dentro da escola eles tem alguns receios em ... contactar os professores ou a psicóloga, portanto não procuram muito!” (E9)	Apesar do docente considerar adequados os apoios existentes na escola, penso que mais poderia ser feito neste sentido para motivar não só os alunos, mas toda a comunidade escolar.

5. Educação Sexual	5.1. Aulas de educação Sexual	“- É assim, se elas fossem feitas a... ou se fossem interiorizadas pelas alunas sim, porque na disciplina de biologia e ciências naturais do 8.º e 9.º anos já falam sobre contraceptivos e problemas de risco, uma série de coisas, mas os alunos provavelmente não darão a devida atenção e a educação sexual em termos das escolas pouco é feita a não ser nas disciplinas de biologia, nas matérias inseridas e que se adequam.” (E9)	O grande problema da educação sexual na escola é o facto de os alunos não levarem a disciplina a sério, devido a ser um tema já muito debatido nos meios de comunicação social e não só, eles levariam mais a sério se a matéria fosse dada por professores da área.
	5.2. Tipos de ações/ iniciativas existentes na escola	“- São as ações que são feitas pelo Gabinete de apoio ao aluno com a enfermeira do centro de saúde, neste momento só existem estes! Só, só!” (E9)	As ações existentes nesta escola são organizadas pelo gabinete de apoio ao aluno presidido por uma docente da área de biologia e que consistem na deslocação de uma enfermeira do centro de saúde á escola uma vez por ano para dar formação aos alunos.

	5.3. Parcerias com outras entidades	“- Sim, sim são necessárias!” (E9)	As parcerias deveriam ser não com centro de saúde, mas também associações e assistentes sociais e médicos.
6. Implementação de um projeto na escola	6.1. Considera viável	“- É difícil de implementar, seria interessante, mas é difícil de implementar, precisamente, porque as que (pausa) já passaram por essa face podem não querer ir fazer esses... testemunhos!” (E9)	Implementar um projeto tendo como base o testemunho de jovens mães seria bastante positivo. Aquando das entrevistas realizadas às adolescentes a maioria aceitaria contar a sua história de vida com o intuito de ajudar outras raparigas.
	6.2. Que tipos e com que associações/Profissionais	“- Sim, este tipo de intervenção não seria só, portanto, seria o gabinete de apoio ao aluno, o gabinete de psicologia, o centro de saúde a...” (E9) “- A... as associações...” (E9) “- Também já fazem algum trabalho, mas pronto...a...tem que haver algum enquadramento	O tipo de associações que deviam intervir neste projeto seria portanto, o gabinete de apoio ao aluno em conjunto com a psicóloga, centro de saúde e algumas associações. Todas estas em conjunto com

		e depois desse enquadramento ou de alertar os alunos depois ... com os relatos das situações ocorrido ai assim, a... penso que a sensibilização poderia atingir mais intervenientes por parte dos alunos.” (E9)	os relatos das jovens mães sensibilizariam os alunos para esta temática e outras.
--	--	---	---

Categoria	Subcategorias	Excertos das entrevistas	Inferências /Significados
1. Profissionalização	1.1. Tempo em que exerce a profissão de enfermeira	“- a... Á 22 anos”. (E10) “- Há 30 anos.” (E11)	As enfermeiras exercem as suas atividades profissional no centro de saúde de Olhão e o tempo de serviço varia entre os 22 e os 30 anos, ou seja, ambas possuem uma vasta experiência profissional na área da saúde e com adolescentes.
	1.2. Tempo em que trabalha no projeto com as escolas do Concelho/ com as grávidas adolescentes no centro de saúde	“- Acerca de 20 anos”. (E10) “- O gabinete do adolescente, com adolescentes a... sensivelmente há 15 anos...” (E11)	A Ana trabalha no projeto com as escolas do concelho á cerca de 20 anos, enquanto o gabinete de apoio ao adolescente existe desde há 15 anos. Em suma, as duas trabalham em prol dos adolescentes, mas não existe uma interação entre os dois serviços.
	2.1. Número de casos na escola	“- É assim em relação ao concelho de Faro, sim! Há, o concelho de Olhão é o concelho do Algarve que	Existem muitos casos de grávidas adolescentes na escola

2. Grávidas adolescentes		<p>tem maior número de, do Algarve e a nível dos pais se não é o primeiro é o segundo com maior número de casos de gravidez na adolescência, agora não sei se há mais casos aqui na escola secundária em relação por exemplo às escolas do 2 e 3 ciclos, não, não sei essas...” (E10)</p> <p>“- Mas há muitos casos aqui na escola, sinceramente há muitos casos aqui na escola” (E10)</p> <p>“- Não muitos.” (E11)</p> <p>“- (pausa) da secundária muito poucos, eu acho que não há mais, não posso dizer uma média, pra ai... uns quatro ou cinco, mais do que quatro ou cinco dos que passaram por cá “. (E11)</p>	<p>secundária de Olhão, mas são poucos os que chegam ao gabinete de apoio ao adolescente, isso devesse ao facto de estas jovens sentirem vergonha em procurar ajuda ou possuírem um bom suporte familiar.</p>
	2.2. Média de idades	<p>“- Dezasseis, dezassete, dezasseis, dezassete” (E11)</p> <p>“- Todas menores.” (E11)</p>	<p>Como já tinha sido referido pela psicóloga Salvadora as idades das jovens que procuram apoio no gabinete variam entre os dezasseis, dezassete anos, estas muitas das vezes não têm um bom</p>

			suporte familiar e devido á tenra idade que têm são obrigadas a procuram ajuda.
	2.3. Como é realizado o encaminhamento	<p>“- Há algumas que veem por vontade própria há outras que veem encaminhadas pela psicóloga da escola que muitas vezes nos pede apoio” (E11)</p> <p>“- No caso concreto da gravidez!” (E11)</p>	As jovens, na sua maioria procuram o gabinete encaminhadas pela psicóloga da escola, ou seja, existem um trabalho conjunto entre estas entidades.
	2.4. Procedimentos efetuados na unidade de cuidados á comunidade/ no gabinete de apoio ao adolescente	<p>“- A unidade de cuidados á comunidade não tem o cuidado com estas jovens mães porque elas normalmente procuram a unidade nesta situação, elas normalmente quando estão numa situação destas ou procuram a família ou procuram o gabinete do adolescente e na unidade de cuidados á comunidade não tem médicos de família não têm equipas de saúde familiar e... o gabinete do adolescente não está dentro da unidade de cuidados á comunidade, portanto nesse aspecto nós não temos “. (E10)</p> <p>“- Sim. Elas poderão ter contacto com a unidade de</p>	A unidade de cuidados á comunidade não tem qualquer contacto com as grávidas adolescentes a não ser em casos pontuais como vacinação ou preparação para o parto, quem estabelece esse apoio é o gabinete que após confirmação da gravidez quando a jovem é menor encaminha para o hospital de Faro, mas este tem como procedimentos principais

		<p>cuidados á comunidade na preparação para o parto, nós temos aulas de preparação para o parto e ai poderá haver jovens adolescentes, não sei dizer se já tem havido ou não é uma questão que eu posso por e perguntar á minha colega que faz a preparação para o parto, neste momento não sei dizer se há ou não grávidas adolescentes, e eventualmente á algumas que não têm médio de família que vão á unidade fazer a sua vacina ai também, temos contato com elas”. (E10)</p> <p>“... este é um gabinete de apoio ao adolescente, não é, aqui pode aparecer uma adolescente grávida, mas o âmbito não é esse, o âmbito é pronto, a...acolhimento a... receção do adolescente, orientação, não é, esse é no âmbito, esse é o nosso maior, é o geral, pontualmente nessas adolescentes pode aparecer uma que esteja grávida, por acaso não apanhamos muito, mas pronto. “ (E11)</p> <p>“- É feito depois de confirmado a gravidez e...é feito um aconselhamento do ensino e são seguidas as gravidezes de alto risco no hospital de Faro, são</p>	<p>receber, orientar e acolher os adolescentes nas mais diversas situações.</p>
--	--	---	---

		encaminhadas imediatamente para o hospital de Faro, seja qual for o caso, não e, ou querem seguir ou querem interromper vai tudo para o hospital” (E11) “- Vai tudo para o hospital de Faro? São logo encaminhadas”. (E11)	
	2.5. Quais as verdadeiras razões da gestação	“- a... para além de ser a situação da inexperiência e da vergonha e de não se conhecerem suficientemente um ao outro também tem a ver com situações culturais há situações em que elas engravidam cedo porque é cultura, faz parte da cultura delas, não é, é habito”. (E10) “- Vem de famílias, não é, e há culturas onde isso é normal, por exemplo, na etnia cigana é muito normal elas serem mães cedo, faz parte elas são ensinadas a serem mães cedo, portanto aquilo para elas é normal, questões sociais, muitas vezes são famílias numerosas famílias disfuncionais em que elas na gravidez é uma forma de saírem daquela vida e entrarem noutra, a... o sentirem-se adultas acharem que já são muito adultas então eu vou provar que sou	As verdadeiras razões da gravidez na adolescência são variadas, estas tem a ver com valores culturais, sociais, e também devido ao facto de pertencerem a famílias numerosas em que é normal engravidar muito precocemente, ou simplesmente para saírem do tipo de vida que levam para sentirem-se adultas e capazes de criar uma família. Depois existe o tal pensamento mágico como também já referiu a

		<p>adulto, não é, a... e também a... pensarem que só acontece aos outros, não é, a... penso que essencialmente, tem aver com a revolta em relação aos pais também”. (E10)</p> <p>“- Muitas vezes é!” (E10)</p> <p>“- Sim, ou tomam antibiótico com a pílula ou esquecessem de tomar a pílula ou não tomam a pílula á hora certa”. (E10)</p> <p>“- Mas se calhar muitas vezes a razão é mesmo essa é elas e eles o casal, não é, elas ficam grávidas mas a responsabilidade é dos dois, a... é de não utilizarem o preservativo ou de não terem ou acharem que o facto de não tomarem a pílula á hora certa não é importante ou se acharem que se deixarem de tomar um comprimido não há problema nenhum ou não tomam precauções até ao fim da embalagem, não é! Portanto é aquela irresponsabilidade que eu acho que é próprio da idade, eles não conseguem medir as consequências é a maturidade, não é!” (E10)</p> <p>“- Há muitas que depois de informadas querem ficar mesmo com aqueles rapazes e querem, querem,</p>	<p>psicóloga que isto só acontece aos outros que não tem importância esquecerem-se de tomar a pílula uma vez ou não tomarem á hora certa ou mesmo conjuntamente com um antibiótico que não vai acarretar qualquer problema. Muitas das vezes são coisas básicas que deveriam ter atenção e devido á falta de maturidade não acontece. No entanto, também existem aquelas que obtêm toda a informação, mas como querem ficar com aquele parceiro engravidam propositadamente para o conseguirem, mas no fim as coisas não correm como e esperado e tudo desmorona.</p>
--	--	--	---

		<p>querem, engravidam, essencialmente por isso acham piada terem um bebé e pensam que aquele namorado vai ser o companheiro ideal para a vida inteira e muitas vezes as coisas não são bem assim, não é regra mas temos casos desses temos casos da falha do método, até tomaram a pílula mas houve uma festa de fim-de-semana e de álcool ao fim de semana e ai acabou tudo, pronto esquecimento da pílula, portanto basicamente a falha do método contraceptivo habitual por vários motivos inclusive porque no auge da festa nem se lembram que há uma pílula para tomar, não é.” (E11)</p>	
	2.6. Razões da existência destas na escola	<p>“- (pausa) eu não sei se há muitos casos de grávidas adolescentes nesta escola, não sei se... estatisticamente se há mais nesta escola de que noutras”. (E10)</p> <p>“...não sei quais são as razões, possivelmente razões culturais, porque nós temos muita gente de etnia cigana, não é, temos também a zona da Fuseta onde culturalmente, na Fuseta até a bem pouco tempo era a muito normal elas engravidarem cedo,</p>	<p>O facto de existirem muitos casos de gravidez na adolescência nesta escola é sem dúvida a falha do método contraceptivo, porque na escola secundária existem mais festas e saídas á noite e com o consumo excessivo de álcool faz com que haja esquecimento</p>

		<p>casavam cedo e engravidavam cedo a... não sei se a nível da Fuzeta as coisas estão a mudar, mas penso que sim”. (E10)</p> <p>“- Cultural e social também sim a... talvez tenha a ver com esses dois núcleos na Fuzeta a etnia cigana e também um concelho onde há gente muito pobre, não é, com muito pouca (pausa) informação, porque as pessoas como não têm um nível cultural muito alto ou estudavam menos, não tinham tanta informação, a... terá haver talvez com a essas questões, portanto um nível social baixo, cultural baixo, havendo um foco de etnia cigana também alto aqui em Olhão, haver a zona da Fuzeta, podem ser todos motivos para explicar o facto de em olhão haver de facto um grande número de grávidas adolescentes”. (E10)</p> <p>“- Acho que basicamente o que nós também já dissemos, é isso, porque muitas vezes é esse esquecimento essas festas que se fazem e com mais frequência na secundária que se fazem, consumos de álcool ...” (E11)</p>	<p>dos métodos contraceptivos e depois também tem a ver com razões culturais e sociais, onde residem pessoas muito pobres que possuem poucas ou nenhuma habilitações e por isso não possuem tanta informação.</p>
--	--	---	---

		<p>“...muitas vezes á esquecimento e há gravidez para a frente, nós tivemos aqui a... que não resultou em gravidez sim a suspeita de gravidez, mas que não se confirmou veio confirmou-se que era um problema que ela nem sabia que seria, não é houve excesso de álcool, houve relações sexuais descuidadamente, se houvesse uma gravidez ela não sabia referir quem era realmente o pai, o companheiro, pronto é assim, acontece infelizmente.” (E11)</p>	
3. Métodos contraceptivos	3.1. Informação suficiente das adolescentes	<p>“- (pausa) não a não ou seja, as que engravidam certamente que não possuem porque se elas engravidam ou também porque a informação que têm ou não é adequada ou foi insuficiente a... se no geral considero a... eu penso que sim porque de facto hoje em dia há montes de sítios onde elas podem procurar informação, há muita gente disponível para falar com elas, há projetos, diretamente, direcionados para essa temática para adolescentes, portanto, penso que hoje em dia não há razão para eles não terem essa informação, se ela é utilizada no caso da gravidez na adolescência pois certamente</p>	<p>Existe muita informação, nas escolas, nos centros de saúde, nas ações realizadas nas escolas, através da internet, televisão, o problema é que as adolescentes não retêm a informação e isto deve-se á falta de maturidade.</p>

		<p>que não, pois se elas engravidam é porque não utilizam a informação que têm”. (E10)</p> <p>“- Pois o problema de procurar (pausa) ou acharem que essas coisas nunca acontecem com eles a... acharem que são coisas pouco prováveis de acontecer depois é portanto faz parte mesmo da idade deles do momento em si, a não utilização da informação e dos métodos que têm ao seu dispor”. (E10)</p> <p>"- É assim, é-lhes fornecida informação, não vamos, claro, elas têm por vários, por televisão, pela internet, pelos professores é, agora como é que elas processam a informação é isso é que é, porque elas até sabem quando as questionamos, mas às vezes portanto naquilo há um esquecimento do que lhes foi transmitido, portanto informação não podemos dizer que elas não têm, porque elas têm informação acessível, mas depois elas não retêm.” (E11)</p>	
4. Apoios existentes na escola/ no gabinete de apoio ao adolescente às	4.1. Tipo de apoio que presta	“- É assim, eu não contato individualmente com essas alunas, contactava quando estava no gabinete do adolescente, neste momento já não contato,	No caso da enfermeira Lam esta não faz apoio individual às jovens só após as sessões em

grávidas adolescentes		<p>contato com essas alunas em contexto turma, não é a... pontualmente, talvez há algumas que vêm falar comigo individualmente no fim das sessões, pedir opiniões e pedir ajuda a que tipo de orientação a... muitas vezes oriento-os para o gabinete do adolescente ou para o médico de família elas é que têm que decidir se preferem ser vistas pelo médico de família ou se preferem ser vistas num sítio anónimo em que ninguém as conhece que é o gabinete do adolescente a... e outro tipo de apoio que eu presto orientação aqui a nível da escola através das sessões de educação sexual, são feitas a... nas turmas onde há solicitações, através da professora Vanda e trabalho com eles a nível do 2.º e 3.º ciclos portanto até eles virem para o secundário, trabalho desde o 5.º ao 9.º ano, fazendo duas sessões de educação sexual por ano”. (E10)</p> <p>“- A... bem cada caso é um caso para começar, não é, e há outro apoio a que nós damos aqui em termos de gabinete em termos de enfermagem em termos médicos em termos de orientação também se for</p>	<p>contexto sala de aula e quando abordada. Ela encaminha a adolescente para o gabinete de apoio ao adolescente ou para o médico de família. O mesmo sucede com a enfermeira Carla e toda a sua equipe no gabinete, estas aconselham e encaminham as adolescentes, caso necessário, recorrem ao médico de família, psicólogo, técnico de ação social, nutricionista.</p>
-----------------------	--	--	--

		<p>preciso recorremos aos técnicos, temos o nosso centro de saúde estamos a falar em termos de psicologia em termos de assistente social a nível da nutrição, portanto temos um leque de técnicos que nos podem ajudar que quando é necessário nós pedimos e ajudamos, não é.” (E11)</p> <p>“- É assim, (risos) eu digo sempre uma e é coiso se nós fossemos, nós não podemos fazer juízes de valores para começar, vamos pensar seja que idade que nos apareça aqui juízes de valores está fora de caso, nós aconselhamos e encaminhamos, mas se nos viessem aqui perguntar se deviam começar a vida sexual, se deviam, nós respondíamos, não é, não porque ainda tens os teus órgãos ainda estão imaturos porque há mais riscos de doenças a nível cólon do útero e isso tudo só que isso não nos é posto aqui aparece-nos um problema consumado, o que fazer como já não se pode intervir na fase do prevenir vamos ajudar para que ela não engravide, estamos a falar por exemplo, numa miúda de 13 anos que as vezes começar uma pílula, por um</p>	
--	--	--	--

		<p><i>emplanon</i> é cedo, mas e qual é o outro risco uma gravidez nesta altura, muitas vezes é isso que acontece já veem cá com os factos consumadíssimos, consumos então o que temos que fazer temos que ajudar a evitar que haja mais estragos., não é! “ (E11)</p> <p>“- Mas nas escolas também há, há muitos apoios também há, há a saúde escolar que vai às escolas e também temos instituições fora do concelho que também trabalham com isso a MOJU nomeadamente instituições que trabalham com jovens adolescentes”. (E11)</p>	
	4.2. Quantas vezes são realizadas essas sessões	<p>“- São duas vezes por ano nas turmas que se candidatam, normalmente quem organiza isso é a professora Vanda, nos últimos dois anos tenho trabalhado mais com cursos profissionais, a nível, por exemplo do ensino regular não tenho trabalhado, porque é o que a escola solícita é aquilo que eu faço”. (E10)</p>	As sessões são realizadas duas vezes por ano na escola secundário de Olhão aos alunos que se inscrevem no gabinete do aluno e geralmente é feita com todos os alunos do 11.º e 12 anos, mas ultimamente tem sido com os cursos profissionais porque é onde

			existem mais casos de grávidas adolescentes.
	4.3. São suficientes essas sessões/apoios	<p>“- Não pelos vistos não são pois continuam a haver casos de gravidez na adolescência é porque não são”. (E10)</p> <p>“- Sim já achamos que sim que são suficientes” (E11)</p>	Apesar de algumas entidades acharem suficientes, penso que estas sessões deveriam ser mensais e não só com os alunos dos últimos anos, mas sim com todos e em conjunto com professores, centro de saúde, psicóloga, associações do concelho.
	4.4. Outros apoios que deviam existir	<p>“ - Existência de um gabinete que existe aqui na escola, não é, mas eventualmente existindo um técnico de saúde nesse gabinete, quinzenalmente por exemplo, uma enfermeira ou um médico a...talvez a...fosse eficaz para elas e eles irem individualmente pedirem apoio ou tirar alguma dúvida essa estratégia seria uma eventualmente a... (pausa) talvez haver também a...uma parceria da escola com instituições que trabalham com jovens aqui em todo o concelho, não sei a MOJU a CASA DA JUVENTUDE a</p>	Sem dúvida, que quase todas as profissionais referiram na existência de um gabinete individualizado na escola constituído por enfermeiros, médicos e outros profissionais e também a existência de parcerias deste estabelecimento de ensino com associações do concelho. No entanto, estas

		<p>associação de planeamento familiar, o instituto da juventude, talvez por aí”. (E10)</p> <p>“- Claro isso é ótimo isso era muito bom porque se eles tiverem integrados e se partir deles a motivação era muito maior, não é e a linguagem deles entre pares fica muito mais facilitado”. (E11)</p> <p>“- Claro, claro para passarem o testemunho para os outros, isso é importantíssimo, eles estarem envolvidos e não ouvirem só dos outros, não é, é mais uma aula e mais um coiso, agora motivá-los envolvendo-os sim. Isso dá sempre e é sempre ótimo” (E11)</p>	<p>enfermeiras também apoiaram bastante a existência de grupos de jovens que testemunhassem situações já vivenciadas, isso permitia um melhor envolvimento e motivação por parte dos adolescentes.</p>
5. Educação Sexual	5.1. Aulas de educação Sexual	<p>“- Eu acho que sim, por isso continuo a investir nisso, por isso continuo as aulas que neste momento fazem parte, são obrigatórias, não é, a partir do 1.ºciclo a... e também fazem parte do plano de saúde escolar é também um tema obrigatório no programa de saúde escolar e...eu continuo a achar que embora até aqui não se tenha obtido grandes resultados, considero a achar que é uma mais-valia”. (E10)</p> <p>“- E que devesse apostar e continuar e devem postar</p>	<p>As aulas de educação sexual, apesar de ainda não se ter obtido grandes resultados não quer dizer que deixem de existir, e os próprios jovens dizem que devem continuar, porque também é uma forma de adquirirem informação e tirar dúvidas que necessitam e</p>

		<p>nesse tipo de aulas e os próprios jovens dizem que sim, eu também os pergunto”. (E10)</p> <p>“- E eles gostam e dizem que sim que deve haver e que é uma forma de evitar que haja gravidez na adolescência, eles próprios também dizem que sim, que acham que sim.” (E10)</p> <p>“- Seriam essas ações a nível das escolas talvez uma maior abertura das famílias para falar destas questões, não é, esses gabinetes de apoio com informação não só para os próprios adolescentes com técnicos preparados para darem formação aos adolescentes, também para os pais haver ações de sensibilização de formação para os próprios pais como é que eles podem falar destas coisas como é que podem responder ás perguntas que eles fazem que se calhar não fazem na adolescência mas fazem com o tempo e que os pais muitas vezes não sabem responder dizem que essas coisas não são para falar e eles depois desabituaam-se de falar dessas coisas e acabar por... se eles não falam logo em pequeninos depois em adolescentes não falam e muitas das</p>	<p>que não têm em casa. Essas aulas não deveriam só se restringir á escola, mas também alargar-se a toda a comunidade escolar, primeiramente às famílias, aos pais para que estes se sintam preparados e á vontade para falar deste tipo de assuntos com os filhos e depois aos funcionários da escola, pois muitas das vezes os jovens sentem-se mais á vontade para falar com um professor ou um auxiliar do que com os próprios pais, assim toda a comunidade estaria preparada e formada para ajudar os adolescentes, mas para isso seria muito importante que essas pessoas tivessem perfil e uma certa empatia com estes jovens.</p>
--	--	---	--

		<p>vezes falam em pequeninos e chegam á adolescência e os pais não querem falar, isso é normal, a...mas pode haver mais informação também para os pais para os próprios docentes para os tais funcionários nas escolas também porque eles muitas das vezes podem ter mais confiança com um funcionário da escola do que têm como próprio pai ou com a própria mãe, não é, ou com os próprios família e esses funcionários não podem ser obrigatoriamente um docente eles podem ter mais confiança com um auxiliar, uma assistente operacional, um assistente técnico, um professor, portanto haver um grupo de funcionários na escola preparados e eles saibam com quem devem, pessoas que de facto têm empatia com eles que gostem de falar com eles que gostem de trabalhar com eles e não serem as pessoas obrigadas, porque se fazem isto ou se tem esta função seriam obrigadas a ter aquela formação depois não sentem á vontade e não têm empatia para falar com os jovens, portanto deveriam ser pessoas que de facto tenham perfil e depois a formação para poderem...” (E10)</p>	
--	--	--	--

		<p>“- (pausa) eu penso que nas escolas já é abordado esse tema, não é, não deve existir aulas de educação sexual, porque só de educação sexual é falado nas escolas em várias disciplinas, não são, agora uma aula só uma disciplina só de educação sexual ...” (E11)</p> <p>“- Nós notamos aqui muitas dúvidas, há muitas dúvidas em relação...” (E11)</p> <p>“- O que nós notamos aqui é que nessa parte há dúvidas, há muitas dúvidas técnicas, mesmo na anatomia, no ciclo menstrual, na ovulação, sempre que nós podemos damos, fazemos o nosso ensino, não é mas questionamos e há muitas dúvidas mesmo”. (E11)</p>	
	5.2. Parcerias com outras entidades	<p>“- Sim”. (E10)</p> <p>“- Trabalhamos todos neste sentido”. (E10)</p> <p>“- Sim há a MOJU essas associações pr'a ai que ajudam, que procuram ajudar até tenho aqui uma coisa de grávidas para mães adolescentes que surgiu agora num bairro novo”. (E11)</p>	As parcerias seriam muito importantes, porque afinal todos trabalham no mesmo sentido, ou seja, professores, enfermeiros, médicos, psicólogos, associações

			pretendem ajudar a orientar estes jovens para uma vida futura desprovida de problemas.
	5.3. Medidas de prevenção da gravidez	“- Ui (risos) Estarem bem esclarecidas e esclarecidas e motivadas, não é, motivadas, o uso correto dos métodos anticoncepcionais, nomeadamente o preservativo quando batemos sempre com o preservativo além da pílula, não é, para prevenção de outras doenças, a motivação essencialmente.” (E11)	O esclarecimento e a motivação para o uso correto dos métodos contraceptivos é muito importante para que não surja falhas e apareça uma gravidez indesejada ou uma doença sexualmente transmissível.
6. Implementação de um projeto na escola	6.1. Consideram viável	“- Eu acho que sim, eu acho que sim, porque se a escola todos os anos tem casos de gravidez na adolescência sabendo que Olhão é um concelho que é um concelho que tem mais casos destes, eu acho	A implementação de um projeto nesta escola seria crucial, porque estamos numa escola onde existem muitos

		<p>que era, era muito bom haver um projeto destes a nível aqui da escola”. (E10)</p> <p>“- E a interação entre dos alunos e os professores? Exactamente e haver um projeto mesmo com esse objectivo, não é acabar ou diminuir o número de casos grávidas adolescentes, o projeto não tinha que ser só da escola o projeto convinha ser desenvolvido em parceria com todos as instituições aqui de Olhão que trabalham com adolescentes e eventualmente instituições também a nível nacional que é o caso da APF e em faro o Instituto da juventude”. (E10)</p> <p>“- É sempre bom”. (E11)</p>	<p>casos das grávidas adolescentes, mas seria importante que o projeto fosse desenvolvido com outras instituições que trabalham com adolescentes.</p>
--	--	--	---

	6.2. Com que entidades ou profissionais	<p>“- Com a nosso UCC, não é a nossa unidade de cuidados na comunidade, com a MOJU, com o Gabinete do Adolescente, o centro de saúde, com APF, com a casa da juventude, a... tou-me a... lembrar destas, eu estou que não estou a esquecer de ninguém e se calhar as próprias escolas do concelho tentarem ver em conjunto qual seria a melhor estratégia, não é porque se eles forem bem trabalhados entre aspas, não é estas temáticas logo de pequeninos possivelmente, eu acredito que daqui a uns anos na aqui na secundária deixe de haver tantos casos, porque como eu, eu estou a trabalhar com eles a partir o 5 ano, pretendo começar a trabalhar com eles a nível do 1.º ciclo com o resto das horas que eles têm que trabalhar com os professores a nível da educação sexual, a nível da escola eu acredito que daqui a alguns anos vocês já possam dizer olha afinal os casos já diminuíram, não é, estou com essa esperança, só que isto são, são ganhos em saúde, não é e são, são resultados que se veem daqui a muitos anos não dá para ver resultados</p>	<p>Além das instituições/ associações que já foi mencionada anteriormente, também com a unidade de cuidados á comunidade, gabinete de apoio ao adolescente, centro de saúde e pensando um pouco mais em grande, porque não incluir todas as escolas do Concelho, desde do 1.º ciclo de estudos até ao último. Este seria um projeto que não seria concretizado em curto prazo, mas com determinação e força e sobretudo sem desanimar e continuando sempre a trabalhar, acredito que em médio e longo prazo os resultados acabariam por surgir.</p>
--	---	---	---

		<p>logo, nós pensamos num projeto neste ano e pró ano vamos ter resultados, são projetos que só dão resultados a longo prazo a médio longo prazo, por isso muitas das vezes também são projetos que as pessoas depois desinvestem, porque investem e depois porque não têm resultados logo depois desmotivam-se e não pode ser nós temos que ter a noção que em termos da promoção da saúde os ganhos que só se obtêm a médio e longo prazo temos que continuar a investir para que tenhamos resultados.” (E10)</p> <p>“- Ai, eu acho que isso é mais no âmbito da saúde escolar”. (E11)</p> <p>“- Centro de saúde...” (E11)</p> <p>“- Associações e a própria escola, não é, pois”. (E11)</p>	
--	--	--	--

Categoria	Subcategorias	Excertos das entrevistas	Inferências /Significados
1. Profissionalização	1.1. Tempo de serviço como psicóloga nesta escola	“- Há 27 anos.” (E12)	A psicóloga Salvadora iniciou a sua atividade profissional nesta escola e ainda continua a desempenhar.
	1.2. Tempo que exerce a profissão	“- Há 27 anos.” (E12)	
2. Grávidas adolescentes	2.1. Número de casos e contatos com estas	<p>“- De há cinco anos para cá! ...a... Oito, nove! Oito, nove.” (E12)</p> <p>“- Sim, ou melhor, tem havido muitas jovens grávidas adolescentes, porque o contatar é diferente, não é a... uma função minha, do serviço de psicologia e orientação, eu acompanhar, ou fazer prevenção, não é! Da gravidez, não é! Mas no entanto esses casos chegam ao gabinete.” (E12)</p>	Os números de casos de grávidas adolescentes, de acordo com as contagens desta profissional é de oito desde há cinco anos para cá, mas de acordo com a minha estatística o número é superior, porque esta não contabilizou aqueles casos que não passaram pelo

			<p>SPO.</p> <p>O contatar com as grávidas adolescentes é diferentes de acompanhá-las, porque geralmente são elas que procuram o serviço por vontade própria, sendo a função da psicóloga somente de orientar e acompanhar.</p>
	2.2. Média de idades	<p>“- A ... mas a média da idade? Ou ...” (E12)</p> <p>“- Dezasseis, dezassete anos.” (E12)</p> <p>“- Hum! Hum! Dezasseis, dezassete anos.” (E12)</p> <p>“- Quantos foram os casos de jovens menores? Eram todas (risos).” (E12)</p> <p>“- Portanto a própria keynara também não era maior de idade, portanto todas menores!” (E12)</p>	<p>Nos casos que foram acompanhados pela psicóloga as raparigas eram todas menores de idade e na faixa etária dos dezasseis, dezassete anos.</p>
	2.3. Como é realizado o encaminhamento	<p>“- A ...há uma coisa, uma situação e outra, portanto aquele rapaz que me procurou, surpreendeu-me imenso, portanto veio tipo bateu à porta, perguntou se podia entrar, fechou a porta</p>	<p>Normalmente o encaminhamento é efetuado através dos jovens que procuram o serviço, mas esta</p>

		com muita velocidade e sentou-se e começou a falar comigo, pediu-me sigilo e eu disse que tinha todo o sigilo e portanto por iniciativa própria. A... geralmente quando a... há compreensão por parte da família, não é! E não é um meio familiar muito baixo, não me procuram, portanto é, é ...aceite pela família, há uma tranquilidade, há apoio, quando não há apoio, quando não há esse apoio é que as jovens me procuram.” (E12)	procura só sucede quando não existe suporte familiar.
	2.4. Procedimentos efetuados nestes casos	“... tento sempre saber se há um parceiro, não é! Se há um parceiro por detrás, portanto, se é um companheiro, ou namorado, uma relação estável, ou não se foi fruto de uma relação pontual, a... se, portanto houve utilização de métodos contraceptivos que falharam e portanto, tento saber sempre, o que é que aconteceu, não é! Aquela gravidez aconteceu por algum motivo, não é! Ou o mau uso de contraceptivos ou o não uso, pronto e depois se é fruto de uma relação estável ou não, e	Como refere a Salvadora esta tenta saber tudo o que se passa com a jovem, a relação desta com o parceiro e família, os métodos de contraceção utilizados, o extracto social e cultural que pertencem, depois pergunta o que estas pretendem fazer depois é que encaminha para o gabinete de

		depois tento contextualizar aquela jovem no meio familiar, portanto se é um meio, portanto socioeconómico ou cultural desfavorecido, se a jovem habitualmente conversa com os pais, sobre essa problemática, com os amigos, se o próprio namorado ou companheiro, ou parceiro já sabe, e ...portanto e pronto, tento abordar essa questão e depois encaminho, não é! Pergunto à jovem o que quer fazer, não é! A... se está a pensar continuar com a gravidez ou não e depois encaminho para o centro de saúde, para o gabinete de apoio ao adolescente que funciona muito bem e com o qual eu articulo muito, já tenho articulado muitas vezes.” (E12)	apoio ao adolescente no centro de saúde de Olhão.
	2.5. Existem outras entidades a trabalhar com o SPO	“- No centro de saúde, eu não tenho conhecimento.” (E12) “- A comissão de jovens, portanto só se não há uma família por detrás, não é! Pronto, quando não há uma família por detrás, não é! Mas isso ai, essa jovem já está sinalizada pela escola, sinalizada	Não existem outras entidades a trabalhar com o serviço só em casos sinalizados pela CPCJ que são imediatamente articulados pelo centro de saúde.

		aliás, porque a comissão, a CPCJ entra muito em contato com a escola, através do diretor de turma e do serviço de psicologia e orientação e pede trimestralmente informação à escola sobre comportamento, assiduidade e aproveitamento, não é! Portanto, nós aí já sabemos que aquela jovem é uma jovem já sinalizada, tem processo agora, portanto se é uma jovem que tem processo na comissão de proteção, claro que nós comunicamos/articulamos coma CPCJ que de imediato articulará com o centro de saúde, portanto o centro de saúde tem uma estrutura que funciona muito bem, muito, muito bem!” (E12)	
	2.6. Quais as verdadeiras razões da gestação	“- Pois era o que eu dizia, não é! Muitas vezes elas têm informação, não é! Agora há sempre o pensamento mágico de que aquilo acontece aos outros, não é! E Pois o desconhecimento de certos pormenores, não é! Por exemplo, a...ou falham a pílula e depois se calhar não sabem como retomar, por exemplo, ou então interferência de, de outros	As verdadeiras razões das gravidezes são as adolescentes pensarem que nada pode acontecer a elas e a outra tem a ver com o desconhecimento de certos pormenores relacionados com a

		medicamentos, por exemplo, o antibiótico corta o efeito, ou o estado de saúde, por exemplo, uma diarreia pode cortar o efeito da pílula, ou então a... simplesmente não tomam a pílula, a... o namorado não gosta, por exemplo, usar preservativo ou então numa primeira vez acham que na primeira vez não vai acontecer, mas é também é um bocado o pensamento mágico de achar que isso só acontece aos outros, não é!” (E12)	contraceção.
	2.7. Razões da existência destas na escola	“- Pois ... a... das coisas que conheço alguns casos aconteceram porque, mas havia por detrás uma relação estável, bem digamos que é 30 % desses casos, portanto havia uma relação de namoro estável e aconteceu por falha do uso contraceptivo, pronto ai! A.... 30% Acontece, porque acaso, pontual e ai já houve dois deles, recurso há interrupção involuntária da gravidez, portanto eu encaminhei, portanto ai a decisão é foi da jovem, ela era maior de idade, desculpe mais de dezasseis anos, levam três dias para refletir, portanto a jovem	Em 30% dos casos são derivados á falha do método de contraceção e os restantes é devido á falta de uma estrutura familiar sólida e portanto a necessidade de criar uma família com o parceiro.

		<p>não precisa da autorização da parte dos pais, a partir dos dezasseis anos, portanto um acaso. A outra, os outros 30% penso que é da jovem que teve o ano passado grávida, aqui fica o nome katy, mas não é para ficar, não é, depois! Que penso que há ali uma idealização, portanto de um projeto de vida que realista, mas que devido a carências e á falta de uma estrutura familiar sólida pensam que assim é uma maneira de conseguir criar uma família e de, e de criar algumas relações afectivas com o parceiro, com o namorado, mas depois tudo se desmorona, não é! Foi o caso, daquela miúda. A ela foi feita prevenção primária que não resultou, a mãe não aceitou o implante, porque ela não tomava a pílula como devia ser, esquecia-se de tomar a pílula, portanto nós o serviço de psicologia apercebia-se disso então falou com a enfermeira Carla para a... por um implante gratuito, porque é uma família carenciada. Ela na altura não tinha dezasseis anos e a mãe não aceitou, acontece que</p>	
--	--	---	--

		<p>depois engravidou, portanto, aqui é a não-aceitação, a ignorância da parte da mãe, neste caso, pronto, prevenção primária não funcionou, prevenção secundária teve, foi logo acompanhada no, no centro de saúde, a enfermeira Carla ai teve um papel fundamental, ainda me lembro quando ela, o olhar dela a dizer que ela estava grávida e o que fazer e já tinha cinco meses, portanto ela andou grávida aqui na escola e ...escondeu, escondeu a gravidez e depois a prevenção terciária, o CAVE, aqui fez-me parceria com a escola, portanto nós o SPO e educação especial que a aluna é acompanhada pela educação especial tem défice a nível emocional e então nós acompanhamos a jovem, e o centro de apoio á vida ia á casa ver as condições, quando o bebé nasceu, e... as coisas não resultaram de maneira nenhuma, portanto uma jovem que teve os três tipos de prevenção e mesmo assim a...pronto as coisas não funcionaram, mas também temos por de trás um</p>	
--	--	---	--

		défice cognitivo emocional, não é! Mas pronto” (E12)	
3. Métodos contraceptivos	3.1. Informação suficiente das adolescentes	“- Eu diria que informação sexual há muita, agora educação sexual não haverá tanta, porque é muita, é,é... uma poluição, vamos lá, é um excesso de informação, agora eles partilharem a... qual será o mais adequado para ele, por exemplo, o mais adequado para elas ou então para eles jovens, portanto eles recebem muita, excesso de informação, agora o uso efetivo desses contraceptivos, ou o mais adequado, eu penso que isso não é feito, isso faz parte de educação sexual. Não é! “ (E12)	Existe informação sobre sexualidade e esta é demasiado excessiva, deveria haver mais educação sexual para que os jovens saibam a forma adequada de utilizar os métodos contraceptivos.
4. Apoios existentes na escola às grávidas adolescentes	4.1. Tipo de apoio que presta	“- Pronto é isto tudo que eu já disse, aquele primeiro atendimento é muito importante, ai vê-se logo se a jovem esta segura, se é madura, a... se tem por detrás apoio familiar ou não, se o pai da criança está envolvida ou não naquela relação, se é uma relação e depois orienta-se para o centro de saúde, é logo é uma entidade muito importante de	Os tipos de apoio que esta profissional oferece, primeiro é saber ao pormenor todo o historial da jovem e depois orientar para o centro de saúde de Olhão.

		encaminhamento.” (E12)	
	4.2. São suficientes	“- Pois às vezes é a tal coisa, pois se fossem suficientes (risos) elas não aconteceriam (risos), não é! Mas eu acho que falta aqui também a... o diálogo com os pais, com a família, porque a vida sexual, houve uma antecipação no início da vida sexual, não é! E os pais muitas vezes não querem encarar esse fato, não é! E tapam o sol com a peneira, falar sobre utilização de métodos de contraceptivos é tabu e depois deparam-se com ... uma gravidez indesejável.” (E12)	Os apoios existentes nunca são suficientes porque sempre vai haver casos de gravidez na adolescência. Os jovens cada vez mais cedo iniciam a sua atividade sexual e muitos pais ainda não se encontram preparados para aceitar essa rápida mudança e então fogem do assunto e isso obriga os jovens a procurar informação, muitas das vezes pelas vias menos corretas, onde está é banalizado e excessivo o que faz com que estes não retenham o mais importante.
	4.3. Outros apoios que deviam existir	“...E também acho que era muito importante haver um gabinete de apoio individualizado, porque há muitas jovens que têm vergonha de se expor, não	A existência de um gabinete individualizado composto por uma psicóloga, um educador

		<p>é! Numa dinâmica de grupo, por exemplo, que é bastante útil e nesse caso adequa-se bastante a estas jovens, mas há muitas jovens que são inibidas, retraídas e então devia haver hipótese de um gabinete de apoio individualizado, não é! A caixinha das dúvidas também é importante, não é! Em que, por exemplo nessa dinamização, nessas sessões é importante descrever dúvidas anonimamente e depois uma sessão de resposta, portanto vão estar lá todas as jovens que vão ter resposta, porque a resposta as perguntas estão lá são anónimas, mas ela vai obter resposta, mas o apoio, o tal apoio de gabinete, apoio individualizado é muito, muito bom.” (E12)</p> <p>“- Há bocadinho falei, acho que é extremamente importante, haver, por exemplo, gabinete de apoio individualizado, pode ser inserido no gabinete de apoio ao adolescente, mas permitir, permitir que a jovem possa fazer, possa decidir, ter, portanto frequentar essas sessões, esses programas em</p>	<p>social, um enfermeiro e uma médica obstetra, todos em conjunto tentar resolver os problemas relacionados com a sexualidade dos alunos. Esse gabinete poderia estar inserido no gabinete de apoio ao aluno e realizarem sessões com grupos de jovens em que estes poderiam expressar as suas opiniões e dúvidas e até testemunhos de situações vividas. Tenho a certeza que seria um sucesso na escola.</p>
--	--	---	---

		<p>grupo ou em sessões individualizadas, porque há questões que elas têm vergonha de colocar em público, e então permitir esse atendimento individualizado e depois educação sexual, informação há muita.” (E12)</p> <p>“- Importante, enfermeiro, educador social, o... técnico de serviço social, psicólogo e já falei no enfermeiro e... e provavelmente um obstetra, um médico, por exemplo, de vez em quando em certas sessões, mas extremamente importante, portanto educador social, técnico de serviço social e psicólogo e enfermeira, acho que já disse também, muito importante!” (E12)</p> <p>“- E depois escolheriam se as alunas queriam em grupo ou individual! Exatamente, portanto dar-se ia a hipótese.” (E12)</p> <p>“- Seriam partilhadas experiencias, também é importante! Exatamente, ou então fazer tipo além de fazer as sessões em grupo ter também a possibilidade de colocar questões, tirar dúvidas a</p>	
--	--	--	--

		nível individual, acho que isso é muito importante!” (E12)	
5. Educação Sexual	5.1. Aulas de educação Sexual, Como e com quem?	<p>“- Exato educação sexual, acho que sim. Abordando precisamente a problemática da gravidez, prevenção da gravidez na adolescência, mas nos seus aspetos sérios e multidisciplinares, não só o uso dos contraceptivos, mas todas as consequências a nível de projeto de vida, a nível de interrupção do projeto de vida, não é! Que acarreta uma gravidez, a nível das emoções, a nível do equilíbrio psico emocional, portanto e pô-los a refletir sobre isso também, não e! Por essas jovens e jovens também, porque no fundo eles jovens são co-responsáveis dessa gravidez do sexo feminino, não é! Pô-los, sexo masculino, todos a refletir sobre isso, o que aconteceria se acontecesse isto, não é!”</p> <p>“- Agora bem estruturadas, mais do mesmo não, portanto com um programa aliciante a... um programa que passa-se pela parte psicológica, não</p>	As aulas de educação sexual, primeiramente deveriam ser ministradas por uma pessoa perita na área e que tivesse uma certa sensibilidade para lidar com estas situações, depois que fossem abordados temas relacionados com a contraceção, a forma de usar, o porquê da sua utilização, os mais adequados, as consequências que uma gravidez na adolescência pode acarretar para a vida de uma jovem, as doenças sexualmente transmissíveis e os problemas psicológicos e físicos que podem surgir nesta

		<p>é! E... pronto não ser mais informação, não ser uma transmissão exaustiva (pausa) de informação, mas sim educação sexual.” (E12)</p> <p>“- Há, não, não, não, é...dar a hipótese de não só informar, por exemplo os métodos contraceptivos são a... mas dizer, eles devem ser usados a... de forma consciente a... por exemplo, porquê? Porque devem ser usados, porquê que há métodos que se adequam, mais adequados a certas pessoas do que a outros? E depois, e porquê? Porque devem ser usados para evitar e prevenir uma gravidez e porquê? Porquê que a gravidez na adolescência pode ser tão negativa, não é! Explicar depois aquela parte emocional que a jovem e o jovem sentem, as características, sabem aquela crise de identidade porque estão a passar, identificam-se com aquela problemática, também por isso! Saber porquê e depois estamos a esquecer também de prevenir as doenças sexualmente transmissíveis, não é!” (E12)</p>	fase da vida.
--	--	---	---------------

		<p>“- Portanto não ser só uma aula de... de uma aula teórica desprovida de... de... realidade das emoções, dos afetos, não é!” (E12)</p> <p>“- Pois, por isso é que eu acho que era importante a, a... provavelmente essas aulas de educação sexual, não serem dados por um professor que tenha um horário mais livre, tem que haver essa pessoa tem que ter um determinado perfil, também de comunicação de ter capacidade de chegar ao jovem, á jovem, ter abertura, não é! Portanto porque senão a...” (E12)</p> <p>“- Por isso acho que deveria ser um conhecedor, um perito na matéria, uma pessoa com alguma experiencia em lidar com jovens, não é!” (E12)</p>	
	5.2. Parcerias com outras entidades	<p>“- Pois, sem dúvida! Sim, sem dúvida! Aliás nós em tudo o que se prende com o... ser humano e neste caso a adolescência, não é! A... ninguém deve trabalhar numa ilha, isolado deve ser uma equipa multidisciplinar, aliás o serviço de psicologia no decreto-lei n.º 190/91,a equipa é</p>	<p>As parcerias com outras entidades neste concelho são cruciais, devido ao facto de este ser bastante problemático. Como refere a Salvadora existe um decreto-lei que</p>

		<p>constituída por psicólogo, técnico de serviço social e médico, se possível! A equipa resume-se por apenas uma pessoa, psicólogo.” (E12)</p> <p>“- Exatamente, neste momento! Portanto eu aqui na escola faço muito o papel estou a...ultrapassar as minhas funções e estou a fazer muitas vezes o papel de educador social e serviço social, não é!” (E12)</p> <p>“- A equipa do SPO está constituído no papel, não é! A... (risos) está lá no decreto, mas na prática não existe e faz muita falta em especial neste concelho de Olhão, que é muito problemático.” (E12)</p>	<p>define a constituição do serviço de psicologia e orientação que por razões económicas, não existe, caso este que não só se verifica nesta escola, mas em quase todas no nosso país, e infelizmente neste caso só se resume a uma pessoa que tem cerca de mil e quinhentos alunos para dar apoio.</p>
	5.3. Abordar a prevenção da gravidez tendo em conta as suas consequências	<p>“...abordar a prevenção na gravidez na adolescência (pausa) também atendendo às consequências, portanto o que acontece geralmente, abandono escolar, não é! Nós para aquela miúda não ter abandonado a escola o que nós passamos, portanto medidas educativas e justificações de faltas e, e... pronto foi muito</p>	<p>A abordagem da prevenção da gravidez na adolescência deve ter em conta as suas consequências, porque todo um projeto de vida é comprometido, ou seja, a jovem abandona a escola fica</p>

		<p>complicado, porque geralmente é... “ (E12)</p> <p>“- A jovem acaba por ficar em casa, não é! Portanto todo o projeto de vida é comprometido, não é! Abandono escolar e muitas vezes a jovem que se encontrava em idade de lidar com os amigos, fazer amigos, cada vez fica mais ostracizado, não é! Passa para o papel de adolescente à força para o papel de mulher, mãe quando ela não consegue desempenhar” (E12)</p>	<p>sem habilitações, tornando-se difícil retornar á escola, devido á atenção que tem que dar ao filho, depois é mais difícil encontrar emprego ou porque não têm habilitações ou porque não têm ninguém que fique como filho. A jovem passa de adolescente a adulta á força e tudo isto mexe com a parte psicológica destas raparigas e os seus filhos.</p>
6. Implementação de um projeto na escola	6.1. Considera viável	<p>“- Eu acho que havia espaço para esse projeto, havia espaço, acho que se justifica pelo elevado número que tem acontecido e porque aqui a... os nossos jovens encontram-se a... na fase da sexualidade ativa, não é! E portanto acho que fazia todo o sentido.” (E12)</p>	<p>A implementação de um projeto nesta escola seria viável pelo facto de existirem muitos casos e de nesta fase eles estarem no auge da sexualidade, por isso penso que seria bastante positivo. No entanto, também era</p>

			importante que toda a comunidade escolar fosse envolvida.
	6.2. Que tipos e com que associações/Profissionais	<p>“- Bom, vamos ser realistas, acho que se aqui na escola já está implementado o gabinete de apoio ao adolescente, podia-se articular, fazer um projeto com o gabinete de apoio ao aluno e depois procurar fora, portanto no exterior, na comunidade envolvente, estruturas, por exemplo, o centro de saúde fundamental, a MOJU também, por exemplo e... (pausa) eu penso que (pausa) se calhar estes não me recordo assim mais...” (E12)</p> <p>“- Sim, por exemplo, também Aqui a nível de disciplinas ligadas á biologia, por exemplo.” (E12)</p>	Como já referi anteriormente toda a comunidade escolar, partindo sempre do gabinete de apoio ao aluno, pois são eles os maiores interessados, em conjunto com os docentes da área das ciências e das biológicas e depois contatar nas exteriores as associações de jovens e o centro de saúde.

**ANEXO III: Autorização para a elaboração do
trabalho de investigação.**



ESFC da Universidade do Algarve
Campus da Penha, 8005-139 Faro
Mestrado em Educação Social
António Fragoso de Almeida
Tel: 289 800 100 (ext. 6215)
aalmeida@ualg.pt

António Fragoso de Almeida
02/02/2012



Assunto: Investigação conducente ao título de Mestre

Data: 06 de Fevereiro de 2012

Exmo. Senhor Diretor

Escola Secundária Dr. Francisco Fernandes,



Olhão

Como diretor de curso do mestrado em Educação Social e também na minha qualidade de orientador da mestranda **Teresa Maria de Brito Andrade Madeira**, venho solicitar a V. Exa. autorização para que a discente elabore o seu trabalho de investigação sobre a temática “Gravidez na Adolescência na Escola Secundária Dr. Francisco Fernandes Lopes”. A investigação implicará a realização de entrevistas a diversos elementos da comunidade escolar, com salvaguarda da confidencialidade e das identidades respetivas das pessoas que cedam informações sobre o tema, e garantindo-se os princípios éticos que devem estar presentes em qualquer investigação.

Com os Melhores Cumprimentos,

António Fragoso de Almeida

Prof-Adjunto

(Diretor de curso)

**ANEXOS IV: Guiões de Entrevistas à Psicóloga,
Adolescentes, Docentes, Diretor e Enfermeiras.**

GUIÃO DE ENTREVISTAS SEMI-DIRIGIDAS (Psicóloga)

- A entrevista será realizada após alguma observação e contacto informal com a psicóloga que trabalha no Serviço de Psicologia e Orientação da escola em estudo;
- O guião passará pelo orientador e coorientador para uma posterior informação e orientação;
- A entrevistada responderá às questões e de acordo com o andamento da entrevista poderá ser útil colocar novas perguntas de reforço;
- O entrevistador realizará/improvisará novas perguntas para complementar e enriquecer mais o conteúdo;

1.º Bloco

1. Qual a sua idade?
2. Qual o seu género?
3. Há quanto tempo exerce a profissão de psicóloga?
4. Há quanto tempo trabalha nesta escola?

2.º Bloco

5. Durante o seu percurso profissional nesta escola tem contactado com muitos casos de gravidez na adolescência?
6. Quantos foram os casos (em média)?
7. Quais eram as idades das adolescentes?
8. Quantos foram os casos de jovens menores?
9. As jovens procuram-na por vontade própria ou já vêm encaminhadas por outros profissionais?
10. Qual o procedimento realizado pelo SPO nestes casos?
11. Considera que as adolescentes possuem informação suficiente sobre sexualidade e os riscos que daí advêm?
12. Na sua opinião quais são as verdadeiras razões de estas adolescentes engravidarem?
13. Na sua perspectiva porque razão/razões existem tantos casos de adolescentes grávidas nesta escola?

3.º Bloco

14. Que tipo de orientação presta a esta (s) aluna (s) nesta escola?
15. Considera essas orientações suficientes para evitar a gravidez na adolescência?
16. Se acha que não, mencione outros que seriam mais adequados, tendo em conta o contexto escolar onde se insere este estabelecimento de ensino?

4.º Bloco

17. Considera que a parceria com outras entidades seria imprescindível para auxiliar estas jovens?
18. E as aulas de educação sexual, acha que poderiam ser uma mais-valia para evitar a gravidez na adolescência?
19. Tendo em conta a sua experiência nestes casos, quais seriam para si as medidas de prevenção adequadas para evitar a gravidez na adolescência?
20. Tendo como base todas essas medidas considera viável a implementação de um projeto na escola com o intuito de evitar a gravidez nesta fase da vida?
21. Se sim. Com que associações ou profissionais deveria ser realizado esse projeto?

GUIÃO DE ENTREVISTAS SEMI-DIRIGIDAS (adolescentes)**Parte I**

- A entrevista será realizada após alguma observação e contacto informal com as adolescentes que estudam ou estudaram na escola em estudo;
- O guião passará pelo orientador e coorientador para uma posterior informação e orientação;
- A entrevistada responderá às questões e de acordo com o andamento da entrevista poderá ser útil colocar novas perguntas de reforço;
- O entrevistador realizará/improvisará novas perguntas para complementar e enriquecer mais o conteúdo;

1.º Bloco

1. Qual a sua idade?
2. Qual o seu género?
3. Atualmente frequenta/ frequentou esta escola?
4. Se frequenta em que ano de escolaridade?
5. Se frequentou que habilitações escolares obteve?

2.º Bloco

5. Com que idade iniciou a sua atividade sexual?
6. Qual foi o método contraceptivo usado?
7. Qual foi o grau de segurança nessa relação sexual?
8. Com que idade engravidou?
9. Quando engravidou usou algum método contraceptivo?
10. A gravidez foi planeada e/ou desejada?
11. Quando descobriu que estava grávida falou com alguém na escola?
12. Se sim. Com quem?
13. A pessoa com quem falou orientou-a nalgum sentido? Sugeriu-lhe algum caminho a tomar? O que aconteceu no seguimento desse processo?

3.º Bloco

14. Tinha conhecimento dos apoios existentes na escola?

15. Solicitou esse apoio na escola?
16. Se sim. Que tipo de apoio obteve na escola?
17. Se soubesse que teria esses apoios engravidaria?
18. Se acha que não, mencione outros que seriam mais adequados, tendo em conta a experiência que viveu?

4.º Bloco

19. Acha que a parceria com outras entidades seria importante para evitar uma gravidez indesejada?
21. Em que sentido as aulas de educação sexual seriam uma mais-valia para evitar a gravidez na adolescência?
22. Como já passou por essa situação, quais seriam para si as medidas de prevenção adequadas para evitar a gravidez na adolescência?
23. Se fosse implementado um projeto na escola para prevenir a gravidez na adolescência, aceitaria testemunhar o seu caso com o intuito de ajudar outras raparigas?
24. Se pudesse falar com uma adolescente que estivesse a passar pela mesma situação que já viveu que conselho lhe daria?

GUIÃO DAS ENTREVISTAS SEMI-DIRIGIDAS

(Adolescentes)

Parte II

- Vou começar, agora vou fazer que sou uma prima tua e que durante alguns anos tivemos a... sem contato, e ao fim destes anos encontramos-nos novamente sem o teu contato a...e agora encontramos-nos, novamente e eu não sei nada de ti até então, então agora gostava que me contasses como é que surgiu o teu filho, desde o início quando que conhecestes o pai do teu filho? Aonde é que o conhecestes?

- E namoram quanto tempo?

- Que idade é que tinhas?

- E o pai?

- Nessa altura frequentavas a escola?

- A...e ele também?

- Com que habilitações é que tas neste momento?

- Com que idade iniciaste a tua atividade sexual?

- Foi como pai da criança?

- A... qual foi o método contraceptivo usado?

- A pílula? Qual foi o grau de segurança dessa relação?

- Consideras que essa relação sexual foi segura?

- Quando engravidaste, foi com idade?

- Achas que as mulheres devem ter filhos só quando querem ou devem deixar isso ao acaso?

- Tinhas conhecimento dos métodos de controlo da natalidade?

- Fazias, não fazias o controlo regularmente?

- Consideras fácil o acesso aos meios de controlo da natalidade, achas que é fácil obteres informação sobre métodos contraceptivos, informação sobre sexualidade?

- Essa gravidez foi planeada ou desejada?

- O que sentiste quando soubeste que estavas grávida?

- Qual foi a primeira pessoa com quem falaste quando descobriste que estavas grávida?

- O que é que te disse a primeira pessoa com quem tu falaste?

- Como é que foi a reação?

- E sentiste que ele queria ter o filho?
- Sentiste preparada mentalmente para ser mãe?
- E o pai?
- Foste seguida por algum médico?
- O pai acompanhou a gravidez desde o início?
- Assim que ele descobriu que estavas grávida veio logo viver contigo?
- Tiveste preparação para o parto?
- Na altura que engravidaste havia algum apoio na escola?
- Se não houve apoios mencione alguns que seriam adequados, tendo em conta a experiencia que viveste?
- Nunca solicitaste ajuda na escola quando soubeste que estavas grávida?
- Achas que as parcerias com outras entidades, centros de saúde, associações, assistentes sociais, seriam importantes para evitar uma gravidez indesejada?
- Em que sentido as aulas de educação sexual seriam uma mais-valia para evitar a gravidez na adolescência?
- Tu tinhas aulas de educação social?
- Descreve-me o que aconteceu no dia em que nasceu o teu filho?
- Sim. Depois ficou tudo bem?
- O pai não assistiu ao parto?
- Explica a tua emoção quando viste o teu filho pela primeira vez?
- Quando o bebé foi para casa como lidaste com a situação?
- E o pai da criança ajudava?
- Mas como ele lidou com a situação, também tinha medo de tocar?
- O pai participa regularmente na educação do filho, tá sempre presente?
- Quais seriam para ti as medidas adequadas para evitar a gravidez na adolescência, o que achas que devia haver mais?
- Achas que ainda á muita falta de informação?
- Achas que há falta ou a informação não chega?
- E na escola o que achas que devia haver na escola?
- Se fosse implementado um projeto na escola para prevenir a gravidez na adolescência aceitarias testemunhar o teu caso com o intuito de ajudar outras raparigas?
- Se tivesse que falar com uma adolescente que tivesse a passar pela situação que já viveste que conselho lhe darias?
- Se fosse hoje terias tido esse filho?

GUIÃO DE ENTREVISTAS SEMI-DIRIGIDAS (Docentes)

- As entrevistas serão realizadas após algumas observações e contactos informais com professores que lecionam na escola em estudo;
- O guião passará pelo orientador e coorientador para uma posterior informação e orientação;
- Toda(o) s (o)as entrevistadas(o) s responderão ao mesmo número de questões e de acordo com o andamento da entrevista poderá ser útil colocar novas perguntas de reforço;
- O entrevistador realizará/improvisará novas perguntas para complementar e enriquecer mais o conteúdo;

1.º Bloco

1. Qual a sua idade?
2. Qual o seu género?
3. A que grupo disciplinar pertence?
4. Qual o seu tempo de serviço?
5. Há quanto tempo leciona nesta escola?

2.º Bloco

6. Durante o seu percurso profissional nesta escola já contactou com algum caso de gravidez na adolescência?
7. A que faixa etária pertencia a (s) aluna (s)?
8. Em relação as jovens mães, quais foram os procedimentos efetuados para uma melhor orientação?
9. Qual foi a sua reação quando se deparou com este (s) caso (s)?
10. Como teve conhecimento do caso (s)? Através da aluna?
11. Falou abertamente com a (s) aluna (s) sobre a situação?
12. A (s) aluna (s) sentiu-se à vontade para falar sobre a gravidez?
13. Aconselhou-a (s) a nível pessoal sobre as medidas que deveria tomar ou encaminhou-a a(s) para o SPO?
14. Acha que a (s) aluna (s) possui informação suficiente sobre os métodos de contraceção?

15. Na sua perspectiva porque razão/razões existem tantos casos de adolescentes grávidas nesta escola?

3.º Bloco

16. Que tipo de apoios (psicológicos, saúde e educação) foram prestados a esta (s) aluna (s) nesta escola?

17. Quem presta esses apoios?

18. Considera esses apoios suficientes para evitar a gravidez na adolescência?

19. Se acha que não, mencione outros que seriam mais adequados, tendo em conta o contexto escolar onde se insere este estabelecimento de ensino?

4.º Bloco

20. Considera que a parceria com outras entidades seria imprescindível para auxiliar estas jovens?

21. E as aulas de educação sexual, acha que poderiam ser uma mais-valia para evitar a gravidez na adolescência?

22 Tendo em conta a sua experiência nestes casos, quais seriam para si as medidas de prevenção adequadas para evitar a gravidez na adolescência?

23. Tomando como base todas essas medidas considera viável a implementação de um projeto com o intuito de evitar a gravidez nesta fase da vida?

24. Se sim. Que tipo de projeto e com que associações ou profissionais deveria ser realizado?

GUIÃO DE ENTREVISTAS SEMI-DIRIGIDAS (Diretor)

- As entrevistas serão realizadas após algumas observações e contactos informais com professores que lecionam na escola em estudo;
- O guião passará pelo orientador e coorientador para uma posterior informação e orientação;
- Toda(o) s (o)as entrevistadas(o) s responderão ao mesmo número de questões e de acordo com o andamento da entrevista poderá ser útil colocar novas perguntas de reforço;
- O entrevistador realizará/improvisará novas perguntas para complementar e enriquecer mais o conteúdo;

1.º Bloco

1. Qual a sua idade?
2. Qual o seu género?
3. Há quanto tempo exerce o cargo de Diretor nesta escola?
4. Há quanto tempo leciona nesta escola?

2.º Bloco

6. Durante o seu percurso profissional teve conhecimento de alguns casos de gravidez na adolescência?
7. Quantos foram os casos (em média)?
8. Como teve conhecimento deles?
9. Quais foram os procedimentos efectuados pelo órgão de gestão para uma melhor orientação das jovens mães?
10. Qual foi a sua reacção quando se deparou com estes casos?
11. Na sua opinião considera que as alunas possuem informação suficiente sobre os métodos de contraceção?
12. Na sua perspetiva porque razão/razões existem alguns casos de adolescentes grávidas nesta escola?

3.º Bloco

16. Que tipo de apoios (psicológicos, saúde e educação) foram prestados a estas alunas nesta escola?
17. Quem presta esses apoios/ações?
18. Considera esses apoios suficientes para evitar a gravidez na adolescência?
19. Se acha que não, mencione outros que seriam mais adequados, tendo em conta o contexto escolar onde se insere este estabelecimento de ensino?

4.º Bloco

20. Neste momento existem alguns tipos de iniciativas/ações na escola para prevenir a gravidez na adolescência?
21. Se sim. Considera que essas parcerias com outras entidades são imprescindíveis para auxiliar estas jovens?
22. Em relação às aulas de educação sexual, considera-as uma mais-valia para evitar a gravidez na adolescência?
23. Tomando como base todas essas medidas considera viável a implementação de um projeto escolar, tendo como foco principal o relato de experiências de vida de outras jovens que frequentaram/frequerentam a escola com o intuito de evitar a gravidez nesta fase da vida?
24. Se sim. Que tipo de projeto? E além do relato das jovens mães com que associações ou profissionais deveria ser realizado?

GUIÃO DE ENTREVISTAS SEMI-DIRIGIDAS (Enfermeira)

- A entrevista será realizada após alguma observação e contacto informal com a psicóloga que trabalha no Serviço de Psicologia e Orientação da escola em estudo;
- O guião passará pelo orientador e coorientador para uma posterior informação e orientação;
- A entrevistada responderá às questões e de acordo com o andamento da entrevista poderá ser útil colocar novas perguntas de reforço;
- O entrevistador realizará/improvisará novas perguntas para complementar e enriquecer mais o conteúdo;

1.º Bloco

1. Qual a sua idade?
2. Qual o seu género?
3. Há quanto tempo exerce a profissão de enfermeira?
4. Há quanto tempo trabalha com as grávidas adolescentes neste centro de saúde?

2.º Bloco

5. Durante o trabalho que tem realizado com as escolas tem contactado com muitos casos de gravidez na adolescência deste estabelecimento de ensino?
6. Quantos foram os casos (em média)?
7. Quais eram as idades das adolescentes?
8. Quantos foram os casos de jovens menores?
9. As jovens costumam procurá-la por vontade própria ou já vêm encaminhadas pela escola?
10. Qual o procedimento realizado por esta unidade no que se refere as jovens mães?
11. Considera que as adolescentes possuem informação suficiente sobre sexualidade e os riscos que daí advêm?
12. Na sua opinião quais são as verdadeiras razões de estas adolescentes engravidarem?
13. Na sua perspetiva porque razão/razões existem alguns casos de adolescentes grávidas nesta escola?

3.º Bloco

14. Que tipo de orientação presta as estas alunas desta escola?
15. Considera que essas orientações são suficientes para evitar a gravidez na adolescência?
16. Se acha que não, mencione outros que seriam mais adequados, tendo em conta o contexto escolar onde se insere este estabelecimento de ensino?

4.º Bloco

17. Considera que a parceria com outras entidades seria importante para auxiliar estas jovens?
18. E as aulas de educação sexual, acha que podem ser uma mais-valia para evitar a gravidez na adolescência?
19. Tendo em conta a sua experiência nestes casos, quais seriam para si as medidas de prevenção adequadas para evitar a gravidez na adolescência?
20. Tendo como base todas essas medidas considera viável a implementação de um projeto na escola com o intuito de evitar a gravidez nesta fase da vida?
21. Se sim. Com que entidades ou com que profissionais deveria ser realizado esse projeto?

**ANEXOS VI: Transcrições das entrevistas às
Adolescentes, Professoras, Diretor, Enfermeiras e
Psicóloga.**

TRANCRISÃO DA ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDAS

(Adolescente)

Parte I

Entrevista n.º 1

Realizada na escola secundária de Olhão

7 de Março de 2012

Mãe aos 20 anos e novamente aos 24 anos.

Quando engravidou estava a frequentar o 12.º ano no curso profissional de técnico de secretariado no ano lectivo de 2008/2009.

Neste momento vive como o seu companheiro numa casa de campo da sogra.

- Bom dia

- Bom dia

- Qual a sua idade?

- 24.

- Qual o seu género?

- Feminino.

- Atualmente frequenta/ frequentou esta escola?

- Frequentei.

- Já há muito tempo?

- Há...2009 ... há 3 anos, vá.

- Três anos atrás.

- Se frequenta em que ano de escolaridade? (não se aplica)

- Se frequentou que habilitações escolares obteve?

- 12º.

- Com que idade iniciou a sua atividade sexual?

- 16...16!

- Qual foi o método contraceptivo usado?

- Preservativo.

- Qual foi o grau de segurança nessa relação sexual? Achas que o preservativo era seguro, não era?

- Na altura achava que sim, agora já não acho (risos).

- **Com que idade engravidou?**
 - Com 20...20.
- **Quando engravidou usou algum método contraceptivo?**
 - Não.
- **A gravidez foi planeada e/ou desejada?**
 - Não foi planeada, mas já que fiquei, foi desejada.
- **Quando descobriu que estava grávida falou com alguém na escola?**
 - Na escola não, mas na Câmara onde estive a estagiar, sim.
- **Falaste com uma rapariga de lá, mais velha?**
 - Mais velha, já tinha uma menina com 4 anos
- **Já tinha essa experiência?**
 - Quatro anos a mocinha.
- **Se sim. Com quem? (respondida na questão anterior).**
- **A pessoa com quem falou orientou-a nalgum sentido?**
 - Muitos em muitos!
- **Sugeriu-lhe algum caminho a tomar...?**
 - Se queria ou não ir para a frente, se...se tinha que por no papel os prós e os contras de estar grávida ou não!
- **O que é que aconteceu no seguimento desse processo? Quando descobriu que estava grávida?**
 - Pois decidi ir em frente... agora...
- **Depois começaste a ir às consultas?**
 - Sim, comecei a ir às consultas, fiz ecografias para ver se estava tudo bem, porque na altura quando descobri
- **Já estavas com muito tempo!**
 - Já estava...Já tinha 16 semanas (risos) e também a medica tinha medo, porque andava a carregar caixas, processos, isto tudo, porque a medica tinha medo que ficasse com alguma lesão, foi quando ela me disse se ficar tens hipótese de tirar, porque aí sabes que a criança não está boa de saúde, agora senão pois se quiseres continuar... e depois continuei, já não podia fazer nada!
- **Pois.**
- **Tinha conhecimento dos apoios existentes na escola?**
 - Tinha.
- **Solicitou esse apoio na escola?**

- Não.

- **Se sim. Que tipo de apoio obteve na escola?**

- **Se soubesse que teria esses apoios engravidaria?**

- Se soubesse?

- **Mas sabias?**

- Sabia e engravidei na mesma.

- **E não solicitaste porquê?**

- Porque já estava no final do ano.

- **Não achaste necessário?**

- Não, hum... hum, já nem vinha sequer para a escola, só estava a acabar... o estágio. Era no final do ano mesmo, já não valia a pena!

- **Se acha que esses apoios não foram suficientes, mencione outros que seriam mais adequados, tendo em conta a experiência que viveu?**

- A...pois apoios, no centro de saúde devia haver mais.

- **E na escola?**

- Na escola.

- **Achas que deveria haver mais?**

- Pois eu acho que sim, mais palestras mais a...oh, pá, como é que se diz...

- **Conferencias?**

- Isso, para falarem mais sobre o assunto, embora a gravidez na adolescência seja uma coisa que acontece já muito, ainda é um assunto que ainda leva muitos tabus, muita gente não, não fala sobre isso,

- **Têm medo de falar!**

- É isso.

- Deveria ser mais, incluindo os pais, também deveria vir ver, para falarem mais com os filhos porque, por exemplo, a minha mãe falava e coiso, mas claro que certos e determinadas coisas, claro que a minha mãe não mencionava, então, se calhar... houvesse mais... incentivo tanto das escolas como do centro de saúde ou mais, se calhar não havia tantas (risos).

- **Acha que a parceria com outras entidades seria importante para evitar uma gravidez indesejada?**

- Muito.

- **Como tiveste a falar agora dos centros de saúde, com a escola!**

Em que sentido as aulas de educação sexual seriam uma mais-valia para evitar a gravidez na adolescência?

- Ficava mais a... tiravam as dúvidas, porque muitas moças no meu caso tinham vergonha de ir ao pé de uma pessoa e falar sobre isso, não é! Agora se houvesse aulas específicas para isso se calhar certas e determinadas duvidas que uma moça tem, se calhar... saia.

- Aqui na escola há aulas de educação sexual, sabias?

- Não.

- A outra rapariga também não sabia, podem se escrever através da associação de pais!

- Ai, não sabia!

- Ali na associação!

- Como já passou por essa situação, quais seriam para si as medidas de prevenção adequadas para evitar a gravidez na adolescência?

- O aparelho... que põem no braço (suspiro), preservativo e pílula, pode ser e não é!

- Achas que só essas e que seriam...?

- Sei lá...!

- Em termos de informação?

- Sim, se tiver mais informação também evita certas gravidezes indesejadas, mas, às vezes é o calor da emoção e coiso, uma pessoa...!

- Se fosse implementado um projeto na escola para prevenir a gravidez na adolescência, aceitaria testemunhar o seu caso com o intuito de ajudar outras raparigas?

- Claro que sim!

- Se pudesse falar com uma adolescente que estivesse a passar pela mesma situação que já viveu que conselho lhe daria?

- E, meu Deus!

- Faz de conta que eu sou uma adolescente e que estou grávida, qual é o conselho que me davas? Visto que já passaste por esta situação!

- Se tivesses na altura de tirar, tiravas, por mim, agora se não tomasses cuidado como que fazia, se decidisse seguir mesmo com a gravidez para a frente. Levar cuidados com ela e como bebé, ir às consultas, ser vigiada, ter que, uma... se uma gravidez para uma mulher já com certa idade é um perigo, numa adolescente ainda mais, porque derivada á estrutura, também depende da estrutura do corpo, daquilo que come, muito!

Se bebe, se fuma... (pausa) esse tipo de cuidados que se for preciso que tivesse não tinha, mas que têm que ser a dobrar, não, não sei mais!

- Apoios, também acham, a nível psicológico!

- Muito, porque estares com 16, 17 anos podes ter idade para ires para as discotecas, mas para teres uma criança a teu cargo é muito, como é que hei-de dizer... a...

- É muita responsabilidade e tens que te mentalizar, não é!

- Que tens que cortar com certas saídas! Certas...

- Tens que voltar mais para a criança!

- Eu já tinha 20 e no entanto quando tive, eu não saía muito, mas saía, tinha as minhas saídas, eu deixei de sair á noite, eu deixei de ir a jantares e saídas com gente, porque os sítios onde ia não podia levá-la e fica muito privada de uma vida, porque nessa altura é quando uma pessoa brinca, diverte-se mais...

- Deixa de viver a adolescência!

- E com o bebé é mais difícil, embora se tiver apoios, não muda totalmente, mas muda, porque teres um filho é sempre aquela, vais a algum lado vais procurar um trabalho, mas já tem um filho, é tão nova e pois as vezes acabasse por perder empregos, por causa de um filho, e eu sei que perdi um, porque a patroa não queria empregadas com filhos, porque tinha que dar... o meu filho adoecia e não podia trabalhar, prontos ter de arranjar outra pessoa e é muito complicado nessas idades, assim!

- O melhor se calhar é a prevenção?

- É.

- Antes para não acontecer?

- Pois... convém (risos).

- Também, obrigada.

- Obrigada.

TRANCRISÃO DA ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDAS

(Adolescente)

Parte II

Entrevista n.º 1 (continuação)

Realizada na casa da mãe no bairro da Armona em Olhão.

27 de Julho de 2012

Mãe aos 20 anos e novamente aos 24 anos.

Quando engravidou estava a frequentar o 12.º ano no curso profissional de técnico de Secretariado no ano lectivo de 2008/2009.

Neste momento vive como o seu companheiro na casa da sogra.

- Boa tarde!

- Boa tarde!

- Olha, vamos fazer aqui assim uma coisa, uma simulação, faz de conta que eu sou uma prima tua que tou a viver á muitos anos no estrangeiro e que agora voltei e que há muito tempo não tinha comunicado contigo e agora quero saber como é que foi a tua primeira gravidez e o que aconteceu por detrás, o que iniciou por detrás da gravidez, ou seja, a... quando conheceste o teu namorado, vamos começar como é que o conheceste.

- Ok, conheci o meu namorado em... 2005/2006 foi quando entrei para o... 10.º ano, mas na secundária, comecei a andar com ele, entretanto a...a... (pausa) eu a... fomos acampar com um grupo de amigos e eu nesse momento tava a tomar a pílula, mas como na levei eu não a tomei, entretanto brinquei como fogo (risos) e ... e... tinha na volta de 4 meses comecei a sentir-me esquisita fui ao centro de saúde fui falar com a minha enfermeira, médica, entretanto a enfermeira marcou consulta para a médica, eu fui fazer o teste deu positivo como já tava desconfiada que era mais do que aquele tempo normal das treze semanas a médica mandou-me fazer a ecografia de emergência, uma vez que já, já tinha desconfianças que seja mais isso, fui fazer a ecografia ao centro de saúde em Faro.

- Mas diz-me uma coisa a partir do momento que conheceste o teu namorado, vocês namoraram quanto tempo depois de engravidares?

- Antes de engravidar?

- Sim.

- Antes de engravidar namoramos 3 anos.

- Três anos.

- Sim, foi quando tava em 2009, foi quando descobri (pausa) que engravidei.

- Ao fim de 3 anos de namoro!

- Ao fim de 3 anos de namoro, isso memo.

- E vocês tomavam as devidas precauções?

- Tomava eu, tomava a pílula e ele usava preservativo, nessa altura quando fomos acampar nem um nem outro.

- Resolveram jogar pela sorte!

- (risos) foi memo isso! Então quando engravidei descobri que tava grávida, e já era, tava de 16 semanas e seis dias quando fui fazer a ecografia...

- E contaste logo a ele?

- Não. (pausa) não.

- Qual foi a primeira pessoa com quem falaste?

- Foi com... neste caso foi com a minha mãe, quando eu cheguei a casa tinha já certeza que estava tudo bem, quanto tempo certo tinha, falei com a minha mãe foi quando tive a certeza que era uma menina e... embora a minha mãe não tivesse uma reação lá muito interessante!

- Mas já estavas num estado avançado da gravidez?

- 16 Semanas e seis dias.

- E não tinhas sintomas, não tinhas nada?

- Nenhum, a... não tinha nada, tinha o período na mesma, não sentia os peitos inchar, não, completamente nada, andava normal e não engordei, nem nada e vestia a roupa que vestia normalmente, na...na...nessa altura que...quando fui ao médico foi porque...porque fui, fui tava no estágio e senti-me almariada, entretanto fui para a casa de banho vomitei foi quando a... professora Carla Caramujo me disse para eu ir ao centro de saúde (pausa) para ver o que é que eu tinha porque uma vez que sou anémica de nascença podia estar ter uma crise que não os tivessem os sintomas todos e me tivesse a prejudicar a mim, então ela para segurança dela e minha também mandou-me ao centro de saúde e só ficou mesmo descansada quando a enfermeira lhe disse que não era nada disso que podia ser um problema mas que para ela não era, era só uma simples gravidez

que na altura caiu feito bomba, bummm mas que foi só na altura que foi bum, nessa altura tive chatices com ele.

- Contaste a ele? E qual foi a reação dele?

- Eu disse á minha mãe para lhe ligar para vir cá ela nesse dia não era para vir cá, nessa altura tava a morar c a minha mãe, eu disse que tinha que vir pois precisávamos de conversar entretanto eu tava na ponta de uma mesa ele tava na ponta da outra a minha mãe nomeio da gente os dois, a minha mãe mostrou-lhe o exame ah a ecografia e disse-lhe assim:

- Olha tá aqui, 16 semanas e nove dias e é uma menina o que é que queres fazer?

A reacção dele foi, agarrou na folha viu (pausa) e jogou-me o papel há cara, (risos) jogou a ecografia pelo ar(risos) e essa reação a mim custou-me porque se ele tava, foi apanhado de surpresa eu mais ainda porque não estava á espera, tava a acabar a... o12.º, não fazia intenções parar por ali (pausa) a reação dele não foi lá muito boa nesse dia, porque depois houve dois ou três dias eu disse a ele então pensa bem naquilo q queres porque eu vou para a frente já tenho o tempo que tenho, (pausa) gostava de ir p a frente contigo se por acaso quiseses tudo bem senão só peço uma coisa que dês o nome a tua filha mais nada (pausa) se quiseses a partir desse dia virares as costas tas á vontade. Entretanto dois dias depois ele ligou-me se agente podia falar ele veio buscar-me a casa eu fui, fomos até á marina tivemos a conversar e disse-lhe q n ia fazer a vontade aos pais dele e muito menos á irmã (pausa) disse que ia para a frente tinha a minha mãe que me apoiava a pessoa com quem tinha mais medo da reação era da minha mãe nem era dele (pausa) a...quando eu disse que ia para a frente ele ...disse mesmo ok se tu vais para a frente eu vou contigo(pausa) na altura entretanto foi quando tive a Lara.

- Que idade é que ele tinha na altura?

- A... Ele tinha 24, ele fez 27 agora, ela faz 3.

- E tu?

- Eu tinha vinte, vinte fazer os 21,porque eu fiz os 21 em Novembro a 9 e ela a 17 nasceu de Dezembro um mês depois, praticamente nasceu.

- O que sentiste quando soubeste que estavas grávida?

- Sinceramente.

- Que sentimentos é que te ocorreu?

- Fiquei muito feliz n sei, porque mas fiquei muito contente, fiquei em baixo foi quando descobri que era uma, uma menina (pausa) porque as vezes a gente conversava sobre se isso acontecesse gostávamos que fosse um menino porquê? Porque ele queria por o nome do descansado do irmão a um filho como infelizmente foi uma menina n coiso, mas ficamos contentes na altura. Fiquei assim um bocado em baixo a minha mãe sempre fez força para não ir abaixo, porque sou sincera se na altura a minha mãe tivesse virado as costas sou sincera não sei se teria continuado! Tirado a minha mãe tive muito apoio da escola, independentemente de estar a acabar a escola tive muito, ainda hoje a...me ligam a perguntar para saber como ela está e...e de resto correu tudo bem!

- Foste acompanhada no centro de saúde?

- Fui, fui acompanhada no centro de saúde fiz ecografias até de mais como eu na altura quando descobri que tava grávida tinha apanhado um escaldão, cai na praia c a barriga p baixo e a médica por segurança mandou fazer uma ecografia mesmo no hospital tirando aquela das 35 semanas para ver se tava tudo bem, porque (pausa) podia até n aparecer na primeira e á medida que ela ia se desenvolvendo ia aparecendo alguma coisa, mas graças a deus está tudo bem!

- E neste momento o que ele (companheiro) está a fazer? Qual é a profissão dele?

- Neste momento trabalha por conta própria (pausa).

- Nessa altura quando engravidaste vivias com a tua mãe?

- Vivia com a minha mãe.

- E ele vivia com os pais dele?

- (acenou com a cabeça) nós só fomos viver juntos quando a Lara fez 10 meses.

- Foram viver numa casa...

- A Lara fez 17, os 10 meses a 17 de Outubro e a 23 eu fui viver para lá, seis dias depois praticamente.

- E como correu o facto de vocês estarem sozinhos?

- No início correu muito bem, só que entretanto, e depois a mãe põe-se no meio, não é que as discussões sejam nossas é por a mãe e a irmã estar no meio, isso é a parte má de morar com os sogros (pausa) mas de resto não, eu não tenho discussões com ele derivado a coisas nossas, por coisas que ele faça ou coisas que eu faça é mais pela (pausa) mãe, pelo pai e pela irmã. Nossas não!

- Mas durante a gravidez tiveste todos os apoios, quer seja da família, quer seja do centro de saúde, quer seja da escola? Foste sempre vigiada, sempre às consultas?

- Sim, tudinho.

- E fizeste a preparação para o parto? Porque não quiseste ou porque...

- Não, quando me avisaram já estava no final da gravidez, e eu então... é porque fizeram mal as contas e eles puseram lá mal, quando eu me inscrevi tinha 23 semanas e ela pois lá 13 ou seja 10 semanas depois, quando coiso já tava praticamente a ter a Lara, por isso, não...

- Foi tudo muito em cima!

- E eu então decidi que não deveria fazer.

- E mentalmente foste te preparando para a gravidez?

- Não. Tirando o facto das pessoas me disserem para levar epidural para não ver vídeos, não ver imagens de na net, eu própria ia á net e ia ver partos diferentes, parto normal, parto com fórceps, parto provocado, cesariana e toda a gente dizia isso só tá a meter-te medo porque tu vais para lá vais apanhar isso e vais apanhar muito medo, não muito pelo contrário cheguei lá (pausa) perguntaram-me se queria epidural e eu disse que não estava a sentir contrações de ...

- Chegaste lá com dores ou sem dores?

- Não tive nada, as águas arrebentaram, eu no dia 16 de Dezembro tive na BP até às 2h30 da manhã cheguei a casa fiz arroz sentei-me na sala a pernas do chinês comi o arroz o meu irmão veio teve a comer o arroz comigo, era 3h30 da manhã fui para a casa de banho despachei-me vesti-me o pijama e não sei o quê, deitei-me, e na altura dormia no chão, não conseguia dormir com elas na altura dormia comas minhas irmãs, como não conseguia dormia no chão pausa deitei-me no chão às 5h30 da manhã comecei a ...com aquela aflição de querer ir á casa de banho, mas eu não fazia nada era água! No entanto, cheguei ao pé da minha mãe e disse olha farto-me de ir a casa de banho só faço em mijar (risos), olha quando fores á casa de banho já me chamas, mas não puxes o autoclismo (pausa) eu sinceramente fui á casa de banho várias vezes e não chamei ninguém, era 10 e tala minha mãe foi levar as miúdas á escola e disse-me assim queres ir comigo ao café e eu disse não deixa-me tar aqui, mas se coiso traz-me um frasco da compal de maça que é para eu comer porque ainda não comi (pausa) era meio-dia a

minha mãe disse assim, há, o sumo está dentro depois frigorífico, já vou beber, era 12 quando fui abrir, á medida que abri o coiso veio o cheiro do pausa sumo e dei em vomitar fui para a casa de banho e vomitei até pelo nariz, eu vomitei.

- Ai já tinham arrebrandando as águas e tu não sabias?

- Tava bem não me doía nada (pausa) e eu vomitei e depois deitei-me no chão e a minha mãe diz: tás bem? Não, só me dói aqui os rins, não me dói nada só me dói os rins, a minha mãe só te dói os rins, quando é que foste á casa de banho? Espera ai que já venho, foi quando fui a casa de banho e vomitei quando a minha mãe reparou que até pelo nariz vomitava e então ligou para o hospital. A moça, uma amiga minha que trabalha no hospital pediu para falar com o médico que tava na urgência e disse ela que mande já, ela que se despache que vou já mandar INEM, porque ela tem que vir porque ela já deve tar em trabalho de parto, cheguei lá ao 12:05 e 12.14 assim é que foi, desci o segundo andar comas minhas pernas, eles queriam levar-me de cadeira de rodas eu disse que não porque consigo andar, desci, quando cheguei lá em baixo á porta do prédio as vizinhas começaram todas, tu chegas lá a miúda sai abres só as pernas e a miúda sai, ai eu assustei-me, sou sincera, assustei-me! (Pausa), mas prontos, foi quando o enfermeiro começou a dizer; olha a partir de agora se sentires alguma ferroada começa a contar avisas-me ou apertas-me a mão para começar a contar de quanto em quanto estás a ter as contracções (pausa) eu sentia, eu cheguei ao hospital fui para o CTG tavam de estalo, seguidas, seguidas e eu não sentia nada e veio uma médica especialista disse-me assim: tas bem? Tou. Não sentes nada? E eu Não. Porquê? Porquê, tas a ter contracções menina, de segundo a segundo e eu sinto-me bem, tava bem, então olha vai-te despir veste só a camisa de dormir, veste só uma coisinha só para a gente, só para ires para ali, ligaram-me o soro, mas quando ligaram-me o soro e uma cena que eles põem, ai sim comecei a senti-las de estalo a...a uma amiga minha que me foi assistir é que me disse a... tas, é assim tas a ter contracções seguidas (pausa) agora respira fundo não vale a pena entreres em paranóia agora, só que eu só tive das 12 até às 6 horas tive sempre a...a sofrer e eu não conseguia não tinha força para, e a médica vinha, era a Dr.^a Samanta, Dr. Dias e o Dr. Cravo tinha os três de roda de mim (pausa) e eu disse mas eu não tenho força e depois eles dizerem, se daqui a cinco minutos esse bebé não tiver cá fora vais para cesariana e ai pensei duas vezes, já estava a sofrer o que tava, entretanto já me estava a faltar o ar, perdi as forças completamente e há medida que perdi as forças

começaram-me a dar oxigénio para ver se eu, depois a Dra. Samanta disse: Olhe é assim, ela n consegue ela vai para cesariana, não quis epidural, a miúda já está a sofrer de mais, olhe á medida que vem uma contracção eu gritava á medida que grito aperto a mão da outra e mordo-lhe, mas mordi-lhe mesmo! Deixei-lhe dois meses e meio teve a marca dos meus dentes na mão e o Dr. Cravo diz: olha é assim, como ela não vem, ou sim ou sopas! já está, vai jogar-me as mãos e vai-me matar, jogou-me as mãos e á medida que jogou-me as mãos começo, é que depois ela começou a sufocar, depois foi quando o Dr. Dias disse: olha vai buscar os...os fórceps, vai mesmo buscar ventosas e não sei quê, foi quando ela disse que (pausa), ia tentar com as ventosas se ela não viesse com as ventosas que ia para cesariana, entretanto fiz tudo o que, as forças que tinha ela saiu comas ventosas o nosso maior medo de que com as ventosas com a força que os médicos fizeram para ela sair que ela tivesse algum hematoma na cabeça, mas não, não teve nada disso, tirando ter a anca descaída derivado a esse puxão, mas tirando isso...

- **E o pai?**

- **O pai não foi assistir?**

-**Porquê?**

- Tava lá fora, porque perguntaram-lhe se ele sofria de sistema nervoso, ou qualquer coisa assim parecida (pausa) a... entretanto eu disse que não, e eu disse que não queria o pai lá dentro, senão vai lá dentro, queria uma pessoa que me apoia-se e não desmaia-se logo a seguir, ele queria entrar e depois vinha uma auxiliar, olha o pai quer entrar e eu ia dizia NÃO, não quero e a moça disse se quiseres eu saio para o pai entrar, eu disse não quero, eu quero o pai lá fora, deixa-o estar lá fora, é lá fora que ele tá, tava a minha mãe e... ele queria entrar á força, no entanto levei o tempo a dizer que não, porque não aguentava, depois disse não entras primeira, porque já... disseste a mim a gravidez toda que não querias, agora é assim se eu preciso de uma pessoa que me possa agarrar, tu, eu calho a apertar tu vês como eu tou nervosa, tu cais para o lado e eu não preciso que cai-as para o lado, porque assim ele não sabe se vai socorrer a mim ou a ti, por isso eu prefiro que ela fique.

- **Achas que ele não quis assistir porque não estava preparado mentalmente para ser pai ou porque não estava preparado para se calhar ver alguma situação assim? Era isso?**

- Era.

- **Não era por ser pai?**

- Não, porque ele até queria.

- Já tava mentalizado que ia ser!

- Ele dizia que sim que tava tudo bem que era uma menina, mas o motivo por qual não entrou foi mesmo por causa disso.

- É fraqueza psicológica!

- É, É, ele facilmente desmaia começa-se a enervar e se ele visse o estado em que eu estava de querer fazer força e não conseguir e de querer... (pausa) prontos, tentar que a miúda nascesse sem problemas nenhuns, ousem ajuda nenhuma de fora, o mais certo é ele atrapalhar, atrapalhava mais do que ajudava, isso era certo!

- Depois quando ela nasceu qual foi a tua reação? Quando a viste pela primeira vez?

- Filha, tens umas unhas muito grandes, arranhou-me! (Risos) achei-a a...a...chamei-lhe primeiro, porque era ruiva (pausa) quando nasceu a gente viu que era ruiva, muito gordinha tinha a cara do pai, para variar, (pausa) correu tudo bem.

- Descreve a tua emoção?

- Ui! Hum, hum...

- O que é que sentiste?

- (Pausa)

- Diz-me duas palavras?

- Senti muito feliz (pausa), mas ao mesmo tempo muito em baixo, porque não conseguia pegar nela ao colo, perdi as forças.

- Não tinhas forças?

- Perdi as forças completamente, teve ao meu colo, ou seja teve em cima de mim, mas não fui eu que a agarrei, foi a rapariga e uma enfermeira, não tinha força para me aguentar quanto mais para aguentar a moça.

- Depois quando o pai apareceu?

- Quando eu fui para o recobro, ai entrou ele, entrou a minha mãe, entrou a outra rapariga que trabalha no hospital, que essa não precisa de cartão para entrar, (pausa) teve lá até (pausa) quase eu ir pó segundo piso.

- Para a sala de visitas?

- É isso!

- Depois ficaste lá uns dias, uns três ou quatro dias e vieste para casa?

- Por acaso não, fiquei 2 dias.

- Ficaste 2 dias!

- Como por acaso correu tudo bem, os pontos não infectaram, não tinha nada de coiso, mandaram-me para casa com os devidos cuidados, claro!

- E qual foi a vossa reacção perante o bebé? Souberam lidar com a situação?

- Muito bem até (pausa) já tava habituada (risos) já tinha cuidado praticamente de duas.

- Não foi nada indiferente para ti, não é?

- Para mim não, mas para a minha irmã mais nova sim.

- E para ele?

- Para ele nem tanto, ele...

- Pegava bem não tinha...

- Não. Isso não, para pegar ao colo foi um castigo, para lhe dar o primeiro biberão foi um castigo, eu disse que tava aflita para ir á casa de banho e obriguei-o praticamente a agarrar na miúda e no biberão (risos) a única pessoa que não aceitou muito bem na altura foi a minha irmã mais nova, porque tava habituada, eu é que andava para todo o lado com ela, quando ela nasceu é tudo para a Lara e já não gostas de mim pois é, mas prontos (risos) e a Lara é que é tua filha e já não gostas de mim e... mas nunca fez mal a ela, nunca coiso, muito pelo contrário, nunca deixava ninguém lá chegar ao pé, a sobrinha era só dela.

- Ficaste a viver com a tua mãe aqui, não foi?

- Até aos 10 meses, quando ela fez dez meses decidi que (pausa), porque ela a partir dessa altura que ela começa a, a gatinhar a andar e ele como tava, só vinha um pouco á noite não tinha tanta, não como é que hei-de explicar, (pausa) não via praticamente a filha a crescer.

- Não via porque trabalhava á noite?

- Não trabalhava, mas era durante o dia.

- Durante o dia!

- Depois, é que vinha aqui uma vez á noite durante meia hora uma hora, se não fosse tanto!

- Então não acompanhou tanto como tu e a tua família?

- É por isso que optei ir para lá que assim ele a via, assistia mais, estava mais presente.

- Na casa onde vocês vivem ele já está mais presente com a filha?

- Já, sim senhor, antes ele não ficava com ela sozinha, agora já fica, já anda com ela para todo o lado, uma maravilha, espectáculo!

- Já está mentalizado!

- (risos)

- Também Já tás na segunda!

- Há bom! (Risos) mas isso não é uma questão, é que é assim se fosse um rapaz ele educava-se melhor, ele sente-se muito constrangido quando tem que por exemplo de mudar a frauda, ela neste momento tem tirado a frauda, durante o dia anda de cuecas, tem os penicos que agente diz para ela ir, ela chama a gente para ir, ele por exemplo sente-se constrangido de levá-la a fazer xixi e limpamos com uma toalhita, ele sente-se constrangido de o fazer.

- Porquê, porque é uma menina?

- Porque é uma menina, uma menina se fosse um rapaz se calhar não sentia tanto (risos).

- Mas esse preconceito já não existe tanto?

- Mas ele tem.

- Deve ser de família!

- É capaz, são muito campónios (risos).

- Ele sempre viveu lá em que zona... Moncarapacho, não é?

- Na Foupana, onde o gato perdeu as botas (risos).

- Ele fez também o 12.º ano como tu?

- Fez só o 9.º.

- E depois começou logo a trabalhar?

- Fez um curso de carpinteiro, a oficina onde foi estagiar a... ficou logo lá (pausa) então já não foi mais para a escola, enfim.

- Pronto olha obrigada pela entrevista.

- De nada.

TRANCRISÃO DA ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDAS

(Adolescente)

Entrevista n.º 2

Realizada na Escola Secundária Dr. Francisco Fernandes Lopes.

21 de setembro de 2012

Mãe aos 20 anos.

Quando engravidou estava a frequentar o 12.º ano no curso profissional de técnico de Contabilidade no ano lectivo de 2011/2012.

Neste momento vive como o seu companheiro num anexo à parte da casa dos sogros.

- Boa tarde

- Boa tarde

- Vamos fazer aqui uma entrevista para um trabalho científico e eu fazer um bocadinho que... vamos fazer aqui simulação, ou seja, a... tu és uma prima minha, a... e eu tou a viver no estrangeiro á uma série de anos e perdi o contato contigo já algum tempo e agora voltamo-nos a encontrar novamente e agora gostava que me contasses como é que surgiu o bebé? Primeiro como começaste a namorar, como é que conheceste o teu namorado. Podes começar logo pelo início?

- A gente conheceu-se numa festa que houve aqui em olhão que era a festa da noite branca, no *planet*, quer dizer agente já se conhecia a há uns bons anos, mas a nossa relação só começou mesmo nessa noite, ele convidou-me insistiu para que eu fosse, e eu sempre a negar, negar, negar até que decidi ir, a partir dai nós começamos a namorar, fez um ano agora em junho a... depois em novembro pelas cálculos dos médicos vim a descobrir que estava grávida, já tinha (pausa) dois meses, mais ou menos, foi quando eu descobri em dezembro fiz anos no, 25 de dezembro, a... ao limpar o meu corpo comecei a sentir as diferenças todas (pausa) e foi quando eu decidi ir ao médico e ele disse que eu já estava com dois meses já de gravidez

- E namoraste quanto tempo com ele?

- Meses,

- Meses?

- Tanto que nós só fizemos um ano agora, mesmo em Junho.

- E que idade ele tinha na altura?

- 20 e 4.

- E tu?

- 20, 20 (pausa) sim. 20 Sim, faço 22 agora, fiz 21.

- E depois como descobriste que estavas grávida?

- A... por causa do corpo e tava, foi-me lavar muito rapidamente porque tinha pessoas em casa á minha espera, por causa, que iam-me cantar os parabéns eu ainda não estava despachada, conforme comecei a limpar o peito comecei a sentir o peito, não consegui tocar no peito (pausa), então numa brincadeira com uma amiga minha disse-lhe olha acho que tenho aqui uma coisinha dessas pequenina também e ela começou-se a rir, disse aquilo mesmo por dizer, não me passava pela cabeça nem eu queria naquele momento ter, foi quando depois nós no dia a seguir fui fazer o teste fomos nós as duas á farmácia comprar, fomos jantar os quatro ao restaurante e fizemos o teste no restaurante, foi quando nós vimos que era positivo e eu dei-lhe a notícia, de inicio ficou um bocadinho em choque, mas depois disse logo que é mais um filho é bem-vindo, onde comem três comem quatro.

- Ele reagiu bem?

- Reagiu bem, depois (pausa) eu sai logo da casa dos meus pais logo em dezembro, assim que descobri sai logo da casa deles

- Contaste a eles?

- Contei.

- Qual foi a reação?

- Muito má!

- Muito má! Da parte da minha mãe, do meu pai já ficou mais contente, porque sempre foi uma coisa de ele querer ser avô e mesmo ele disse á minha mãe já que tenho oportunidade de ser avô não vou desperdiçar, a minha mãe é que já foi mais diferente, tinha outros objetivos para mim, queria que eu fosse para universidade, queria que eu seguisse os estudos e... quebrei isso e ela ficou um bocadinho sentida, mesmo ela hoje em dia diz que quer que a neta vá para a universidade e que ajuda a pagar tudo para a universidade e tudo mais a... o que estava a dizer já me estou a esquecer metade das coisas.

- Tu estavas na escola na altura?

- Sim

- Qual era o curso?

- Secretariado, tive que deixar porque engravidei.

- Tavas já no 3.º ano não era?

- Sim, no último ano de escolaridade mesmo, só me faltava dois/três exames para fazer, mais ou menos.

- E ele estudava também?

- Não, ele já era, é pasteleiro à montes de anos, já era, desde os quinze anos que ele anda nisso, nessa profissão de pasteleiro, dá é aulas na escola hoteleira de Faro e de Vila Real de Santo António a...

- E viveram juntos?

- Sim a gente juntou-se em dezembro...

- Sempre viveram juntos?

- Estávamos a namorar engravidei e a partir daí é que agente se juntou.

- E foste acompanhada pelos médicos?

- Fui acompanhado por um privado e por um público.

- Centro de saúde?

- Sim.

- E ele (pausa) sempre te acompanhou nas consultas?

- Sim, ele diz como não acompanhou no primeiro filho que desta vez tinha que acompanhar em tudo.

- E preparação para o parto, fizeste?

- Fiz.

- Fizeste e achas e ajudou?

- Ajudou bastante, só que na altura... Na altura uma pessoa esquecesse! A pessoa já nem consegue fazer nada (risos).

- Tiveste apoios aqui na escola na altura que estavas grávida ou solicitaste ajuda de algum professor, contaste a alguém?

- Não.

- Não?

- Mas sabia que havia o serviço de psicologia e sabia que... Sim

- Em relação o... e depois passado os 9 meses, não é, a criança, pois nasceu, supostamente e como foi o parto?

- O parto era para ser parto normal as minhas águas arrebentaram por volta no dia 3 às 10 e 7 mais ou menos fui logo de imediato para o hospital, levei a noite toda a dilatar (pausa) por volta das 9 e um quarto mais ou menos foi quando o médico acho que entrou dentro da minha sala foi-me verificar novamente e foi quando ele me disse que não iria ser parto normal e sim cesariana (pausa) levaram-me para a sala para fazer

cesariana disseram-me logo que não podia ficar nervosa senão punham-me a dormir e eu disse logo que não que queria tar acordada quando a menina saísse mesmo quando eles fizesse mesmo o parto a...foi quando eles me disseram, que iriam fazer uma pequena presãozinha na barriga eu senti essa pressão foi quando eu ouvi o choro da menina eu fiquei logo toda empolgada e a enfermeira foi logo me mostrar, está aqui a sua menina! Ai eu fiquei logo toda contente.

- O pai assistiu ao parto

- Não, não pode cesariana não pode e no estado em que ele estava se fosse parto normal acho que ele não assistia também

- Qual foi a tua reação quando viste a tua filha pela primeira vez?

- Comecei a chorar (risos) é magnifico, é... é...não há descrição mesmo para sentir quando mesmo agente os vê, é levam aquele tempo todo dentro de nós a desenvolver, nós só sentimos os movimentos deles, só os vemos através de... de... ecografias é sempre aquela coisa, como ela vai ser como ela será? Verifiquei toda contente

- Essa gravidez foi desejada?

- No início (pausa) eu receava um bocado até pensei em abortar, porque... ainda era muito nova, mas depois decidi ir em frente com a gravidez, parecia quando eu a vi na primeira ecografia o meu marido não abortar não só se a menina tiver graves problemas assim sim, não quero ter uma criança que sofra, nem eu quero sofrer nem eu, mas assim que o médico do privado viu disse-nos logo que estava tudo bem com a menina, tinha mandado os dados para o porto eles disseram que estava tudo bem, nós ficamos descansados e decidimos arriscar para a frente.

- Como é que foi quando o bebé foi para casa? Sabias cuidar dele atrapalhaste-te?

- É assim, não mencionaram, mas acho que assim que eu a vi aprendi tudo logo de um momento para o outro.

- É um instinto?

- É, a pessoa aprende a fazer tudo, eu ai mãe como é que vou fazer isto com ela, tenho que, as vezes ter ela ao colo, porque às vezes ela não para de chorar quer atenção eu tenho coisas para fazer, mas chegou a um ponto em que começo a ver que eu posso fazer tudo na mesma, eu ponho-a ao colo tenho que fazer o *biberon*, tenho que fazer qualquer coisa tinha medo de a deixar cair, mas não a pessoa apanha um... como é que hei-de explicar (pausa) a...

- Perde o medo

- Sim, ganha uma experiência uma coisa, uma habilidade de ter um miúdo ao colo e conseguir fazer tudo na mesma, eu tinha sempre esse receio, mas...

- E o pai ajudava?

- O meu marido foi quem deu o primeiro banho e tudo no hospital, naquele dia eu disse logo olha podes dar que neste estado como eu estou não consigo esticar praticamente para traz para segurar na menina era perigoso, então ele é que deu e ajudou muito em casa, às vezes eu preciso de fazer o jantar ele é que vai adormece-la, ele é quem dá o *biberon*, o pouco tempo que ele tem ele tenta aproveitar com ela um bocadinho também

- Pois com a profissão de pasteleiro!

- É muito complicado ele leva o dia todo fora de casa, sai, às vezes sai á meia-noite de casa, tá o dia todo, todo, chega só às oito, nove, oito nove horas a casa.

- Mas ele tem participado na educação da filha desde que ela nasceu? E tem ajudado?

- Sim, volta e meia vou lá ao trabalho, vou mostrar para ele tar um bocadinho com a menina, porque só aquele bocadinho á noite não é nada.

- A... vocês estão a viver sozinhos ou vivem com os sogros só, com os teus pais?

- Aquilo vá, são três casas, tudo junto, mas os meus sogros têm a casa deles e eu tenho a minha.

- É a parte?

- É a parte sim.

- Vivem á parte. Em relação aqui á escola a... em relação às grávidas adolescentes a... o que tu achas que deviam fazer aqui na escola para apoiar as grávidas adolescentes, que tipo de incentivos deveriam haver aqui na escola para que não haja tantas gravidezes indesejadas nas adolescentes?

- Para chamar mais a atenção, porque há algumas que... pensam que só acontece aos outros, mas por vezes não, eu pensava que acontecia aos outros, e aconteceu a mim também, por vezes não a gente pensa ah não tomei a pílula ontem não vou engravidar, a gente não pode pensar assim, a gente tem que se prevenir sempre, sempre, sempre, e eu era tava a tomar a pílula mas tomei antibiótico, infelizmente o antibiótico cortou de uma tal maneira o efeito da pílula que eu pensava que já tinha acabado e continuava com o antibiótico e então engravidei, tanto que eu acho que aqui na escola o que poderia haver mais é chamar mais a atenção é fazê-las ver que mais vale elas aproveitarem mais este momento em que podem estudar, por é assim elas estão na... escola engravidam

acabam-se os estudos e que futuro elas podem dar aos filhos? (pausa) nenhum, não têm o estudo completo não podem fazer nada como eu queria fazer secretariado como tenho o estudo incompleto, ninguém vai-me dar trabalho por está incompleto e eu gostava de seguir mais para a frente!

- **Ainda vais a tempo!**

- Daqui a mais dois aninhos, se calhar!

- **A... outra questão, e as aulas de educação sexual achas que seriam uma mais valia aqui, achas que serviria para alguma coisa?**

- Sim, acho que sim, para tirarem certas dúvidas que às vezes as pessoas têm, ah, eu sei tudo! A pessoa não sabe tudo, acho que era mais uma mais-valia para aqui para a escola, mesmo para as miúdas elas instruíam-se mais um bocadinho

- **E em relação em haver uma cumplicidade um intercâmbio com centros de saúde, com técnicos de saúde, viessem aqui á escola, achas que seria...?**

- Era uma boa ideia, mesmo

- **Achas que resultaria?**

- (pausa) é assim por juízo na cabeça delas (risos) agente, se elas põem na cabeça que é como elas querem, agora nós fazemos o nosso papel (pausa) explicamos, informamos, se elas depois não querem seguir essas pisadas é com elas, mas desde o momento que nós explicamos tudo acho que já fizemos o nosso papel, é o que eu digo a algumas amigas minhas aproveitem agora que estão na escola estudem, não há algumas que dizem eu quero já ser mãe, não estuda arranja um trabalho, casa, arranja um bom marido que te ajude depois aí sim é que pensas nisso, agora neste momento aproveita a escola.

- **Chegaste a casar?**

- Não.

- **Neste momento estás em união de facto?**

- Só mesmo junta mesmo, mesmo mais nada.

- **Não pensas em casar futuramente?**

- Eu queria casar mas os pais do meu marido são de outra religião testemunhas de Jeová, então é mais complicado ainda, nós temos que ponderar as coisas mais ou menos, haver como nós poderemos fazer, mas sim gostava de casar.

- **Vou fazer mais uma pergunta mais do foro íntimo, com que idade perdeste a virgindade?**

- **15, mas não foi com o teu namorado?**

- Não.

- **E...e... Tomaram as devidas precauções?**

- Sim, sempre o preservativo.

- **E tens conhecimento dos métodos contraceptivos, estás a par das doenças infecto-contagiosas que podem acontecer, tinhas consciência disso tudo, na altura?**

- Tinha, sim, já eu, como é que eu... eu costumo dizer eu desenvolvi-me muito depressa, fui menstruada muito cedo, tinha eu nove aninhos quando fui menstruada e eu ai nesse momento acho que cresci muito depressa a... eu tentava sempre a aprender eu tudo o que era livros, todo o que era dúvidas que eu tinha, ia á internet a... eu tentava captar tudo e por vezes até havia amigas minhas que como sabiam que eu sabia alguma coisa perguntavam-me e eu explicava, sempre tentei estar um bocadinho mais a frente do que aquilo que eu, como eu hei-de dizer, já estou a ficar a...

- **Daquilo que querias saber realmente.**

- Sim.

- **Nunca falaste com a tua mãe sobre esses assuntos?**

- A minha mãe puxava conversa mas eu sentia-me tão envergonhada em falar com ela sobre isso que nunca coiso até hoje em dia ela diz sempre fui tua amiga e nunca te sentiste tão ao vontade para falar comigo sobre isso que sou tua mãe, que sou tua melhor amiga a... para falares sobre tudo e mais alguma coisa (pausa) se eu hoje eu errei muito já com a minha mãe, já a magoei muito e hoje olho para trás e dou valor a isso á minha mãe é que agente às vezes por mais medo que agente tenha das nossas mães elas são a melhor coisa que nós temos ali e é assim é a melhor pessoa para dar o nosso conselho

- **Agora sabes isso melhor que ninguém!**

- Agora sei, espero bem que ela quando tiver alguma dúvida venha falar comigo não faça como eu sempre no meu cantinho, no meu cantinho e não falo com ninguém, não pedia opinião á minha mãe, nada, nada, nada

- **Se conhecesses uma rapariga que estivesse a passar pela mesma situação que tu passaste, que conselho é que darias a ela?**

- (pausa) para ela ter muita calma (pausa) porque eu nessa altura, na altura que nós temos que andar menos enervadas, era a altura que eu andava mais enervada (pausa) tive uma gravidez muito stressada muito sempre a pensar na relação com a minha mãe que tínhamos acabado por não falar mais uma com a outra isso é assim, o conselho que eu dava era uma pessoa ter bastante calma e... se a mãe não aceitar, se bem á primeira

vez persistisse bem não fizesse como eu fugir eu fugia mesmo, eu já evitava passar pela minha mãe com medo da reação dela, com medo daquilo que ela me pudesse dizer, por isso o que eu dizia á pessoa se os teus pais não aceitaram bem á primeira vez (pausa) vai á segunda, vai à terceira, vai até eles aceitarem

- Agora já aceitam?

- A minha mãe ficou toda contente, há pouco tempo em maio, mais ou menos quando o meu pai fez anos a 13 de Maio, a gente uma semana antes voltamos a falar, o meu pai tava todo satisfeito fez os anos dele coma família toda reunida, ele tava com medo de fazer os anos com a família toda repartida, o meu marido é que insistiu comigo, agora vais falar com a tua mãe e vão esclarecer as coisas todas e vão se pôr bem uma com a outra, não fale a pena vocês estarem assim e a minha mãe adorou o resto do fim da gravidez e está a adorar a parte em que vão chamar avó, que ela já diz é avó, avó tá toda contente agora, é a netinha, é a menina dela.

- Se tivesses que testemunhar aqui na escola ou noutra sítio qualquer para um grupo de jovens e contares a tua experiencia de vida que tiveste como grávida adolescente tu farias, tinhas algum problema?

- Não, faria, não é crime nenhuma quilo que fiz.

- Não achavas que era importante, eu acho que o testemunho faz as pessoas chegarem mais á realidade?

- É porque as pessoas começam a pensar olham para nós e veem que afinal de contas (pausa) a vida não é um mar de rosas como a gente pinta e por vezes temos que tomar um pouquinho mais de precaução.

- Acho que as miúdas hoje em dia não têm muita consciência (pausa) da realidade. Hum, eu vejo por uma que eu conheço ela anda aqui na escola, ela a... eu olho para ela e via ela como uma irmã mais nova, os moços sempre de roda dela, de roda dela e houve um dia em que ela chegou-se ao pé de mim e disse-me que naquela noite iria perder a virgindade e eu disse-lhe não sejas parva és novinha, não é a pessoa certa tu vais-te arrepender porque perder a virgindade não é chegares ali fazer e toma tá, perder a virgindade é... é uma coisa muito pessoal, é uma coisa muito íntima tua e se tiveres que fazer isso tu fazes com uma pessoa que achas que é certa, uma pessoa que estejas a namorar e não uma pessoa que conheças numa noite e vais e mesmo hoje ela chega ao pé de mim agradece-me por eu ter chamado á atenção por causa disso que ela não foi fazer a asneira dela, que ela pensava que queira fazer

- Por isso o testemunho é muito importante!

- E hoje ela olha para mim tudo e eu farto-me de dizer a ela para ela aproveitar mais a vida e é o que ela tem feito, porque é assim ter um filho é bonito é, mas dá trabalho e priva muita coisa (pausa) as saídas á noite.

- Se tivesses hipóteses de estudar novamente?

- Aproveitava.

- Conseguias conciliar as duas coisas?

- (pausa) com a ajuda da minha mãe acho que sim, foi como ela conseguiu conciliar também os estudos dela quando ela me teve, ela teve-me aos 19 (pausa) a... o meu pai trabalhava era construtor civil, às vezes chega tardíssimo a casa para avançar as obras todas e a grande ajuda dela foi a minha avó para ela conseguir estudar á noite e tudo mais a sorte dela foi a mãe dela

- Quantos irmãos tu tens?

- Sou filha única.

- És filha única! Então tas pensando em ter mais filhos?

- Sim, eu já disse ao meu marido que daqui a três aninhos gostava de dar mais um maninho aqui a ela.

- Não te arrependes de nada do que aconteceu?

- Nada, nada, nada, nada!

- Voltarias a fazer de novo?

- Se calhar, com mais idade, não com 20, nem 21, mas se calhar mais comuns 25, 26 que é o que costume dizer às minhas amigas se tiverem que ser mães 25, 26, 27 ai sim, já aproveitaram a vossa vida, já aproveitaram o vosso namorado aproveitam o vosso casamento desfrutem de vocês os dois depois ai sim têm uma criança porque uma criança mete-se muito entre um casal e a pessoa praticamente deixa de desfrutar um do outro e é soa criança que a gente vê desfrutamos dela mais nada, deixa de haver aqueles namoricos que nós tínhamos, fins-de-semana fora num hotel com o namorado acaba isso tudo

- Pronto obrigada pelo testemunho.

- De nada.

TRANCRISÃO DA ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDAS

(Adolescente)

Entrevista n.º 3

Realizada na casa da mãe da Lara no bairro da Armona em Olhão.

19 de setembro de 2012

Mãe aos 16 anos.

Quando engravidou estava a frequentar o 10.º ano no curso Científico Humanístico de línguas e humanidades ano lectivo de 2009/2010.

Neste momento esta separada do seu companheiro e vive na casa dos seus pais com o seu filho de 2 anos.

- Bom dia

-Bom dia

- Vou te fazer aqui algumas questões sobre a gravidez na adolescência com o intuito de fazer prevenção. Agora vamos fazer de contas que sou uma prima tua que tou vive à alguns anos no estrangeiro e que voltei e que à muito tempo não estava contigo e agora cheguei e vi-te com o teu menino e agora queria perguntar o que aconteceu para teres o menino, a... começaste a namorar, foi isso que aconteceu?

- Não. Eu Conheci ele numa festa, a... nós não éramos da mesma escola, mas eles iam sempre todas as quartas feiras, quando era tarde livre, iam sempre para Moncarapacho ver as moças, as raparigas e conheci ele e trocamos os números e começamos a falar.

- Depois como levou ao namoro, começaram a sair...

- Não, agente primeiro começamos às escondidas, porque a minha mãe é muito conservadora e depois a minha mãe descobriu passado um ano, já nós namorávamos á um ano ela descobriu, e depois namoramos mais dois, ao fim de três é que engravidei.

- Engravidaste... e que idade ele tinha?

- A mesma idade que eu, nós temos três dias de diferença.

- 16 anos?

- Sim

- A... na altura frequentavas a escola?

- Frequentava.

- Estavas em que ano?

- Ora (pausa) 9.º
- **9.º?**
- 9.º
- **Ou já tinhas estado no 10.º**
- Não 9.º, tava a acabar o 9.º
- **Tavas a acabar o 9.º.**
- Sim, mas não sabia ainda, só descobri já no 10.º, no 10.º ano, mas já estava.
- **Quando tavas ali na secundária estavas em que curso?**
- Em línguas e humanidades
- **Em línguas e humanidades, Então ficaste com o 9.º ano!**
- Fiquei
- **Com que idade iniciaste a tua atividade sexual?**
- (pausa) 15.
- **15?**
- **Foi como pai da criança?**
- Foi
- **Qual foi o método contraceptivo usado?**
- Preservativo
- **E achas que era totalmente seguro?**
- Não porque rompeu.
- **Pois tiveram esse azar de ter rompido!**
- Sim e tomei a pílula do dia seguinte e ele tá aqui
- **Há, não serviu de nada a pílula do dia seguinte!**
- Não
- **Mas foste ao centro de saúde pedir?**
- Não, fui a farmácia e comprei.
- **Foste à farmácia e quais foram as indicações que elas deram?**
- A gente tinha feito no dia antes e como aquilo rompeu esperei para o dia seguinte e comprei logo de manhã e tomei e mesmo assim ficou cá dentro
- **Mas dizem que aquilo é quase 99 por cento eficaz!**
- Não é não senhora, olha tá ai a prova!
- **Engravidaste com 16 a fazer 17?**
- Sim em Setembro, descobri em Setembro e ia fazer 17 em Novembro.

- **Achas que as mulheres devem ter filhos quando querem ou deixar isso ao acaso?**

- (pausa) isso já depende de cada um, não sei!

- **E na altura tinhas conhecimento dos métodos contraceptivos?**

- Tinha, claro, então nós dávamos na escola!

- **E fazias o controlo regularmente!**

- Sim, só que aconteceu, não foi porque eu quis, não foi porque não me preveni, simplesmente rompeu, eu tomei a pílula do dia seguinte e ele continuou cá dentro...

- **Tomaste os dois?**

- E os dois falharam!

- **Achas/consideras que é fácil o acesso aos meios de controlo da natalidade?**

- Sim

- **Hoje em dia já há muita coisa, centros de saúde**

- Basta não ter vergonha

- **Essa gravidez foi planeada ou desejada?**

- Não, nada

- **Não tavas á espera sequer, foi mesmo uma coisa imprevisível**

- **O que sentiste quando soubeste que estavas grávida?**

- (pausa) não deu tempo para sentir nada (risos), nem sei!

- **Qual foi a sensação?**

- A minha mãe vai-me matar, foi logo a primeira coisa que pensei, o que vou fazer agora!

- **Qual foi a primeira pessoa com quem falaste?**

- A Lara, a Lara foi comigo...

- **O que ela te disse para fazeres?**

- Ela ficou contente e foi ela que ligou para o pai do bebé

- **E como ele reagiu?**

- Cai-lhe tudo, ele nem respondeu sequer (pausa) só passadas umas horas é que ele me ligou (pausa) depois foi falar comigo lá em casa, porque nós já não namorávamos.

- **Já não namoravam?**

- Não já há um mês e tal, eu descobri já tinha quase 4 meses, já tinha uma gravidez muito avançada.

- **Sentias-te mentalmente preparada para ser mãe?**

- (resposta rápida) não!

- E o pai?

- Muito menos, até hoje!

- Foste seguida por algum médico?

- Logo. Nós pensamos em tirar.

- Há, pensaram?

- Sim.

- Foste ao médico ali no centro de saúde?

- Meu médico de família

- Foste ao médico de família?

- Sim, falamos e ele...depois fizemos a primeira ecografia e já não dava para tirar, já tinha quase quatro meses, já era uma criança feita, não era por minha vontade, era por vontade dos pais dele e ele, porque eu não tirava!

- És contra o aborto, sendo assim!

- (acenando com a cabeça) sim,

- O pai acompanhou a gravidez desde o início?

- Mais ao menos.

- Ia às consultas?

- Não, não, não ia, algumas só.

- Ias sozinha fazer as ecografias?

- Sim. Também em Faro não deixavam ele ver a ecografia.

- Era no hospital?

- No hospital não deixam. Só viu a primeira e uma quase aos oito meses.

- De resto nada, não deixaram?

- Não, não.

- Fizeste a preparação para o parto?

- Preparação, não, nem precisei disso!

- Nem solicitaste?

- Nada, (pausa) ai já estava preparado, mentalmente.

- Tiveste a ajuda de um psicólogo, nem nada?

- Não, eu não quis.

- Na altura que engravidaste havia algum apoio na escola, chegaste a comunicar á escola a falar com algum professor?

- Pior, se eu falasse, se eu falei com alguém, esse alguém disse á escola toda e toda a gente me pôs de parte, foi por isso é que sai.

- Ai sim!

- Sim, porque eu ia continuar a escola, porque eu ia, a escola começou em setembro e eu engravidei em setembro, a escola acabava junho/julho e eu ia ter ele em junho dava tempo de eu acabar o 10.º ano, mas por causa das pessoas não, não... saí e não ia aguentar até ao fim da gravidez aquela gente estúpida!

- Mas foram alunos?

- Alunos.

- Professores, não?

- Alguns, alguns.

- Não chegaste a falar com a psicóloga?

- Eu não, não quis, não quis!

- Não quiseste, ficaste...

- SOZINHA!

- E tu tinhas conhecimento desses apoios que havia na escola?

- Tinha, mas eu é que não quis.

- A...se achas que os apoios que existem, que tu sabes que existem, são suficientes?

- São suficientes, não, não.

- O que mais é que achavas que devia haver na escola para que não acontecesse aquilo que aconteceu contigo?

- (pausa) não vale a pena fazerem muita coisa porque vai continuar a acontecer sempre, sempre, se aconteceu comigo e tomar a pílula do dia seguinte e ele continuar cá dentro vai acontecer sempre, às vezes se eu pensei, bom a pílula do dia seguinte vai-me fazer efeito não vou ter, aliás esta criança era mesmo para vir, porque tive dois métodos contraceptivo e os dois falharam, era uma criança que tinha que vir ao mundo, eu ai, vieste não vale a pena fazer nada, por mais informação do que há, não vale a pena, às vezes dizem engravidaste porque foste estúpida, não é assim!

- E na escola o que achas que deve haver na escola? O que podia haver para ajudar?

- Aulas não vale a pena, porque só vão lá para a macacada, é que é mesmo assim, não sei, olha uma vez por semana dêem preservativos aos moços.

- Achas que devia haver uma técnica de saúde que tivesse lá presente ou uma assistente social?

- Sim, num gabinete próprio.

- Que tivesse essa equipe para poder ajudar?

- Sim.

- E da parte dos professores também deveria haver mais informação?

- A...a...!

- Pois uma pergunta que queria fazer é que parecerias que a escola devia ter para ajudar as mães grávidas?

- Olha nada, porque as mães não vão à procura!

- Mesmo que sejam parcerias com... centros de saúde?

- Não vão à procura.

- Achas que não serve?

- Não, é que não vão à procura, eu não fui e ninguém vai.

- Achas que isto tem a ver com a mentalidade?

- Sim, porque a gente tenta se resguardar o máximo possível, agente não vai à procura de ninguém, ninguém mesmo, se agente vai á procura é de uma amiga, nunca de uma pessoa de fora que agente nem sequer tem confiança, nunca na vida! Eu sei lá se vou falar coma médica e ela vai logo enfiar no cú da minha mãe, não sei! Obviamente que não vou logo falar com ela.

- Sabes que os médicos quando têm essas profissões, os psicólogos como os assistentes sociais e tudo confidencial, não pode sair nada!

- Mas não é assim que o pessoal pensa, nem pensar!

- Pelo menos lá na escola quando falam com a psicóloga é tudo confidencial, tudo confidencial, não sai dali nada, nada! Que eu também já entrevistei ela, tive, falei com ela e daqui não sai nada, isso garanto eu, não sai nada! Quando se aceita uma profissão e ainda mais ligada a psicologia e á ação social tem que haver um maior sigilo, temos que ser confidenciais, temos que saber guardar segredo para poder ajudar!

- Achas que as aulas de educação social seriam uma maior valia para evitar a gravidez na adolescência?

- Não, não eu já te disse, eles vão para as aulas para a macacada.

- Não levam a sério nem nada?

- Não, não é verdade o que tou a dizer! Vão lá para brincar e gozar e mais nada e para ganhar preservativos, só isso!

- Achas que há falta de muita maturidade ainda?

- É!

- Agora vou passar a uma parte para tu descreveres o dia em que nasceu o teu filho?

- No dia?

- Sim. Conta-me lá descreve-me lá?

- O pá, tenho que dizer tudo (risos)?

- Sim, descreve a Lara também descreveu, foi engraçado!

- Olha, ele foi provocado, já passava do tempo (pausa), eu fui para o hospital de malas e bagagem (risos) e elas perguntavam-me o que eu estava ali a fazer, porque eu estava super bem tinha uma barriga enorme mas estava super bem.

- Estavas com quantas semanas?

- Quase 43 e então a elas disseram, então e não sei o quem, depois eu mostrei a carta e elas mandaram-me fazer CTG, logo por azar apanhei uma estagiária, ela picou-me na mão picou-me, picou-me o braço todo e não consegui encontrar uma veia (pausa) nada, nada, nada, veio uma toda bruta logo á primeira, pronto, mas olha deitou sangue e tudo, mas foi logo á primeira, depois comecei a pensar se isto começa assim como é que será o parto, foi logo a primeira coisa que pensei, mas eu durante a gravidez, eu fui andar muito para a praia e andava muito ia muito ás compras, subir escadas, descer escadas e olha para mim serviu muito, quando cheguei lá já tinha quatro dedos de dilatação, mandaram-me para os quartos e depois ela foi-me fazer o toque, fez-me o toque e depois eu cheguei lá eram onze horas, há uma da tarde fui logo para a sala de partos, já com quase seis dedos de dilatação, fui á uma, depois eu disse que o pai queria assistir e depois eu disse, a gente tem que esperar pelo pai (risos) não pode nascer agora, nós temos que esperar o pai, só vinha lá para as três da tarde quatro.

- Já estavas cheia de dores?

- Não, não tinha nada, nada eu não sentia nada, com seis dedos de dilatação e não tinha dores nenhuma, nenhuma, nenhuma, nenhuma, eu deitada e elas só me diziam, não tens dores, não e apontavam num papel e iam-se embora e essa noite era a noite do eclipse da lua, era a noite do eclipse da lua a 15 de Julho e depois o pai chegou e ainda ficamos a conversar os dois, ele trouxe a roupinha que tinha-me esquecido, umas coisinhas dele, ele trouxe tivemos ali a preparar, eu tava ali deitada ele é que teve a por em cima da mesa para eles vestirem, a medica vinha deixa-me lá ver como tava, tinha os seis dedos de dilatação na mesma, por volta das 16h30m eu comecei a ter umas dores horríveis, horríveis, horríveis e depois elas disseram olha queres levar epidural é agora, porque o parto só deve ser amanhã e eu pensei agora ponha-me já a epidural é que eu

não ia aguentar aquelas dores até ao dia a seguir, puseram-me a epidural era por volta de umas oito, eu fiquei quase a dormir estava ali quase em coma, depois agente esperamos um bocadinho, elas vieram era para ai umas nove horas elas rebentaram-me as águas, as águas não rebentaram sozinhas, elas rebentaram-me as águas e era ai umas 9h30m a médica disse assim vamos lá ver eu já tinha o cabelo dele todo de fora (risos) depois ela disse é só fazeres força, meia hora o meu filho estava cá fora.

- E levaste epidural?

- Levei, mas na altura do parto já não tinha efeito nenhum, senti tudo mal a criança saiu eu preguei logo um grito A CRIANÇA JÁ SAIU! (risos) eu preguei logo um grito e depois elas, ele tinha duas voltas do cordão umbilical no pescoço, cortaram e depois é que saiu o resto e depois puseram em cima de mim, ah, e como não tinha comido desde das oito da manhã, ele por volta das 3h00, 3h30 começou os batimentos cardíacos a ir abaixo, sim depois ele foi chamar logo e elas disseram que não sabiam o que se passava e eu só disse que era o meu filho que tem fome, era o que eu pensava, porque eu desde de manhã que não como, depois elas deram-me pelo soro um nutriente para ele, e depois a partir daí é que comecei a sentir dores, porque ele ai já tinha força para nascer, depois pronto!

- A... já, disseste que o pai assistiu ao parto

- (interrompe) assistiu.

- Como é que ele reagiu no bloco de partos?

- Ah, ele ajudou por acaso ele ajudou, ele pôs a mão por detrás do meu pescoço para me ajudar a ir para a frente, para fazer força e estava sempre a dizer força, tá quase, tá quase, ai o nosso bebé, ai sim ele ajudou-me!

- Explica-me a tua emoção quando viste o teu filho pela primeira vez?

- Não sei, a primeira coisa que pensei foi aonde é que tavas enfiado (risos), porque ele era tão grande e eu pensei bom aonde este moço estava enfiado (risos), opa não sei foi uma coisa a gente, ninguém sabe explicar, só quem é mãe, ninguém sabe explicar o que é!

- Quando o bebé foi para casa como lidaste coma situação?

- Bem a gente todos os dias, agente tinha que aprender uma coisa nova, não é!

- Tiveste ajudas?

- Sim, a minha sogra, eu morei com a minha sogra, mas durante a noite e a amamentação tudo sozinha.

- E o pai da criança ajudou?

- Sim ajudou, claro! (risos)
- **Tava contigo na altura?**
- Sim.
- **Vocês viviam juntos na altura?**
- Sim
- **Com a tua sogra na casa dos teus sogros?**
- Sim.
- **Ele ajudava-te nas tarefas diárias como bebé?**
- Algumas, ele tinha medo de dar banho, tinha muito medo de mudar a fralda por causa do umbiguinho ainda não ter caído, a ...tinha medo dessas coisinhas!
- **Ele participa, ele tem participado na educação do filho?**
- (pausa) algumas coisas, nem tudo!
- **Nem tudo? Tu neste momento não estás a viver com ele?**
- Não... não.
- **Já há muito tempo?**
- Não, quase vai fazer um mês.
- **Mas ele continua a ver o filho?**
- Se eu for levá-lo vai vê-lo, vê, agora se tiver na minha casa não vai.
- **Como já passaste por esta situação quais seriam para ti as medidas de prevenção adequadas para evitar a gravidez na adolescência?**
- Não há medidas de prevenção, (pausa) não há, quando acontecesse ou é por muito descuido nosso ou é como no meu caso que eu protegi-me, mas aconteceu na mesma, porque mais avisos do que o que há, mais por muito, preservativos dão ai em monte, a pílula tem bastante acesso, o *emplanon* que é o que tenho no braço que não deixa engravidar se não tomares o antibiótico, há muita coisa!
- **Se fosse implementado um projeto na escola para prevenir a gravidez na adolescência aceitarias testemunhar o teu caso com o intuito...**
- (interrompe) não.
- **De ajudar outras raparigas aceitarias testemunhar?**
- Não, não (resposta rápida).
- **Porquê?**
- Não, porque quando mostras aquilo por que passaste olham-te de outra maneira e eu não queria isso, nem pensar!

- Se pudesses falar com uma adolescente que estivesse a passar pela mesma situação que já viveste, que conselho lhe darias?

- Pela mesma situação?

- Sim, que tivesse grávida, aparecesse uma gravidez de repente que não era desejada, que conselho darias?

- Que conselho é que eu daria, não sei, porque (pausa) é uma coisa que agente, opá acontece a gente sabe, eu por exemplo pensei, eu sei que me preveni, eu sei que fiz tudo para não ficar grávida mesmo assim aconteceu-me, pois tenho que levar para a frente, agente não há conselhos possíveis que a gente possa dar. Podes dar uma força e dar o teu testemunho, por exemplo.

- Só mesmo isso?

- (acenou com a cabeça)

- Se fosse hoje terias tido esse filho?

- (pausa) se não houvesse mais nada que fazer, pois teria que ter, na altura não podia fazer nada, agora também não podia fazer, porque tinha...

- Estás a pensar ter mais filhos?

- Agora não, mas daqui a uns anos sim, com a pessoa certa (risos) se faz favor!

- Pronto, olha obrigada pela entrevista.

- Nada.

TRANCRISÃO DA ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDAS

(Adolescente)

Entrevista n.º 4

Realizada na casa dos sogros no bairro da Armona em Olhão.

25 de setembro de 2012

Mãe aos 20 anos. (possui dificuldades na linguagem e na fala)

Quando engravidou estava a frequentar o 10.º ano no curso profissional de técnico de pastelaria no ano lectivo de 2011/2012.

Neste momento vive na casa dos sogros com o seu companheiro, dois cunhados e uma cunhada e seu filho de 4 meses.

- Boa tarde, agora vou fazer que sou uma prima tua e que durante alguns anos estive sem contato, sem o teu contato a...e agora encontramos-nos, novamente não sabendo nada de ti até então, então agora gostava que me contasses como é que surgiu o teu filho a... diz-me, quero que me contes tudo desde o início, como é que conhecestes o pai do teu filho?

- Foi num curso da APPC, távamos a tirar um curso ele de mecânica ele de pastelaria depois começamos a namorar e isso tudo depois passando um tempo a coisa rompeu-se e então depois não sabia que tava e meti o aparelho quando descobri que tava...

- E namoraste muito tempo com ele?

- Há volta de um ano quando eu descobri.

- Mas o tempo de namoro com ele até teres a criança, foi mais ou menos quanto tempo?

- (pausa) um ano agora, já deve fazer um ano e tal.

- Namoraste um ano e depois tiveste o...

- Já deve fazer um ano e tal.

- Que idade é que tinhas na altura?

- A...20, porque agora tenho 21.

- E o pai que idade é que tinha?

- A...20 acho que fez agora em março 21, tem um ano, eu faço um ano primeiro que ele em Janeiro.

- Nessa altura frequentavas a escola?

- Eu tava na secundária a acabar o 10.º, só que depois mandaram-me para a APPC estava nesse curso de pastelaria.

- E ele também?

- Sim estava em mecânica e eu em pastelaria.

- Na secundária?

- Não, na APPC nos cursos profissionais.

- Em que ano de escolaridade é que tavas?

- Tava a fazer o 10.º.

- E ficaste com que habilitações?

- A... como eu não acabei o 10.º, tenho só o 9.º.

- Com que idade iniciaste a tua atividade sexual?

- Aos 18, p`rai.

- Foi como pai do teu filho?

- A... sim, não, já tive outro depois é que tive este.

- Qual foi o método contraceptivo usado?

- Sempre o preservativo.

- Qual foi o grau de segurança nessa relação, achas que foi seguro usar o preservativo ou achas que não...?

- Foi, foi.

- Quando engravidaste foi com que idade?

- Foi aos 20 tivemos ele aos 21.

- Estavas a usar algum método contraceptivo?

- Tava o preservativo.

- A...o que é que aconteceu?

- Rompeu e depois a... não sabia, tive a fazer testes sempre deram, sempre deram negativos, negativos, fui ao CAD pôr o aparelho para ver se eu, só que não acusou, logo no início não acusou

- Não acusou no início?

- Teve que ser mais para o meio.

- E quando descobriste estavas com quantos meses?

- Três.

- **Três?**

- **Achas que as mulheres devem ter filhos só quando querem ou devem deixar isso ao acaso?**

- Acho que quando aconteceu acontece.

- **É mesmo deixar ao acaso, não é?**

- Sim

- **Tinhas conhecimento dos métodos de controlo da natalidade, dos preservativos da ...?**

- Sim o que não sabia é que o preservativo rompesse.

- O implante.

- **Fazias o controlo regularmente?**

- Sim.

- **Consideras fácil o acesso aos meios de controlo da natalidade, achas que é fácil teres informação sobre métodos contraceptivos...?**

- Sim, sim...

- **Achas que há facilidade nisso?**

- Sim.

- **Essa gravidez foi planeada?**

- Não, aconteceu!

- **O que sentiste quando soubeste que estavas grávida?**

- A... fiquei naquela, não estava à espera, ele dizia-me que tava e eu não pode ser, não pode ser, pensava que era má disposição, e isso!

- **Ficaste feliz, ficaste triste?**

- Sim, sim.

- **Ficaste feliz?**

- Sim.

- **Qual foi a primeira pessoa com quem falaste quando descobriste que estavas grávida?**

- Com ele depois com os pais dele.

- **O que é que te disse a primeira pessoa com quem tu falaste?**

- Não disse nada, ah, disse, primeiro fui no CAD quando eu fiz o coiso e deu positivo, depois foi com ele e depois com os pais dele.

- **Disseram que estava tudo bem, que não havia problema nenhum?**

- Sim, sim.

- **Como reagiu o pai da criança?**
- Ficou admirado, é normal!
- **Sentiste que ele queria ter o filho?**
- Sim.
- **Sentias-te preparada mentalmente para seres mãe?**
- A... ao início foi maia aquela não sabia se iria ser, se iria dar bem, como e que ia ser, como é que ia lidar com a pressão toda, ah! Depois agi normalmente!
- **E o pai achas que tava mentalmente preparado?**
- Não sei...
- **Foste seguida por algum médico?**
- A... sim o médico Dr. Bruno.
- **Ali no centro de saúde?**
- Sim de Olhão.
- **O pai acompanhou a gravidez desde o início, ou seja, ia regularmente às consultas contigo?**
- Sim.
- **As ecografias?**
- Sim, mesmo aquelas em Faro e tudo.
- **Tiveste preparação para o parto? Onde?**
- Tive no centro de saúde.
- **A... o pai ia contigo á preparação para o parto?**
- Sim, sim
- **Consideras que a preparação para o parto ajudou-te?**
- Sim, sim em alguns aspectos ajudou-me.
- **De que forma é que achas, em que aspecto?**
- Os cuidados ao recém-nascido e a tomar banho e essas coisas todas e depois antes durante a gravidez...a...agora não me lembro bem como foi durante, mas em alguns aspectos.
- **E em termos de alimentação?**
- Sim.
- **Como é que devias fazer na altura do parto?**
- Sim ah! Sim isso principalmente e sobre o epidural e essas coisas que dão no parto.
- **Na altura que engravidaste havia algum apoio na escola a nível psicológico?**

- No curso não.

- Não, não havia esse apoio? Não solicitaste esse apoio, não disseste a ninguém lá que estavas grávida?

- Insistiram um bocadinho, mas queriam que eu fizesse aborto e essas coisas mais.

- E não te ajudaram, não te orientaram em termos do que tinhas que fazer?

- (Sem resposta).

- Se não houvesse apoio diz alguns que seriam adequados na tua situação já que passaste por esta experiência, o que devia haver na escola, por exemplo, para ajudar as grávidas adolescentes, o que achas que devia haver?

- Apoios, enfermeiros e especialista no assunto.

- Psicólogos?

- Ah, tenho uma má experiência com psicólogos, mais tipo médicos, enfermeiros.

- Para dar apoio?

- Sim, sim, às vezes os psicólogos são piores do que as pessoas de fora.

- Não conseguem entender bem, achas que não?

- Sim, acho que não, depois... convencem uma pessoa a abortar e depois por detrás dizem que não dizem, que não fizeram isso.

- A escolha tem que ser da própria pessoa da mãe, neste caso!

- Fazem a cabeça a uma pessoa e depois, se eu tivesse a experiência com a psicóloga que tinha lá no curso.

- E ela aconselhou-te a abortar?

- Sim, foi por isso que eu desisti mais depressa daquilo.

- Então viste que não havia apoios?

- Sim.

- Achas que a parceria com outras entidades tipo a MOJU e outras associações a... centros de saúde, técnicas de ação social seriam importantes para evitar uma gravidez não planeada, não desejada?

- Sim, sim, acho que é importante.

- Em que sentido as aulas de educação sexual seriam uma mais valia para evitar a gravidez na adolescência?

- Ah, para a gente prevenirmo-nos e ter cuidado.

- Saber mais...

- Sobre esses assuntos.

- Sobre doenças?

- Sim os cuidados a ter, como prevenir como evitar e como tratar delas mais tarde.
- **Descreve-me o que aconteceu no dia em que nasceu o teu filho, como é que foi, conta lá? É sempre uma experiência boa de se contar!**
- Hum, então primeiro ele nasceu puseram-me ele em cima de mim depôs...
- **Antes, antes como começaram as dores?**
- Foi parto provocado.
- **Foi provocado! Já passava do tempo?**
- Sim, mesmo assim estava com 35.
- **35???**
- Sim, 45 semanas,
- **45???**
- Sim, 45 semanas.
- **Depois foste para o hospital?**
- Sim
- **E o que aconteceu lá?**
- Foi, passei as noites todas cheia de dores, porque puseram-me o soro, a noite toda sempre ali e nessa mesma noite puseram-me na sala de partos,
- **Começaste a ter dores?**
- Sim.
- Com o soro, depois deram-me a epidural, ele não nascia.
- **E sentiste tudo ou não?**
- Não, não senti, mas ou menos, não senti ali, depois quando começou a puxar o cordão, aí é que foi pior,
- **Foi, tiveram que usar ferros ou alguma coisa dessas?**
- Não, não foi par... normal.
- **Diz-me uma coisa o pai assistiu ao parto?**
- Não, porque pensavam que era cesariana, mandaram todos embora.
- **E depois no fim não foi, era para ser e não foi?**
- Era para ser cesariana, porque o moço estava na posição para ser cesariana.
- **Tava em que posição, sentado?**
- a... sim mais ou menos, tava numa posição que era complicado os médicos passaram a noite toda a ...ver como é que ia ser, tinha febre, tavam a batalhar comigo, à noite é que ele tava com a cabeça mesmo para baixo, já se via.
- **Depois já conseguiram fazer parto normal?**

- De manhã quando eu ia na maca é que viram que a cabeça dele tava quase a sair, então foi por ventosas, eu não conseguia, teve que ser cesariana.

- Como é que o pai reagiu? Ah, ele não foi assistir, explica...

- Mas posso explicar á mesma, no dia a seguir ele foi.

- Foi depois ter contigo?

- No dia a seguir quando a... foram-me visitar é que as enfermeiras disseram que já tinha nascido.

- E qual foi a reação dele ao ver o bebé?

- (pausa) ficou admirado não estava á espera, que ninguém me avisou, ninguém me disse nada, admirado não sabia de nada.

- Ele não sabia que foste para o hospital?

- Sabia, mas não sabia que eu já tinha tido o moço, no dia a seguir de manhã é que lhe disseram, ficou admirado, ficou contente, era um moço, era o que ele queria, queria ter um moço para meter o nome do irmão.

- Explica a tua emoção quando viste o teu filho pela primeira vez?

- Foi uma alegria, senti que era o que eu queria, que era mais ou menos como tinha imaginado dele.

- Quando o bebé foi para casa como lidaste coma situação?

- A... sempre com muita pressão de inicio, mas agora já tão a lidar mais ou menos com isso.

- É o pai da criança como lidou coma situação ter um bebé em casa...?

- Lidou bem, agente dividiu as tarefas, de noite ficava eu, ele descansava durante a noite, a gente dividia, assim ficou mais fácil.

- Vocês vivem juntos?

- Sim, estávamos juntos aqui.

- Vocês viviam com os pais, com os pais dele ou com os teus pais?

- Com os pais dele e dela (cunhada que estava presente na altura da entrevista).

- Ela é quem, tua cunhada?

- Sim.

- Ele ajudava nas tarefas diárias com o bebé?

- Sim.

- Mudar a fralda?

- Sim, sim e dar biberão, faz a papa e essas coisas todas, às vezes trocamos, uma vez é ele uma vez sou eu.

- E o banho também?

- O banho teve medo de dar banho porque ele era muito pequenino e tive medo da criança escorregar, então ele dava sempre banho ao moço, ele é que agarrava nele, mudava, vestia.

- O pai participa na educação do filho?

- Sim.

- Tá sempre presente?

- hum...hum...

- Como já passaste por esta situação, quais seriam para ti as medidas de prevenção para evitar a gravidez na adolescência. O que achas que devia haver para evitar que houvesse se calhar tantas miúdas novas de 12, 13, às vezes com 11 anos a ficarem grávidas?

- Ah... que houvesse mais filmes a falar com esses temas, a falar do assunto, explicações, depois enfermeiros, ir ...

- E na escola o que achas que deveria haver na escola?

- Vídeos, aulas de educação sexual para explicar para prevenir, que mostrasse vídeos, tipo que as vezes a gravidez pode correr mal na adolescente, porque a mãe e muito nova e a criança pode ser muito pequenina e às vezes a mãe não tem leite suficiente para a criança, essas coisas.

- Às vezes não é uma criança tomar conta de uma criança...

- As vezes a mãe quer curtir mais a vida, quer ir o baile, e essas coisas todas e não pode ir. Sair á noite... fica presa!

- Se fosse implementado um projeto na escola para prevenir a gravidez na adolescência aceitarias testemunhar o teu caso com o intuito de ajudar outras raparigas?

- Sim, sim.

- Aceitarias testemunhar o que se passou contigo?

- Sim.

- Se pudesses falar com uma adolescente que tivesse a passar pela mesma situação que já viveste que conselho lhe daria, ou seja, uma amiga tua ou colega tua engravidaria agora que conselho davas agora?

- Ah... eu dizia como o mal já estava feito para avançar, não ia correr o risco de abortar depois um dia queria ter filhos não podia, às vezes, os abortos correm mal é uma

peessoa depois quer ter e não pode, já que tava feito, era avançar e depois viesse o que viesse tinha que aguentar.

- E para uma rapariga que por exemplo não tivesse grávida ainda o que é que aconselharias a ela?

- A ter cuidado porque às vezes os partos nem sempre a gravidez corre como uma pessoa gosta ou pensa, às vezes pode ocorrer abortos a meio, pode acontecer várias coisas e uma pessoa pode não estar preparada para isso.

- Se fosse hoje terias tido este filho?

- Ah... sim, não custou muito, antes que tava no parto rematava, rematava, a dizer pensava para mim, que podia essas coisas, se pudesse evitar, mas quando ele nasceu pensei valeu a pena tudo o que passei.

- Quer dizer que voltavas a ter?

- Sim.

- Tás pensando em ter mais filhos?

- Não, para já não, este já me dá muito trabalho, outro então, não digo ter agora, um dia quando tiver 10 anos ou 11, for mais velho, um dia, agora não, agora ainda a coisa tá muito á vista.

- Ok, obrigada pela entrevista.

TRANCRISÃO DA ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDAS

(Adolescente)

Entrevista n.º 5

Realizada na casa dos pais no bairro da Armona em Olhão

25 de Setembro de 2012

Mãe aos 15 anos.

Quando engravidou estava a frequentar o 9.º ano no curso CEF no ano lectivo de 2010/2011.

Neste momento vive na casa dos pais com o seu companheiro, dois irmãos, uma cunhada e seu filho de 1 ano.

- Vou começar, agora vou fazer que sou uma prima tua e que durante alguns anos tivemos a... sem contato, e ao fim destes anos encontramos-nos novamente sem o teu contato a...e agora encontramos-nos, novamente e eu não sei nada de ti até então, então agora gostava que me contasses como é que surgiu o teu filho, desde o início quando que conheceste o pai do teu filho? Aonde é que o conheceste?

- Eu conheci-o na, na ... praia de Faro.

- Conheceste como, tavam com um grupo de amigos?

- Tava e eu tava com ele

- E depois...

- E depois desde aí começamos a falar, ele já tinha perguntado por mim ao meu irmão, que ele antes de andar comigo já foi colega de escola do meu irmão, acho que foi daí (risos) comecei a falar com ele por mensagens foi-me encontrar com ele na luz de Tavira que era onde ele tava a morar com a avó e depois foi daí.

- Depois pediu-te em namoro, começaram a namorar, namoraram quanto tempo?

- A gente tá ...faz três anos em Abril.

- E namoram quanto tempo?

- Um ano e piques nem tanto.

- E depois é que engravidaste?

- Que idade é que tinhas?

- Engravidei aos 15, tive aos 16.

- E o pai?

- A ...aos 17
- **Nessa altura frequentavas a escola?**
- Ainda hoje tou a andar na escola.
- **A...e ele também?**
- Ele não, ele trabalha no mar, tá a andar num barco.
- **A... em que ano de escolaridade em que estás ou que estavas na altura?**
- Tou a acabar o 9.º.
- **Com que habilitações é que tas neste momento?**
- A... como assim?
- **Tas a acabar o 9.º, não é?**
- Sim, sim faltam-me três...
- **Então tens o 8.º?**
- Completo é o 8.º.
- **Com que idade iniciaste a tua atividade sexual?**
- Hum...aos 16 espera aí, 16 não 15,14 nem tanto.
- **Foi como pai da criança?**
- Não.
- **A... qual foi o método contraceptivo usado? O que vocês usaram para se prevenirem, o que é que usaram?**
- Eu não usava nada, tava a tomar a pílula.
- **A pílula? Qual foi o grau de segurança dessa relação? Achas que era segura a pílula?**
- Era segura, mas (risos) aconteceu.
- **O que aconteceu não tava previsto? O que é que aconteceu?**
- Engravidei.
- **Mas esqueceste de tomar?**
- Sim.
- **Esqueceste de tomar a pílula um dia, dois dias como é que foi?**
- Dois dias, foi quando fui ter com ele e depois foi no dia a seguir que também me esqueci.
- **E tavas na primeira semana da toma?**
- Sim.
- **Pois que é a pior!**
- **A... o que, achaste que essa relação sexual foi segura?**

- Foi.

- **Na altura achavas?**

- Sim.

- **Quando engravidaste, já disseste que foi com 15, não foi?**

- Foi.

- **Foi com 15.**

- **Achas que as mulheres devem ter filhos só quando querem ou devem deixar isso ao acaso?**

- Se tiver que vir que venha, mas... assim tar sempre a planear filhos não (risos) é memo vir por acaso.

- **Tinhas conhecimento dos métodos de controlo da natalidade?**

- Tinha, mas não tanto como devia ter.

- **Fazias, não fazias o controlo regularmente o ...?**

- Sim, sim.

- **Não tomavas as devidas precauções mesmo ali certinhas, não é?**

- Às vezes era mesmo esquecimento, outra vez... (risos).

- **Consideras fácil o acesso aos meios de controlo da natalidade, achas que é fácil obteres informação sobre métodos contraceptivos, informação sobre sexualidade?**

- Não tenho memo onde me informar disso.

- **Sabes que existem os centros de saúde, eles lá dão os apoios e mesmo ali a MOJU e noutras associações também dão.**

- Mas quando tive o meu filho era só escola – casa, casa – escola.

- **Mas antes sabias dos riscos que podiam acontecer?**

- Sim tinha, sabia, sabia, o que tomar, sobre as doenças e isso!

- **Essa gravidez foi planeada?**

- Não.

- **O que sentiste quando soubeste que estavas grávida?**

- (pausa) A... senti-me contente e ao mesmo tempo assustada, porque era muito nova... fiquei mesmo assustada, não sabia como é que ia ser e era uma criança a ter outra criança a bem dizer!

- **Qual foi a primeira pessoa com quem falaste quando descobriste que estavas grávida?**

- Com ele, depois com os pais dele.

- O que é que te disse a primeira pessoa com quem tu falaste?

- Foi com o pai do meu filho.

- E o que é que ele disse?

- Disse, ficou contente, não é! Ele também dizia sempre que era um menino e quando descobriu que era um menino foi a maior alegria dele, mas ele tava habituado a sair com os amigos e isso, perdeu a liberdade toda, mas nunca me deixou!

- Como é que foi a reação dele, já disseste, ficou feliz, não foi?

- Sim.

- E sentiste que ele queria ter o filho?

- Senti.

- Sentiste preparada mentalmente para ser mãe?

- Ao início não, mas depois foi-me habituando á ideia de ser mãe.

- E o pai?

- (pausa) o pai habituou-se facilmente.

- Mas sentias que ele tava mentalmente preparado?

- Mesmo, mesmo, mesmo não, não é! Foi um choque, agente também não sabia tudo, que íamos perder a nossa liberdade toda.

- Foste seguida por algum médico?

- Em Faro, mas não me lembro do nome da médica (risos).

- Mas foi onde?

- Foi em Faro no hospital.

- No hospital de Faro?

- Sim.

- O pai acompanhou a gravidez desde o início?

- Não.

- Não ia às consultas contigo?

- Não, foi quase no fim quando ele tava a trabalhar nas estufas, por isso é que ele tava na luz de Tavira onde estava a viver com a mãe na Fuseta, mas como arranjou trabalho lá, foi morar com a avó para lá e andava a trabalhar, por isso que ele á um ano, nem tanto, nem p`rai um ano que estamos a viver juntos, namoro temos mais do que estarmos juntos.

- Assim que ele descobriu que tavas grávida veio logo viver contigo?

- Não, antes, p`rai dois ou três meses antes do nosso filho nascer.

- Foi nessa altura que ele veio viver contigo para aqui?

- Sim.

- Tiveste preparação para o parto?

- Não.

- Porque não quiseste ou ...?

- Porque não quis.

- Na altura que engravidaste havia algum apoio na escola?

- Não.

- Psicólogos, professores?

- Não.

- Nada?

- Se não houve apoios mencione alguns que seriam adequados, tendo em conta a experiencia que viveste? Apoios que deviam haver na escola que tu achas que não houve?

- Ensinar a gente a ... saber mais coisas sobre isso, entrarmos mais no assunto, sei lá, se calhar se eu tivesse mais, como é que hei-de dizer, mais alertas sobre isso, se calhar hoje em dia podíamos ter, prontos! ajudar o nosso filho, podíamos saber mais das coisas.

- Que tipo de coisas devia haver, o que é que achas? Psicólogos?

- Sim, também para nos ajudar, porque a gente somos novos, a gente também não sabemos tudo, não é! Médicos, enfermeiros que nos ensinassem mais essas coisas.

- Nunca solicitaste ajuda na escola quando soubeste que estavas grávida?

- Não.

- Achas que as parcerias com outras entidades, centros de saúde, associações, assistentes sociais, seriam importantes para evitar uma gravidez indesejada?

- Sim, sim, informações sobre isso.

- Em que sentido as aulas de educação sexual seriam uma mais-valia para evitar a gravidez na adolescência?

- Ensina mais sobre o sexo, sobre o... as doenças, sobre os riscos que a gente corre, evitem uma gravidez.

- Tu tinhas aulas de educação social?

- Sim.

- Mas não era uma disciplina que havia na escola?

- Não, porque a gente somos os CEFS e para nós não há isso.

- Mas devia haver!

- Pois.

- Descreve-me o que aconteceu no dia em que nasceu o teu filho, começaste a ter as contrações, se tiveste...?

- Sim, mas foi parto provocado, passou p'raí 45 semanas e teve que ser com ventosa, tiveram-me que arrebentar as águas, a minha mãe é que assistiu ao parto, foi a primeira vez e gostava que fosse a minha mãe a tar ao meu lado, tá a ver, já que me ajudou esse tempo todo, acho que o apoio dela ao meu lado, acho que era melhor coisa que podia tar ali, tal como ia morrendo no parto, a minha sorte foi a minha mãe ter me acordado, tá a ver, molhar-me a cara e tudo, quase que ia morrendo, quase que ia dizendo que não ia ter o meu filho.

- Eu sei que foi doloroso para ti, mas explica-me desde o início, tu foste para o hospital, marcaram-te o dia, não foi?

- Sim. Pronto, fui com uma professora minha foi ela eu me levou lá.

- Foste com a tua professora que te ajudou, ajudou na altura com a gravidez, não tiveste essa ajuda na escola?

- Sim.

- Entraste com a professora, ficaste internada lá depois o que aconteceu, o médico chamou-te?

- Sim, foi mesmo nessa manhã, foi, tiveram-me que arrebentar s águas, meteram-me a soro, senti contrações, levaram-me para a sala de partos desde as 9h00...

- Afim de quantas horas começaste a ter contrações?

- p'raí uma hora, nem uma hora.

- Aí sim!

- Depois tive na sala de partos desde os 9h00 e tal da manhã até as 22h00 e tal da noite, só às 20h00 da noite é que deram a epidural e só fui ter o meu filho às 22h00 e tal da noite.

- E nesse espaço de tempo que tu dizes que ficaste á espera o que é que aconteceu, tavas só com dores?

- Com dores, tava com muitas dores, eu pensava que era chegar lá abrir as pernas (risos).

- Mas o que é que se passou para estares lá sozinha tanto tempo com dores?

- Foi o...bebé também não queria nascer, elas tiveram que se pôr aqui em cima da barriga para o Ricardo nascer, foi muito doloroso para mim, ele não queria nascer e eu tava a ver que não tava a conseguir ter.

- Pois elas viram que só com as ventosas, não foi?

- Sim. Foi mesmo o último dos casos.

- Foi por volta da meia-noite que ele nasceu?

- Não, foi quase às 22h30 da noite, às 22h21.

- E depois daí, foste para um quarto logo, foste para o recobro, como é que foi?

- Fui para um quarto onde eu estava, vestiram-no á minha frente, meteram-me em cima de mim e levaram-me para o quarto com ele.

- Sim. Depois ficou tudo bem?

- Graças a Deus!

- Tava tudo bem com o bebé?

- Tava, Tava.

- E contigo?

- Tava que eu perguntei, assim que o meu filho nasceu perguntei logo se ele vinha com alguns problemas.

- Mas o que é que aconteceu quando desmaiaste, foi naquele espaço de tempo que tavas com dores, á espera que...

- Não foi na altura que o tava a ter.

- Quando tavas a ter, a fazer força?

- Sim, sim, foi muita força que eu quase não aguentava.

- Fizeste força e depois o que aconteceu, perdeste as forças?

- Eu perdi memo a reação, eu...deixei de ver, eu já dizia a elas que não conseguia ver nada.

- O que é que elas fizeram?

- Eu só tava a pedir água a elas (risos) elas disseram-me que não podiam dar água, mas molharam-me os lábios, não é!

- E chegaste a desmaiar?

- Não porque quando eu estava quase a ir, elas estavam-me a só dar chapadas, tá a ver, para ver se eu acordava, lá fui ao lugar, depois fiz um bocadinho de força saiu a cabeça e não senti mais nada.

- Foi um alívio?

- Depois a cozer não senti nada.

- Tinhas levado epidural?

- Sim, foi quando o meu filho nasceu, comecei a rir (risos) bastou sair a cabeça para eu começar a rir.

- O pai não assistiu ao parto?

- Foi a minha mãe.

- Porque não assistiu ao parto?

- Como eu disse mãe é sempre mãe e gostava que naquele momento estivesse a minha mãe

- E ele queria?

- Quem o pai do meu filho? Queria mas ele também concordou, tá a ver, mãe é mãe, mãe é sempre mãe.

- Têm sempre mais experiência.

- Sim. Pronto para a próxima quem sabe (risos).

- Explica a tua emoção quando viste o teu filho pela primeira vez?

- Eu não sei se chorava, não sei se ria (risos) sei lá, sabendo que aquilo é mesmo nosso é uma alegria muito grande!

- Quando o bebé foi para casa como lidaste com a situação?

- Tinha medo de o agarrar com medo, ele era muito frágil.

- Frágil porquê?

- Porque era muito bebé e não tava habituada a agarrar numa coisa daquelas.

- E o pai da criança ajudava?

- Tanto o que eu fazia, fazia ele.

- Mas como ele lidou com a situação, também tinha medo de tocar?

- Não ele parecia que já não era a primeira vez (risos).

- Mas foi o primeiro filho também?

- Sim, sim, mas como ele já tava habituado, como ele tem uma irmã mais nova que ele, praticamente, prontos foi ele, quando o pai morreu ele tinha oito anos, praticamente foi ele um irmão, tá a ver!

- Vivem juntos?

- Sim, sim.

- Com outras pessoas?

- Com os meus pais.

- Os teus pais e a tua cunhada, neste caso?

- Sim e os meus irmãos.

- O pai participa regularmente na educação do filho, tá sempre presente?

- (acenou com a cabeça).

- Quais seriam para ti as medidas adequadas para evitar a gravidez na adolescência, o que achas que devia haver mais?

- Eu por mim se fosse hoje tinha logo metido o *emplanon*, não (pausa).

- E mais o que achas que devia haver mais?

- Mas como ele lhe disse á bocado mais informação que hoje em dia se vê adolescentes mães.

- Achas que ainda á muita falta de informação?

- Há muita mesmo.

- Achas que há falta ou a informação não chega?

- Às vezes é bem as pessoas que não procuram informações.

- Preferem ir na delas jogar pela sorte.

- Sim as vezes têm a mania que elas é que sabem tudo e essas coisas.

- E na escola o que achas que devia haver na escola?

- Aulas sobre isso.

- Se fosse implementado um projeto na escola para prevenir a gravidez na adolescência aceitarias testemunhar o teu caso com o intuito de ajudar outras raparigas?

- Sim.

- Se tivesse que falar com uma adolescente que tivesse a passar pela situação que já viveste que conselho lhe darias?

- Ir ao centro de saúde, se informar sobre isso, usar a pílula ou mesmo a camisinha.

- Prevenir-se, não é?

- Sim.

- Se fosse hoje terias tido esse filho?

- (pausa) tinha, tinha.

- Tinhas passado tudo de novo?

- Eu... sou contra o aborto, isso para mim é matar uma criança e elas não pedem para vir ao mundo, já que o fiz tinha que assumir a responsabilidade, porque eles não pedem para vir ao mundo.

- Tu quando tavas grávida tinhas o tempo para abortar ou não?

- Tinha.

- Tinhas, tu é que não quiseste?

- (acenou coma cabeça).

- Decidiam ter?

- Sim.

- **Ok, obrigada.**

TRANSCRISÃO DA ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDA

(Docente)

Entrevista n.º 6

Realizada na escola secundária de Olhão.

15 de Fevereiro de 2012

Tem 55 anos e é docente dos cursos profissionais na disciplina de secretariado na escola secundária de Olhão.

- Boa tarde, qual a sua idade?

- Bom dia

- Qual a sua idade?

- 55.

- A que grupo disciplinar pertence?

- 530 Secretariado.

- Qual o seu tempo de serviço?

- Tenho 33 anos.

- Há quanto tempo leciona nesta escola?

- 29.

- Durante o seu percurso profissional nesta escola já contactou com algum caso de gravidez na adolescência?

- Sim o ano passado

- E qual foi o caso, foi uma menina de...

- Era uma menina com 19 anos a...vivia com o namorado e teve que deixar...

- Teve de deixar a escola?

- Teve que deixar a escola.

- Em relação as jovens mães, quais foram os procedimentos efetuados para uma melhor orientação?

- A...eu já apanhei a aluna já...nos finais de gravidez, portanto já tomei, apanhei na portanto, não sei que procedimentos tiveram, quando tomaram conhecimento da gravidez dela a... não sei se foi por acaso ou se foi mesmo porque quiseram a gravidez a... sei que teve apoio familiar, embora não possa ter ficado, a...ficar como bebé a tempo inteiro para que ela pudesse continuar os estudos, a...mas sei que foi apoiado

- Qual foi a sua reação quando se deparou com este (s) caso (s)? Ficou surpresa, já estava á espera?

- Ah, Já nada me surpreende, já nada surpreende hoje em dia elas engravidam com muita facilidade

- E o conhecimento do caso teve só quando mais se notava mais a barriga da menina?

- Exatamente.

- Porque antes quando não se notava não foi referido nada?

- Há não sei, porque na altura não tinha a miúda como minha aluna eu já apanhei a meio da gravidez, ela engravidou nos finais do 10 ano, eu apanhei-a no 11.º, portanto já nos finais, o acompanhamento que foi feito inicialmente ai eu não sei!

- E como é que foi, falou abertamente com a aluna sobre a situação?

- Sim ela veio falar comigo como diretora de curso, na época diretora de turma, porque inicialmente ela tinha uma pessoa que iria ficar com o bebé, a partir da data, um mês a partir da data do nascimento, a... depois essa pessoa deixou de ser prestável nesse sentido e foi por causa disso que ela deixou de frequentar a escola.

- Ok, aconselhou-a a nível pessoal sobre as medidas que deveria tomar ou encaminhou-a a para algum serviço de psicologia aqui na escola?

- Não, não foi necessário, ela estava bastante, aliás era uma pessoa que para a idade muito adulta não é assim uma miúda de que não soubesse aquilo que queria, não, ela sabia o que queria, estava orientada nesse sentido, até porque o apoio familiar, acho que neste caso foi muito ativo.

- Ela sentiu-se à vontade nessa conversa que teve?

- Sentiu-se

- Em falar, não teve qualquer problema?

- Não, não teve não

- Acha que ela possuía informações suficientes sobre os métodos de contraceção?

- Sim, elas estão informadas, elas, ela estava informada aquele caso sim, há casos que não, já tive outros casos que não.

- Ou seja ela engravidou porque quis ou foi um descuido?

- Provavelmente foi porque quis, sim, depois se houve algum impasse pois nessa época não posso dizer, realmente não a acompanhei no inicio

- Agora numa perspetiva mais ampla, na sua perspectiva porque razão existe tantos casos de adolescentes grávidas nesta escola?

- Ah, eu acho que por muita informação que haja nunca é o suficiente (pausa) porque elas cometem os mesmos erros que se cometiam como não tivéssemos informação, a por exemplo uma das alunas que eu tive ficou grávida porque esqueceram de lhe dizer que a tomada de antibiótico corta o efeito da pílula e ela ficou grávida, portanto há ainda informação que não é o suficiente ou que não chega onde devia chegar a estes miúdos, acho que uma educação sexual a... aqui na escola que seria uma coisa muito importante na vida destas jovens a... porque eu acho que vivem muito na rua a... numa forma mais liberta

- Tão muito entregues...

- A si próprias, embora aja muita informação há outros pormenores que lhes escapa e daí aparecerem as gravidezes indesejadas.

- Que tipo de apoios (psicológicos, saúde e educação) foram prestados a esta aluna nesta escola?

- Que eu saiba nenhum.

- Não encaminhou, não houve encaminhamento ali para o...

- Que eu saiba não.

- Para o serviço de psicologia?

- Não.

- Nesse caso não?

- Neste caso não!

- Pronto neste caso não, mas geralmente quem presta o apoio é a professora Salvadora

- É a professora Salvadora sim, sim

- Considera esses apoios suficientes para evitar a gravidez na adolescência, conhece os apoios que a professora dá?

- Sim.

- Mais ou menos?

- Mas suficientes, suficientes puderam não ser, mas que dentro da disponibilidade da professora salvadora, pois eu penso que ela fará o melhor para que isso aconteça.

- Se acha que não suficientes, mencione outros que seriam mais adequados, tendo em conta o contexto escolar onde se insere este estabelecimento de ensino?

- Eu acho que...

- Para evitar a gravidez?

- Acho que antigamente faziam várias conferências, palestras e que a... eram muito elucidativas de... de todos os assuntos inerentes á sexualidade destas jovens, rapazes e raparigas a... e que deixaram de existir, muitas eram fomentadas pela escola, outras eram fomentadas pela associação de alunos da escola que hoje em dia está parada, não se vê nada disso e isso acho que isso era uma mais-valia para os jovens uma vez que elucidava um maior número de alunos e que poderia abrir uma perspetiva para eles colocarem questões às pessoas que cá viessem que deveriam ser enfermeiros, médicos ligados à área, acho que era uma mais-valia para os jovens que são pouco elucidados mesmo com muita publicidade a cerca do assunto, mas são pouco elucidados para a... gravidez às vezes de uma gravidez indesejada a... e de todos e das doenças sexuais, todas essas a... coisas que eles realmente desconhecem.

- Considera que a parceria com outras entidades seria imprescindível para auxiliar estas jovens?

- Claro que considero, considero muito positivo que essas parcerias existissem porque melhor que nós, eles têm uma preparação mais vincada para esses fins e poderiam orientar os nossos jovens para uma melhor sexualidade

- E as aulas de educação sexual, acha que poderiam ser uma mais-valia para evitar a gravidez na adolescência?

- Acho que a... seria uma mais-valia para os miúdos, não garantia que não houvesse gravidezes indesejadas nem nestas idades, mas seria com mais consciência, penso eu!

- Tendo em conta a sua experiência nestes casos, quais seriam para si as medidas de prevenção adequadas para evitar a gravidez na adolescência?

- Hoje em dia os miúdos iniciam uma atividade sexual demasiado cedo, acho que deviam ter outros interesses e não a vida sexual tão precoce, eu acho que é precoce hoje em dia a... e daí que elas enveredam por gravidezes muitas das vezes e a maior parte das vezes que não é planeada e podiam estar mais viradas para a melhor trabalharem o seu futuro que é isso que devia ser feito!

- Tomando como base todas essas medidas considera viável a implementação de um projeto com o intuito de evitar a gravidez nesta fase da vida?

- Projetos, nesse cariz, penso que não sejam, podem ser viáveis, mas não sei se irá dar frutos, ou pelo menos os frutos pretendidos, porque a vivencia fora da escola não pode ser controlada por nós e daí não sei se será viável um projeto dessa dimensão.

- Com que instituições e pessoas no seu entender deveriam participar nessas parcerias?

- A... acho que o mais natural e normal seriam os centros de saúde da região a... centro hospitalar e a associação de pais, porque os pais a... têm uma grande responsabilidade na educação dos filhos, é só!

- Ok, muito obrigada e até qualquer dia.

- Até qualquer dia!

TRANSCRISÃO DA ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDA

(Docente)

Entrevista n.º 7

Realizada na escola secundária de Olhão.

15 de fevereiro de 2012

Tem 50 anos e é docente dos cursos profissionais na disciplina de contabilidade na escola secundária de Olhão.

- Boa tarde, qual a sua idade?

- Boa tarde, 50 anos.

- Qual o seu género?

- Feminino.

- A que grupo disciplinar pertence?

- Contabilidade.

- Qual o seu tempo de serviço?

- 23 Anos.

- Há quanto tempo leciona nesta escola?

- 19 Anos

- Durante o seu percurso profissional nesta escola já contactou com algum caso de gravidez na adolescência?

- Sim.

- A que faixa etária pertencia a (s) aluna (s)?

- 16 ...15 a 18.

- Em relação as jovens mães, quais foram os procedimentos efetuados para uma melhor orientação?

- Essas alunas foram encaminhadas para a psicóloga da escola

- Qual foi a sua reação quando se deparou com este (s) caso (s)?

- Normal!

- Como teve conhecimento do caso (s)? Através da aluna?

- O primeiro caso não soube só pelas colegas, o segundo caso que aconteceu o ano passado foi a aluna que disse que estava grávida e já se via

- Falou abertamente com a (s) aluna (s) sobre essa situação?

Falamos, disse os problemas todos que ela iria enfrentar, disse que não havia problema que estava tudo controlado. O que não se veio verificar depois, não é!

- A (s) aluna (s) sentiu-se à vontade para falar sobre a gravidez?

- Sim, sim falava a vontade, quando ia á médica também falava connosco o que a médica dizia, a pediatra não! A médica que a acompanhou na gravidez, falava com as colegas, falava na aula, dizia o que tinha comprado para o bebé, tudo!

- Aconselhou-a (s) a nível pessoal sobre as medidas que deveria tomar ou encaminhou-a a(s) para o SPO? Já disse que não tinha encaminhado para o serviço, mas deu algum aconselhamento pessoal?

- A pessoa uma vez que ela já estava a ser encaminhada, porque quando ela chegou cá já tinha 4 meses de gravidez, portanto ela já estava, já tinha uma gravidez toda ela devidamente acompanhada e pouco precisou que nós disséssemos, ela até como se via em princípio não precisava de acompanhamento nenhum mesmo no segundo caso não, nada de acompanhamentos.

- Acha que a (s) aluna (s) possui informação suficiente sobre os métodos de contraceção?

- Ela dizia que sim, e que só aconteceu porque o filho também, mais uma vez era filho de um antibiótico.

- Era essa sempre a desculpa!

É essa sempre a desculpa que tinha tomado antibiótico e que tinha engravidado

- Na sua perspectiva porque razão/razões existem tantos casos de adolescentes grávidas nesta escola?

- Descuido, porque pensam que não lhes acontece a elas, talvez!

- Que tipo de apoios (psicológicos, saúde e educação) foram prestados a esta (s) aluna (s) nesta escola?

- Poucos, ela praticamente não recorreu, nem á psicóloga nem a ninguém, porque ela dizia q tinha o acompanhamento da mãe do namorado e da mãe do namorado, não precisava que ninguém a acompanhasse!

- E sabe quem... aliás ela n teve apoios!

- N teve.

- N teve!

- Considera...

- Mas ia muito ao centro de saúde, regularmente dizia-me amanhã venho um bocadinho mais tarde tenho que ao centro de saúde.

- Quem presta esses apoios?

- Considera esses apoios suficientes para evitar a gravidez na adolescência?

- Os apoios, os apoios na escola, há poucos apoios, os apoios que poderá haver são portanto aquelas sessões de esclarecimento que são feitos todos os anos, nomeadamente aos alunos do 10.º ano em que vem uma enfermeira ali do centro de saúde e que os sensibiliza para os perigos que podem acontecer!

- São só mais esses apoios que existem!

- Sim, são mais esses apoios que existem!

- Se acha que não, mencione outros que seriam mais adequados, tendo em conta o contexto escolar onde se insere este estabelecimento de ensino?

- Outros que acharia que seriam mais adequados?

- Dentro da escola?

- Sim.

- Se houvesse uma equipa médica ou de enfermagem a prestar serviço á escola talvez, eventualmente pudesse ajudar mais esses alunos, todos no geral.

- Considera que a parceria com outras entidades seria imprescindível para auxiliar estas jovens?

- Claro que sim!

- E que parcerias é que ...?

- Com centro que saúde que já temos em parte apesar da pessoa que faz regularmente esse serviço, tenha as escolas do concelho de Olhão, mas ela tenta sempre estar atenta porque é sempre...tem sempre o espaço dela para vir à escola quando quer.

- E as aulas de educação sexual, acha que poderiam ser uma mais-valia para evitar a gravidez na adolescência?

- Sim e não depende, se eles achariam bem ou não, se levariam essas aulas para a brincadeira!

- Acha que o mal está mais neles, é!

- Eles levam tudo na brincadeira, estes jovens desta idade, querem é brincar, mais nada!

- Tendo em conta a sua experiência nestes casos, quais seriam para si as medidas de prevenção adequadas para evitar a gravidez na adolescência?

- Planeamento familiar em princípio, não é! Se elas tivessem o cuidado de ir á médica de família que a acompanha-se pois isso seria uma mais-valia para evitar, e o

esclarecimento, elas como sabem tudo por vezes, têm a mania que sabem tudo, mas não sabem!

- Tomando como base todas essas medidas considera viável a implementação de um projeto com o intuito de evitar a gravidez nesta fase da vida?

- Sim, com certeza.

- Se sim. Que tipo de projeto e com que associações ou profissionais deveria ser realizado?

- Sempre com alguém ligado a saúde, nomeadamente o centro de saúde de Olhão, um acompanhamento mais efetivo e não haver só uma pessoa a esclarecer todas as escolas do Concelho.

- Somente com um profissional de saúde?

- Um ou dois, um medico e uma enfermeira sempre para os aconselhar

- Acha que n deveria haver mais intervenientes?

- Também com a ajuda dos professores e dos psicólogos todos eles em conjunto, a comunidade escolar em si, tudo isso iria contribuir para tentar minimizar esses e todos os perigos, não é só o ter a criança é mais tarde, o alimenta-la, o vesti-lo tudo mais são sempre coisas muito dispendiosas e que muitos deles não têm. Uma menina o ano passado teve que abandonar a escola porque não tinha condições para continuar a estudar e ao mesmo tempo...

- Cuidar do filho!

- Cuidar do filho,

- Não tinha rendimentos suficientes para colocar o bebé numa ama

- E teve que deixar!

- E teve que deixar a escola

- Pronto obrigado pelo seu esclarecimento.

- De nada.

- Boa tarde.

TRANCRISÃO DA ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDA

(Docente)

Entrevista n.º 8

Realizada na escola secundária de Olhão.

24 de Fevereiro de 2012

Tem 34 anos e é docente dos cursos profissionais na disciplina de Biologia na escola secundária de Olhão.

- Bom dia.

- Bom dia.

- Boa tarde, qual a sua idade?

- 34.

- A que grupo disciplinar pertence?

- Biologia e Geologia.

- Qual o seu tempo de serviço?

- Hum... portanto são cerca de oito, nove anos de serviço, desde 2002.

- Há quanto tempo leciona nesta escola?

- Ah, uns seis anos de seguida, fez o estágio pedagógico em 2002/2003, sendo cá aluna também, de biologia também.

- Durante o seu percurso profissional nesta escola já contactou com algum caso de gravidez na adolescência?

- Já.

- A que faixa etária pertencia a (s) aluna (s)?

- 15, 16, 17 dos 15 aos 17 anos.

- Sim.

- Ah em relação as jovens mães, quais foram os procedimentos efetuados para uma melhor orientação como é que, quando soube que elas tavam grávidas, como é que falou com elas, oriento-as?

- O contato que tive com as jovens adolescentes foram duas, uma foi já estava quase a ter a bebé, o ano letivo começou em Setembro, em Setembro já tinha oito meses

de gestação, portanto ela veio às aulas inicialmente, mas tava praticamente a ter o bebé e nunca mais voltou á escola, que eu soube!

- Que soube depois de ver a barriga?

Sim, a que entrou na sala tinha oito meses a... na altura ia dar aquela turma saúde infantil e por acaso é uma disciplina que tem no programa a própria gravidez, parto e recém-nascido e a... essa foi um caso, o outro caso de gravidez na adolescência foi na mesma turma, mas já no 3.º ano do curso e que a aluna começa a ficar com a barriga um pouco maior a... não sabendo então se era de engordar ou se era mesmo da gravidez que ela era assim um pouco forte, até que soube que ficou grávida, porque foi fazer o aborto!

- E nessa altura ela não chegou a comunicar nada?

- Não comentou, não era diretora de turma, não sabia de nada, só fiquei a saber que ela tava grávida, porque as colegas disseram que ela estava a faltar porque estava de baixa médica por ter ido fazer um aborto. Foi dois casos que tive de gravidez na adolescência, uma já no termo, a outra no início, mas depois abortou.

- Qual foi a sua reação quando se deparou com esse (s), esses caso (s)?

- O primeiro caso foi a primeira vez que tive uma aluna grávida na... no nível secundário mesmo no nível básico onde leciono a... hum fiquei surpreendida, porque pronto foi a primeira vez que vi ser tão nova, entretanto (risos) a partir daí a...o primeiro contato a reação foi (pausa) penso que normalmente, mas por dentro ser a primeira vez.

- Foi a primeira vez?

- Sim, ter uma aluna grávida.

- Falou abertamente com a (s) aluna (s) sobre essa situação?

- O primeiro caso a ... acabei por estar pouco tempo com ela, porque ela tava na aula eu estava a dizer qual era o programa da disciplina e disse então antecipaste-te e até brinquei um pouco (risos) tu antecipaste-te eu ia explicar o que era a gravidez e tu antecipaste-te com o bebé, ela riu-se, mas a partir daí só veio às aulas...

- Ela acabou por desistir?

- Sim, sim desistiu, nunca mais voltou a estudar.

- Nunca mais voltou?

-E a (s) aluna sentiu-se à vontade para falar sobre a gravidez?

- Essa que estava grávida sim, essa que tava no fim da gravidez sim, o outro caso ela nunca comentou, por eu ser professora dela, ela nunca comentou o facto de tar

grávida a... após o aborto quando regressou a... eu nunca puxei o assunto diretamente com ela, no entanto estava a lecionar o módulo de saúde infantil, vamos sempre buscar a gravidez; o parto e o acompanhamento pré-natal etc e senti da parte dela em que cada vez que tocava no assunto bebé, recém-nascido, parto, isso não lhe era indiferente, e ela dizia e soube que abortou por razões económicas.

- E sentia-se á vontade não tava traumatizada, nem nada?

- Ela traumatizada a cem por cento não, mas não estava bem á vontade, levou algum tempo se não algum até hoje a ... mentalizar-se que tinha feito um aborto, porque cada vez que se tocava no assunto bebé e na gravidez a... ela estava, nota-se, mais triste.

- Mas ela abortou por vontade própria ou foi obrigada?

- Os próprios pais obrigar não sei, mas as circunstâncias financeiras, o namorado também não trabalhava e não tinha condições económicas para ter aquele bebé e certamente a família apoiou no sentido de abortar.

- Aconselhou-a (s) a nível pessoal sobre as medidas que deveria tomar ou encaminhou-a para o SPO?

- A... essa rapariga na altura não era diretora de turma, mas penso, ela não estava traumatizada a cem por cento, sentisse um pouco menos á vontade para falar sobre o assunto a... mais ela não foi, não foi acompanhada , eu também acabei por não aconselhar, porque pensei que... não valesse a pena!

- Acha que a (s) aluna (s) possui informação suficiente sobre os métodos de contraceção?

- Ela tomava a pílula neste caso, no primeiro caso não sei, porque ela estava grávida, no outro caso ela tomava a pílula e acabou por me dizer, posteriormente ao ter abortado, pronto que tinha sido uma falha, um antibiótico que tinha tomado, uma falha qualquer que deu para engravidar logo. Falhando isso o método contraceptivo de barreira e a maior parte das miúdas toma a pílula e fica descansada e...é necessário sempre de realçar o facto das doenças e da gravidez porque...pode falhar a pílula, não é cem por cento eficaz é isso mesmo.

- Acha que na sua perspetiva, porque razões existem tantos casos de adolescentes grávidas nesta escola?

- Eu na altura comecei a perguntar às próprias miúdas o que é que se passava e elas diziam ah, pois elas querem engravidar para ficar com os namorados, eles depois abandono-as, então elas querem ficar para reterem os namorados, coisa que soubesse que não acontece a... muitas delas e cada vez mais percebo isso tão mais a tentar isso,

porque e digo para elas irem á consulta do adolescente as mães e os pais sabem que elas tem contraceptivos e até preferem que elas tomem método contraceptivo do que chegar a casa grávidas a... mas continuam a ter relações protegidas com preservativo, só algumas tomam a pílula e algumas às vezes algum problema intestinal que tenham e corta o efeito.

- Corta e engravidam logo!

-A ... que tipo de apoios psicológicos, foram prestados a estas alunas aqui na escola?

- A... eu sei que o gabinete de apoio, o SPO está atento e não sei de metade dos casos, portanto soube destes dois casos, porque envolveu-as diretamente na minha turma, mas tenho conhecimento que mesmo após a..., ter conhecimento aqui na escola que após o aborto têm acompanhamento...

- E essas alunas tiveram esse apoio?

- Estas alunas, a primeira não, acabou por abandonar a escola, nunca mais teve contato com o meio escolar, esta segunda que estava no 3.ºano e concluiu o 12.º ano, portanto quando abortou já no terceiro, a... penso, não tenho a certeza se teve acompanhamento pelo serviço de psicologia e orientação, mas penso que não. Uma vez que a família também tava a apoiar e tudo, mas penso que daí o apoio foi mais de casa do que propriamente da escola, não procurava pela aluna e porque não era um caso que... revelava necessidade de... intervenção, porque a miúda precisou e foi-se mentalizando não achei que fosse necessário.

- Geralmente que presta esses apoios, é o gabinete de psicologia e orientação?

- Sim, sim são encaminhadas.

- Não há mais nenhuma orientação aqui?

- Poderá haver, mas geralmente essas raparigas têm tendência a falar melhor com um professor com quem elas se dêem melhor ou que tenham mais afinidade ou então com os professores de biologia. Da saúde, porque são temas que depois são trabalhados na aula a... por enquanto não tive ainda um exemplo que tivesse de intervir e que fosse eu a dar o apoio e a encaminhá-la, mas cada vez mais tenho consciência que poderá surgir a qualquer hora.

- Considera esses apoios suficientes para evitar a gravidez na adolescência?

- O evitar a gravidez na adolescência no sentido em que ainda hoje estou a dar educação sexual, reprodução e essa matéria toda e as miúdas têm noção pensam que elas próprias que sabem tudo, mas elas não sabem nada e para elas o período fértil é

uma coisa esquisita, sabem que é nos dias que podem engravidar, sabem se tomarem a pílula não engravidam, mas não sabem pensam elas que sabem e não querem ver no sentido o que pode impedir que falhe a pílula, não estão atentas, não se interessam, são alunas que não se interessam, fui hoje buscar a questão do aborto, deu a noticia ontem de 80 mil abortos, GAES 2007, no referendo e ai notei que elas tomaram mais atenção, foram os números que chocam muitas vezes e que se tem que passar a fazer é tratar estes temas com números, terapia de choque, não vale a pena ir com conversas mansas, tem que ser com, com o fato de mostrar imagens de doenças sexualmente transmissíveis, a... falar em termos de há os prós e os contras, enfim é verdade quem tem sabe a... elas veem tudo muito cor-de-rosa, é ter um Nenuco para brincar, mas não é um Nenuco para brincar.

- Elas pensam que com elas nunca acontece?

- Que nunca acontece e o que mais me, me faz confusão é elas não quererem falar em, nas relações sexuais sem preservativo é uma demonstração de carinho e amor se não usarem preservativo, na cabeça delas!

- Isso é para agradar a eles?

- Sim, sempre e há uma expressão que uma colega me disse e eu já disse á minha turma que tenho este ano de saúde infantil que é ao terem relações sexuais com um rapaz sem preservativo, estão a ter relações com outras raparigas que ele já teve, mas mesmo assim ela não entram é difícil elas pensam que são estáveis durante um, três, quatro meses que eles vão ficar com elas para sempre.

- Depois muitas delas fazem muitas das vezes para engravidar para ficarem com eles?

- Sim.

- Se acha que não, mencione outros que seriam mais adequados, tendo em conta o contexto escolar onde se insere esta escola?

- É assim, em relação á nossa escola nós até temos parceria com o centro de saúde e os alunos sabem, elas têm conhecimento, a maior parte delas que há planeamento familiar no centro de saúde, que há as consultas do adolescente, que podem ir lá que é grátis, que podem levantar preservativos grátis, a... mas em conversa no outro dia, agora estou a lembrar a... elas são muito mulherzinhas e pensam ser capazes de já serem senhoras do seu nariz por terem uma atividade sexual ativa, no entanto quando se fala em ginecologia, consulta ao ginecologista para iniciarem a vida sexual não querem.

- Mais qual é o receio delas?

- A... de ir a uma consulta de ginecologia e exporem-se para um médico a... ou digam assim, amigas se vocês têm idade que têm e iniciaram aos treze, catorze anos a sua vida sexual, já tiveram vários parceiros e têm o pudor até expliquei mesmo vergonha, elas não sabiam o que é pudor, têm vergonha de ir a um médico e ter uma consulta de ginecologia, não percebo, porque o médico que vai analisá-las como analisa mil e quinhentas mulheres e muitas mais e não veem, mas elas não têm receio, só de pensar dar-lhes vergonha.

- Mas isso também traz um bocadinho de casa, não é?

- Há muitos pais que as filhas começaram a vida sexual no próprio momento que vão á consulta com elas, já vi casos desses!

- Se calhar porque os pais também têm receio em falar com elas sobre a sexualidade?

- Muitas vezes é, muitas vezes sim, mas cada vez mais tem a noção, papel este ano fui á abertura de turma de algumas turmas, os pais têm vindo á escola a...foram os próprios a dizer que elas tomam contraceção oral ou por diapositivos, há quem também tenha o *emplanon*, aliás, a... mesmo por prevenção e acho que cada vez mais está-se anotar uma maior preocupação dos pais em fazer logo com que as filhas comecem a tomar contraceção, não sei até que ponto o diálogo que há em casa, vais tomar a pílula para não engravidares e não há a outra parte que é a, como é que hei-de explicar, a importância de uma vida sexual e ficar numa vida sexual...

- As consequências?

- As consequências e tudo tem o seu tempo, cada vez mais a juventude está a viver precocemente a... várias fases da vida e então costuma dizer vocês fazem agora coisas que na geração anterior, a vida era á vinte e tal anos e eu tenho quinze anos de diferença delas eu pensava em brincar com bonecas, geneticamente é, vamos sair, havia os beijinhos, havia aqueles namoricos, coisas tão intensas, tão sérias como tendencialmente lutam na vida delas, as vidas determinam-se, o futuro determina-se nestas idades, porque ter um filho é para a vida.

- Pois é!

- E muitos pais são avós é por aí e quando os pais passam a ser pais-avós é outra situação, quando os pais não tem capacidade cometem muitos abortos.

- Isso afecta muito elas, no futuro profissional?

- Sim, sempre.

- Considera que a parceria com outras entidades seria imprescindível para auxiliar outras jovens?

- Sim até que existe, existe e a própria enfermeira responsável pela saúde escolar do nosso concelho a... tem feito todos os anos, há num... ações de formação, palestras, conversas com os alunos e aqui na escola temos tentado fazer, mais o grupo da biologia a...realizar grupos pares, normalmente são as alunas do 12.º ano que mesmo na biologia trabalham os métodos contraceptivos e contraceção e planeamento familiar e áreas de DST`s que vão eles próprios falar com os mais novos, para não é, lá vem ela com aquela conversa! Serem entre pares, entre jovens, ouvirem de uns para os outros, olha espera aí não são só os adultos chatos que dizem estas coisas, só elas que tem a nossa idade que também falam nisto, eh pá, há qualquer coisa de importante que têm que ficar nas cabeças.

- A troca de informações?

- Exactamente entre pares, às vezes nesses assuntos mais entre eles, ouvir melhor os alunos ou colegas do que os pais ou professores, já há alguns anos temos estado a partilhar informação entre professores.

- Mas essa partilha não faz parte da educação sexual?

- Acabam por ser, acabam por ser.

- Oficialmente não é?

- Oficialmente não é!

- E acha que as aulas de educação sexual, poderiam ser uma mais-valia para evitar a gravidez na adolescência?

- Sim, oficialmente, mas esta estratégia de ser entre os próprios colegas, falarem uns para os outros com informação trabalhada e cientificamente carreta, vista pelos professores, mas cada vez mais não ser aula de educação sexual que o professor chega lá e fala no preservativo, fala dos DST`s , fala na gravidez,mas a... entre eles, entre os próprios jovens, aqueles que têm consciência que se deve fazer, falarem com os outros mais novos ou da mesma idade que têm um feedback em casos completamente diferente.

- Diferentes?

- Experiencias diferentes.

- De forma de que eles aprendam como se...

- Eu sou mais apologista de deixar as brincadeiras, por os jogos de parte e mostrar a realidade.

- Mas com jogos, mas explicando?

- Eu estou a falar mais a nível do secundário, dos mais novinhos, os mais novo a, a... também há alguns anos estou afastada da, do 3.º ciclo, já a seis anos que estou no secundário a... tenho conhecimento de gravidez na adolescência aos 14 anos, portanto no 3.º ciclo ainda, a... ai há uma forma diferente calhando de trabalhar com esses jovens mas a nível do secundário que eles estão muito próximos da idade adulta, penso que cada vez mais a terapia de choque e quando falo de terapia de choque, falo mesmo em mostrar a realidade, os abortos, as consequências que isso traz porquê o aborto e não a prevenção? A... dizer onde realmente podem deslocar-se para ter os preservativos ou a pílula grátis, as consultas de planeamento família, o ir ao ginecologista e a ... a realidade porque o passar o pânico e transformar a realidade em brincadeira nestas idades, numa fase adulta a mensagem possivelmente não entra, e cada vez mais entre eles jovens para jovens, não o professor ou a enfermeira ou o médico, porque eles são os adultos, são os que pensam que têm razão e pelo menos foi o meu ponto de vista.

- Tendo em conta a sua experiência nestes casos, quais seriam para si as medidas de prevenção adequadas para evitar a gravidez na adolescência?

- A... eu penso que nos dias de hoje a... a prevenção é cada vez maior, no sentido em que há muito mais apoios, portanto as consultas de planeamento familiar, os contraceptivos grátis, as consultas do adolescente a... e nas escolas cada vez mais falam sobre esses temas, coisa que há 15 anos na altura não se falava, nem em casa , nem na escola só lá no 2.º ano quando demos a matéria mesmo da sexualidade, da reprodução etc. e que aprendíamos um pouco mais que era a gravidez e o que é isto de 2 semanas de gestação, que não é só uma coisinha quando tá lá é um ser um ano já desenvolvido e o aborto não pode ser visto como contraceptivo, porque já há vida e ainda hoje na aula mostrei imagens do desenvolvimento embrionário o que é que o embrião em ás 12 semanas, o prazo máximo para o aborto em Portugal, atualmente e é um ser humano, tem os lábios todos formados (pausa) há situações que possivelmente o aborto é a melhor solução, anomalias, doenças graves, etc, violação, por ai a fora a... mas engravidar, por engravidar como forma de prevenir depois fazer o aborto porque agora vamos deitar fora aquilo que devíamos assumir a responsabilidade a... elas ficaram chocadas!

- Porque é uma vida que ali está não é um objecto, elas têm a ideia que se calhar é um objecto!

- Uma coisinha!

- Uma vida!

- Elas pensam que é um bebé com 9 meses o tal Nenuco para brincar é uma coisa que se pode tirar, não é uma vida e a responsabilidade tem que começar desde cedo, penso eu cada vez mais está-se a apostar na prevenção, mas a mentalidade das pessoas é muito difícil de mudar e quando chega a um ponto que elas sabem que existem prevenção, sabem onde se podem dirigir para obter a pílula e o preservativo, mas depois há outras situações como o... querer engravidar para ter um bebé é muito bonito brincar às bonecas, aí não se consegue fazer nada e quando elas não querem ver nada se pode fazer é muito difícil é muito difícil mudar aquela mentalidade.

- Mentalidade?

- Sim.

- Na sua opinião considera viável a implementação na escola de um projeto com o intuito de evitar a gravidez nesta fase da vida?

- A... eu acho de alguns anos a esta parte temos feito, a escola em si tem feito alguma coisa nesse sentido o exemplo é a partilha de informação tanto educação sexual mas entre os próprios pares a... penso.

- Um projeto mais amplo a nível escolar aqui na escola, um projeto que inclua associações a... inclua o centro de saúde, as alunas inseridas nesse projeto porque é para...

- Podia ser qualquer coisa, mas estou-me a lembrar que frequentemente veem cá enfermeiras falar sobre o assunto, frequentemente veem cá no âmbito do apoio à sida, veem cá falar das DST e sobre as relações sexuais não protegidas a... são feitas coisas e... continua na minha por muito que se insista que as entidades adultas virem falar com os jovens eles entra num ouvido e sai pelo outro.

- E se fosse um projeto que eles fossem a base, os protagonistas, tipo eles próprios?**- Tipo eles próprios irem falar sobre o assunto?**

- Talvez, mas eles podem falar sobre o assunto e agora vou pedir em saúde infantil que elas façam um panfleto como método contraceptivo e divulgar o panfleto, elas vão fazer o panfleto quase nem olham aquilo que vai escrever, porque querem pôr lá as estatísticas, as implicações e consequências e como se previne etc, mas elas no mesmo dia que tiverem a fazer o panfleto, vão ter relações não protegidas e não vão pensar que vão engravidar, isto acontece! É real! Isso não, tenho a resposta ainda mas acho que um tema que tem que ser pensado e que... continua a ser apostado em termos de prevenção.

- **Ok, muito obrigada pela colaboração.**

- De nada.

- **Bom dia.**

- Bom dia.

TRANCRISÃO DA ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDA

(Diretor)

Entrevista n.º 9

Realizada na escola secundária de Olhão (no gabinete do diretor)

12 de Março de 2012

Tem 54 anos e atualmente é o diretor da escola secundária.

- Bom dia!

- Bom dia!

- Qual a sua idade?

- 54.

- Qual o seu género?

- Masculino.

- Há quanto tempo exerce o cargo de Diretor nesta escola?

- A...a...sete anos.

- Há quanto tempo leciona nesta escola?

- Aproximadamente 28 anos.

- Durante o seu percurso profissional teve conhecimento de alguns casos de gravidez na adolescência?

- Na Escola?

- Sim.

- A... vários!

- Quantos foram os casos (em média)?

- Espera aí, quanto mais um por ano, eventualmente!

- Como teve conhecimento deles?

- Normalmente através ou da professora da disciplina ou pela psicóloga...
professora da disciplina, diretora de turma ou pela psicóloga.

- Quais foram os procedimentos efectuados pelo órgão de gestão para uma melhor orientação das jovens mães?

- Alguns dos casos que tive conhecimento não estava na qualidade de diretor, a...
dos que ... foram na qualidade de diretor, portanto, normalmente activa-se com a
psicóloga e o centro de saúde para depois proceder ao acompanhamento das consultas e
daquilo que esta regulamentado para este tipo de situações, de modo para que as alunas
sejam acompanhadas até a gravidez e após gravidez, que já tem acontecido!

- Qual foi a sua reacção quando se deparou com estes casos?

- Já não foi surpresa, atendendo á vida que muitos alunos levam, portanto não é surpresa!

- Na sua opinião considera que as alunas possuem informação suficiente sobre os métodos de contracepção?

- Não creio! Puderam dizer que sim, mas, a... não crê que têm toda a informação.

- Na sua perspetiva porque razão/razões existem alguns casos de adolescentes grávidas nesta escola?

- (pausa) Os factores e ... puderam se dizer que é pelo estrato social, tanto de serem de famílias menos organizadas, mas não significam que sejam, talvez mais pelo comportamento na adolescência.

- Que tipo de apoios (psicológicos, saúde e educação) foram prestados a estas alunas nesta escola?

- Portanto temos o serviço de psicologia, que a partir do momento que são identificados os casos, portanto faz todo o acompanhamento e, simultaneamente o reencaminhamento para o centro de saúde e as equipas de apoio.

- Quem presta esses apoios/ações?

- Psicóloga.

- Aqui na Escola?

- Sim!

- Considera esses apoios suficientes para evitar a gravidez na adolescência?

- Para aquilo que está... nas mãos da escola sim, qualquer das maneiras todos os apoios...as ações de sensibilização a... que não abarcam a todas as turmas, porque não há capacidade para isso, no centro de saúde através da enfermeira Lam a... que vem á escola todos os anos fazer sempre sessões, inserida no Gabinete de apoio ao aluno.

- Se acha que não, mencione outros que seriam mais adequados, tendo em conta o contexto escolar onde se insere este estabelecimento de ensino?

- Estas são as adequadas, basta que para o efeito, muitas vezes, nós tenhamos, mas para que o efeito os alunos procurem também, a... esse apoio!

- A maior parte nem sabem daquilo que querem ... nem sabem que existem estes apoios!

- Fora da escola não, dentro da escola eles tem alguns receios em ... contactar os professores ou a psicóloga, portanto não procuram muito!

- **Não porque têm vergonha! Já falei com algumas, elas dizem que não se sentem à vontade.**

- **Neste momento existem alguns tipos de iniciativas/ações na escola para prevenir a gravidez na adolescência?**

- São as ações que são feitas pelo Gabinete de apoio ao aluno coma enfermeira do centro de saúde, neste momento só existem estes! Só, só!

- **Se sim. Considera que essas parcerias com outras entidades são imprescindíveis para auxiliar estas jovens?**

- Sim, sim são necessárias!

- **Em relação às aulas de educação sexual, considera-as uma mais-valia para evitar a gravidez na adolescência?**

- É assim, se elas fossem feitas a... ou se fossem interiorizadas pelas alunas sim, porque na disciplina de biologia e ciências naturais do 8.º e 9.º anos já falam sobre contraceptivos e problemas de risco, uma série de coisas, mas os alunos provavelmente não darão a devida atenção e a educação sexual em termos das escolas pouco é feita a não ser nas disciplinas de biologia, nas matérias inseridas e que se adequam.

- **Tomando como base todas essas medidas considera viável a implementação de um projeto escolar, tendo como foco principal o relato de experiencias de vida de outras jovens que frequentaram/frequentam a escola com o intuito de evitar a gravidez nesta fase da vida?**

- É difícil de implementar, seria interessante, mas é difícil de implementar, precisamente, porque as que (pausa) já passaram por essa face podem não querer ir fazer esses... testemunhos!

- **Mas eu já falei com algumas e algumas aceitaram!**

- **Se sim. Que tipo de projeto? E além do relato das jovens mães com que associações ou profissionais deveria ser realizado?**

- Sim, este tipo de intervenção não seria só, portanto, seria o gabinete de apoio ao aluno, o gabinete de psicologia, o centro de saúde a...

- **As associações?**

- A... as associações...

- **Existe a MOJU aqui também em Olhão!**

- Também já fazem algum trabalho, mas pronto...a...tem que haver algum enquadramento e depois desse enquadramento ou de alertar os alunos depois ... com os

relatos das situações ocorrido ai assim, a... penso que a sensibilização poderia atingir mais intervenientes por parte dos alunos.

- Ok, obrigada, bom dia!

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS SEMI-DIRIGIDA

(Enfermeira)

Entrevista n.º 10

Realizada na escola secundária de Olhão (no gabinete da Chefe de serviços)

14 de fevereiro de 2012

Tem 47 anos e atualmente é enfermeira no centro de saúde de Olhão na unidade de cuidados à comunidade e é formadora no projeto sobre a sexualidade nas escolas do concelho de Olhão.

- Boa tarde

- Boa tarde

- Qual a sua idade?

- 47 Anos

- Há quanto tempo exerce a profissão de enfermeira?

- a... Á 22 anos

- Há quanto tempo trabalha no projeto com as escolas do Concelho?

- Acerca de 20 anos

- Em relação às mães adolescentes qual o procedimento realizado pela unidade de cuidados á comunidade no que se refere às jovens mães?

- A unidade de cuidados á comunidade não tem o cuidado com estas jovens mães porque elas normalmente procuram a unidade nesta situação, elas normalmente quando estão numa situação destas ou procuram a família ou procuram o gabinete do adolescente e na unidade de cuidados á comunidade não tem médicos de família não têm equipas de saúde familiar e... o gabinete do adolescente não está dentro da unidade de cuidados á comunidade, portanto nesse aspecto nós não temos

- Onde fica o gabinete do adolescente?

- No 1.º andar

- No 1.º andar

- Sim. Elas poderão ter contacto com a unidade de cuidados á comunidade na preparação para o parto, nós temos aulas de preparação para o parto e aí poderá haver jovens adolescentes, não sei dizer se já tem havido ou não é uma questão que eu posso por e perguntar á minha colega que faz a preparação para o parto, neste momento não sei dizer se há ou não grávidas adolescentes, e eventualmente á algumas que não têm

medio de família que vão á unidade fazer a sua vacina ai também, temos contato com elas

- Considera que as adolescentes possuem informação suficiente sobre a sexualidade e os riscos que daí advêm?

- (pausa) não a não ou seja, as que engravidam certamente que não possuem porque se elas engravidam ou também porque a informação que têm ou não é adequada ou foi insuficiente a... se no geral considero a... eu penso que sim porque de facto hoje em dia há montes de sítios onde elas podem procurar informação, há muita gente disponível para falar com elas, há projetos, diretamente direcionados para essa temática para adolescentes, portanto, penso que hoje em dia não há razão para eles não terem essa informação, se ela é utilizada no caso da gravidez na adolescência pois certamente que não, pois se elas engravidam é porque não utilizam a informação que têm

- Talvez vergonha de procurar?

- Pois o problema de procurar (pausa) ou acharem que essas coisas nunca acontecem com eles a... acharem que são coisas pouco prováveis de acontecer depois é portanto faz parte mesmo da idade deles do momento em si, a não utilização da informação e dos métodos que têm ao seu dispor

- Considera, na sua opinião quais são as verdadeiras razões das adolescentes engravidarem?

- a... para além de ser a situação da inexperiência e da vergonha e de não se conhecerem suficientemente um ao outro também tem haver com situações culturais há situações em que elas engravidam cedo porque é cultura, faz parte da cultura delas, não é, é habito

- Vem de famílias demorosas

- Vem de famílias, não é, e há culturas onde isso é normal, por exemplo, na etnia cigana é muito normal elas serem mães cedo, faz parte elas são ensinadas a serem mães cedo, portanto aquilo para elas é normal, questões sociais, muitas vezes são famílias numerosas famílias disfuncionais em que elas na gravidez é uma forma de saírem daquela vida e entrarem noutra, a... o sentirem-se adultas acharem que já são muito adultas então eu vou provar que sou adulto, não é, a... e também a... pensarem que só acontece aos outros, não é, a... penso que essencialmente, tem haver com a revolta em relação aos pais também

- Acha que é um descuido?

- Muitas vezes é!

- Porque quando falo com algumas raparigas elas dizem que é uns descuidos que tomaram o antibiótico...

- Sim, ou tomam antibiótico com a pílula ou esquecessem de tomar a pílula ou não tomam a pílula á hora certa

- Acho que isso também é usado um bocado mais como desculpa, quase todas me dam essa resposta, não querem dizer realmente qual a verdadeira razão!

- Mas se calhar muitas vezes a razão é mesmo essa é elas e eles o casal, não é , elas ficam grávidas mas a responsabilidade é dos dois, a... é de não utilizarem o preservativo ou de não terem ou acharem que o facto de não tomarem a pílula á hora certa não é importante ou se acharem que se deixarem de tomar um comprimido não há problema nenhum ou não tomam precauções até ao fim da embalagem, não é! Portanto é aquela irresponsabilidade que eu acho que é próprio da idade, eles não conseguem medir as consequências é a maturidade, não é!

- Na sua perspectiva porque razões ou razões existem tantos casos de adolescentes grávidas nesta escola?

- (pausa) eu não sei se há muitos casos de grávidas adolescentes nesta escola, não sei se... estatisticamente se há mais nesta escola de que noutras

- É assim em relação ao concelho de Faro, sim! Há, o concelho de Olhão é o concelho do Algarve que tem maior número de, do Algarve e a nível dos pais se não é o primeiro é o segundo com maior número de casos de gravidez na adolescência, agora não sei se há mais casos aqui na escola secundária em relação por exemplo às escolas do 2 e 3 ciclos, não, não sei essas...

- Eu acho que há mais no 2 e 3 ciclos, mas a...

- Mas há muitos casos aqui na escola, sinceramente há muitos casos aqui na escola

- É assim o ano passado houve muitos, o ano passado, este ano salvo erro duas ou três depois há aqueles que não se concretizam, não é!

- Agora porque há mais aqui em Olhão talvez, não é e havendo em Olhão, havendo aqui na escola a não sei, não sei quais são as razões, possivelmente razões culturais, porque nós temos muita gente de etnia cigana, não é, temos também a zona da Fuzeta onde culturalmente, na Fuzeta até a bem pouco tempo era a muito normal elas engravidarem cedo, casavam cedo e engravidavam cedo a... não sei se a nível da Fuzeta as coisas estão a mudar, mas penso que sim

- Mas é a nível mais cultural ou mais social, cultural?

- Cultural e social também sim a... talvez tenha a ver com esses dois núcleos na Fuzeta a etnia cigana e também um concelho onde há gente muito pobre, não é, com muito pouca (pausa) informação, porque as pessoas como não têm um nível cultural muito alto ou estudavam menos, não tinham tanta informação, a... terá haver talvez com a essas questões, portanto um nível social baixo, cultural baixo, havendo um foco de etnia cigana também alto aqui em Olhão, haver a zona da Fuzeta, podem ser todos motivos para explicar o facto de em Olhão haver de facto um grande número de grávidas adolescentes

- Que tipo de orientação presta a estas alunas na escola, quando aparecem no seu gabinete?

- É assim, eu não contato individualmente com essas alunas, contactava quando estava no gabinete do adolescente, neste momento já não contato, contato com essas alunas em contexto turma, não é a... Pontualmente, talvez há algumas que vêm falar comigo individualmente no fim das sessões, pedir opiniões e pedir ajuda a... que tipo de orientação a... muitas vezes oriento-os para o gabinete do adolescente ou para o médico de família elas é que têm que decidir se preferem ser vistas pelo médico de família ou se preferem ser vistas num sítio anónimo em que ninguém as conhece que é o gabinete do adolescente a... e outro tipo de apoio que eu presto orientação aqui a nível da escola através das sessões de educação sexual, são feitas a... nas turmas onde há solicitações, através da professora Vanda e trabalho com eles a nível do 2 e 3 ciclos portanto até eles virem para o secundário, trabalho desde o 5.º ao 9.º ano, fazendo duas sessões de educação sexual por ano

- E as sessões que fazem cá é quantas vezes, é uma vez por ano?

- São duas vezes por ano nas turmas que se candidatam, normalmente quem organiza isso é a professora Vanda, nos últimos dois anos tenho trabalhado mais com cursos profissionais, a nível, por exemplo do ensino regular não tenho trabalhado, porque é o que a escola solícita é aquilo que eu faço

- Considera que essas sessões são suficientes para evitar a gravidez na adolescência?

- Não pelos vistos não são pois continuam a haver casos de gravidez na adolescência é porque não são

- Se acha que não, mencione outras mais adequados, tendo em conta o contexto escolar onde se insere este estabelecimento de ensino?

- A...outras, outras estratégias não é?

- Sim

- Existência de um gabinete que existe aqui na escola, não é, mas eventualmente existindo um técnico de saúde nesse gabinete, quinzenalmente por exemplo, uma enfermeira ou um médico a...talvez a...fosse eficaz para elas e eles irem individualmente pedirem apoio ou tirar alguma dúvida essa estratégia seria uma eventualmente a... (pausa) talvez haver também a...uma parceria da escola com instituições que trabalham com jovens aqui em todo o concelho, não sei a MOJU a CASA DA JUVENTUDE a associação de planeamento familiar, o instituto da juventude, talvez por ai

- Considera que a parceria com outras entidades seria importante para auxiliar estas jovens?

- Sim

- Sim, sem dúvida, as associações...

- Trabalharmos todos neste sentido

- E as aulas de educação sexual, acha que podem ser uma mais-valia para evitar a gravidez na adolescência?

- Eu acho que sim, por isso continuo a investir nisso, por isso continuo as aulas que neste momento fazem parte, são obrigatórias, não é, a partir do 1.º Ciclo a... e também fazem parte do plano de saúde escolar é também um tema obrigatório no programa de saúde escolar e...eu continuo a achar que embora até aqui não se tenha obtido grandes resultados, considero a achar que é uma mais-valia

- Que se deve apostar?

- E que devesse apostar e continuar e devem postar nesse tipo de aulas e os próprios jovens dizem que sim, eu também os pergunto

- Também gostam!

- E eles gostam e dizem que sim que deve haver e que é uma forma de evitar que haja gravidez na adolescência, eles próprios também dizem que sim, que acham que sim

- Tendo em conta a sua experiência nestes casos, quais seriam para si as medidas de prevenção adequadas para evitar a gravidez na adolescência?

- Seriam essas ações a nível das escolas talvez uma maior abertura das famílias para falar destas questões, não é, esses gabinetes de apoio com informação não só para os próprios adolescentes com técnicos preparados para darem formação aos adolescentes, também para os pais haver ações de sensibilização de formação para os próprios pais como é que eles podem falar destas coisas como é que podem responder às perguntas

que eles fazem que se calhar não fazem na adolescência mas fazem com o tempo e que os pais muitas vezes não sabem responder dizem que essas coisas não são para falar e eles depois desabitua-se de falar dessas coisas e acabar por... se eles não falam logo em pequeninos depois em adolescentes não falam e muitas das vezes falam em pequeninos e chegam á adolescência e os pais não querem falar, isso é normal, a...mas pode haver mais informação também para os pais para os próprios docentes para os tais funcionários nas escolas também porque eles muitas das vezes podem ter mais confiança com um funcionário da escola do que têm como próprio pai ou com a própria mãe, não é, ou com os próprios família e esses funcionários não podem ser obrigatoriamente um docente eles podem ter mais confiança com um auxiliar, uma assistente operacional, um assistente técnico, um professor, portanto haver um grupo de funcionários na escola preparados e eles saibam com quem devem, pessoas que de facto têm empatia com eles que gostem de falar com eles que gostem de trabalhar com eles e não serem as pessoas obrigadas, porque se fazem isto ou se tem esta função seriam obrigadas a ter aquela formação depois não sentem á vontade e não têm empatia para falar com os jovens, portanto deveriam ser pessoas que de facto tenham perfil e depois a formação para poderem...

- Também que tivessem a força para ajudar!

- Também, acho que é por aí

- Tendo como base todas essas medidas, considera viável a implementação de um projeto na escola com o intuito de evitar a gravidez nesta fase da vida?

- Eu acho que sim, eu acho que sim, porque se a escola todos os anos tem casos de gravidez na adolescência sabendo que Olhão é um concelho que é um concelho que tem mais casos destes, eu acho que era, era muito bom haver um projeto destes a nível aqui da escola

- E a interação entre dos alunos e os professores?

- Exactamente e haver um projeto mesmo com esse objectivo, não é acabar ou diminuir o número de casos grávidas adolescentes, o projeto não tinha que ser só da escola o projeto convinha ser desenvolvido em parceria com todos as instituições aqui de Olhão que trabalham com adolescentes e eventualmente instituições também a nível nacional que é o caso da APF e em Faro o Instituto da juventude

- Pois já deu a resposta se sim com que entidades ou que profissionais deveria ser realizado esse projeto?

- Com a nosso UCC, não é a nossa unidade de cuidados na comunidade, com a MOJU, com o Gabinete do Adolescente, o centro de saúde, com APF, com a casa da juventude, a... tou-me a... lembrar destas, eu estou que não estou a esquecer de ninguém e se calhar as próprias escolas do concelho tentarem ver em conjunto qual seria a melhor estratégia, não é porque se eles forem bem trabalhados entre aspas, não é estas temáticas logo de pequeninos possivelmente, eu acredito que daqui a uns anos na aqui na secundária deixe de haver tantos casos, porque como eu, eu estou a trabalhar com eles a partir o 5 ano, pretendo começar a trabalhar com eles a nível do 1.º ciclo com o resto das horas que eles têm que trabalhar com os professores a nível da educação sexual, a nível da escola eu acredito que daqui a alguns anos vocês já possam dizer olha afinal os casos já diminuíram, não é, estou com essa esperança, só que isto são, são ganhos em saúde, não é e são, são resultados que se veem daqui a muitos anos não dá para ver resultados logo, nós pensamos num projeto neste ano e pró ano vamos ter resultados, são projetos que só dão resultados a longo prazo a médio longo prazo, por isso muitas das vezes também são projetos que as pessoas depois desinvestem, porque investem e depois porque não têm resultados logo depois desmotivam-se e não pode ser nós temos que ter a noção que em termos da promoção da saúde os ganhos que só se obtêm a médio e longo prazo temos que continuar a investir para que tenhamos resultados.

- Ok, muito obrigada pela colaboração

- Obrigada eu

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDA

(Enfermeira)

Entrevista n.º 11

Realizada no Centro de Saúde de Olhão (Gabinete de Apoio ao Adolescente).

9 de abril de 2012

Tem 51 anos e atualmente é enfermeira no Centro de Saúde de Olhão no Gabinete de Apoio ao Adolescente.

- Boa tarde

- Qual a sua idade?

- 51,

- Há quanto tempo exerce a profissão de enfermeira?

- Há 30 anos.

- Há quanto tempo trabalha com as grávidas adolescentes neste centro de saúde?

- O gabinete do adolescente, com adolescentes a... sensivelmente há 15 anos, este é um gabinete de apoio ao adolescente, não é, aqui pode aparecer uma adolescente grávida, mas o âmbito não é esse, o âmbito é pronto, a...acolhimento a... receção do adolescente, orientação, não é, esse é no âmbito, esse é o nosso maior, é o geral, pontualmente nessas adolescentes pode aparecer uma que esteja grávida, por acaso não apanhamos muito, mas pronto.

- Durante o trabalho que tem realizado com as jovens tem contactado com muitos casos de gravidez na adolescência na escola secundária de Olhão?

- Não muitos

- Quantos foram os casos (em média) de há cinco anos para cá?

- (pausa) da secundária muito poucos, eu acho que não há mais, não posso dizer uma média, pra ai... uns quatro ou cinco, mais do que quatro ou cinco dos que passaram por cá

- Quais eram as idades das adolescentes em média, também dessas que vieram da escola secundária?

- 16,17.dessaseis, dezassetes

- Portanto eram todos casos de menores?

- Todas menores.

- **As jovens costumam procurá-la por vontade própria ou já vêm encaminhadas pela escola?**

- Há algumas que veem por vontade própria há outras que veem encaminhadas pela psicóloga da escola que muitas vezes nos pede apoio

- No caso concreto da gravidez!

- **Sim da gravidez! O apoio na gravidez**

- Sim, sim, sim

- **Qual o procedimento realizado por esta unidade no que se refere as jovens mães, qual é o procedimento que vocês quando vem uma jovem mãe, entra aqui a pedir a...?**

- É feito depois de confirmado a gravidez e...é feito um aconselhamento do ensino e são seguidas as gravidezes de alto risco no hospital de Faro, são encaminhadas imediatamente para o hospital de Faro, seja qual for o caso, não e, ou querem seguir ou querem interromper vai tudo para o hospital

- **Vai tudo para o hospital de Faro**

- São logo encaminhadas

- **Considera que as adolescentes possuem informação suficiente sobre sexualidade e os riscos que daí advêm, daquilo de que têm contactado e têm tido conhecimento?**

- É assim, é-lhes fornecida informação, não vamos, claro, elas têm por vários, por televisão, pela internet, pelos professores é, agora como é que elas processam a informação é isso é que é, porque elas até sabem quando as questionamos, mas às vezes portanto naquilo há um esquecimento do que lhes foi transmitido, portanto informação não podemos dizer que elas não têm, porque elas têm informação acessível, mas depois elas não retêm.

- **Na sua opinião quais são as verdadeiras razões de estas adolescentes engravidarem, (pausa) esses casos específicos?**

- Há muitas que depois de informadas querem ficar mesmo com aqueles rapazes e querem, querem, querem, engravidam, essencialmente por isso acham piada terem um bebé e pensam que aquele namorado vai ser o companheiro ideal para a vida inteira e muitas vezes as coisas não são bem assim, não é regra mas temos casos desses temos casos da falha do método, até tomaram a pílula mas houve uma festa de fim-de-semana e de álcool ao fim de semana e ai acabou tudo, pronto esquecimento da pílula, portanto

basicamente a falha do método contraceptivo habitual por vários motivos inclusive porque no auge da festa nem se lembram que há uma pílula para tomar, não é.

- Essencialmente são essas as razões?

- Sim, sim.

- Na sua perspetiva porque razão/razões existem alguns casos de adolescentes grávidas na escola secundária?

- Acho que basicamente o que nós também já dissemos, é isso, porque muitas vezes é esse esquecimento essas festas que se fazem e com mais frequência na secundária que se fazem, consumos de álcool porque a minha tese foi feita lá na secundária do consumo de álcool e muitas vezes á esquecimento e há gravidez para a frente, nós tivemos aqui a... que não resultou em gravidez sim a suspeita de gravidez, mas que não se confirmou veio confirmou-se que era um problema que ela nem sabia que seria, não é houve excesso de álcool, houve relações sexuais descuidadamente, se houvesse uma gravidez ela não sabia referir quem era realmente o pai, o companheiro, pronto é assim, acontece infelizmente.

- Que tipo de orientação presta as estas alunas quando veem cá?

- Estas concretamente?

- Sim Estas da escola secundária

- A... bem cada casa é um caso para começar, não é e há outro apoio a que nós damos aqui em termos de gabinete em termos de enfermagem em termos médicos em termos de orientação também se for preciso recorremos aos técnicos, temos o nosso centro de saúde estamos a falar em termos de psicologia em termos de assistente social a nível da nutrição, portanto temos um leque de técnicos que nos podem ajudar que quando é necessário nós pedimos e ajudamos, não é.

- Considera que essas orientações são suficientes para evitar a gravidez na adolescência?

- É assim, (risos) eu digo sempre uma e é coiso se nós fossemos, nós não podemos fazer juízes de valores para começar, vamos pensar seja que idade que nos apareça aqui juízes de valores está fora de caso, nós aconselhamos e encaminhamos, mas se nos viessem aqui perguntar se deviam começar a vida sexual, se deviam, nós respondíamos, não é, não porque ainda tens os teus órgãos ainda estão imaturos porque há mais riscos de doenças a nível cólon do útero e isso tudo só que isso não nos é posto aqui aparece-nos um problema consumado, o que fazer como já não se pode intervir na fase do prevenir vamos ajudar para que ela não engravide, estamos a falar por exemplo, numa

miúda de 13 anos que as vezes começar uma pílula, por um *emplanoné* cedo, mas e qual é o outro risco uma gravidez nesta altura, muitas vezes é isso que acontece já veem cá com os factos consumadíssimos, consumos então o que temos que fazer temos que ajudar a evitar que haja mais estragos., não é!

- Estavam a falar de insuficientes não só aqui, mas também que haja uma participação de ambos os lados, escola centro de saúde, falaram insuficiente mas não só daqui?

-Mas nas escolas também há, há muitos apoios também há, há a saúde escolar que vai às escolas e também temo instituições fora do concelho que também trabalham com isso a MOJU nomeadamente instituições que trabalham com jovens adolescentes

- Se acha que não, mencione outros que seriam mais adequados, tendo em conta o contexto escolar onde se insere este estabelecimento de ensino?

- Sim já achamos que sim que são suficientes

- Considera que a parceria com outras entidades seria importante para auxiliar estas jovens? Associações?

- Sim há a MOJU essas associações pra ai que ajudam, que procuram ajudar até tenho aqui uma coisa de grávidas para mães adolescentes que surgiu agora num bairro novo

- Ali no bairro dos pescadores?

- É, é, é ali

- No bairro dos pescadores?

- Sim, sim, sim é ali. Pretendo divulgar que é isto!

Sim, já conheço, a psicóloga também já falou nisso no saber mais

- Pode ficar para ti

- Obrigada

- E as aulas de educação sexual, acha que podem ser uma mais-valia para evitar a gravidez na adolescência?

- (pausa) eu penso que nas escolas já é abordado esse tema, não é, não deve existir aulas de educação sexual, porque só de educação sexual é falado nas escolas em várias disciplinas, não são, agora uma aula só uma disciplina só de educação sexual ...

- Todas elas devem, abordam!

- Eu acho que elas abordam todas, não abordam?

- Mas há muitas que abordam mesmo em termos técnicos, não em termos se calhar reais

- Pois

- **Mais reais!**

- Nós notamos aqui muitas dúvidas, há muitas dúvidas em relação...

- **Se calhar as aulas até existem mas se calhar as pessoas até, é assim, não é obrigatório, mas como não é obrigatório, escrevesse quem quer**

- Claro!

- **E então os alunos geralmente é às quartas-feiras ao alunos não têm aulas é a quarta á tarde os alunos não querem ir não se interessam, porque tenho falado com os professores responsáveis por dar a parte da educação sexual esclarecem muito esta parte e os fatores de risco e como é que devem prevenir e dão exemplos reais e chocam com imagens o problema é que nem todos aderem, se fosse obrigatório eu acho que se calhar tinha mais resultados**

- O que nós notamos aqui é que nessa parte há dúvidas, há muitas dúvidas técnicas, mesmo na anatomia, no ciclo menstrual, na ovulação, sempre que nós podemos damos, fazemos o nosso ensino, não é mas questionamos e há muitas dúvidas mesmo

- **Tendo em conta a sua experiência nestes casos, quais seriam para si as medidas de prevenção adequadas para evitar a gravidez na adolescência?**

- Ui (risos) Estarem bem esclarecidas e esclarecidas e motivadas, não é motivadas, o uso correto dos métodos anticoncepcionais, nomeadamente o preservativo quando batemos sempre com o preservativo além da pílula, não é, para prevenção de outras doenças, a motivação essencialmente.

- **Tendo como base todas essas medidas considera viável a implementação de um projeto na escola com o intuito de evitar a gravidez nesta fase da vida? Um projeto que englobasse os próprios alunos...**

- É sempre bom

E serem eles a transmitir?

- Claro isso é ótimo isso era muito bom porque se eles tiverem integrados e se partir deles a motivação era muito maior, não é e a linguagem deles entre pares fica muito mais facilitado

- **Com testemunhos de alunas que tiveram grávidas**

- Claro, claro para passarem o testemunho para os outros, isso é importantíssimo, eles estarem envolvidos e não ouvirem só dos outros, não é, é mais uma aula e mais um coiso, agora motivá-los envolvendo-os sim. Isso dá sempre e é sempre ótimo

- **Se sim. Com que entidades ou com que profissionais deveria ser realizado esse projeto?**

- Ai eu acho que isso é mais no âmbito da saúde escolar

- **Centro de saúde?**

- Centro de saúde...

- **Associações?**

- Associações e a própria escola, não é, pois

- **Obrigada e boa tarde**

- Não tem de quê (risos)

TRANCRISÃO DA ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDA

(Psicóloga)

Entrevista n.º 12

Realizada na escola secundária de Olhão (No Gabinete do SPO)

29 de Março de 2012

Tem 50 anos e é psicóloga no serviço de psicologia e orientação na escola secundária de Olhão

- Boa tarde

- Boa tarde

- Qual a sua idade?

- 50 Anos.

- Qual o seu género?

- Feminino.

- Há quanto tempo exerce a profissão de psicóloga nesta escola?

- Há 27 anos.

- Ehá quanto tempo trabalha nesta escola?

Ao mesmo tempo!

- Há 27 anos.

- Há 27 anos!

- Durante o seu percurso profissional nesta escola tem contactado com muitos casos de gravidez na adolescência?

- Sim, ou melhor, tem havido muitas jovens grávidas adolescentes, porque o contatar é diferente, não é a... uma função minha, do serviço de psicologia e orientação, eu acompanhar, ou fazer prevenção, não é! Da gravidez, não é! Mas no entanto esses casos chegam ao gabinete.

- E quando chegam dá todo o apoio?!

- Sim, quer através de diretores de turma, quer através do gabinete de apoio ao adolescente, quer através dos próprios jovens. Já me aconteceu um jovem que me procurou, porque a namorada estava grávida, ou então jovens sexo feminino.

- Quantos casos foram (em média)? Em média! Desde os cinco anos para cá?

- De há cinco anos para cá! ...a... Oito, nove!

- **Oito, nove?**

- Oito, nove.

- **Quais eram as idades das adolescentes?**

- A ... mas a média da idade? Ou ...

- **Sim, mais ou menos a média da idade!**

- Dezasseis, dezassete anos.

- **Dezasseis, dezassete?**

- Hum! Hum! Dezasseis, dezassete anos.

- **Quantos foram os casos de jovens menores?**

- Eram todas (risos).

- **Eram todas menores!**

- Sim.

- **Não havia nenhuma maior de dezoito anos?**

- A própria rapariga Keynara, isto depois tem que ser retirado, os nomes na...

- **Sim, sim.**

- Portanto a própria keynara também não era maior de idade, portanto todas menores!

- **Na altura não era!**

- Não.

- **As jovens procuram-na por vontade própria ou já vêm encaminhadas por outros profissionais?**

Professores?

- A ...há uma coisa, uma situação e outra, portanto aquele rapaz que me procurou, surpreendeu-me imenso, portanto veio tipo bateu à porta, perguntou se podia entrar, fechou a porta com muita velocidade e sentou-se e começou a falar comigo, pediu-me sigilo e eu disse que tinha todo o sigilo e portanto por iniciativa própria. A... geralmente quando a... há compreensão por parte da família, não é! E não é um meio familiar muito baixo, não me procuram, portanto é, é ...aceite pela família, há uma tranquilidade, há apoio, quando não há apoio, quando não há esse apoio é que as jovens me procuram.

- **Qual foi o seu procedimento realizado nestes casos? Como procede nestas situações?**

- Como já há bocadinho tivemos a conversar e tento sempre saber se há um parceiro, não é! Se há um parceiro por detrás, portanto, se é um companheiro, ou namorado, uma relação estável, ou não se foi fruto de uma relação pontual, a... se, portanto houve utilização de métodos contraceptivos que falharam e portanto, tento saber sempre, o que é que aconteceu, não é! Aquela gravidez aconteceu por algum motivo, não é! Ou o mau uso de contraceptivos ou o não uso, pronto e depois se é fruto de uma relação estável ou não, e depois tento contextualizar aquela jovem no meio familiar, portanto se é um meio, portanto socioeconómico ou cultural desfavorecido, se a jovem habitualmente conversa com os pais, sobre essa problemática, com os amigos, se o próprio namorado ou companheiro, ou parceiro já sabe, e ...portanto e pronto, tento abordar essa questão e depois encaminho, não é! Pergunto à jovem o que quer fazer, não é! A... se está a pensar continuar com a gravidez ou não e depois encaminho para o centro de saúde, para o gabinete de apoio ao adolescente que funciona muito bem e com o qual eu articulo muito, já tenho articulado muitas vezes.

- E quando é um caso... é tudo casos de menores?

- Sim, sim, isto são todos casos de menores.

- Sim.

- Sim, menores.

- E não há mais nenhuma instituição do que o gabinete de apoio o...?

- No centro de saúde, eu não tenho conhecimento.

- A comissão de jovens não entra aí?

- A comissão de jovens, portanto só se não há uma família por detrás, não é! Pronto, quando não há uma família por detrás, não é! Mas isso aí, essa jovem já está sinalizada pela escola, sinalizada aliás, porque a comissão, a CPCJ entra muito em contato com a escola, através do diretor de turma e do serviço de psicologia e orientação e pede trimestralmente informação à escola sobre comportamento, assiduidade e aproveitamento, não é! Portanto, nós aí já sabemos que aquela jovem é uma jovem já sinalizada, tem processo agora, portanto se é uma jovem que tem processo na comissão de proteção, claro que nós comunicamos/articulamos coma CPCJ que de imediato articulará com o centro de saúde, portanto o centro de saúde tem uma estrutura que funciona muito bem, muito, muito bem!

- Nestes casos!

- Considera que as adolescentes possuem informação suficiente sobre sexualidade e os riscos que daí advêm?

- Eu diria que informação sexual há muita, agora educação sexual não haverá tanta, porque é muita, é,é... uma poluição, vamos lá, é um excesso de informação, agora eles partilharem a... qual será o mais adequado para ele, por exemplo, o mais adequado para elas ou então para eles jovens, portanto eles recebem muita, excesso de informação, agora o uso efetivo desses contraceptivos, ou o mais adequado, eu penso que isso não é feito, isso faz parte de educação sexual. Não é! E também acho que era muito importante haver um gabinete de apoio individualizado, porque há muitas jovens que têm vergonha de se expor, não é! Numa dinâmica de grupo, por exemplo, que é bastante útil e nesse caso adequa-se bastante a estas jovens, mas há muitas jovens que são inibidas, retraídas e então devia haver hipótese de um gabinete de apoio individualizado, não é! A caixinha das dúvidas também é importante, não é! Em que, por exemplo nessa dinamização, nessas sessões é importante descrever duvidas anonimamente e depois uma sessão de resposta, portanto vão estar lá todas as jovens que vão ter resposta, porque a resposta as perguntas estão lá são anónimas, mas ela vai obter resposta, mas o apoio, o tal apoio de gabinete, apoio individualizado é muito, muito bom.

- Pois sem dúvida!

- Não sei se respondi á questão?

- Na sua opinião quais são as verdadeiras razões de estas adolescentes engravidarem?

- Pois era o que eu dizia, não é! Muitas vezes elas têm informação, não é! Agora há sempre o pensamento mágico de que aquilo acontece aos outros, não é! E Pois o desconhecimento de certos pormenores, não é! Por exemplo, a...ou falham a pílula e depois se calhar não sabem como retomar, por exemplo, ou então interferência de, de outros medicamentos, por exemplo, o antibiótico corta o efeito, ou o estado de saúde, por exemplo, uma diarreia pode cortar o efeito da pílula, ou então a... simplesmente não tomam a pílula, a... o namorado não gosta, por exemplo, usar preservativo ou então numa primeira vez acham que na primeira vez não vai acontecer, mas é também é um bocado o pensamento mágico de achar que isso só acontece aos outros, não é!

- Também acho que sim.

- Na sua perspetiva porque razão/razões existem, não digo tantos, não é! Porque não são assim muitos, mas existem alguns casos de adolescentes grávidas nesta escola?

- Pois ... a... das coisas que conheço alguns casos aconteceram porque, mas havia por detrás uma relação estável, bem digamos que é 30 % desses casos, portanto havia

uma relação de namoro estável e aconteceu por falha do uso contraceptivo, pronto ai! A... 30% Acontece, porque acaso, pontual e ai já houve dois deles, recurso há interrupção involuntária da gravidez, portanto eu encaminhei, portanto ai a decisão é foi da jovem, ela era maior de idade, desculpe mais de dezasseis anos, levam três dias para refletir, portanto a jovem não precisa da autorização da parte dos pais, a partir dos dezasseis anos, portanto um acaso. A outra, os outros 30% penso que é da jovem que teve o ano passado grávida, aqui fica o nome Katy, mas não é para ficar, não é, depois! Que penso que há ali uma idealização, portanto de um projeto de vida que realista, mas que devido a carências e á falta de uma estrutura familiar sólida pensam que assim é uma maneira de conseguir criar uma família e de, e de criar algumas relações afectivas com o parceiro, com o namorado, mas depois tudo se desmorona, não é! Foi o caso, daquela miúda. A ela foi feita prevenção primária que não resultou, a mãe não aceitou o implante, porque ela não tomava a pílula como devia ser, esquecia-se de tomar a pílula, portanto nós o serviço de psicologia apercebia-se disso então falou com a enfermeira Carla para a... por um implante gratuito, porque é uma família carenciada. Ela na altura não tinha dezasseis anos e a mãe não aceitou, acontece que depois engravidou, portanto, aqui é a não-aceitação, a ignorância da parte da mãe, neste caso, pronto, prevenção primária não funcionou, prevenção secundária teve, foi logo acompanhada no, no centro de saúde, a enfermeira Carla ai teve um papel fundamental, ainda me lembro quando ela, o olhar dela a dizer que ela estava grávida e o que fazer e já tinha cinco meses, portanto ela andou grávida aqui na escola e ...escondeu, escondeu a gravidez e depois a prevenção terciária, o CAVE, aqui fez-me parceria com a escola, portanto nós o SPO e educação especial que a aluna é acompanhada pela educação especial tem défice a nível emocional e então nós acompanhamos a jovem, e o centro de apoio á vida ia á casa ver as condições, quando o bebé nasceu, e... as coisas não resultaram de maneira nenhuma, portanto uma jovem que teve os três tipos de prevenção e mesmo assim a...pronto as coisas não funcionaram, mas também temos por de trás um défice cognitivo emocional, não é! Mas pronto

- **É, é ... mais complicado!**

- É mais complicado!

- **Que tipo de orientação presta a esta (s) aluna (s) nesta escola?**

- Pronto é isto tudo que eu já disse, aquele primeiro atendimento é muito importante, ai vê-se logo se a jovem esta segura, se é madura, a... se tem por detrás apoio familiar ou não, se o pai da criança está envolvida ou não naquela relação, se é

uma relação e depois orienta-se para o centro de saúde, é logo é uma entidade muito importante de encaminhamento.

- Tanto a nível do Concelho!

- Exactamente. Muito importante e que funciona muito bem! Aliás na prevenção primária é ótima tenho enviado para lá muitíssimos jovens sempre que é feito um atendimento com uma jovem pode não ser essa a problemática, não é! Pode ser uma perturbação emocional, uma baixa autoestima, uma dificuldade escolar, eu abordo sempre a parte da sexualidade e falo sempre no gabinete de apoio ao adolescente para eles fazerem uma primeira consulta e depois utilização do método contraceptivo.

- Considera essas orientações suficientes para evitar a gravidez na adolescência?

- Pois às vezes é a tal coisa, pois se fossem suficientes (risos) elas não aconteceriam (risos), não é! Mas eu acho que falta aqui também a... o diálogo com os pais, com a família, porque a vida sexual, houve uma antecipação no início da vida sexual, não é! E os pais muitas vezes não querem encarar esse fato, não é! E tapam o sol com a peneira, falar sobre utilização de métodos de contraceptivos é tabu e depois deparam-se com ... uma gravidez indesejável.

- Isto é um problema a nível nacional?

- É, neste concelho, o concelho, o concelho de Olhão, é um concelho que a nível socioeconómico ou cultural é muito baixo, é muito problemático!

- Se acha que não são suficientes, mencione outros que seriam mais adequados, tendo em conta o contexto escolar onde se insere este estabelecimento de ensino?

- Há bocadinho falei, acho que é extremamente importante, haver, por exemplo, gabinete de apoio individualizado, pode ser inserido no gabinete de apoio ao adolescente, mas permitir, permitir que a jovem possa fazer, possa decidir, ter, portanto frequentar essas sessões, esses programas em grupo ou em sessões individualizadas, porque há questões que elas têm vergonha de colocar em público, e então permitir esse atendimento individualizado e depois educação sexual, informação há muita.

- Obrigatório mesmo frequentar?

- Sim, sim.

- Em todas as turmas frequentarem, não é ... facultativo!

- Exato educação sexual, acho que sim. Abordando precisamente a problemática da gravidez, prevenção da gravidez na adolescência, mas nos seus aspetos sérios e multidisciplinares, não só o uso dos contraceptivos, mas todas as consequências a nível

de projeto de vida, a nível de interrupção do projeto de vida, não é! Que acarreta uma gravidez, a nível das emoções, a nível do equilíbrio psico-emocional, portanto e pô-los a refletir sobre isso também, não é! Por essas jovens e jovens também, porque no fundo eles jovens são co-responsáveis dessa gravidez do sexo feminino, não é! Pô-los, sexo masculino, todos a refletir sobre isso, o que aconteceria se acontecesse isto, não é!

- Esse gabinete individualizado que fala é um gabinete onde vai estar um técnico lá para dar assistência!

- Importante, enfermeiro, educador social, o... técnico de serviço social, psicólogo e já falei no enfermeiro e... e provavelmente um obstetra, um médico, por exemplo, de vez em quando em certas sessões, mas extremamente importante, portanto educador social, técnico de serviço social e psicólogo e enfermeira, acho que já disse também, muito importante!

- E depois escolheriam se as alunas queriam em grupo ou individual!

- Exatamente, portanto dar-se ia a hipótese.

- Seriam partilhadas experiências, também é importante!

- Exatamente, ou então fazer tipo além de fazer as sessões em grupo ter também a possibilidade de colocar questões, tirar dúvidas a nível individual, acho que isso é muito importante!

- Considera que a parceria com outras entidades seria prescindível para auxiliar estas jovens?

- Pois, sem dúvida! Sim, sem dúvida! Aliás nós em tudo o que se prende com o... ser humano e neste caso a adolescência, não é! A... ninguém deve trabalhar numa ilha, isolado deve ser uma equipa multidisciplinar, aliás o serviço de psicologia no decreto-lei n.º 190/91, a equipa é constituída por psicólogo, técnico de serviço social e médico, se possível! A equipa resume-se por apenas uma pessoa, psicólogo.

- Neste momento?

- Exatamente, neste momento! Portanto eu aqui na escola faço muito o papel estou a...ultrapassar as minhas funções e estou a fazer muitas vezes o papel de educador social e serviço social, não é!

- E á muitos, infelizmente á procura de emprego nessa área!

- Exatamente.

- A equipa do SPO está constituída no papel, não é! A... (risos) está lá no decreto, mas na pratica não existe e faz muita falta em especial neste concelho de Olhão, que é muito problemático.

- Quer dizerem nenhuma escola no concelho existe?

- Não, nenhuma.

- Há por exemplo o gabinete de apoio á família, há parte no João da rosa.

- As associações?

- Exatamente, Mas são projetos da escola.

- Mas são projetos da escola?

- E geralmente funcionam, porque a escola faz parte do território, o tal TEIP (território educativo de intervenção prioritária) não é! Que na nossa escola não existe.

- E as aulas de educação sexual, acha que poderiam ser uma mais-valia para evitar a gravidez na adolescência? Também já tinha dito que sim!

- Agora bem estruturadas, mais do mesmo não, portanto com um programa aliciante a... um programa que passa-se pela parte psicológica, não é! E... pronto não ser mais informação, não ser uma transmissão exaustiva (pausa) de informação, mas sim educação sexual.

- Mostrando a realidade?

- Sim...

- Chocar com imagens? Acha que isso seria...

- Há, não, não, não, é...dar a hipótese de não só informar, por exemplo os métodos contraceptivos são a... mas dizer, eles devem ser usados a... de forma consciente a... por exemplo, porquê? Porque devem ser usados, porquê que há métodos que se adequam, mais adequados a certas pessoas do que a outros? E depois, e porquê? Porque devem ser usados para evitar e prevenir uma gravidez e porquê? Porquê que a gravidez na adolescência pode ser tão negativa, não é! Explicar depois aquela parte emocional que a jovem e o jovem sentem, as características, sabem aquela crise de identidade porque estão a passar, identificam-se com aquela problemática, também por isso! Saber porquê e depois estamos a esquecer também de prevenir as doenças sexualmente transmissíveis, não é!

- Que é muito importante!

- Exatamente.

- Portanto não ser só uma aula de... de uma aula teórica desprovida de... de... realidade das emoções, dos afetos, não é!

- Mas isso é complicado, um professor de ciências...?

- Pois, por isso é que eu acho que era importante a, a... provavelmente essas aulas de educação sexual, não serem dados por um professor que tenha um horário mais livre,

tem que haver essa pessoa tem que ter um determinado perfil, também de comunicação de ter capacidade de chegar ao jovem, á jovem, ter abertura, não é! Portanto porque senão a...

- O tema também não é fácil!

- Não é nada fácil, não é! Por isso acho que deveria ser um conhecedor, um perito na matéria, uma pessoa com alguma experiencia em lidar com jovens, não é!

- Tendo em conta a sua experiência nestes casos, quais seriam para si as medidas de prevenção adequadas para evitar a gravidez na adolescência?

- Pois eu já falei disso, portanto para além da informação, informação sobre os métodos mais educação sexual, não é!

- Tendo como base, todas essas medidas considera viável a implementação de um projeto na escola com o intuito de evitar a gravidez nesta fase da vida?

- Eu acho que havia espaço para esse projeto, havia espaço, acho que se justifica pelo elevado número que tem acontecido e porque aqui a... os nossos jovens encontram-se a... na fase da sexualidade ativa, não é! E portanto acho que fazia todo o sentido.

- Se sim. Com que associações ou profissionais deveria ser realizado esse projeto?

- Bom, vamos ser realistas, acho que se aqui na escola já está implementado o gabinete de apoio ao adolescente, podia-se articular, fazer um projeto com o gabinete de apoio ao aluno e depois procurar fora, portanto no exterior, na comunidade envolvente, estruturas, por exemplo, o centro de saúde fundamental, a MOJU também, por exemplo e... (pausa) eu penso que (pausa) se calhar estes não me recordo assim mais...

- São as mais...

- Sim, por exemplo, também Aqui a nível de disciplinas ligadas á biologia, por exemplo.

- Sim também!

- Por exemplo.

- E pegar em jovens que se calhar que já passaram por essa situação, puderem dar o seu testemunho!

- Se quiserem, não é! Isso ai também tem que....

- Claro, também não é obrigado!

- A ver com a privacidade, Sim...

- Sim eu acho que era importante o testemunho que é para os jovens verem a realidade, porque as pessoas quando passam por isso, não passando não sabem.

- Exatamente, é isso mesmo, pronto.

- Até porque às vezes as contas e a ...bocadinho também estava a dizer que abordar a prevenção na gravidez na adolescência (pausa) também atendendo às consequências, portanto o que acontece geralmente, abandono escolar, não é! Nós para aquela miúda não ter abandonado a escola o que nós passamos, portanto medidas educativas e justificações de faltas e, e... pronto foi muito complicado, porque geralmente é...

- O abandono!

- Exatamente.

- A jovem acaba por ficar em casa, não é! Portanto todo o projeto de vida é comprometido, não é! Abandono escolar e muitas vezes a jovem que se encontrava em idade de lidar com os amigos, fazer amigos, cada vez fica mais ostracizado, não é! Passa para o papel de adolescente à força para o papel de mulher, mãe quando ela não consegue desempenhar.

- E depois não consegue dar o carinho e os afeto aos filhos!

- Exato.

- Que poderiam dar!

- Exatamente.

- Muito importante.

- É...!

- Pronto, obrigada.

- De nada.

**ANEXO VII: Nados vivos por sexo e idade da mãe (grupo
etário) nos Hospitais do SNS do Algarve**

Administração Regional de Saúde do Algarve, I.P.

Nados Vivos por Sexo, Idade da Mãe (Grupo Etário) nos Hospitais do SNS do Algarve

		2007	
	N.º	Peso (%)	
Sexo:			
Feminino	2.334	49%	
Masculino	2.465	51%	
Hermafrodita	1	0%	
Total	4.800		
Idade da Mãe (Grupo Etário):			
<15	5	0%	
[15-25[1.080	23%	
[25-45[3.712	77%	
[45-65[3	0%	
≥65	0	0%	
Total	4.800		

Fonte: Hospitais SNS do Algarve.

Administração Regional de Saúde do Algarve, I.P.

Nados Vivos por Sexo, Idade da Mãe (Grupo Etário) nos Hospitais do SNS do Algarve

		2008	
	N.º	Peso (%)	
Sexo:			
Feminino	2.355	49%	
Masculino	2.448	51%	
Hermafrodita	0	0%	
Total	4.803		
Idade da Mãe (Grupo Etário):			
<15	3	0%	
[15-25[1.005	21%	
[25-45[3.787	79%	
[45-65[8	0%	
≥65	0	0%	
Total	4.803		

Fonte: Hospitais SNS do Algarve.

Administração Regional de Saúde do Algarve, I.P.

Nados Vivos por Sexo, Idade da Mãe (Grupo Etário)
nos Hospitais do SNS do Algarve

		2009	
	N.º	Peso (%)	
Sexo:			
Feminino	2.270	48%	
Masculino	2.442	52%	
Hermafrodita	1	0%	
Total	4.713		
Idade da Mãe (Grupo Etário):			
<15	3	0%	
[15-25[1.001	21%	
[25-45[3.700	79%	
[45-65[9	0%	
≥65	0	0%	
Total	4.713		

Fonte: Hospitais SNS do Algarve.

Administração Regional de Saúde do Algarve, I.P.

Nados Vivos por Sexo, Idade da Mãe (Grupo Etário) nos Hospitais do SNS do Algarve

2010		
	N.º	Peso (%)
Sexo:		
Feminino	2.359	49%
Masculino	2.409	51%
Hermafrodita	1	0%
Total	4.769	
Idade da Mãe (Grupo Etário):		
<15	1	0%
[15-25[958	20%
[25-45[3.801	80%
[45-65[9	0%
≥65	0	0%
Total	4.769	

Fonte: Hospitais SNS do Algarve.

Administração Regional de Saúde do Algarve, I.P.

Nados Vivos por Sexo, Idade da Mãe (Grupo Etário) nos Hospitais do SNS do Algarve

		2011	
	N.º	Peso (%)	
Sexo:			
Feminino	2.125	48%	
Masculino	2.259	52%	
Hermafrodita	2	0%	
Total	4.386		
Idade da Mãe (Grupo Etário):			
<15	5	0%	
[15-25[860	20%	
[25-45[3.515	80%	
[45-65[6	0%	
≥65	0	0%	
Total	4.386		

Fonte: Hospitais SNS do Algarve.

ANEXO VIII: Resultados dos testes STC

Resultados dos testes STC

	Lara 23 anos - 12.º ano		Maria 19 anos - 10.º ano		Elisa 17anos- 7.º,8.º,9.ºanos		Cátia 18 anos-10.ºano		Nélia 19 anos - apoio psicossocial	
1	fico irritada	I3	Fico chatada e como se o mundo desabasse	I3	Quando me evitam, não me importo	Δ3	Evito também apesar de ficar super chateada.	I3	Eu ignoro.	I3/4
2	Divertida: amiga e muito querida por aqueles que gostam de mim	I3/4	Curiosa, desconfiada e explosiva	I3/4	Eu sou amiga do meu amigo, sou simpática, sou normal	I4	Muito reta e digo tudo guardei muito e agora não guardo nada.	I4	Divertida	I3
3	É uma das melhores qualidades que se pode ter	I3/4	Quero tar uma boa educação para o meu bebe	I3	É uma maneira de ficar a saber as coisas	I3	É tudo para um futuro melhor.	I3/4	É um bem essencial	I3
4	Faz-me feliz	I3	Quero que ele seja sociável por isso é muito bom	I3	Para mim é bom	I3	Por vezes só me faz mal !	I3/4	Faz-me sentir bem	I3
5	É a melhor coisa do mundo	I3	É uma sensação boa e agradável. Ter um ser dentro de nós é lindo	I3	Era uma grande alegria de saber que temos uma coisa linda e mesmo nosso dentro de nós	I3	Não deve ser posta de parte nem julgada por ninguém.	I4	É feliz	I3
6	Poderá se sentir excluída	I3/4	É mau sinal temos de tentar resolver o problema	I3/4	Não é bem educado, e não são icenados a ter lidação com outras crianças	I3	-----	I3	Tem algum problema	I3
7	Fico xateada comigo mesma	I3/4	Fico desanimada e deixo-me ir abaixo	I3/4	Eu consigo sim o que quero, pode levar o tempo que for preciso	I3/4	Não desanimo tento de novo.	I3/4	Vou sempre tentando para conseguir.	I3/4
8	Somos tudo uma da outra eu não vejo a minha vida sem a minha mãe	I3	Somos amigas e muito chegadas	I3	Unidas, tipo carne e unha	I3	Somos grande amigas confidenciais.	I3/4	Somos muito amigas	I3
9	Prefiro tar sozinha para não descarregar em quem não tem culpa	I4	Tento evitar estar com os outros	I3/4	Não para de ruer as unhas	I3	Explodo e choro.	I3/4	Isolo-me	I3/4
10	É a minha maneira de ser	I3	Tenho cuidado para não magoar os outros	I4	De tudo	Δ	É a minha maneira de ser.	I3	É a minha alegria	I3
11	É acreditar nas pessoas, que elas um dia podem mudar	I3/4	Ser sincera e honesta demais	I3/4	Os inimigos	Δ3	-----	I3	Confiar demasiado nas pessoas.	I3/4
12	Sentia-se segura e protegida	I3/4	Fico contente, sinto algum apoio	I3	Conversa muito comigo	I3	-----	I3	Dava-me conselhos	I3
13	É crescer mentalmente	I3/4	É muito importante pois há uma ligação	I3/4	É um bocado difícil	I3	Sempre foi um sonho que se realizou cedo	I4	É algo especial.	I3

							de mais.			
14	São criadas deles	I3/4	Não sabem enfrentar os problemas sozinhos	Δ3	São lixo	Δ	São lixo usa e deita fora!	Δ	São burras.	I3
15	Me tivesse dado tudo hoje não dava o devido valor às coisas importantes da vida	I4	Estivesse mais perto talvez senti-se ainda mais apoio	I3/4	Se um dia a minha mãe me faltar eu mourria eu sem ela não sou nada	I3/4	-----	I3	Não estivesse do meu lado estaria triste	I3/4
16	É quando as minhas 2 filhas choram ao mesmo tempo	I3	As mudanças de humor do meu bebe	I3	O meu filho	I3	-----	I3	É faltar às aulas	I3
17	Sinto-me mal se não puder ajudar	I4	Tem que tentar encontrar algum apoio nalgum lado	I3/4	Eu tento ajudar	I3	-----	I3	Gosto de ajudar.	I3
18	Tem o privilegio de sentir uma vida a crescer dentro de si	I3	Podem ter uma coisinha linda dentro delas e são mais super tutadas (desenrasgadas)	I3	Sem alguém que gostam delas	I3	As mulheres só têm sorte pq sentem um filho dentro do ventre porque não tem sorte em mais nada	I3	Podem ser mães	I3/4
	I3/4		I3/4		Δ3		I3/4		I3	

Resultados dos testes STC

		I2	Δ	$\Delta 3$	I3	I3/4	I4	I4/5	I5	I6		
LARA	Frequência	0	0	0	7	8	3	0	0	0	18	I3/4
	Freq.acum.	0	0	0	7	15	18	18	18	18		
MARIA	Frequência	0	0	1	8	8	1	0	0	0	18	I3/4
	Freq.acum.	0	0	1	9	17	18	18	18	18		
ELISA	Frequência	0	2	2	11	2	1	0	0	0	18	$\Delta 3$
	Freq.acum.	0	2	4	15	17	18	18	18	18		
CÁTIA	Frequência	0	1	0	9	5	3	0	0	0	18	I3/4
	Freq.acum.	0	1	1	10	15	18	18	18	18		
NÉLIA	Frequência	0	0	0	12	6	0	0	0	0	18	I3
	Freq.acum.	0	0	0	12	18	18	18	18	18	18	

Cada valor deve ser multiplicado por 2

Sujeitos	Frequências	I2	Δ	$\Delta 3$	I3	I3/4	I4	I4/5	I5	I6		Nível global atribuído
LARA	Frequência	0	0	0	14	16	6	0	0	0	36	I3/4
	Freq.acum.	0	0	0	14	30	36	36	36	36		
MARIA	Frequência	0	0	2	16	16	2	0	0	0	36	I3/4
	Freq.acum.	0	0	2	18	34	36	36	36	36		
ELISA	Frequência	0	4	4	22	4	2	0	0	0	36	$\Delta 3$
	Freq.acum.	0	4	8	30	34	36	36	36	36		
CÁTIA	Frequência	0	2	0	18	10	6	0	0	0	36	I3/4
	Freq.acum.	0	2	2	20	30	36	36	36	36		
NÉLIA	Frequência	0	0	0	24	12	0	0	0	0	36	I3
	Freq.acum.	0	0	0	24	36	36	36	36	36	36	

I6 – se a frequência acumulada não excede 34 em I5

I5 – se a frequência acumulada não excede 31 em I4/5

I4/5 – se a frequência acumulada não excede 33 em I4

I4 – se a frequência acumulada não excede 24 em I3/4

I3/4 – se a frequência acumulada não excede 21 em I3

I2 – se existem pelo menos 5 em I2

Δ – se existem pelo menos 6 em Δ

Δ3 – se existem pelo menos 6 em Δ3

I3 – se nenhum dos critérios anteriores pode ser aplicado

I2 – estágio impulsivo

Δ - estágio autoprotetor

Δ3 – transição entre estágio autoprotetor/estágio conformista

I3 – estágio conformista

I3/4 – transição entre estágio conformista/estágio consciente

I4 – estágio consciente

I4/5 – nível de transição individualista (transição estágio consciente/estágio autónomo)

I5 – estágio autónomo

I6 – estágio integrado